

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Nora Roberts

Mistérios

Momento Mágico • Em Busca do Amor



HARLEQUIN
BOOKS

Contra Capa:
Dois clássicos envolventes de uma grande dama do suspense romântico
Momento mágico

Ele era o mestre da ilusão. Para ryan swan, que tinha aprendido a nunca confiar em alguém, pierce atkins era o último homem a quem ela deveria entregar seu coração. Ainda mais quando precisava provar para seu pai que era capaz de negociar um contrato com o famoso ilusionista para um especial de tv. Mas, na presença encantadora de pierce, todas as suas defesas pareciam desaparecer, como um passe de mágica...

Em busca do amor

Ao chegar à antiga propriedade da família na bretanha, serenity smith é saudada com fria polidez por christophe, o enigmático conde de kergallen, que a leva ao encontro da condessa françoise de kergallen, sua avó. Ele desconfia que serenity está mais interessada em obter sua parte na herança do que em reatar laços de família. Ela, por sua vez, quer descobrir por que seus pais foram expulsos do castelo antes de seu nascimento. Será o temperamento impetuoso de serenity capaz de derreter o gélido distanciamento do aristocrata?

Digitalização e Revisão: Vick

Nora
Roberts

Mistérios

Tradução de
ALEXANDRE TUCHE



Rio de Janeiro
2007

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Roberts, Nora.

R549m Mistérios / Nora Roberts; tradução de Alexandre
Tuche. - Rio de Janeiro: HR, 2007.

Tradução de: Mysterious

ISBN 978-85-7687-396-9

1. Romance norte-americano. I. Tuche, Alexandre.

II. Título.

CDD: 813

07-3887

CDU: 821.111(73)-3

Roberts, Nora.

R549m Mistérios / Nora Roberts; tradução de Alexandre
Tuche. - Rio de Janeiro: HR, 2007.

Tradução de: Mysterious

ISBN 978-85-7687-396-9

1. Romance norte-americano. I. Tuche, Alexandre.

II. Título.

CDD: 813

07-3887

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:

MYSTERIOUS

Copyright © 2003 by Harlequin Books S. A.

THIS MAGIC MOMENT

Copyright © 1983 by Nora Roberts

SEARCH FOR LOVE

Copyright © 1982 by Nora Robert

Copyright da tradução © 2007 by EDITORA HR LTDA.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela

HARLEQUIN ENTERPRISES II B. V /S.A.R.L. para

EDITORA HR LTDA.

Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão - Rio de Janeiro, RJ - 20921 -380 -

Tel.: 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-7687-396-9

Sumário

Momento mágico, 6

Em busca do amor, 128

Momento mágico

Capítulo 1

Ele a escolhera por causa do ambiente. Ryan teve certeza disso no momento em que viu a casa no penhasco. Era cinza, solitária. Os fundos davam para o Pacífico. Não era uma estrutura simétrica, mas dispersa, com partes de alturas diferentes erguendo-se aqui e ali, dando-lhe um tipo de graça selvagem. No alto de uma estrada tortuosa no penhasco, com o cenário de um céu enfurecido, a casa era tanto magnífica quanto lúgubre.

Parecia algo saído de um filme antigo, Ryan concluiu, ao engatar a primeira marcha e subir a ladeira. Ela tinha ouvido dizer que Pierce Atkins era excêntrico. A casa parecia atestar isso.

Tudo que precisa, ela refletiu, é de um trovão, um pouco de neblina e o uivo de um lobo; apenas alguns pequenos efeitos especiais. Divertindo-se com a idéia, ela parou o carro e examinou a casa de novo. Não se viam muitas casas como aquela num raio de 250 quilômetros a norte de Los Angeles. Não se viam, ela corrigiu em silêncio, muitas casas daquele estilo em qualquer lugar.

No momento em que saiu do carro, o vento a empurrou, agitando o cabelo em volta do rosto e puxando sua saia. Ela ficou tentada a ir até a muralha de proteção para dar uma olhada no mar, mas, em vez disso, subiu os degraus correndo. Não viera para admirar a vista.

A aldrava era velha e pesada. Fez um barulho impressionante quando ela a bateu contra a porta. Ryan disse a si mesma que não estava nem um pouco nervosa, mas passava a mala de uma das mãos para a outra enquanto esperava. Seu pai ficaria furioso se ela fosse embora sem a assinatura de Pierce Atkins nos contratos que carregava. Não, furioso não, ela emendou. Silencioso. Ninguém conseguia utilizar o silêncio de forma mais eficaz que Bennett Swan.

Não vou embora de mãos vazias, ela assegurou a si mesma. Sei como lidar com artistas profissionais. Passei anos observando como se faz e...

Seus pensamentos foram interrompidos quando a porta se abriu. Ryan ficou olhando. À sua frente apareceu o maior homem que ela já havia visto. Ele tinha pelo menos 1,90m com ombros que quase ocupavam todo o vão da porta. E seu rosto! Ryan decidiu que ele era, inquestionavelmente, o ser humano mais feio que ela já havia visto. Seu rosto largo era pálido. Seu nariz tinha sido, sem dúvida quebrado e remendado num ângulo estranho. Seus olhos eram pequenos, um castanho desbotado que combinava com seu cabelo espesso. O ambiente, Ryan pensou mais uma vez. Atkins deve tê-lo escolhido por causa do ambiente.

— Boa tarde — ela conseguiu dizer. — Ryan Swan. O Sr. Atkins está me esperando.

— Srta. Swan.

A voz lenta e profunda lhe caía como uma luva. Quando o homem deu um passo atrás, Ryan relutou em entrar. Nuvens de tempestade, um mordomo corpulento e uma casa soturna num penhasco. Ah, sim, ela concluiu. Atkins sabe como armar o palco. Ela entrou. Quando a porta se fechou, Ryan deu uma rápida olhada em volta.

— Espere aqui — disse o lacônico mordomo e caminhou pelo corredor, com passos leves para um homem grande.

— Claro, muito obrigada — ela respondeu para as costas do homem, pois ele já tinha se virado.

As paredes eram brancas e cobertas de tapeçaria. O tapete que estava mais próximo mostrava uma cena medieval desbotada exibindo o jovem Arthur retirando a espada da pedra, com Merlin, o mágico, em destaque ao fundo. Ryan assentiu. Era uma obra primorosa e adequada a um homem como Atkins. Ao se virar, ela olhou para sua própria imagem num espelho grande e impressionante.

Incomodava-lhe ver que seu cabelo estava desarrumado. Ela representava a Swan Produções. Ryan empurrou as mechas loiras soltas e enevoadas. O verde de seus olhos tinha escurecido com um misto de ansiedade e excitação. Sua bochecha ficou corada. Ela respirou fundo e ordenou que se acalmasse. Endireitou a jaqueta.

Ao ouvir passos, rapidamente virou-se do espelho. Não queria ser pega examinando-se ou tentando fazer mudanças de última hora. Era o mordomo, novamente, sozinho. Ryan reprimiu uma onda de aborrecimento.

— Ele a verá no andar de baixo.

— Oh.

Ryan abriu a boca para dizer algo mais, porém ele já estava se retirando. Ela teve de se esforçar para acompanhá-lo. O corredor virou para a direita. Os saltos dos sapatos de Ryan emitiram o som de seus passos quando ela correu para alcançar o mordomo. Então, ele parou tão de repente que ela quase bateu em suas costas.

— Lá embaixo.

Ele tinha aberto uma porta e já estava se afastando.

— Mas...

Ryan franziu as sobrancelhas para ele e desceu os degraus pouco iluminados em seguida. Isso era realmente ridículo, ela pensou. Uma reunião de negócios deveria ser conduzida num escritório, ou, pelo menos, num restaurante apropriado. *Show business*, ela refletiu com desdém.

O som de seus próprios passos ecoava de volta para ela. Não havia som algum vindo do cômodo abaixo. Ah, sim, ela concluiu, Atkins sabe como armar o palco. Ela estava começando a ter profunda aversão por ele. Seu coração

martelava desconfortavelmente quando ela fez a última curva na escada.

O andar de baixo era enorme, um cômodo imenso com caixotes, baús e uma parafernália empilhada em volta. As paredes eram apaineladas e o piso era ladrilhado, mas ninguém tinha se importado com mais decoração. Ryan olhou em volta, franzindo as sobrancelhas, enquanto descia o último dos degraus.

Ele a observou. Tinha o talento para a imobilidade absoluta, a concentração total. Era essencial para seu ofício. Também possuía a habilidade para formar a opinião sobre alguém rapidamente. Isso também fazia parte de sua profissão. Ela era mais jovem do que ele esperava, uma mulher de aparência frágil, de baixa estatura, de complexão leve, com nuvens de cabelos claros e um rosto delicadamente moldado. Um queixo forte.

Ela estava chateada, ele notou, e nem um pouco apreensiva. Um sorriso repuxava sua boca. Mesmo depois de começar a vagar pela sala, ele não se mexeu para ir até onde ela estava. Muito metódica, ele pensou, em seu *tailleur* bem cortado, sapatos discretos, pasta cara e mãos muito femininas. Interessante.

— Srta. Swan.

Ryan fez um movimento brusco e então xingou a si mesma. Virando na direção da voz, ela viu apenas sombras.

— Muito pontual.

Ele então se mexeu, e Ryan viu que ele estava num pequeno palco. Vestido de preto, misturando às sombras. Com esforço, ela afastou o aborrecimento da voz.

— Sr. Atkins. — Ryan foi então na sua direção, decidindo-se por um sorriso artificial. — O senhor tem uma casa e tanto.

— Obrigado.

Ele não desceu até ela, permanecendo no palco. Ryan foi forçada a levantar os olhos até ele. Surpreendeu-se por ele ser mais dramático em pessoa que nas gravações. Normalmente, ela descobria que ocorria o contrário. Tinha visto suas apresentações. Na verdade, desde que seu pai adoecera e relutara em passar Atkins para ela, Ryan havia passado duas noites inteiras assistindo a todos os vídeos disponíveis sobre Pierce Atkins.

Dramático, ela decidiu, notando um rosto ossudo com uma cabeleira preta espessa e ondulada. Havia uma pequena cicatriz na linha do maxilar, e sua boca era comprida e fina. Suas sobrancelhas eram arqueadas e tinham uma pequena inclinação para cima nas extremidades. Mas foram os olhos que a atraíram. Ela nunca tinha visto olhos tão escuros, tão profundos. Eles eram cinza? Pretos? No entanto, não era a cor deles que a desconcertava, era a concentração absoluta neles. Sentiu a garganta ressecar e engoliu em seco em sinal de defesa. Podia quase acreditar que ele estava lendo sua mente.

Ele tinha sido chamado de o maior mágico da década, alguns diziam que era o maior da segunda metade do século. Seus truques e suas fugas eram ousados, impressionantes e inexplicáveis. Era comum ouvir referir-se a ele como um mago. Fitando seus olhos, Ryan começou a entender por quê. Livrou-se do estado de transe e começou novamente. Não acreditava em mágica.

— Sr. Atkins, meu pai pede desculpas por não poder vir. Espero...

— Ele está se sentindo melhor. Confusa, ela parou.

— Está. Está sim.

Ela se pegou olhando fixamente para ele. Pierce sorriu ao descer até ela.

— Ele telefonou uma hora atrás, Srta. Swan. Chamada de longa distância, nada de telepatia.

Ryan deu um olhar raivoso antes de conseguir se conter, mas o sorriso dele apenas aumentou.

— Fez uma boa viagem?

— Sim, obrigada.

— Mas foi longa — disse ele. — Sente-se.

Pierce apontou para uma mesa e então pegou uma cadeira atrás dela. Ryan sentou-se em frente a ele.

— Sr. Atkins — ela começou a falar, sentindo-se mais à vontade agora que o negócio estava prestes a começar. — Sei que meu pai discutiu a proposta da Swan Produções com o senhor e com seu agente minuciosamente, mas talvez o senhor preferisse repassar os detalhes. — Ela colocou a pasta sobre a mesa. — Eu poderia esclarecer quaisquer dúvidas que possa ter.

— Trabalha há muito tempo para a Swan Produções, Srta. Swan?

A pergunta interrompeu o fluxo de sua apresentação, mas Ryan mudou os pensamentos. Frequentemente, era preciso concordar com os artistas.

— Cinco anos, Sr. Atkins. Asseguro-lhe que estou qualificada para responder quaisquer perguntas e negociar os termos se necessário.

A voz dela era muito suave, mas ela estava muito nervosa. Pierce percebeu na maneira cuidadosa com que ela cruzou as mãos sobre a mesa.

— Tenho certeza de que é qualificada, Srta. Swan. Seu pai não é um homem fácil de agradar.

Surpresa e um traço de apreensão passaram por seus olhos.

— Não — disse ela calmamente. — Razão pela qual pode ter certeza de estar recebendo a melhor promoção, a melhor equipe de produção, o melhor contrato do mercado. Três especiais de tevê de uma hora, por três anos, horário nobre garantido, com um orçamento que assegura qualidade. — Ela parou apenas por um momento. — Um acordo vantajoso para o senhor e para a Swan Produções.

— Talvez.

Ele estava olhando para ela de perto. Ryan forçou-se a não ficar se remexendo. Cinza, ela viu. Seus olhos eram cinza — o mais escuro possível, sem ser preto.

— Claro — ela continuou. — Sua carreira tem tido como objetivo principal as platéias ao vivo em clubes e teatros. Vegas, Tahoe, o London Palladium e assim por diante.

— Uma ilusão não significa nada em filme, Srta. Swan. O filme pode ser alterado.

— Sei disso. Para ter impacto, um truque deve ser executado ao vivo.

— Ilusão — Pierce corrigiu. — Não faço truques. Ryan parou. Seus olhos estavam fixos nos dela.

— Ilusão — ela consertou, assentindo com a cabeça. — Os especiais seriam transmitidos ao vivo, com uma platéia de estúdio também. A publicidade...

— Não acredita em mágica, não é, Srta. Swan? Surgiu o mais leve dos sorrisos na sua boca, o mais indisfarçado traço de diversão na voz.

— Sr. Atkins, o senhor é um homem muito talentoso — disse ela com cuidado. — Admiro seu trabalho.

— Uma diplomata — ele concluiu, inclinando-se para trás. — E uma cínica. Gosto disso.

Ryan não se sentiu elogiada. Ele estava rindo dela sem a menor tentativa de disfarce. Seu trabalho, ela lembrou-se enquanto seus dentes cerravam. Faça seu trabalho.

— Sr. Atkins, se pudéssemos discutir os termos do contrato...

— Não faço negócios com ninguém até que saiba quem seja.

Ryan soltou um suspiro rápido.

— Meu pai...

— Não estou falando com seu pai — interrompeu Pierce de modo suave.

— Não pensei em trazer uma biografia — ela vociferou, e mordeu a língua em seguida. Droga! Ela não podia dar-se ao luxo de perder o controle. Mas Pierce sorriu, satisfeito.

— Acho que não será necessário.

Ele estava segurando a mão dela sem que ela tivesse percebido.

— Nunca mais.

A voz vinda de trás fez Ryan pular na cadeira.

— É só o Merlin — disse Pierce suavemente enquanto ela virava a cabeça.

Havia um grande mainá preto numa gaiola à sua direita. Ryan respirou fundo e tentou acalmar os nervos. O pássaro estava olhando para ela.

— Espertinho — ela conseguiu dizer, observando o pássaro com certa

reserva. — Ensinou-o a falar?

— *Mmm.*

— Posso lhe pagar uma bebida, querida?

De olhos arregalados, Ryan soltou um riso abafado quando se virou novamente para Pierce. Ele simplesmente lançou ao pássaro um olhar negligente.

— Não lhe ensinei boas maneiras.

Ela se esforçou para não demonstrar que achava graça.

— Sr. Atkins, se pudéssemos...

— Seu pai queria um filho. — Ryan esqueceu o que ia dizer e ficou olhando para ele. — Isso dificultou as coisas para você. — Pierce estava olhando nos olhos dela de novo, enquanto sua mão repousava frouxa na dele. — Não é casada, vive sozinha. É uma realista que se considera muito prática. Acha difícil controlar seu temperamento, mas se esforça. É uma mulher muito cautelosa, Srta. Swan, leva tempo para confiar, tem cuidado nos relacionamentos. É impaciente porque tem algo a provar. A si mesma e ao seu pai.

Os olhos dele perderam a sinceridade intensa quando ele sorriu para ela.

— Um jogo de salão, Srta. Swan, ou telepatia? Quando Pierce soltou sua mão, Ryan tirou-a da mesa e

colocou-a sobre o colo. Ela não tinha gostado da precisão dele.

— Um pouco de psicologia amadora — disse ele à vontade, apreciando a expressão atordoada dela. — Conhecimento básico sobre Bemett Swan e interpretação de linguagem corporal. — Ele deu de ombros. — Não tem truque, Srta. Swan, apenas suposição, juntamente com conhecimento. Cheguei perto?

Ryan apertou as mãos no colo. Sua mão direita ainda estava quente com o calor da dele.

— Não vim aqui para ficar de joguinhos, Sr. Atkins.

— Não. — Ele sorriu mais uma vez, de modo encantador. — Veio fechar um negócio, mas eu faço as coisas no meu próprio tempo, do meu próprio jeito. Minha profissão estimula a excentricidade, Srta. Swan. Tenha paciência comigo.

— Estou fazendo o possível — respondeu Ryan, dando um suspiro profundo em seguida e recostando-se. — Acho seguro dizer que nós dois somos sérios em nossas profissões.

— De acordo.

— Então compreenda que é meu dever fazer com que assine o contrato com a Swan, Sr. Atkins. — Talvez um pouco de bajulação funcionasse, ela concluiu. — Queremos o senhor porque é o melhor no ramo.

— Estou ciente disso — respondeu ele sem pestanejar.

— Ciente de que o queremos ou de que é o melhor? — perguntou ela.

Ele deu um sorriso muito atraente.

— Os dois.

Ryan respirou fundo e lembrou-se que os artistas eram, muitas vezes, impossíveis.

— Sr. Atkins... — ela começou a dizer.

Com um bater de asas, Merlin saiu da gaiola e pousou em seu ombro. Ryan ofegou e congelou.

— Ai, meu Deus. — Isso era demais, pensou ela entorpecida. Realmente demais.

Pierce franziu as sobrancelhas para o pássaro quando ele acomodou as asas.

— Estranho, ele nunca fez isso com ninguém.

— Que sorte a minha — murmurou Ryan, permanecendo sentada sem se mexer. Os pássaros mordem? Ela decidiu que não se importava de esperar para descobrir. — Acha que poderia... ah, convencê-lo a se empoleirar em outro lugar?

Um leve gesto da mão de Pierce fez com que Merlin saísse do ombro de Ryan e pousasse no seu.

— Sr. Atkins, por favor, acho que um homem na sua profissão deveria cultivar um certo gosto por... bom ambiente. — Ryan respirou fundo para se acalmar, mas não funcionou. — É muito difícil falar de negócios em... numa masmorra — disse ela, fazendo um movimento circular com o braço. — Com um pássaro louco dando rasantes em cima de mim e...

A risada de Pierce a interrompeu. Sobre o ombro dele o pássaro acomodou as asas e ficou olhando, com olhos de aço, para Ryan.

— Ryan Swan, vou gostar de você. Trabalho nesta masmorra — explicou ele de modo afável. — É reservada e tranquila. O ilusionismo exige mais que habilidade; exige uma boa dose de planejamento e preparação.

— Compreendo isso, Sr. Atkins, mas...

— Falaremos de negócios de modo mais convencional durante o jantar — ele interrompeu.

Ryan se levantou quando ele a interrompeu. Não tinha sido sua intenção ficar mais de uma hora ou duas. Era uma viagem de uns 30 minutos descendo a estrada do penhasco até seu hotel.

— Vai passar a noite aqui — Pierce acrescentou, como se tivesse realmente lido seus pensamentos.

— Aprecio sua hospitalidade, Sr. Atkins — ela começou a dizer, seguindo-o enquanto ele caminhava de volta para a escada, com o pássaro pousado placidamente em seu ombro. — Fiz reserva num hotel da cidade. Amanhã...

— Está com suas malas?

Pierce parou para segurar seu braço antes de subir os degraus.

— Estão no carro, mas...

— Link cancelará sua reserva, Srta. Swan. Vamos ter uma tempestade. — Ele virou a cabeça para olhar para ela. — Não gostaria de vê-la dirigindo por essas estradas esta noite.

Como se fosse para acentuar suas palavras, um trovão saudou-os quando eles chegaram ao topo da escada. Ryan murmurou algo. Ela não tinha certeza de que queria pensar em passar a noite naquela casa.

— Nada na manga — Merlin anunciou. Ela disparou-lhe um olhar suspeito.

Capítulo 2

O jantar ajudou a acalmar a mente de Ryan. A sala de jantar era enorme, com uma lareira acesa numa das extremidades e uma coleção de peltres antigos na outra. A longa mesa de refeitório foi posta com porcelana de Sèvres e prata georgiana.

— Link é um excelente cozinheiro — disse-lhe Pierce quando o homem grande colocou uma galinha à moda da Cornualha à sua frente.

Ryan olhou de relance para as mãos enormes de Link antes de ele se retirar. Com cuidado, pegou o garfo.

— Ele é bem calado.

Pierce sorriu e encheu a taça dela com um vinho dourado claro.

— Link só fala quando tem algo a dizer. Diga-me uma coisa, Srta. Swan, gosta de viver em Los Angeles?

Ryan olhou para ele. Os olhos dele estavam amistosos agora, nem intensos nem intrusos como antes. Ela se permitiu relaxar.

— Acho que sim. É conveniente para o meu trabalho.

— Cheio de gente? — Pierce cortou a ave.

— Sim, claro, mas estou acostumada.

— Sempre viveu em Los Angeles?

— Com exceção de quando estava na escola.

Pierce notou a suave mudança de tom, o mais leve sinal de ressentimento que ninguém mais teria percebido. Ele continuou a comer.

— Onde estudou?

— Na Suíça.

— Belo país. — Ele pegou o vinho. *E ela não se importou de ser despachada*, ele pensou. — Depois começou a trabalhar para a Swan Produções?

Com as sobrancelhas franzidas, Ryan ficou olhando o fogo.

— Quando meu pai percebeu que eu era determinada, ele concordou.

— E é uma mulher determinada — Pierce comentou.

— Sou — ela admitiu. — No primeiro ano, eu cuidava dos documentos, pegava café e ficava longe dos artistas. — As sobrancelhas se descontraíram. Um leve humor iluminou seus olhos. — Um dia alguns documentos apareceram na minha mesa, bem por acaso. Meu pai estava tentando contratar Mildred Chase para uma minissérie. Ela não estava cooperando. Fiz umas pesquisas e fui vê-la. — Rindo com a lembrança, ela lançou um sorriso para Pierce. — *Essa* foi uma experiência e tanto. Ela mora num local maravilhoso nas montanhas: seguranças, dezenas de cachorros. Faz muito o estilo da "velha Hollywood". Acho que me

recebeu por curiosidade.

— O que achou dela? — perguntou ele, principalmente para que ela continuasse falando, continuasse sorrindo.

— Eu a achei maravilhosa. Uma verdadeira *grande dame*. Se meus joelhos não estivessem tremendo, tenho certeza que teria feito uma reverência. — E uma luz de triunfo cobriu seu rosto. — E quando fui embora, duas horas depois, sua assinatura estava no contrato.

— Como seu pai reagiu?

— Ele ficou furioso. — Ryan pegou o vinho. O fogo lançou um jogo de sombra e luz sobre a pele dela. Ela ia pensar na conversa mais tarde e ficar assombrada com sua própria expansividade. — Ele ficou com raiva de mim por cerca de uma hora. — Ela bebeu e colocou a taça sobre a mesa. — No dia seguinte, recebi uma promoção e um novo escritório. Bennett Swan aprecia as pessoas realizadoras.

— É realizadora, Srta. Swan? — murmurou Pierce.

— Geralmente — ela respondeu tranqüilamente. — Sou boa em lidar com detalhes.

— E as pessoas?

Ryan hesitou. Os olhos dele estavam diretos novamente.

— A maioria das pessoas.

Ele sorriu, mas seu olhar permaneceu direto.

— Como está o jantar?

— Meu... — Ryan balançou a cabeça para se desvencilhar do olhar fixo e olhou para o prato. Ela ficou surpresa de ver que tinha comido boa porção da galinha. — Está muito bom. Seu...

Ela olhou de novo para ele, sem saber ao certo como chamar Link. *Servente? Escravo?*

— Amigo — Pierce interrompeu suavemente e deu um gole no vinho.

Ryan lutou com a sensação desconfortável de que ele enxergara dentro do seu cérebro.

— Seu amigo é um cozinheiro maravilhoso.

— As aparências freqüentemente enganam — Pierce salientou, achando graça. — Nós dois exercemos profissões que mostram à platéia algo que não é real. A Swan Produções lida com ilusões. E eu também. — Ele esticou o braço na sua direção, e Ryan recostou-se rapidamente. Na mão dele havia uma rosa vermelha de caule comprido.

— Oh! — Surpresa e satisfeita, Ryan pegou-a. Seu aroma era forte e doce. — Suponho que seja o tipo de coisa que se deve esperar quando se janta com um mágico — comentou ela, e sorriu para ele por cima da flor.

— Mulheres bonitas e flores andam juntas. — A cautela que surgiu nos olhos dela o intrigou. Uma mulher muito cautelosa, ele pensou novamente. Ele gostava de cautela, respeitava-a. Também gostava de ver as pessoas reagindo. — É uma mulher bonita, Ryan Swan.

— Obrigada.

Sua resposta foi quase recatada e fez a boca dele se contrair.

— Mais vinho?

— Não, não, obrigada. Estou satisfeita. — Mas sua pulsação estava um pouco acelerada. Colocou a rosa ao lado do prato e voltou à refeição. — Raramente estive tão longe assim da Costa — disse ela, em tom de conversa. — Mora aqui há bastante tempo, Sr. Atkins?

— Alguns anos. — Ele girou o vinho na taça, mas ela notou que ele tinha bebido muito pouco. — Não gosto de multidões — ele disse.

— Exceto numa apresentação — disse ela com um sorriso.

— Naturalmente.

Ocorreu a Ryan, quando Pierce se levantou e sugeriu que fossem para a sala de estar, que eles não tinham falado sobre o contrato. Ela ia ter que levá-lo de volta ao assunto.

— Sr. Atkins... — ela começou a falar enquanto eles entravam. — Oh! Que sala bonita!

Era como voltar ao século XVIII. Mas não havia teias de aranha nem sinais de idade. A mobília brilhava, e as flores eram frescas. Um pequeno piano de armário repousava num canto, com a partitura aberta. Havia pequenas estatuetas de vidro soprado sobre o console da lareira. Uma coleção de animais, ela notou ao observar de perto — unicórnios, cavalos alados, centauros, um cão de caça com três cabeças. Não havia animais convencionais na coleção de Pierce Atkins. O fogo na lareira estava brando, o abajur sobre uma mesa, com as extremidades elevadas e talhadas, era, certamente, da marca Tiffany. Era uma sala que Ryan esperava encontrar numa aconchegante casa de campo inglesa.

— Fico feliz que esteja gostando — disse Pierce, de pé ao lado dela. — Parecia surpresa.

— Estava. O lado de fora parece uma propriedade de um filme de terror de 1945, mas... — Ryan se conteve, horrorizada. — Ai, me desculpe, não quis dizer...

Mas ele estava sorrindo, obviamente deleitando-se com sua observação.

— Foi usada exatamente para isso mais de uma vez. Foi por isso que a comprei.

Ryan relaxou novamente enquanto vagava pela sala.

— Ocorreu-me que pudesse tê-la escolhido pelo ambiente. Pierce levantou

uma das sobrancelhas.

— Tenho uma certa... afeição pelas coisas que aparentam ser verdadeiras para as outras pessoas. — Ele foi até uma mesa onde as xícaras já estavam dispostas. — Infelizmente não posso lhe oferecer café. Não uso cafeína. O chá é de ervas, e é muito bom.

Ele já estava servindo quando Ryan caminhou até o piano.

— Chá está bem — disse ela distraidamente. Não era partitura impressa que havia sobre o piano, ela observou, mas sim folhas soltas. Automaticamente, ela começou a escolher as notas manuscritas. A melodia era extremamente romântica. — Isso é bonito. — Ryan virou-se para ele. — Muito bonito. Não sabia que compunha música.

— Não componho. — Pierce largou o bule de chá. — Link compõe. — Ele observou os olhos de Ryan se arregalarem de assombro. — Aparências, Srta. Swan?

Ela olhou para as mãos.

— O senhor me deixa bastante envergonhada.

— Não tinha intenção de fazer isso. — Ele caminhou até ela e pegou sua mão novamente. — A maioria de nós sente atração pela beleza.

— O senhor não?

— Acho a beleza superficial atraente, Srta. Swan. — De forma rápida e meticulosa, ele observou o seu rosto. — Depois, procuro algo mais.

Algo no contato fez com que ela se sentisse estranha. A voz dela não foi tão forte quanto deveria ter sido.

— E se não encontrar?

— Então, a descarto — disse ele, de modo simples. — Venha, seu chá vai esfriar.

— Sr. Atkins. — Ryan permitiu que ele a conduzisse até uma cadeira. — Não quero ofendê-lo. Não posso me dar ao luxo de ofendê-lo, mas... — Ela soltou um suspiro de frustração quando se sentou. — Acho que é um homem muito estranho.

Ele sorriu. Ela achou seu sorriso atraente, a maneira como seus olhos sorriram um milésimo de segundo antes de sua boca.

— Eu ficaria ofendido, Srta. Swan, se não pensasse assim. Não tenho desejo de ser comum.

Ele estava começando a fasciná-la. Ryan sempre tinha tido o cuidado de manter sua objetividade profissional ao lidar com os artistas. Era importante não ficar embevecida. Se ficasse embevecida, se veria adicionando cláusulas contratuais e fazendo promessas apressadas.

— Sr. Atkins, sobre a nossa proposta.

— Pensei bastante nela. — O estrondo de um trovão balançou as janelas. Ryan levantou os olhos quando ele levantou a taça. — As estradas estarão traiçoeiras esta noite. — Os olhos dele olharam novamente para os de Ryan. As mãos dela tinham se fechado com a explosão. — As tempestades a perturbam, Srta. Swan?

— Não, de modo algum. — Com cuidado, ela relaxou os dedos. — Mas sou grata por sua hospitalidade. Não gosto de dirigir em mau tempo. — Ela levantou a taça e tentou ignorar os raios. — Se tiver qualquer pergunta sobre os termos, ficaria feliz em repassá-los com o senhor.

— Acho que está suficientemente claro. — Ele bebericou seu chá. — Meu agente está ansioso para que eu aceite o contrato.

— É?

Ryan teve que lutar para esconder o triunfo na voz. Seria um erro forçar a barra tão cedo.

— Nunca me comprometo com nada até ter certeza de que me convém. Amanhã lhe direi o que decidi.

Ela assentiu com a cabeça, aceitando. Ele não estava jogando, e ela sentia que nenhum agente, nem ninguém, o influenciaria além de certo ponto. Ele era dono do próprio nariz, completamente.

— Joga xadrez, Srta. Swan?

— O quê? — Distraída, ela levantou os olhos novamente. — O que disse?

— Joga xadrez? — ele repetiu.

— Bem, sim, jogo.

— Achei que sim. Sabe quando se mover e quando esperar. Gostaria de jogar?

— Sim — concordou ela sem hesitação. — Gostaria. Ele se levantou, ofereceu-lhe a mão e levou-a até uma

mesa perto das janelas. Do lado de fora, a chuva se atirava contra o vidro. Mas quando viu o tabuleiro de xadrez já preparado, ela esqueceu a tempestade.

— São primorosos! — Ryan levantou o rei branco. Era grande e esculpido em mármore. — Arthur — disse ela, e pegou a rainha. — E Guinevère. — Ela examinou as outras peças. — Lancelot, o cavaleiro; Merlin, o bispo; e, é claro, Camelot. — Ela virou a torre na mão. — Nunca vi nada assim.

— Fique com as brancas — ele ofereceu, sentando-se atrás das pretas. — Joga para ganhar, Srta. Swan?

Ela pegou a cadeira em frente a ele.

— Jogo. Todo mundo não joga?

Ele lançou-lhe um longo olhar insondável.

— Não. Alguns jogam apenas para competir.

Após 10 minutos, Ryan não ouviu mais a chuva nas janelas. Pierce era um jogador astuto e calado. Ela se pegou observando suas mãos enquanto elas deslocavam as peças sobre o tabuleiro. Eram longas e estreitas, com dedos ágeis. Ele usava um anel de ouro no dedo mínimo com um símbolo gravado que ela não reconheceu. Ryan tinha ouvido dizer que aqueles dedos podiam abrir qualquer cadeado, desatar qualquer nó. Observando-os, ela pensou que eles eram mais adequados para afinar violino. Quando levantou os olhos rapidamente, ela o pegou observando-a com seu sorriso divertido e de quem sabe das coisas. Ela canalizou sua concentração para sua estratégia.

Ryan atacava, ele defendia. Ele avançava, ela contra-atacava. Pierce estava satisfeito de ter um parceiro à altura. Ela era uma jogadora cautelosa, dada a impulsos ocasionais. Ele sentia que sua maneira de jogar refletia quem ela era. Ela não seria facilmente enganada nem derrotada. Ele admirava tanto o pensamento rápido quanto a força que sentia nela. Tornava sua beleza mais atraente ainda.

As mãos dela eram macias. Quando ele capturou seu bispo, ele imaginou de modo despropositado se sua boca também seria macia, quando ele descobriria. Ele já tinha decidido que descobriria; agora era uma questão de tempo. Pierce compreendia a inestimável importância do senso de oportunidade.

— Xeque-mate — disse ele baixinho e ouviu a respiração entrecortada de surpresa de Ryan.

Ela examinou o tabuleiro por um momento e depois sorriu para ele.

— Droga, não vi isso. Tem certeza de que não tem algumas peças extras enfiadas na manga?

— Nada na manga — disse Merlin rindo do outro lado da sala. Ryan lançou-lhe um olhar rápido e se perguntou quando ele tinha se juntado a eles.

— Não uso mágica quando a habilidade basta — disse-lhe Pierce, ignorando seu animal de estimação. — Joga bem, Srta. Swan.

— Joga melhor, Sr. Atkins.

— Desta vez — ele concordou. — Desperta meu interesse.

— Oh! — Ela olhou diretamente para ele. — Como?

— De várias maneiras. — Ele recostou-se e correu o dedo pela rainha preta. — Joga para ganhar, mas leva na esportiva quando perde. Isso é sempre verdade?

— Não. — Ela riu, mas levantou-se da mesa. Ele a estava deixando nervosa novamente. — Leva na esportiva quando perde, Sr. Atkins?

— Não perco com frequência.

Quando ela olhou para trás, ele estava parado perto de outra mesa, mexendo num baralho de cartas. Ryan não o tinha visto se mexer. Isso a deixou

desconfortável.

— Conhece as cartas do tarô?

— Não. Quer dizer — corrigiu ela —, sei que são utilizadas para prever o futuro ou algo do tipo, não são?

— Algo do tipo. — Ele deu um pequeno sorriso e embaralhou as cartas suavemente. — Coisa sem sentido, Srta. Swan. Um instrumento para atrair a atenção de alguém e acrescentar mistério ao pensamento rápido e à observação. A maioria das pessoas prefere ser enganada. As explicações deixam as pessoas desapontadas. Até mesmo a maior parte dos realistas.

— Não acredita nessas cartas. — Ryan caminhou para junto dele. — Sabe que não pode prever o futuro com papelão e cores bonitas.

— Uma ferramenta, uma diversão. — Pierce levantou os ombros. — Um jogo, se quiser. Os jogos me fazem relaxar.

Pierce embaralhou as cartas grandes num gesto rápido e eficaz e espalhou-as sobre a mesa.

— Faz isso muito bem — murmurou Ryan. Os nervos dela estavam tensos novamente, mas ela não sabia por quê.

— Uma habilidade básica — disse ele tranquilamente.

— Poderia lhe ensinar bem rápido. Tem mãos competentes.

— Ele levantou uma, mas foi seu rosto que ele examinou, não sua palma. — Quer que eu escolha uma carta?

Ryan retirou a mão. Sua pulsação estava começando a ficar acelerada.

— É o seu jogo.

Com a ponta do dedo, Pierce retirou uma carta e colocou-a virada para cima. Era o Mago.

— Confiança, criatividade — murmurou Pierce.

— É a sua carta? — perguntou Ryan de brincadeira, a fim de esconder a tensão crescente.

— Assim poderia parecer. — Pierce colocou o dedo em outra carta e retirou-a. A Sacerdotisa. — Serenidade — disse ele baixinho. — Força. É a sua carta?

Ryan deu de ombros.

— É bastante simples para você tirar qualquer carta que quiser depois de ter empilhado o baralho.

Pierce sorriu, sem se sentir ofendido.

— O cínico deveria escolher a próxima para ver onde terminarão essas duas pessoas. Escolha uma carta, Srta. Swan — disse ele. — Qualquer carta.

Aborrecida, Ryan puxou uma e colocou-a virada para cima sobre a mesa. Após um suspiro estrangulado, ela ficou olhando para a carta em absoluto

silêncio. Os Amantes. Seu coração martelou de leve na garganta.

— Fascinante — murmurou Pierce. Ele não estava sorrindo agora, mas examinou a carta como se nunca a tivesse visto antes.

Ryan deu um passo para trás.

— Não gosto do seu jogo, Sr. Atkins.

— *Hummm?* — Ele levantou os olhos distraidamente e concentrou-se nela.

— Não? Bem, então... — Ele juntou as cartas de modo negligente e empilhou-as.

— Vou levá-la ao seu quarto.

Pierce havia ficado tão surpreso com a carta quanto Ryan. Mas ele sabia que a realidade freqüentemente era mais estranha que qualquer ilusão que ele pudesse criar. Ele tinha trabalho a fazer, muitos planos finais para seu compromisso em Las Vegas dentro de duas semanas. No entanto, enquanto estava sentado em seu quarto, ele pensava em Ryan, não no trabalho.

Havia algo nela quando ria, algo brilhante e vital. Agradava-lhe, da mesma maneira que sua voz mansa e prática o atraía quando ela falou de contratos e cláusulas.

Ele já conhecia o contrato de trás para a frente. Não era o tipo de homem de deixar de lado a parte comercial da profissão. Pierce não assinava o nome em nada a não ser que compreendesse todas as nuances. Se o público o via como misterioso, espalhafatoso e estranho, isso era muito bom. A imagem era metade ilusão e metade realidade. Era assim que ele preferia. Tinha passado a segunda metade da vida organizando as coisas da maneira que as preferia.

Ryan Swan. Pierce tirou a camisa e jogou-a para o lado. Ele não tinha certeza quanto a ela ainda. Pretendia assinar os contratos até vê-la descer a escada. O instinto o fez hesitar. Pierce confiava bastante em seus instintos. Agora ele precisava pensar um pouco.

As cartas não o influenciaram. Ele poderia fazer as cartas se levantarem e dançarem se fosse o que ele queria. Mas a coincidência o deixou alerta. Foi estranho que Ryan virasse a carta simbolizando os amantes quando ele estava pensando qual seria a sensação de tê-la nos braços.

Ele riu, sentou-se e começou a rabiscar num bloco de papel. Os planos que estava fazendo para uma nova fuga teriam de ser rasgados ou revisados, mas pensar na fuga o fez relaxar, tal como quando pensava em Ryan.

Poderia ser prudente assinar os documentos de manhã e mandá-la embora. Ele não gostava de ter uma mulher interferindo em seus pensamentos. Mas Pierce nem sempre fazia o que era prudente. Se fizesse, ainda estaria se apresentando em clubes, tirando coelhos da cartola e lenços coloridos do bolso em vários lugares. Agora ele transformava uma mulher em pantera e passava por um muro de tijolos.

Poof!, ele pensou. Mágica instantânea. E ninguém se lembrava dos anos de frustração, luta e fracasso. Isso também era exatamente como ele queria. Havia pouquíssimas pessoas que sabiam sua origem ou quem ele tinha sido antes dos 25 anos.

Pierce largou o lápis. Ryan Swan o estava deixando desconfortável. Ele desceria e trabalharia até que sua mente desanuviasse. Foi quando ele ouviu o grito dela.

Ryan se despiu de forma negligente. A irritação sempre a deixava negligente. Truques de salão, ela pensou furiosa e abaixou o zíper da saia. Já deveria estar acostumada com essas orquestrações. Lembrou-se de um encontro com um conhecido comediante no mês anterior. Ele tinha tentado um número de 20 minutos com ela antes de se sentar para discutir os planos de aparecer como convidado numa apresentação da Swan Produções. Toda a coisa com as cartas de taro havia sido apenas uma exibição com o intuito de impressioná-la, ela concluiu, e tirou os sapatos. Apenas mais um egocentrismo de um artista inseguro.

Ryan franziu as sobrancelhas enquanto desabotoava a blusa. Não conseguia concordar com suas próprias conclusões. Pierce Atkins não lhe parecia um homem inseguro — nem no palco, nem fora dele. E ela teria jurado que ele tinha ficado tão surpreso quanto ela quando ela virou a carta. Ryan tirou a blusa e jogou-a sobre uma cadeira. Bem, ele era um ator, ela lembrou-se. O que mais era um mágico que um ator hábil, com mãos hábeis?

Ela lembrou-se da aparência de suas mãos nas peças de xadrez de mármore preto, mãos magras e graciosas. Livrou-se da lembrança. Amanhã, ela colocaria o nome dele naquele contrato e partiria. Ele a deixara desconfortável; mesmo antes do pequeno número com as cartas, ele a deixara desconfortável. Aqueles olhos, Ryan pensou e tremeu. Existe algo naqueles olhos.

A personalidade dele era, simplesmente, muito forte, concluiu. Ele era magnético e, de fato, muito atraente. Tinha cultivado isso, tal como, sem dúvida, cultivara o ar misterioso e o sorriso enigmático.

Um raio seguido de trovada assustou Ryan, e ela deu um pulo. Não tinha sido completamente honesta com Pierce: as tempestades arrasavam com seus nervos. Intelectualmente, ela podia ignorar, mas os raios e os trovões sempre provocavam um aperto em seu estômago. Ela odiava a fraqueza, uma fraqueza basicamente feminina. Pierce estava certo: Bennett Swan queria um filho. Ryan tinha passado a vida se esforçando para compensar o fato de ter nascido mulher.

Vá dormir, disse a si mesma. Vá dormir, puxe as cobertas por cima da cabeça e feche os olhos. Propositamente, ela foi puxar as cortinas. Lançou um olhar fixo para a janela. Algo retribuiu o olhar. Ela gritou.

Ryan cruzou o quarto como um relâmpago. Suas mãos úmidas escorregaram da maçaneta. Quando Pierce abriu a porta, caiu nos seus braços e ele a agarrou firme.

— Ryan, o que está acontecendo?

Ele a teria afastado, mas os braços em volta de seu pescoço estavam apertados. Ela era muito pequena sem os sapatos de saltos. Ele podia sentir a forma do corpo dela uma vez que ela comprimiu-se desesperadamente contra o corpo dele. Por causa da preocupação e da curiosidade, Pierce vivenciou uma rápida e poderosa onda de desejo. Incomodado, ele a afastou firme e segurou seus braços.

— O que é? — perguntou.

— A janela — ela conseguiu dizer, e teria voltado aos seus braços se ele não a tivesse mantido afastada. — Na janela perto da cama.

Ele colocou-a de lado e caminhou até a janela. Ryan levou as mãos à boca e recuou até a porta, fechando-a com força.

Ela ouviu o palavrão baixo que Pierce soltou quando levantou o vidro e olhou para fora. Pegou um gato preto muito grande e encharcado. Dando um gemido, Ryan chocou-se ruidosamente com a porta.

— Ai, meu Deus, qual será a próxima? — ela se perguntou em voz alta.

— Circe. — Pierce colocou a gata no chão. Ela se balançou uma vez e pulou para cima da cama. — Não percebi que ela estava lá fora com esse tempo. — Ele virou-se para olhar para Ryan. Se ele tivesse rido dela, ela nunca o teria perdoado. Mas havia um pedido de desculpas em seus olhos, não um ar de diversão. — Desculpe. Ela deve ter assustado bastante. Quer que pegue um conhaque?

— Não. — Ryan deu um longo suspiro. — Conhaque não cura um extremo constrangimento.

— Estar apavorada não é razão para se sentir constrangida.

As pernas dela ainda estavam tremendo, então permaneceu apoiada na porta.

— Poderia me avisar se tiver mais animais de estimação? — Fazendo um esforço, ela conseguiu dar um sorriso. — Assim, se eu acordar com um lobo na cama comigo, posso dar de ombros e voltar a dormir.

Ele não respondeu. Enquanto ela observava, os olhos dele desceram lentamente pelo seu corpo. Ryan tomou consciência de que estava usando apenas uma fina camisola de seda. Ficou ereta junto à porta. Mas quando os olhos dele retornaram aos dela, ela não conseguiu se mover, não conseguiu falar. Sua respiração tinha começado a ficar difícil antes de ele dar o primeiro passo na sua direção.

Diga-lhe para ir embora!, sua mente gritou, mas seus lábios se recusaram a formar as palavras. Ela não conseguiu afastar os olhos dos dele. Quando ele parou à sua frente, a cabeça dela inclinou-se para trás de modo que o olhar persistisse. Ela podia sentir a pulsação martelar nos pulsos, na garganta, nos seios. Todo o seu corpo vibrava com ela.

Eu o quero. Saber disso a deixou atordoada. Nunca desejei um homem como o desejo. A respiração dela estava audível agora. A dele estava calma e constante. Lenta. Pierce levou o dedo até seu ombro e puxou a alça para o lado. Ela caiu frouxa em seu braço. Ryan não se moveu. Ele a observou intensamente quando puxou a segunda alça. O corpete de sua camisola tremulou até as pontas de seus seios e ficou preso de forma tênue. Um movimento descuidado da mão dele o faria cair até os pés. Ela permanecia transfixada.

Pierce levantou as mãos, tirando o cabelo dela do rosto. Deixou que suas mãos mergulhassem fundo nele. Ele aproximou-se mais e hesitou. Os lábios trêmulos de Ryan se abriram. Ele viu os olhos dela fecharem-se antes de sua boca tocar a dela.

Os lábios dele eram firmes e gentis. A princípio, mal tocaram os dela, apenas saborearam. Então, ele permaneceu por um momento, mantendo o beijo suave. Uma promessa ou uma ameaça; Ryan não tinha certeza. As pernas dela estavam prestes a se curvarem. Em sinal de defesa, ela enroscou as mãos nos braços dele. Havia músculos, músculos duros e firmes, em que ela não pensaria até muito depois. Agora ela pensava apenas em sua boca. Ele mal a estava beijando, mas o choque do impacto a deixou sem fôlego.

Gradual e ardentemente ele aprofundou o beijo. Os dedos de Ryan apertaram desesperadamente os braços dele. A boca dele roçou sobre a dela e depois voltou, com mais pressão. Sua língua passou como uma pena sobre a dela.

Ele apenas tocou seu cabelo, embora o corpo dela o seduzisse. Ele retirou cada grama de prazer apenas com a boca.

Ele sabia o que era ter fome — de comida, de amor, de uma mulher —, mas não experimentava esse doloroso e descontrolado desejo havia muitos anos. Queria o sabor dela, apenas o sabor dela. Era, ao mesmo tempo, doce e pungente. Quando a puxou para si, ele soube que chegaria um momento em que desejaria mais. Mas, por enquanto, seus lábios bastavam.

Quando descobriu que tinha alcançado a fronteira entre afastar-se e tomá-la, Pierce levantou a cabeça. Esperou Ryan abrir os olhos.

Os olhos verdes dela estavam escurecidos, enevoados. Ele viu que ela estava tão atordoada quanto excitada. Sabia que podia tomá-la ali, exatamente onde estavam. Ele tinha apenas que beijá-la novamente, apenas colocar de lado o

pequeno tecido de seda que ela usava. Mas ele não fez nenhuma das duas coisas. Os dedos de Ryan se afrouxaram, e suas mãos largaram os braços dele. Sem dizer nada, Pierce deu a volta e abriu a porta. A gata pulou da cama para passar pela porta aberta antes que Pierce a fechasse.

Capítulo 3

Pela manhã o único sinal da tempestade era o pingar constante de gotas da sacada da janela do quarto de Ryan. Ela se vestiu com cuidado. Era importante que estivesse em perfeito equilíbrio quando descesse. Teria sido mais fácil se ela pudesse ter se convencido de que estava sonhando — que Pierce não havia ido ao seu quarto, que ele não lhe dera aquele beijo estranho e extenuante. Mas não tinha sido sonho!

Ryan era realista demais para fingir o contrário ou arranjar desculpas. Grande parte do que havia acontecido fora culpa sua, ela admitiu, ao dobrar o traje usado na noite anterior. Tinha agido como uma tola, gritando porque um gato tentara entrar no quarto por causa da chuva. Havia se lançado nos braços de Pierce com os nervos quase em frangalhos. E, por fim, e o mais perturbador, não demonstrou nenhuma objeção. Ryan foi forçada a admitir que Pierce tinha lhe dado bastante tempo para se opor. Mas ela não fez nada, não lutou, não mostrou indignação.

Talvez ele a tivesse hipnotizado, pensou assustada enquanto escovava o cabelo. O jeito que ele olhou para ela, o modo como seus pensamentos fugiram... Com um tom de frustração, Ryan jogou a escova dentro da mala. Não se pode ser hipnotizado com um olhar.

Se quisesse lidar com o assunto, tinha, primeiro, que admitir: desejara que ele a beijasse. E quando ele o fez, os sentidos dela a dominaram. Ryan fechou os cadeados da mala e depois a colocou ao lado da porta. Podia ter ido para a cama com ele. Era fato, não havia com negar. Se ele tivesse ficado, ela teria feito amor com ele — um homem que ela tinha conhecido havia poucas horas.

Ryan respirou fundo e demorou um instante antes de abrir a porta. Era uma verdade difícil de encarar para uma mulher que se orgulhava de agir com bom senso e praticidade. Fora obter a assinatura de Pierce num contrato, não dormir com ele.

Você ainda não fez nenhum dos dois, lembrou-se, fazendo uma careta. E era de manhã. Hora de se concentrar no primeiro e esquecer o segundo. Ryan abriu a porta e desceu.

A casa estava em silêncio. Depois de dar uma olhada na sala de estar e encontrá-la vazia, prosseguiu pelo corredor. Embora sua mente estivesse determinada a encontrar Pierce e fechar o negócio, que era seu objetivo, uma porta aberta à sua direita seduziu-a a parar. O primeiro olhar tirou dela um som de prazer.

Havia paredes — literalmente paredes — de livros. Ryan nunca tinha visto

tantos em uma coleção particular, nem mesmo a de seu pai. De alguma forma, ela sabia que os livros eram mais que investimento, eram lidos. Pierce conhecia cada um deles. Ela entrou no recinto para dar uma olhada mais de perto. Havia um aroma de couro e de velas.

As memórias de Robert-Houdin, de Houdini; *Fronteiras do desconhecido*, de Arthur Conan Doyle; *Les Illusionistes et Leurs Secrets*. Ryan esperava esses e dezenas de outros livros sobre mágica e mágicos. Mas também havia T.H. White, Shakespeare, Chaucer, os poemas de Byron e Shelley. Espalhadas entre eles estavam obras de Fitzgerald, Mailer e Bradbury. Nem todos tinham capa de couro ou eram antigos e valiosos. Ryan pensou em seu pai, que conhecia o valor de cada um de seus livros até o último dólar e que havia lido não mais de uma dúzia de sua coleção.

Ele tem um gosto muito eclético, ela refletiu enquanto vagava pelo cômodo. Sobre o console da lareira estavam gravuras talhadas e pintadas que ela reconheceu como habitantes da Terra Média, de *O senhor dos anéis* de Tolkien. Havia uma escultura de metal muito moderna sobre a escrivaninha.

Quem é este homem?, Ryan se perguntou. *Quem é ele realmente? Lírico, excêntrico, com nuances de um firme realista por dentro.* Incomodava-lhe perceber o quanto ela queria descobrir o homem por inteiro.

— Srta. Swan?

Ryan se virou e viu a figura de Link no vão da porta.

— Ah, bom dia. — Ela não tinha certeza se a expressão dele era desaprovadora ou se era simplesmente sua impressão a respeito do lamentável rosto dele. — Desculpe — ela acrescentou. — Eu não deveria ter entrado aqui?

Link encolheu os grandes ombros.

— Ele o teria trancado se quisesse que não entrasse.

— Sim, claro — murmurou Ryan, sem saber se deveria se sentir insultada ou rir.

— Pierce disse que pode esperar por ele lá embaixo depois de tomar o café-da-manhã.

— Ele saiu?

— Foi correr — disse Link de forma sucinta. — Ele corre oito quilômetros todo dia.

— Oito quilômetros?

Mas Link já estava se retirando. Ela atravessou o cômodo às pressas para alcançá-lo.

— Vou preparar seu café-da-manhã — ele lhe disse.

— Apenas café... chá — ela corrigiu ao se lembrar. Ela não sabia como chamá-lo mas percebeu que logo estaria ofegante demais por tentar acompanhá-

lo para chamá-lo de qualquer coisa. — Link. — Ryan tocou seu braço, e ele parou. — Vi seu trabalho no piano ontem à noite. — Ele estava olhando firme para ela, sem qualquer mudança de expressão. — Espero que não se importe. — Ele deu de ombros novamente. Ryan concluiu que ele usava o gesto frequentemente em vez das palavras. — É uma linda melodia — ela continuou. — Realmente maravilhosa.

Para seu espanto, ele corou. Ryan não pensou que fosse possível um homem do seu tamanho ficar sem graça.

— Não está concluído — ele murmurou, com seu rosto enorme e feio ficando mais rosado.

Ryan sorriu para ele, comovida.

— O que está concluído está bonito. Você tem um talento maravilhoso.

Ele arrastou os pés, murmurou alguma coisa sobre pegar o chá e saiu com passos pesados. Ryan sorriu de sua retirada antes de caminhar para a sala de jantar.

Link trouxe torradas, resmungando sobre ela ter que comer alguma coisa. Ryan comeu tudo obedientemente, pensando no comentário de Pierce sobre aparências. Se nada mais adviesse de sua estranha visita, ela havia aprendido algo. Ryan não acreditava que algum dia teria decisões precipitadas novamente sobre alguém com base na aparência.

Embora ela tivesse demorado a comer de propósito, não houve sinal de Pierce quando terminou. A relutância em enfrentar o andar inferior novamente fez com que bebesse o chá frio e esperasse. Por fim, com um suspiro, ela se levantou, pegou a maleta e desceu a escada.

Alguém tinha acendido as luzes, e Ryan ficou grata por isso. A sala não estava plenamente iluminada; era grande demais para que a luz alcançasse todos os cantos. Mas a sensação de apreensão que Ryan tinha vivenciado no dia anterior não se materializou. Dessa vez ela sabia o que esperar.

Avistou Merlin em sua gaiola e caminhou até ele. A porta da gaiola estava aberta, então, cautelosamente, deu um passo para o lado enquanto o examinava. Não queria incentivá-lo a empoleirar-se no seu ombro de novo, principalmente porque Pierce não estava lá para afastá-lo.

— Bom dia — disse ela, curiosa para saber se ele conversaria com ela quando estivesse sozinha.

Merlin observou-a por um momento.

— Posso lhe pagar uma bebida, querida?

Ryan riu e concluiu que o treinador de Merlin tinha um estranho senso de humor.

— Não caio nesse papo — ela lhe disse e curvou-se até que estivessem

frente a frente. — O que mais você sabe dizer? — ela se perguntou, em alto som. — Aposto que ele ensinou bastante coisa. Ele teria paciência para isso. — Ela sorriu, achando graça do fato de que a ave parecia estar ouvindo sua conversa com atenção. — Você é um pássaro esperto, Merlin? — perguntou ela.

— Ai de mim, pobre Yorick! — disse ele obsequioso.

— Meu Deus, ele cita *Hamlet*. — Ryan balançou a cabeça e virou-se em direção ao palco. Havia dois grandes baús, um cesto de palha e uma mesa comprida na altura da cintura. Curiosa, Ryan largou a maleta e subiu a escada. Sobre a mesa havia um baralho de cartas, um par de cilindros vazios, garrafas, taças de vinho e um par de algemas.

Ryan pegou as cartas e perguntou-se de modo fugaz como ele as marcava. Não conseguiu ver nada, mesmo quando as segurou contra a luz. Colocou-as de lado e examinou as algemas. Elas pareciam ser assunto de polícia. Frias, de aço, insensíveis. Vasculhou a mesa em busca de uma chave e não achou nada.

Ryan tinha feito uma pesquisa detalhada sobre Pierce. Sabia que não havia um cadeado que pudesse detê-lo. Ele teve as mãos e os pés acorrentados e foi colocado em uma mala-armário com três cadeados. Em menos de três minutos ele tinha saído, livre de quaisquer grilhões. Impressionante, ela admitiu, ainda examinando as algemas. Onde estava o truque?

— Srta. Swan.

Ryan largou as algemas fazendo um grande barulho quando se virou. Pierce estava parado bem atrás dela. Mas ele não podia ter descido a escada, ela pensou. Ela teria ouvido, ou certamente visto. Obviamente, havia outra entrada para a sala de trabalho. E há quanto tempo, ela se perguntou, ele estava parado observando? Ele estava fazendo exatamente isso agora enquanto a gata se enroscava em seus tornozelos.

— Sr. Atkins — ela conseguiu dizer num tom de voz bastante tranquilo.

— Espero que tenha dormido bem. — Ele caminhou até a mesa para ficar perto dela. — A tempestade não a manteve acordada?

— Não.

Para um homem que tinha acabado de correr oito quilômetros, ele parecia estar notavelmente revigorado. Ryan lembrou-se dos músculos de seus braços. Havia força neles e é claro, vigor. Os olhos dele estavam fixos nos dela, quase avaliando. Não havia sinal da paixão repressa que ela sentira nele na noite anterior.

De repente, Pierce sorriu para ela e fez um gesto com a mão.

— O que vê aqui?

Ryan olhou para a mesa de novo.

— Algumas de suas ferramentas.

— Ah, Srta. Swan, seus pés estão sempre no chão.

— Gosto de pensar que sim — respondeu ela, aborrecida. — O que eu deveria ver?

Ele parecia satisfeito com a resposta dela e serviu uma pequena quantidade de vinho numa taça.

— A imaginação, Srta. Swan, é um dom incrível. Concorda?

— Até certo ponto.

— Ele riu um pouco e lhe mostrou os cilindros vazios.

— Pode haver restrições sobre a imaginação? — Ele colocou um cilindro dentro do outro. — Não acha as possibilidades do poder da mente sobre as leis da natureza interessantes?

Pierce colocou os cilindros acima da garrafa de vinho, observando-a. Ryan estava franzindo as sobrancelhas para suas mãos agora.

— Como teoria — respondeu ela.

— Mas teoria apenas. — Pierce retirou um cilindro e colocou-o sobre a taça de vinho. Levantou o primeiro cilindro e lhe mostrou que a garrafa permanecia embaixo dele. — Não na prática.

— Não. — Ryan continuou olhando as mãos dele. Ele mal poderia sacar qualquer coisa bem debaixo de seu nariz.

— Onde está a taça, Srta. Swan?

— Está aí.

Ela apontou para o segundo cilindro.

— É? — Pierce levantou o tubo. A garrafa permaneceu embaixo dele. Com ar de frustração, Ryan olhou para o tubo. Pierce o levantou, revelando a taça parcialmente cheia. — Eles parecem ter achado a teoria mais viável — declarou ele, e colocou os cilindros de volta no lugar.

— Muito engenhoso — disse ela, irritada por estar a centímetros de distância e não ter visto o truque.

— Gostaria de um pouco de vinho, Srta. Swan?

— Não, eu...

Mesmo enquanto ela falava, Pierce levantou o cilindro. Ali, onde ela tinha acabado de ver a garrafa, estava a taça. Apesar de estar hipnotizada, ela riu.

— O senhor é muito bom, Sr. Atkins.

— Obrigado.

Ele disse isso de modo tão sóbrio que Ryan olhou novamente para ele. Os olhos dele estavam calmos e pensativos. Intrigada, ela inclinou a cabeça.

— Suponho que não vai me dizer como fez.

— Não.

— Achei que não. — Ela levantou as algemas. A mala ao pé do palco estava, por enquanto, esquecida. — Fazem parte do seu número também? Parecem reais.

— São bem reais — ele lhe disse. Ele estava sorrindo de novo, satisfeito por ela ter rido. Ele sabia que era um som que poderia ouvir com nitidez sempre que se lembrasse dela.

— Não tem chave — Ryan salientou.

— Não preciso de uma.

Ela passou as algemas de uma mão para a outra enquanto o examinava.

— O senhor é muito seguro de si.

— Sou. — O ar de diversão na palavra fez com que ela imaginasse que rumo seus pensamentos tinham tomado. Ele esticou as mãos, colocando os pulsos próximos a ela.

— Vamos lá — disse ele. — Coloque-as.

Ryan hesitou apenas por um momento. Queria vê-lo fazer o truque — bem na frente dos seus olhos.

— Se não conseguir soltá-las — disse ela enquanto fechava as algemas —, vamos sentar e conversar sobre esses contratos. — Ela olhou para ele. Os olhos dela dançavam.

— Quando tiver assinado, poderemos mandar buscar um chaveiro.

— Acho que não precisaremos de um.

Pierce levantou as algemas, que pendiam abertas.

— Ah, mas agora... — Ela parou de falar e balançou a cabeça. — Não, foi rápido demais — ela insistiu, pegando-as dele novamente. Pierce gostou da maneira como sua expressão passou de surpresa para dúvida. Era precisamente o que ele tinha esperado dela. — Mandou fazê-las. — Ela estava virando as algemas, examinando de perto. — Deve haver um botão ou algo do tipo.

— Por que não experimenta? — ele sugeriu e colocou as algemas em seus pulsos antes que ela pudesse recusar. Pierce esperou para ver se ela ficaria com raiva. Ela riu.

— Eu me meti nessa. — Ryan fez uma careta bem-humorada para ele e se concentrou nas algemas. Ela torceu os pulsos. — Certamente, parecem bem verdadeiras. — Embora ela tentasse diferentes ângulos, o aço permanecia fechado. — Se houver um botão — murmurou ela —, teria que deslocar o pulso primeiro para alcançá-lo. — Ela esforçou-se mais uma vez e tentou escorregar as mãos pela abertura. — Tudo bem, você venceu — ela anunciou, desistindo. — São de verdade. — Ryan sorriu para ele. — Pode tirá-las?

— Talvez — murmurou ele, tomando seus pulsos nas mãos.

— É uma resposta de consolo — retrucou ela, mas eles dois sentiram a

pulsação dela dar um salto quando o polegar dele roçou seu pulso. Ele continuou a olhar para ela até ela sentir a mesma fraqueza extenuante que tinha sentido na noite anterior. — Acho — ela começou a dizer, com a voz rouca enquanto ela lutava para torná-la clara. — Acho melhor você... — A frase parou no meio quando os dedos dele seguiram a veia em seu pulso. — Não faça isso — disse ela, sem saber ao certo o que estava tentando recusar.

Sem nada dizer, Pierce levantou as mãos dela, passando-as por cima da cabeça dele, de modo que ela ficou comprimida ao seu corpo.

Ela não permitiria que isso acontecesse duas vezes. Dessa vez ela protestaria.

— Não.

Ryan relutou uma vez, em vão, mas os lábios dele já estavam sobre os dela. Dessa vez sua boca não estava tão paciente nem suas mãos tão imóveis. Pierce segurava o quadril dela enquanto sua língua forçava seus lábios a se abrirem. Ryan lutou com a impotência — a impotência que tinha mais a ver com suas próprias necessidades do que com as restrições em seus pulsos. Ele estava respondendo completamente. Sob a pressão dos lábios dele, os dela estavam famintos. Os dele estavam frios e firmes enquanto os dela estavam aquecidos e amolecidos. Ela o ouviu murmurar alguma coisa quando ele a puxou para mais perto. Feitiçaria, ela pensou meio desequilibrada. Ele a estava enfeitiçando, não havia outra explicação.

Mas foi um gemido de prazer, não de protesto, que saiu dela quando as mãos dele subiram até a parte lateral dos seios. Ele traçou lentos círculos de prazer antes de seus polegares escorregarem entre seus corpos para acariciar os mamilos. Ryan comprimiu-se mais, mordiscando o lábio inferior dele enquanto ansiava por mais. As mãos dele estavam nos cabelos dela, puxando sua cabeça para trás para que seus lábios tivessem controle total sobre os dela.

Talvez ele fosse feiticeiro. Sua boca era enfeitiçante. Ninguém mais a tinha feito desejar e arder apenas com um beijo.

Ryan queria tocá-lo, deixá-lo tão desesperadamente ávido quanto ela. Ela estava irritada com as limitações em seus pulsos e logo descobriu que suas mãos estavam livres. Seus dedos podiam acariciar o pescoço dele, tocar seus cabelos.

Depois, tão rápido quanto tinha sido capturada, ela foi solta. Pierce estava com as mãos em seus ombros, afastando-a.

Confusa, ainda ardendo, Ryan ficou olhando para ele.

— Por quê?

Pierce não respondeu por um momento. Distraidamente, acariciou seus ombros.

— Queria beijar a Srta. Swan. Ontem à noite beijei Ryan.

— Está sendo ridículo.

Ryan fez um movimento brusco para se afastar, mas as mãos dele tornaram-se repentinamente firmes.

— Não. A Srta. Swan usa *tailleurs* conservadores e se preocupa com contratos. Ryan usa seda e renda por baixo, e tem medo de tempestades. A combinação me fascina.

As palavras dele incomodaram-na o suficiente para tornar sua voz fria e aguda.

— Não estou aqui para fasciná-lo, Sr. Atkins.

— Isso ajuda a ambos, Srta. Swan.

Ele sorriu e depois beijou seus dedos. Ryan retirou a mão num movimento brusco.

— Está na hora de acertarmos nosso negócio de um jeito ou de outro.

— Tem razão, Srta. Swan. — Ela não gostou do tom de diversão nem do modo como ele enfatizou seu nome. Ryan descobriu que não se importava mais se ele assinasse os documentos que ela trouxera. Queria simplesmente libertar-se dele.

— Bem, então... — ela começou a dizer e curvou-se para pegar a maleta.

Pierce colocou a mão sobre a dela na alça. Os dedos dele se fecharam gentilmente.

— Estou disposto a assinar os contratos com alguns ajustes.

Ryan forçou-se a relaxar. Ajustes normalmente significavam dinheiro. Ela negociaria com ele e tudo estaria acabado.

— Terei prazer em discutir quaisquer alterações que possa querer.

— Está bem. Vou querer que trabalhe comigo diretamente. Quero que cuide da parte de Swan na produção.

— Eu? — Os dedos de Ryan apertaram a alça de novo.

— Não me envolvo na parte de produção. Meu pai...

— Não vou trabalhar com seu pai, Srta. Swan, nem com qualquer outro produtor. — Sua mão ainda estava suavemente fechada sobre a dela, com os contratos entre eles.

— Vou trabalhar com você.

— Sr. Atkins, aprecio...

— Precisarei de você em Vegas em duas semanas.

— Em Vegas? Por quê?

— Quero que assista às minhas apresentações de perto. Não há nada mais valioso para um ilusionista que um cínico. Vai me manter afiado. — Ele sorriu.

— É muito crítica. Gosto disso.

Ryan deu um suspiro. Ela pensava que crítica aborrecia, não atraía.

— Sr. Atkins, sou uma mulher de negócios, não uma produtora.

— Disse-me que era boa em detalhes — ele lembrou-lhe de forma amável.

— Se vou romper minha própria regra e me apresentar na televisão, quero alguém como você cuidando dos detalhes. Para ser mais específico — ele continuou —, quero *você* cuidando dos detalhes.

— Não está sendo prático, Sr. Atkins. Tenho certeza que seu agente concordaria. Há várias pessoas na Swan Produções mais qualificadas para produzir seu especial. Não tenho experiência nesta parte do negócio.

— Srta. Swan, quer que eu assine os contratos?

— Sim, claro, mas...

— Então faça as alterações — disse ele simplesmente. — E esteja no Caesar's Palace em duas semanas. Tenho uma semana de apresentações. — Ele se abaixou e pegou a gata nos braços. — Estarei ansioso para trabalhar com você.

Capítulo 4

Quando entrou no seu escritório na Swan Produções quatro horas depois, Ryan ainda estava furiosa. Ela concluiu que ele era muito audacioso. Ela o colocaria em primeiro lugar em termos de audácia. Ele achou que a tinha encurralado. Ele, realmente, achava que era o único grande talento que ela poderia contratar para a Swan Produções? Quanta presunção! Ryan largou a maleta em cima da mesa e afundou na cadeira. Pierce Atkins ia ter uma surpresa.

Recostando-se na cadeira, Ryan cruzou os braços e esperou até que estivesse suficientemente calma para pensar. Pierce não conhecia Bennett Swan. Swan gostava de administrar tudo do seu jeito. Os conselhos poderiam ser levados em consideração, discutidos, mas ele nunca seria influenciado numa decisão importante. Para falar a verdade, ela refletiu, ele muito provavelmente iria na direção contrária da que fosse forçado. Não apreciava que lhe dissessem quem ele deveria colocar a cargo de uma produção.

Principalmente, pensou Ryan pesarosa, quando essa pessoa era sua filha.

Haveria uma explosão quando ela contasse a seu pai sobre as condições de Pierce. Seu único arrependimento era que o mágico não estaria lá para sentir o impacto. Ryan encontraria outro grande artista para contratar, e Pierce poderia voltar a fazer garrafas de vinho desaparecer.

Ficou olhando para o espaço, refletindo. A última coisa que ela queria fazer era se preocupar com ensaios e horários de filmagem — e todos os milhares de outros pequenos detalhes envolvidos na produção de um show de uma hora —, para não mencionar toda a paranóia de ele ser transmitido ao vivo. O que ela sabia sobre lidar com problemas técnicos, regras de sindicato e montagem de set? Produzir era um trabalho complicado. Ela nunca teve desejo de experimentar essa parte do negócio. Estava bem satisfeita com a papelada e os detalhes de pré-produção.

Inclinou-se à frente mais uma vez, com os cotovelos sobre a mesa, e envolveu o queixo com as mãos. Como é idiotice, ela refletiu, mentir para si. E como seria gratificante conduzir um projeto do começo ao fim. Ela tinha idéias — tantas idéias que estavam sempre sendo rejeitadas por detalhes legais.

Sempre que tentara convencer seu pai a lhe dar uma chance no lado criativo, ela sempre encontrou um muro inflexível. Não tinha experiência; era jovem demais. Ele, convenientemente, se esquecia que ela participara do negócio toda a vida e completaria 27 anos no mês seguinte.

Um dos diretores mais talentosos do ramo tinha feito um filme para a Swan e conquistara cinco Oscars. *E ele tinha 26 anos!*, lembrou-se Ryan indignada.

Como Swan poderia saber se suas idéias eram preciosas ou um lixo se não as ouvia? Tudo que ela precisava era uma oportunidade.

Não, ela precisava admitir que nada lhe conviria melhor do que conduzir um projeto desde a assinatura do contrato até a festa de conclusão. Mas não esse. Dessa vez ela admitiria seu fracasso sem problemas e jogaria os contratos e Pierce Atkins de volta para o colo de seu pai. Havia brio suficiente dentro dela para reagir ao receber um ultimato.

Altere os contratos. Com um resfolegar de escárnio, Ryan abriu a maleta. Ele superestimou suas chances, pensou ela, e agora vai... Ela parou, lançando um olhar fixo para a pilha de documentos arrumados dentro da maleta. Sobre eles estava outra rosa de caule comprido.

— Mas como foi que ele...

A própria risada de Ryan a interrompeu. Ela recostou-se e girou a flor sob o nariz. Ele era esperto, ela pensou, inalando o aroma. Muito esperto. Mas que diabo era ele? O que fez com que agisse assim? Sentada no seu escritório organizado e feito sob medida para ela, Ryan decidiu o que ela mesma queria saber. Talvez valesse a pena uma explosão e um pouco de vista grossa para descobrir.

Havia poderes em um homem que falava baixinho e podia ter controle apenas com os olhos. Camadas, ela pensou. Quantas camadas ela teria que remover para chegar ao cerne dele? Seria arriscado, concluiu, mas... Balançando a cabeça, Ryan lembrou-se que, de qualquer modo, não ia conseguir a oportunidade para descobrir. Swan o contrataria segundo suas condições ou o esqueceria. Ela retirou os contratos e fechou a maleta. Pierce Atkins era problema de seu pai agora. Mesmo assim, ela continuou segurando a rosa.

A campainha do telefone lembrou-lhe que ela não tinha tempo para sonhar acordada.

— Sim, Barbara.

— O chefe quer vê-la.

Ryan fez uma careta para o aparelho de comunicação interna. Swan saberia que ela havia voltado no momento que ela passasse pelo segurança no portão.

— Já estou indo — ela concordou. Largou a rosa sobre a mesa e levou os contratos.

Bennett Swan fumava um charuto cubano caro. Gostava de coisas caras. Mais do que isso, ele gostava de saber que seu dinheiro podia comprá-las. Se havia dois ternos com o mesmo corte e o mesmo acabamento, Swan escolhia o termo com a etiqueta de preço mais alto. Era uma questão de orgulho.

Os prêmios em seu escritório também eram uma questão de orgulho. A

Swan Produções era Bennett Swan. Os Oscars e os Emmys provavam que ele era um sucesso. As pinturas e esculturas que seu corretor de arte o tinha aconselhado a comprar mostravam ao mundo que ele conhecia o valor do sucesso.

Ele amava a filha. Teria ficado chocado se alguém tivesse dito o contrário. Não havia dúvida em sua cabeça que ele era um excelente pai. Tinha sempre dado a Ryan tudo que seu dinheiro podia comprar: as melhores roupas, uma babá irlandesa quando sua mãe morreu, uma educação de alto custo, depois, um emprego confortável quando ela insistiu em trabalhar.

Tinha sido forçado a admitir que a menina estava mais inteirada do que ele esperara. Ryan possuía um cérebro afiado e um jeito especial de eliminar o supérfluo e chegar ao cerne de uma questão. Provou para ele que o dinheiro gasto na Suíça tinha sido bem utilizado. Não que ele se arrependesse de dar à filha a melhor educação. Swan esperava resultados.

Ele observou a fumaça formar uma espiral a partir da ponta do charuto. Ryan havia lhe retribuído. Ele gostava muito da filha.

Ryan bateu na porta e entrou quando ele a chamou. Observou-a cruzar o espaço amplo coberto com um tapete espesso até sua mesa. Uma menina bonita, ele pensou. Parece com a mãe.

— Queria me ver?

Ela esperou o sinal para se sentar. Swan não era um homem grande mas tinha compensado sua falta de tamanho com expansividade. O movimento amplo do braço dele indicou a ela que se sentasse. O rosto dele ainda era bonito, no modo vigoroso e natural que as mulheres achavam atraente. Tinha adquirido algum peso nos últimos cinco anos e perdido um pouco de cabelo. Essencialmente, no entanto, ele estava com a mesma aparência da lembrança mais antiga que Ryan tinha dele. Olhando para ele, ela sentiu a onda familiar de amor e frustração. Ryan conhecia bem demais os limites da afeição de seu pai por ela.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ela, notando que sua luta com a gripe não havia deixado nenhuma marca da enfermidade nele. Seu rosto tinha um tom vermelho saudável, seus olhos estavam claros.

Com outro gesto amplo, ele pôs a pergunta de lado. Swan era impaciente com doença, principalmente a sua própria. Não tinha tempo para ela.

— O que achou de Atkins? — perguntou ele no momento que Ryan se acomodou. Era uma das pequenas concessões feitas a ela, perguntar sua opinião sobre outra pessoa. Como sempre, Ryan pensou com cuidado antes de responder.

— Ele é um homem incomparável — ela começou a dizer num tom que teria feito Pierce sorrir. — Tem um talento extraordinário e uma personalidade muito forte. Não tenho certeza se um é a causa do outro.

— Excêntrico?

— Não, não no sentido que faça coisas para promover uma imagem excêntrica. — Ryan franziu as sobrancelhas ao pensar na casa dele, em seu estilo de vida. *Aparências*. — Acho que ele é um homem muito profundo e que vive exatamente como decide. Sua profissão é mais que uma carreira. Ele se dedica a ela como um artista se dedica à pintura.

Swan assentiu com a cabeça e soltou uma nuvem de fumaça cara.

— Ele é bilheteria quente.

Ryan sorriu e mexeu nos contratos.

— Sim, porque, provavelmente, é o melhor no que faz; além do mais, é dinâmico no palco e um pouco misterioso fora dele. Parece ter trancado a parte inicial da sua vida e jogado fora a chave. O público adora um enigma. Ele lhes dá um.

— E os contratos?

Aí vem, pensou Ryan, se preparando.

— Ele está disposto a assinar, mas com certas condições. Quer dizer, ele...

— Ele me falou de suas condições — interrompeu Swan.

O discurso preparado com cuidado por Ryan foi lançado aos ventos.

— Ele lhe contou?

— Telefonou algumas horas atrás. — Swan retirou o charuto da boca. O diamante no seu dedo disparou uma luz quando ele olhou para a filha. — Ele diz que você é cínica e dedicada aos detalhes. É o que ele alega querer.

— Simplesmente, não acredito que seus truques sejam nada mais que hábil encenação — disse Ryan, chateada por Pierce ter falado com Swan antes dela. Ela sentiu-se pouco à vontade, como se estivesse jogando xadrez novamente.

Ele já a tinha vencido uma vez. — Ele tem o hábito de incorporar sua mágica ao dia-a-dia. É eficaz, mas perturba numa reunião de negócios.

— Parece que insultá-lo resolveu o problema — comentou Swan.

— Não o insultei! — Ryan levantou-se com os contratos na mão. — Passei 24 horas naquela casa com aves falantes e gatos pretos e não o insultei. Fiz tudo que pude para colocar sua assinatura nesses contratos menos deixá-lo me serrar ao meio. — Ela largou os papéis na mesa do pai. — Há limites até onde irei para satisfazer os caprichos de um artista, não importando o quanto ele seja bom de bilheteria.

Swan uniu os dedos e a observou.

— Ele também disse que não se importava com o seu temperamento. Não gosta de sentir tédio.

Ryan conteve as próximas palavras que vieram à mente. Com cuidado, ela sentou-se novamente.

— Tudo bem, o senhor me contou o que ele lhe disse. O que o senhor disse a ele?

Swan demorou a responder. Era a primeira vez que alguém ligado aos negócios tinha feito referência ao temperamento de Ryan. Swan sabia disso e também sabia que ela o mantinha escrupulosamente sob controle no trabalho. Ele decidiu deixar passar.

— Disse-lhe que teríamos prazer em atendê-lo.

— O senhor... — Ryan engasgou com a palavra e tentou de novo. — O senhor concordou? Por quê?

— Nós o queremos. Ele quer você.

Sem explosão, ela pensou, nem um pouco confuso. Que feitiço Pierce tinha usado para conseguir isso? O que quer que tenha sido, disse ela a si mesma de modo sério, ela não estava sob o seu efeito. Levantou-se de novo.

— Posso opinar quanto a isso?

— Não enquanto trabalhar para mim. — Swan lançou um olhar vago para os contratos. — Você está louca para fazer algo desse tipo há alguns anos — ele lembrou-lhe.

— Estou lhe dando sua chance. E — ele então levantou os olhos e viu seu olhar — estarei observando-a de perto. Se você fizer besteira, eu a elimino.

— Não vou fazer besteira — ela retrucou, mal controlando uma nova onda de fúria. — Será o melhor especial que a Swan já produziu.

— Faça com que seja — ele alertou. — E não ultrapasse o orçamento. Cuide das alterações e envie os novos contratos para o agente dele. Quero que estejam assinados antes do final da semana.

— Estarão.

Ryan pegou os papéis antes de caminhar para a porta.

— Atkins disse que vocês dois trabalhariam bem juntos

— acrescentou Swan enquanto ela abria a porta. — Ele disse que estava nas cartas.

Ryan lançou um olhar furioso por cima do ombro antes de sair, batendo a porta com força ao passar.

Swan sorriu um pouco. Ela realmente se parecia com a mãe, ele pensou, e depois apertou um botão para chamar a secretária. Tinha outro compromisso.

Se havia uma coisa que Ryan detestava, era ser manipulada. Quando seu temperamento tinha se acalmado e ela estava de volta ao escritório, ocorreu-lhe com que habilidade Pierce e seu pai a haviam manobrado. Ela não se importava tanto com Swan — ele levou anos para descobrir que sugerir que ela talvez não fosse capaz de lidar com algo era a maneira certa de fazer com que ela cuidasse do assunto. Pierce era outro caso. Ele não a conhecia, ou não deveria. No

entanto, ele a manipulara, sutilmente, como um especialista, da mesma forma — "a mão é mais rápida que o olho" — que utilizou com os cilindros vazios. Tinha o que queria. Ryan rascunhou os novos contratos e ficou remoendo.

Ela havia ido além daquele pequeno ponto e tinha o que queria também. Decidiu olhar tudo de um novo ângulo. A Swan Produções teria Pierce para três especiais de horário nobre e ela, sua chance de produzir.

Ryan Swan, produtora executiva. Ela sorriu. Ela realmente gostava do som do título. Repetiu-o para si e sentiu o primeiro alvoroço de excitação. Pegou sua agenda, começou a calcular com que rapidez poderia finalizar os pequenos detalhes e dedicar-se à produção.

Ryan tinha trabalhado na papelada por uma hora quando o telefone a interrompeu.

— Ryan Swan — ela respondeu de modo apressado, apoiando o fone no ombro enquanto continuava a escrever.

— Srta. Swan, eu a interrompi.

Ninguém mais a chamava *de Srta. Swan* daquela maneira. Ryan parou a frase que estava escrevendo e a esqueceu.

— Tudo bem, Sr. Atkins. O que posso fazer pelo senhor?

Ele riu, aborrecendo-a instantaneamente.

— O que é tão engraçado?

— Tem uma maravilhosa voz de negócios, Srta. Swan

— disse ele com o traço de humor ainda presente. — Pensei, com o seu pendor para os detalhes, que gostaria de ter as datas quando precisarei dos seus serviços em Vegas.

— Os contratos ainda não estão assinados, Sr. Atkins

— disse ela, cautelosa.

— Estréio no dia 15 — ele disse, como se ela não tivesse falado. — Mas os ensaios começam no dia 12. Gostaria que participasse deles. — Ryan franziu as sobrancelhas, anotando as datas. Ela quase podia vê-lo sentado na biblioteca, segurando a gata no colo. — Encerro no dia 21. — Ela recordou que dia 21 era seu aniversário.

— Tudo bem. Podemos começar a esboçar a produção do especial na semana seguinte.

— Bom. — Pierce parou por um momento. — Será que poderia convidá-la para uma coisa, Srta. Swan?

— Poderia — disse Ryan com cautela. Pierce sorriu e coçou as orelhas de Circe.

— Tenho um compromisso em Los Angeles no dia 11. Viria comigo?

— No dia 11? — Ryan mudou o telefone de posição e virou as páginas do

seu calendário de mesa. — A que horas?

— Duas horas.

— Sim, tudo bem. — Ela anotou. — Onde devo encontrá-lo?

— Eu a pegarei... uma e meia.

— Uma e meia, Sr. Atkins. — Ela hesitou e pegou a rosa sobre a mesa. —

Obrigada pela rosa.

— De nada, Ryan.

Pierce desligou, depois ficou sentado por um momento perdido em pensamentos. Ele imaginou que Ryan estava segurando a rosa até agora. Ela sabia que sua pele era tão macia quanto pétalas? Seu rosto, bem na linha do maxilar — ele ainda podia sentir claramente sua textura na ponta de seus dedos. Ele os passou pelas costas da gata.

— O que você achou dela, Link?

O grandalhão continuou a colocar os livros de volta no lugar e não se virou.

— Ela tem uma risada agradável.

— É verdade. Eu também achei.

Pierce conseguia se lembrar do tom exatamente; tinha sido inesperada, um contraste forte com sua expressão séria do momento anterior. Tanto sua risada quanto sua paixão o haviam surpreendido. Ele se lembrou do modo como sua boca tinha se aquecido sob a dele. Ele não conseguira trabalhar de jeito nenhum aquela noite inteira, pensando nela lá em cima na cama apenas com um pequeno pedaço de seda a cobrindo.

Não gostava que atrapalhassem sua concentração, mas ele a estava trazendo de volta. O instinto, ele se lembrou. Ele ainda estava seguindo seu instinto.

— Ela disse que gostou da minha música — murmurou Link, ainda mexendo nos livros.

Pierce levantou os olhos, reunindo seus pensamentos. Sabia quanto Link era sensível em relação à sua música.

— Ela realmente gostou muito. Achou que a melodia que você deixou no piano era bonita.

Link balançou a cabeça afirmativamente, sabendo que Pierce não lhe diria nada que não fosse verdade.

— O senhor gosta dela, não é?

— Gosto — respondeu Pierce distraidamente enquanto acariciava a gata. — Creio que sim.

— Acho que quer fazer essa coisa da tevê.

— É um desafio — respondeu Pierce. Link se virou então.

— Pierce?

— *Humm?*

Ele hesitou em perguntar, com medo que ele já soubesse a resposta.

— Vai fazer a nova fuga em Las Vegas?

— Não. — Pierce franziu as sobrancelhas, e Link sentiu uma enchente de alívio. Pierce lembrou-se que estava tentando trabalhar nessa fuga em especial na noite em que Ryan ficou na sua casa no quarto do final do corredor onde estava o seu. — Não, não preparei tudo ainda. — O alívio de Link durou pouco. — Mas vou usá-la para o especial.

— Não gosto disso. — Saiu rapidamente, fazendo com que Pierce levantasse os olhos de novo. — Coisas de mais podem sair errado.

— Nada vai dar errado, Link. Só preciso de mais prática antes de usar no número.

— O tempo é muito curto — insistiu Link, agindo de forma atípica ao argumentar. — Poderia fazer algumas mudanças ou apenas adiá-la. Não gosto disso, Pierce — disse ele novamente, sabendo que era inútil.

Mas ele não estava pensando no mecanismo da sua fuga. Estava pensando em Ryan.

Capítulo 5

Ryan pegou-se observando o relógio. *Uma e quinze*. Os dias antes do dia 11 tinham passado rapidamente. Ela estivera até o pescoço com papelada, freqüentemente trabalhando dez horas por dia tentando esvaziar a mesa antes da viagem para Las Vegas. Queria o caminho livre e nada de problemas contratuais remanescentes na sua cabeça assim que começasse a trabalhar no especial. Compensaria a falta de experiência dedicando ao projeto todo o tempo e atenção.

Ainda tinha algo a provar — para si, para seu pai e, agora, para Pierce. Havia algo mais em Ryan Swan que contratos e cláusulas.

Sim, os dias tinham passado depressa, ela refletiu, mas esta última hora... *uma e dezessete*. Com um som de aborrecimento, Ryan retirou uma pasta do fichário e a abriu. Estava observando o relógio como se estivesse esperando um encontro e não um compromisso de negócios. Isso era ridículo. Mesmo assim, quando ouviu a batida, sua cabeça levantou rapidamente e ela esqueceu as páginas caprichosamente datilografadas na pasta. Afastando uma onda de expectativa, Ryan respondeu com calma.

— Sim, entre.

— Olá, Ryan.

Ela lutou com a decepção quando Ned Ross entrou na sala. Ele lhe lançou um sorriso reluzente.

— Olá, Ned.

Ned Ross — 32 anos, louro e atraente, com uma elegância californiana informal. Ele deixava o cabelo formar cachos livremente e usava calças caras de marca, com discretas camisas de seda. Nada de gravata, Ryan observou. Ia contra sua imagem, tal como o cheiro sutil da leve água-de-colônia combinava com ela. Ned conhecia os efeitos de seu charme, que ele usava objetivamente.

Ryan repreendeu-se sem muito entusiasmo por ser crítica e retribuiu o sorriso, embora o dela fosse muito mais frio.

Ned era o segundo assistente de seu pai. Por vários meses, até algumas semanas atrás, ele tinha sido a companhia constante de Ryan. Ele a levava para jantar, dera-lhe algumas aulas emocionantes de surfe, mostrou-lhe a beleza da praia ao pôr-do-sol e fez com que ela acreditasse que era a mulher mais atraente e desejável que ele já conhecera. Foi uma decepção dolorosa quando ela descobriu que ele estava mais interessado em conquistar a filha de Bennett Swan do que a própria Ryan.

— O chefe queria que eu verificasse com você como as coisas estão indo antes de partir para Vegas. — Ele sentou-se no canto da mesa, depois se inclinou

para dar-lhe um leve beijo. Ainda tinha planos para a filha do chefe. — E queria me despedir.

— Todo o meu trabalho está pronto — Ryan lhe disse, mexendo na pasta entre eles. Ainda era difícil acreditar que o rosto atraente e bronzeado e o sorriso amável escondiam um ambicioso mentiroso. — Eu mesma pretendia colocar o meu pai a par.

— Ele está ocupado — disse-lhe Ned calmamente e pegou a pasta para dar uma olhada. — Acabou de ir para Nova York. Algo numa filmagem externa que ele quer cuidar pessoalmente. Só voltará no fim da semana.

— Oh! — Ryan olhou para as mãos. Ele poderia ter reservado um instante para ligar para ela, pensou, depois suspirou. Quando ele tinha feito isso? E quando ela deixaria de esperar que ele o fizesse? — Bem, pode lhe dizer que cuidei de tudo. — Ela pegou a pasta de volta e colocou-a sobre a mesa novamente. — Tenho um relatório escrito.

— Sempre eficiente. — Ned sorriu para ela de novo mas não fez menção de ir embora. Sabia muito bem que tinha dado um passo em falso com Ryan e havia terreno perdido a recuperar. — Então, como se sente por tornar-se produtora?

— Estou ansiosa.

— Esse Atkins! — Ned continuou, ignorando a frieza. — Ele é um sujeito um pouco estranho, não é?

— Não o conheço suficientemente bem para dizer — disse Ryan de forma evasiva. Ela descobriu que não queria falar de Pierce com Ned. O dia que tinha passado com ele era algo pessoal. — Tenho um compromisso em alguns minutos, Ned — ela continuou, levantando-se. — Então, se você...

— Ryan. — Ned pegou as mãos dela nas suas como fazia habitualmente quando namoraram. O gesto sempre a fizera sorrir. — Senti muita saudade de você nessas últimas semanas.

— Temos nos visto várias vezes, Ned.

Ryan permitiu que suas mãos repousassem sem energia nas dele.

— Ryan, você sabe o que quero dizer. — Ele massageou os pulsos dela suavemente mas não sentiu nenhum aumento em sua pulsação. A voz dele ficou suave, persuasiva. — Você ainda está com raiva de mim por fazer aquela sugestão tola.

— Sobre usar minha influência com meu pai para que chefie a produção de O'Mara? — Ryan levantou uma das sobrancelhas. — Não, Ned — disse ela tranqüilamente. — Não estou com raiva de você. Ouvi dizer que Bishop ganhou o cargo — ela acrescentou, incapaz de resistir ao pequeno escárnio. — Espero que não esteja desapontado demais.

— Isso não é importante — respondeu ele, escondendo seu aborrecimento

com um encolher de ombros. — Deixe-me levá-la para jantar hoje à noite. — Ned puxou-a um pouquinho mais para perto, e Ryan não resistiu. Até onde, ela se perguntou, ele iria? — Aquele lugarzinho francês de que você gosta tanto. Poderíamos dar um passeio pela costa e conversar.

— Não lhe passa pela cabeça que eu posso ter um encontro?

A pergunta o impediu de abaixar sua boca até a dela. Não lhe ocorrera que ela estivesse se encontrando com alguém. Ele tinha certeza que ela ainda era louca por ele. Ele gastara muito tempo e esforço conduzindo-a neste rumo. Concluiu que ela queria ser persuadida.

— Cancele — ele murmurou, e beijou-a suavemente, sem notar que seus olhos permaneciam abertos e frios.

— Não.

Ele não tinha esperado uma recusa seca e sem emoção. Sabia por experiência que as emoções de Ryan eram facilmente manipuláveis. Estava disposto a desapontar uma diretora-assistente muito amiga para estar com Ryan de novo. Desprevenido, ele levantou a cabeça para olhar para ela.

— Vamos, Ryan, não seja...

— Desculpe-me.

Ela estava corada e furiosa por ter sido pega numa situação constrangedora em seu próprio escritório. Por que ela não tinha dito a Ned para fechar a porta quando entrou?

— Ned, este é Pierce Atkins. Ned Ross é assistente do meu pai.

— Sr. Ross.

Pierce entrou na sala mas não estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Atkins. — Ned exibiu um sorriso. — Sou um grande fã.

— É?

Pierce lançou-lhe um sorriso educado que fez com que Ned se sentisse como se tivesse sido jogado numa sala muito fria e muito escura. Os olhos dele vacilaram, e então ele se virou novamente para Ryan.

— Divirta-se em Las Vegas, Ryan. — Ele já estava a caminho da porta. — Foi bom tê-lo conhecido, Sr. Atkins.

Ryan observou a retirada apressada de Ned com as sobrancelhas franzidas. Ele, certamente, tinha perdido o estilo despreocupado que era sua característica.

— O que fez com ele? — perguntou ela quando a porta se fechou.

Pierce levantou uma das sobrancelhas ao caminhar até ela.

— O que acha que fiz?

— Não sei — murmurou Ryan. — Mas, o que tenha feito com ele, jamais faça comigo.

— Suas mãos estão frias, Ryan. — Ele tomou-as nas dele. — Por que não lhe disse simplesmente para ir embora?

Ele a irritava quando a chamava de Ryan. Ele a irritava quando a chamava de Srta. Swan no tom ligeiramente zombeteiro que usava. Ryan olhou para suas mãos unidas.

— Eu disse, quer dizer, eu ia... — Ela se conteve, surpresa por estar gaguejando uma explicação. — É melhor irmos se quiser chegar ao compromisso, Sr. Atkins.

— Srta. Swan. — Os olhos de Pierce estavam cheios de humor quando ele levou as mãos dela aos lábios. Elas não estavam mais frias. — Senti falta desse rosto sério e desse tom profissional. — Deixando-a sem palavras, Pierce tomou seu braço e conduziu-a para fora da sala.

Assim que se acomodaram no carro dele e entraram no fluxo do tráfego, Ryan tentou estabelecer uma conversa informal. Se eles iam trabalhar juntos, ela devia estabelecer o relacionamento correto e depressa. *Peão da rainha na casa 2 do bispo*, ela pensou, lembrando-se do jogo de xadrez.

— Que tipo de compromisso tem esta tarde?

Pierce parou no sinal vermelho e olhou rapidamente para ela. Os olhos dele encontraram-se com os dela com uma intensidade breve, porém firme.

— Um compromisso é um compromisso — disse ele de forma enigmática. — Você não gosta do assistente do seu pai.

Ryan enrijeceu. Ele atacou, ela defendeu.

— Ele é bom no seu trabalho.

— Por que mentiu para ele? — perguntou Pierce em tom suave quando o sinal abriu. — Poderia ter lhe dito que não queria jantar com ele em vez de fingir que tinha um encontro.

— O que o faz pensar que estava fingindo? — perguntou Ryan de modo impulsivo, com o orgulho ferido na voz.

Pierce engatou a segunda para entrar numa curva.

— Simplesmente me perguntei por que você achava que tinha de fazê-lo.

Ryan não se importava com sua tranqüilidade.

— É assunto meu, Sr. Atkins.

— Acha que poderia deixar de lado o "Sr. Atkins" esta tarde?

Pierce entrou num pátio e estacionou o carro numa vaga. Depois, virando a cabeça, sorriu para ela. Ele ficava, Ryan concluiu, charmoso demais quando sorria daquele jeito.

— Talvez — concordou ela quando seus lábios se curvaram para responder.

— Esta tarde. Pierce é seu nome de verdade?

— Pelo que sei.

Dito isso, ele saiu do carro. Quando Ryan saiu pelo seu lado, ela notou que eles estavam no estacionamento do Hospital Geral de Los Angeles.

— O que estamos fazendo aqui?

— Tenho uma exibição a fazer. — Pierce tirou do porta-malas uma maleta preta, não muito diferente da que talvez usasse um médico. — Instrumentos de trabalho — ele disse a Ryan enquanto ela fazia um exame curioso do objeto. — Nem seringa nem bisturi — ele prometeu, e estendeu a mão para ela. Os olhos dele estavam sobre os dela, pacientes enquanto ela hesitava. Ryan aceitou sua mão, e juntos passaram pela porta lateral.

Onde quer que Ryan tivesse esperado passar a tarde, não tinha sido na pediatria do Hospital Geral de Los Angeles. O que tivesse esperado de Pierce Atkins, não tinha sido uma confraternização com crianças. Após os primeiros cinco minutos, Ryan viu que ele lhes dava mais que uma exibição e um monte de truques. Ele se dava.

Ora, ele é um homem bonito, ela percebeu um tanto surpresa. Ele se exhibe em Vegas por 35 dólares por cabeça, lota o Convent Garden, mas vem aqui para divertir um grupo de crianças. Não havia repórteres para observar seu trabalho humanitário e noticiá-lo nas colunas do dia seguinte. Ele estava dedicando seu tempo e seu talento simplesmente para fazer crianças felizes. Ou talvez, de forma mais precisa, ela pensou, para aliviar a infelicidade delas.

Esse foi o momento, embora ela não o tenha percebido, quando Ryan se apaixonou.

Ela observou quando ele passou uma bola pelos dedos num movimento contínuo. Ryan estava tão fascinada quanto as crianças. Com um rápido movimento da mão, a bola desaparecia e era retirada da orelha de um menino, que gritava encantado.

Seus ilusionismos não eram sofisticados, pequenos truques vistosos que um amador poderia ter feito. A pediatria estava um alvoroço, com gritos sufocados, risadinhas e aplausos. Obviamente, significava mais para Pierce que a aprovação estrondosa que ouvia no palco após um complicado truque de mágica. Suas raízes estavam ali, entre as crianças. Ele nunca tinha esquecido disso. Lembrava-se muito bem do cheiro anti-séptico e floral de um quarto de doente e do confinamento de um leito de hospital. O tédio, ele pensou, poderia ser a doença mais debilitante ali.

— Vocês notarão que trouxe comigo uma linda assistente — Pierce ressaltou. Ryan levou um momento para perceber que ele estava falando dela. Os olhos dela se arregalaram de surpresa, mas ele apenas sorriu. — Nenhum mágico viaja sem uma. Ryan.

Ele esticou a mão, com a palma para cima. Entre risos e aplausos, ela não

teve escolha a não ser juntar-se a ele.

— O que está fazendo? — perguntou ela num rápido sussurro.

— Tornando-a uma estrela — disse ele tranqüilamente antes de se virar de novo para a platéia de crianças nos leitos e nas cadeiras de roda. — Ryan vai lhes contar que mantém seu lindo sorriso bebendo três copos de leite todo dia. Não é verdade, Ryan?

— Ah... sim. — Ela olhou em volta para os rostos em expectativa. — Sim, é verdade.

O que ele está fazendo? Ela nunca tinha tido tantos olhos grandes e curiosos sobre ela de uma vez.

— Tenho certeza que todos aqui sabem da importância de beber leite.

A resposta veio por meio de concordâncias sem entusiasmo e alguns gemidos abafados. Pierce parecia surpreso quando enfiou a mão na maleta preta e retirou um copo já pela metade com um líquido branco. Ninguém questionou por que ele não tinha derramado.

— Vocês todos bebem leite, não bebem? — Houve risadas dessa vez, juntamente com mais gemidos. Balançando a cabeça, Pierce retirou um jornal e começou a formar um funil com ele. — Isso é um negócio muito complicado. Não sei se consigo fazer isso, a não ser que todo mundo prometa beber leite hoje à noite.

Imediatamente surgiu um coro de promessas. Ryan viu que ele era tanto o Flautista de Hamelin quanto mágico, tanto psicólogo quanto artista. Talvez fosse tudo mesmo. Ela notou que Pierce a estava observando com uma das sobranceiras levantadas.

— Ah, eu prometo — disse ela de forma agradável, e sorriu. Ela estava tão fascinada quanto as crianças.

— Vamos ver o que acontece — ele sugeriu. — Você acha que pode colocar o leite daquele copo aqui? — ele perguntou a Ryan, passando-lhe o copo. — Devagar — ele alertou, piscando para a platéia. — Não queremos derramar. É leite mágico, vocês sabem. O único tipo que os mágicos bebem.

Pierce pegou a mão dela e guiou-a, segurando a parte superior do funil logo acima do nível dos olhos. A mão dele estava quente e firme. Pairava em volta dele um aroma que ela não conseguia identificar. Era do campo, da floresta. Não era pinheiro, concluiu, mas algo mais escuro, mais profundo, mais próximo da terra. Sua reação a ele foi inesperada e indesejada. Ela tentou se concentrar em segurar o copo diretamente acima da abertura do funil. Algumas gotas de leite pingaram pelo fundo.

— Onde você compra leite mágico? — uma das crianças quis saber.

— Ah, não se pode comprar — disse Pierce com ar circunspecto. — Tenho

que levantar muito cedo e jogar um feitiço numa vaca. Aí, agora, está bom. — Suavemente, Pierce jogou o copo vazio de volta na maleta. — Agora, se tudo saiu bem... — Ele parou e olhou dentro do funil com as sobrancelhas franzidas. — Era o meu leite, Ryan — disse ele com uma ponta de censura. — Poderia ter tomado o seu depois.

Quando ela abriu a boca para falar, ele abriu o funil. Automaticamente, ela ofegou e recuou para não se molhar. Mas o funil estava vazio. As crianças gritaram encantadas enquanto ela olhava surpresa para ele.

— Ela ainda é bonita — disse ele à platéia enquanto beijava a mão de Ryan. — Mesmo sendo gulosa.

— Eu mesma verti o leite — declarou ela mais tarde enquanto eles percorriam o hospital do corredor até o elevador. — Estava pingando pelo jornal. Eu vi.

Pierce conduziu-a para o elevador.

— Como as coisas parecem e como as coisas são. Fascinante, não é, Ryan?

Ela sentiu o elevador iniciar sua descida e ficou em silêncio por um momento.

— Você não é completamente o que parece, é?

— Não. Quem é?

— Você fez mais por aquelas crianças em uma hora que uma dúzia de médicos poderiam ter feito. — Ele olhou para ela enquanto ela continuava. — E acho que não é a primeira vez que fez esse tipo de coisa.

— Não.

— Por quê?

— É um inferno ficar em hospital quando se é criança — disse ele simplesmente. Foi toda a resposta que lhe daria.

— Elas não acharam isso hoje.

Pierce tomou sua mão na dele novamente quando eles chegaram ao primeiro nível.

— Não existe platéia mais difícil que crianças. Elas são muito práticas.

Ryan teve que rir.

— Suponho que tenha razão. Que adulto teria pensado em lhe perguntar onde você compra seu leite mágico? — Ela disparou um olhar para Pierce. — Achei que se saiu muito bem dessa.

— Ganhei um pouco de prática — ele lhe disse. — As crianças mantêm você de prontidão. Os adultos são mais facilmente distraídos por um ruído ou clarão. — Ele sorriu para ela. — Até mesmo você. Embora me observe com olhos verdes muito intrigantes.

Ryan olhou para o outro lado do estacionamento quando eles saíram.

Quando ele olhou para ela, não foi fácil se concentrar em outra coisa que não fosse ele, quando ele falou.

— Pierce, por que me convidou para vir com você hoje?

— Queria sua companhia.

Ryan virou-se novamente para ele.

— Acho que não entendo.

— Tem que entender? — perguntou ele. Na luz do sol seu cabelo tinha a cor do trigo. Pierce correu os dedos por ele, depois envolveu seu rosto com as mãos como tinha feito naquela primeira noite. — Sempre?

O coração de Ryan bateu na garganta.

— Sim, acho...

Mas a boca dele já estava sobre a dela, e ela não pôde mais pensar. Foi exatamente como da primeira vez. O beijo suave retirou tudo dela. Ela sentiu um desejo quente e palpitante passar pelo seu corpo quando os dedos dele roçaram sua têmpora e se deslocaram para logo abaixo do coração. As pessoas passaram perto deles, mas ela não soube. Havia sombras, fantasmas. As únicas coisas de substância eram a boca e as mãos de Pierce.

Foi o vento que ela sentiu ou os dedos dele deslizando sobre sua pele? Ele murmurou alguma coisa ou tinha sido ela?

Pierce a afastou. Os olhos de Ryan estavam anuviados. Eles começaram a desanuviar e a se concentrar como se ela estivesse saindo de um sonho. Ele não estava pronto para o término do sonho. Trazendo-a de volta, ele tomou seus lábios de novo e provou seu sabor escuro e misterioso.

Teve de lutar com o desejo de esmagá-la contra seu corpo, atacar sua boca quente e desejável. Ela era feita para o toque suave. O desejo o puxou violentamente, e ele o reprimiu. Houve momentos em que ficou trancado numa caixa escura e sem ar e que teve de afastar a necessidade de correr, o ímpeto de abrir caminho à força. Agora ele quase sentiu o mesmo pânico. *O que ela estava fazendo com ele?* A pergunta percorreu sua mente mesmo quando ele a observou mais de perto. Pierce sabia apenas que a queria, com um desespero que não tinha pensado ser capaz.

Havia seda junto à sua pele de novo? Seda fina e frágil com o aroma da fragrância que ela usava? Ele queria fazer amor com ela à luz de vela ou num campo com o sol derramando-se sobre ela. Meu Deus, como ele a queria.

— Ryan, quero estar com você. — As palavras foram sussurradas dentro da boca de Ryan, e a fizeram tremer.

— Preciso estar com você. Venha comigo agora. — Com as mãos, ele inclinou a cabeça dela para outro ângulo e beijou-a de novo. — Agora, Ryan. Deixe-me amá-la.

— Pierce. — Ela estava afundando e lutando para encontrar chão firme. Ela apoiou-se nele mesmo quando balançou a cabeça. — Eu não conheço você.

Pierce controlou um violento desejo repentino de arrastá-la para o seu carro, levá-la de volta para a casa dele. Para sua cama.

— Não. — Ele disse isso tanto para si mesmo quanto para Ryan. Afastando-a, segurou-a pelos ombros e a examinou.

— Não, não conhece. E a Srta. Swan precisaria conhecer.

— Ele não gostava do bater errático do seu coração. Calma e controle eram partes íntimas do seu trabalho e, portanto, dele. — Quando me conhecer — ele lhe disse baixinho —, seremos amantes.

— Não. — A objeção de Ryan ocorreu por causa do seu tom sem emoção, não pela declaração. — Não, Pierce, não seremos amantes a menos que seja o que quero. Faço acordos em contratos, não na minha vida pessoal.

Pierce sorriu, mais relaxado com a recusa dela do que teria ficado com a maleabilidade. Ele suspeitava de qualquer coisa fácil demais.

— Srta. Swan — murmurou ele ao tomar seu braço. — Já vimos as cartas.

Capítulo 6

Ryan chegou a Las Vegas sozinha. Tinha insistido nisso. Assim que seus nervos haviam se acalmado e ela fora capaz de pensar de modo prático, ela decidiu que não seria prudente ter muito contato pessoal com Pierce. Quando um homem conseguia fazê-la esquecer do mundo em volta com um beijo, era preciso manter distância. Essa era a nova regra de Ryan Swan.

Pela maior parte da sua vida, ela havia sido totalmente dominada pelo pai. Não conseguira fazer nada sem sua aprovação. Ele pode não ter lhe dado seu tempo, mas sempre dera sua opinião. E sua opinião era lei.

Foi só na casa dos vinte e poucos anos que Ryan começou a explorar seus próprios talentos, sua própria independência. O gosto de liberdade tinha sido muito doce. Ela não ia se permitir ser dominada de novo, certamente não por necessidades físicas. Sabia, por experiência, que os homens não eram muito confiáveis. Por que Pierce Atkins seria diferente?

Após pagar o táxi, Ryan olhou em volta por um momento. Era sua primeira viagem a Vegas. Mesmo às dez da manhã, era surpreendente. A Sunset Strip se estendia bastante nas duas direções, e ao longo dela estavam nomes como The Dunes, The Sahara, The MGM. Os hotéis competiam por atenção com chafarizes, sofisticados letreiros luminosos e flores fabulosas.

Os outdoors anunciavam nomes famosos, em letras enormes. Estrelas, estrelas, estrelas! As mulheres mais bonitas do mundo, os artistas mais talentosos, os mais coloridos, os mais exóticos — estavam todos ali. Tudo estava junto; um parque de diversões para adultos cercado pelo deserto e rodeado de montanhas. O sol da manhã assava as ruas; à noite os letreiros luminosos as iluminavam.

Ryan se virou e olhou para o Caesar's Palace. Era enorme, branco e opulento. Acima de sua cabeça, em letras garrafais, estava o nome de Pierce e as datas de suas apresentações. Que tipo de sentimento dava a um homem como ele, ela imaginou, ver seu nome anunciado de forma tão visível?

Ela pegou as malas e tomou a esteira rolante que a transportaria pela fonte reluzente e pelas estátuas italianas. Na manhã tranqüila, ela podia ouvir a água jorrar e chapinhar. Ela imaginou que à noite as ruas seriam barulhentas, cheias de carros e gente.

No momento em que entrou no saguão do hotel, Ryan ouviu o barulho de metal dos caça-níqueis girando. Teve de conter um desejo de entrar no cassino para dar uma olhada em vez de ir para o balcão da recepção.

— Ryan Swan. — Ela largou as malas no chão, perto do longo balcão. —

Tenho uma reserva.

— Sim, Srta. Swan. — O funcionário da recepção sorriu exultante para ela sem verificar os arquivos. — O carregador levará suas malas. — Ele fez um sinal e entregou a chave para o carregador. — Aproveite sua estada, Srta. Swan. Por favor, nos avise se houver algo que podemos fazer pela senhorita.

— Obrigada.

Ryan aceitou a deferência do funcionário sem pensar. Quando as pessoas sabiam que ela era filha de Bennett Swan, eles a tratavam como um dignitário em visita. Não era nada novo, apenas um pouco constrangedor.

O elevador levou-a até o último andar com o carregador mantendo um silêncio respeitoso. Ele foi à frente no corredor, destrancou a porta e se afastou para deixá-la entrar.

A primeira surpresa de Ryan foi que não era um quarto, mas uma suíte. A segunda foi que já estava ocupada. Pierce estava sentado no sofá trabalhando com documentos que tinha espalhado sobre a mesa diante dele.

— Ryan. — Ele se levantou e foi até o carregador entregar-lhe uma nota. — Obrigado.

— *Eu* é que agradeço, Sr. Atkins. Ryan esperou a porta fechar.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Tenho um ensaio programado para esta tarde — ele lembrou-lhe. — Como foi o vôo?

— Foi bom — ela respondeu, aborrecida com a evasiva dele e com as suspeitas em sua mente.

— Quer que eu pegue um drinque?

— Não, obrigada. — Ela olhou em volta do quarto bem mobiliado, olhou de relance pela janela e fez um gesto amplo. — O que é isso?

Pierce levantou uma das sobrancelhas diante do seu tom mas respondeu suavemente.

— Nossa suíte.

— Ah, não — disse ela balançando a cabeça. — **Sua** suíte.

Ela pegou as malas e rumou para a porta.

— Ryan.

Foi o tom calmo da sua voz que a deteve — e que desencadeou seu mau gênio.

— Que truquezinho sujo! — Ryan largou as malas fazendo um grande barulho e virou-se para ele. — Realmente achou que eu poderia trocar minha reserva e... e...

— E o quê? — perguntou ele.

Ela fez um gesto em volta do quarto novamente.

— E me colocar aqui com você sem que eu ao menos murmurasse? Realmente achou que eu cairia confortavelmente na sua cama porque você a preparou tão bem? Como *ousa*? Como ousa mentir para mim sobre precisar que eu o assistisse fazer o número quando tudo o que queria era que eu mantivesse sua cama aquecida?

A voz dela tinha mudado de pequena acusação para grande fúria antes de Pierce agarrar seu pulso. A força em seus dedos fez com que ela ofegasse de surpresa e choque.

— Eu não minto — disse Pierce suavemente, mas seus olhos estavam mais escuros do que ela já vira. — E não preciso de truques para encontrar uma mulher para a minha cama.

Ela não tentou se livrar. O instinto alertou-a para não fazer isso, mas ela não conseguiu controlar seu temperamento.

— Então, o que você chama isso? — perguntou ela de novo.

— Uma conveniência. — Ele sentiu a pulsação dela disparar sob seus dedos. A raiva tornou a voz dele perigosamente fria. Ele falou com determinação tranqüila, mas não afrouxou o aperto no pulso. — Não pretendo correr ao seu quarto toda vez que tiver algo a lhe dizer. Estou aqui para trabalhar — ele lembrou-lhe. — E você também.

— Devia ter me consultado.

— Não fiz isso — retrucou ele friamente. — E não durmo com uma mulher sem que ela queira, Srta. Swan.

— Não gosto que mude as coisas sem me consultar primeiro.

Ryan permaneceu firme, embora seus joelhos estivessem ameaçando tremer. A fúria dele ficou ainda mais apavorante ao ser contida.

— Eu alertei você antes. Faça as coisas do meu modo. Se estiver nervosa, tranque a porta.

O escárnio tornou a voz dela estridente.

— Funcionaria muito com você. Uma fechadura sequer o manteria do lado de fora.

Os dedos dele se apertaram no seu pulso rapidamente, dolorosamente, antes de ele afastá-lo para o lado.

— Talvez não. — Pierce abriu a porta. — Mas um simples *não* manteria.

Ele se foi antes que Ryan pudesse dizer qualquer coisa. Ela encostou-se na porta enquanto os calafrios percorreram seu corpo. Até aquele momento, ela não tinha percebido o quanto estava apavorada. Estava acostumada a lidar com as explosões de mau gênio histriônicas ou os silêncios amuados de seu pai. Mas isso...

Havia uma violência gélida nos olhos de Pierce. Ryan preferia ter

enfrentado os gritos de fúria de qualquer homem do que o olhar que poderia congelá-la.

Sem saber que fizera isso, Ryan esfregou o pulso. Pulsava de leve em cada local que os dedos de Pierce tinham apertado. Ela estava certa quando disse que não o conhecia. Havia mais coisa nele do que ela podia imaginar. Tendo removido uma camada, ela não tinha certeza completa de que conseguia lidar com o que havia descoberto. Por mais um instante ela ficou encostada na porta, esperando o tremor parar.

Olhou em volta. Finalmente, concluiu que talvez estivesse errada em ter tido uma reação tão forte a uma inofensiva situação de negócios. Dividir uma suíte era essencialmente a mesma coisa que ter quartos adjacentes. Se tivesse sido o caso, ela não teria achado nada de mais.

Mas ele também estava errado, ela lembrou-se. Poderiam ter chegado a um acordo fácil sobre a suíte se ele tivesse falado com ela primeiro. Ela prometera a si mesma quando deixou a Suíça que não seria mais controlada.

E as palavras de Pierce deixaram-na preocupada. *Ele não dormia com uma mulher sem que ela assim o quisesse.* Ryan estava bem consciente que eles dois sabiam que ela o queria.

Um simples *não* o manteria afastado. Sim, ela refletiu enquanto pegou as malas. Com isso, ela podia contar. Ele nunca se importaria com nenhuma mulher — muito simplesmente, ele não precisaria. Ela imaginava quanto tempo levaria até que ela se esquecesse de dizer não.

Ryan balançou a cabeça. O projeto era tão importante para Pierce quanto para ela. Não inteligente começar discutindo sobre onde dormir ou se preocupando com possibilidades remotas. Ela se conhecia. Foi desfazer as malas.

Quando Ryan desceu até o teatro, o ensaio já estava em andamento. Pierce permanecia no centro do palco. Havia uma mulher com ele. Embora ela estivesse usando apenas jeans e um moletom grande, Ryan reconheceu a ruiva escultural que era assistente de Pierce. Nos vídeos, Ryan se lembrou, ela usava pequenos trajes reluzentes ou vestidos muito leves. *Nenhum mágico viaja sem uma assistente bonita.*

Calma, Ryan, ela alertou-se. Não é da sua conta. Devagar, ela desceu e sentou-se no meio da platéia. Pierce não olhou na sua direção. Sem ter consciência do que fazia, Ryan começou a pensar em ângulos de câmera e cenários.

Cinco câmeras, ela pensou, e nada vistoso demais como fundo. Nada reluzente para não tirar a atenção dele. Alguma coisa escura, ela decidiu. Algo para acentuar a imagem de mago ou de bruxo e não de um homem de espetáculo.

Foi uma grande surpresa para ela quando a assistente de Pierce inclinou-se lentamente para trás até ficar deitada na horizontal em pleno ar. Ryan parou de planejar e observou. Ela não usava a voz, apenas gestos — gestos amplos e majestosos que traziam à mente mantos e luz de vela. A mulher começou a girar, devagar a princípio e depois com maior velocidade.

Ryan tinha visto o truque no vídeo, mas vê-lo ao vivo era uma experiência totalmente diferente. Não havia acessórios para desviar a atenção dos dois no centro do palco, nem roupa, música ou luzes brilhantes para aumentar o clima. Ryan descobriu que estava prendendo a respiração e forçou-se a soltá-la. Os cachos ruivos da mulher tremulavam enquanto ela girava. Seus olhos estavam fechados, seu rosto, completamente tranqüilo, enquanto suas mãos estavam colocadas, elegantemente, na cintura. Ryan assistiu de perto, procurando fios, truques. Frustrada, inclinou-se à frente.

Não conseguiu impedir um pequeno grito de admiração quando a mulher começou a rolar enquanto continuava a girar. A expressão calma no seu rosto permanecia inalterada, como se ela dormisse em vez de rodopiar e girar um metro acima do solo. Com um gesto, Pierce interrompeu o movimento, trazendo-a para a vertical de novo, devagar, até seus pés tocarem o chão. Quando ele passou a mão na frente do rosto dela, ela abriu os olhos e sorriu.

— Como foi?

Ryan quase sacolejou diante das palavras batidas que saltaram alegremente das paredes do teatro.

— Bom — disse Pierce simplesmente. — Será melhor com a música. Quero luzes vermelhas, algo quente. Comece suave e então aumente com a velocidade. — Ele deu essas ordens ao diretor de iluminação antes de se virar novamente para a assistente. — Treinaremos mais o tele-transporte.

Por uma hora Ryan assistiu fascinada, frustrada e, inegavelmente, entretida. O que lhe parecia impecável, Pierce repetiu várias vezes. Com cada ilusão, ele tinha suas próprias idéias dos efeitos técnicos que queria. Ryan podia ver que sua criatividade não se restringia à mágica. Ele sabia como usar a iluminação e o som para realçar, acentuar, enfatizar.

Um perfeccionista, Ryan observou. Ele trabalhava tranqüilamente, sem a dinâmica que exibia numa apresentação. Nem havia nele a desenvoltura desleixada que ela havia visto quanto ele divertiu as crianças. Ele estava trabalhando. Era um fato puro e simples. Um mago, talvez, ela refletiu, com um sorriso, mas que conquista sua posição com longas horas de trabalho e repetição. Quanto mais ela assistia, mais respeito sentia.

Ryan imaginara como seria trabalhar com ele. Agora ela via. Ele era implacável, incansável e tão fanático com os detalhes como ela própria. Eles iam

discutir, ela previu, e começou a esperar ansiosamente por isso. Ia ser um espetáculo e tanto.

— Ryan, suba, por favor.

Ela ficou surpresa quando ele a chamou. Ryan teria jurado que ele não sabia que ela estava no teatro. De forma fatalista, ela se levantou. Estava começando a parecer que não havia nada que ele não sabia. Quando Ryan adiantou-se, Pierce disse alguma coisa para a assistente. Ela deu uma breve e vigorosa risada e beijou-o no rosto.

— Pelo menos consigo ficar inteira nesse número — ela lhe disse, depois se virou para sorrir para Ryan enquanto ela subia ao palco.

— Ryan Swan — disse Pierce. — Bess Frye.

De perto Ryan viu que a mulher não era uma beldade. Suas feições eram grandes demais para uma beleza clássica. Seu cabelo era de um vermelho brilhante e caía em cachos em volta do rosto de ossos largos. Os olhos dela eram quase redondos e vários tons mais escuros que os olhos verdes de Ryan. Sua maquiagem era tão exótica quanto pareciam informais suas roupas, e ela era quase da altura de Pierce.

— Olá! — Houve uma explosão de simpatia na única palavra. Bess estendeu o braço para dar um entusiástico aperto de mão em Ryan. Era difícil acreditar que a mulher, sólida como uma sequóia, tinha girado um metro acima do palco. — Pierce me contou tudo sobre você.

— Oh?

Ryan olhou para ele.

— Ah, sim. — Ela repousou um dos cotovelos sobre seu ombro enquanto falava com Ryan. — Pierce acha você muito esperta. Gosta do tipo inteligente, mas não disse que era tão bonita. Por que não me disse que ela era tão bonita, querido?

Ryan não levou muito tempo para descobrir que Bess geralmente falava com trechos longos e explosivos.

— E me acusou de ver uma mulher apenas como um acessório de palco?

Ele enfiou as mãos nos bolsos. Bess deu outra risada vigorosa.

— Ele é esperto também — ela confidenciou a Ryan, dando um apertão em Pierce. — Vai ser a produtora desse especial?

— Vou. — Um pouco atordoada pela excessiva simpatia, Ryan sorriu. — Vou sim.

— Bom. Estava na hora de ter uma mulher coordenando as coisas. Sou cercada de homens nesse trabalho, querida. Apenas uma mulher na trupe. Vamos tomar um drinque em breve e nos conhecermos.

Posso lhe pagar uma bebida, querida?, Ryan se lembrou. Seu sorriso se

ampliou.

— Gostaria muito.

— Bem, vou ver o que Link está tramando antes que o chefe decida me mandar de volta ao trabalho. Vejo você depois.

Bess desceu do palco — 1,80m de puro entusiasmo. Ryan observou-a o tempo todo.

— Ela é maravilhosa — murmurou Ryan.

— Sempre achei isso.

— Ela parecia tão fria e reservada no palco. — Ryan sorriu para Pierce. — Está com você há muito tempo?

— Está.

O calor que Bess trouxera estava rapidamente desaparecendo. Ryan limpou a garganta e começou de novo.

— O ensaio foi muito bom. Teremos que discutir quais ilusões pretende incorporar ao especial e quais as novas que pretende desenvolver.

— Tudo bem.

— Terá que haver alguns ajustes, naturalmente, para a televisão — ela continuou, tentando ignorar as respostas monossilábicas dele. — Mas, basicamente, imagino que deseja uma versão condensada do seu número em clubes.

— Exatamente.

Em pouco tempo Ryan tinha conhecido Pierce. Veio a descobrir que ele possuía uma simpatia e um humor naturais. Agora ele estava olhando para ela com olhos precavidos, obviamente impaciente para que ela fosse embora. O pedido de desculpas que ela tinha planejado não pôde ser feito.

— Tenho certeza de que está ocupado — disse ela de modo resolutivo e se virou. Doía, ela descobriu, ser excluída. Ele não tinha direito de magoá-la. Ryan saiu do palco sem olhar para trás.

Pierce observou-a até as portas no fundo do teatro se fecharem depois de ela passar. Com os olhos fixos na porta, ele comprimiu a bola que segurava na mão até ela ficar achatada. Tinha dedos muito fortes, suficientemente fortes para ter quebrado os ossos do pulso dela em vez de simplesmente machucá-los.

Ele não tinha gostado de ver os hematomas. Não gostava de se lembrar como ela o acusara de tentar enganá-la. Ele nunca precisou enganar qualquer mulher. Ryan Swan não seria diferente.

Poderia tê-la possuído naquela primeira noite com a tempestade rugindo no lado de fora e o corpo dela comprimido junto ao dele.

E por que não fiz isso?, ele se perguntou, e jogou a bola esmagada para o lado. Por que não a tinha levado para a cama e feito todas as coisas que havia

desejado fazer de forma tão desesperadora? Porque ela olhara para ele com os olhos cheios de pânico e aceitação. Estava vulnerável. Ele tinha percebido, com algo semelhante a medo, que estava vulnerável também. E ela ainda assombrava sua mente.

Quando ela entrou na suíte naquela manhã, Pierce tinha esquecido as anotações cuidadosas que fizera sobre uma nova ilusão. Ele a viu, caminhando vestida com um daqueles conjuntos curtos, e esqueceu tudo. Os cabelos dela estavam desalinhados por causa do vento durante a viagem de carro, como na primeira vez em que ele a viu. E tudo que ele quis fazer foi abraçá-la — sentir o pequeno corpo macio ceder junto ao dele.

Talvez a raiva dele tenha começado a crescer ali mesmo, a incendiar-se com as palavras e os olhos acusadores dela.

Ele não devia tê-la magoado. Pierce olhou para as mãos vazias e xingou. Ele não tinha o direito de marcar a pele dela — a coisa mais feia que uma pessoa poderia fazer a uma mulher. Ela era mais fraca que ele, e ele havia usado isso — usado seu temperamento e sua força, duas coisas que ele prometera a si mesmo muito tempo atrás que nunca usaria com uma mulher. Na sua mente, nenhuma provocação poderia justificar tal reação. Só poderia culpar a si pelo deslize.

Não poderia mais ficar pensando nisso ou em Ryan e continuar a trabalhar. Precisava de concentração. A única coisa a fazer era restabelecer seu relacionamento para o ponto onde Ryan quis desde o começo. Eles trabalhariam juntos em busca do sucesso, e isso seria tudo. Ele tinha aprendido a controlar seu corpo por meio da mente. Poderia controlar suas necessidades e suas emoções da mesma forma.

Pierce soltou um xingamento final e voltou para falar com sua equipe sobre os acessórios.

Capítulo 7

Era difícil resistir a Las Vegas. Dentro dos cassinos não era dia nem noite. Sem relógios e com o tilintar contínuo das máquinas caça-níqueis, havia uma atemporalidade perpétua, uma intrigante desorientação. Ryan via as pessoas com trajes a rigor jogando noite adentro até o fim da manhã. Assistiu a milhares de dólares trocarem de mãos nas mesas de vinte-e-um e bacará. Mais de uma vez, controlou a respiração enquanto a roleta girava com uma pequena fortuna à mercê dos caprichos de uma bola prateada.

Descobriu que a febre vinha em muitas formas — fria, desapaixonada, desesperada, intensa. Havia a mulher colocando a moeda na máquina de caça-níqueis e o jogador dedicado rolando os dados. A fumaça pairava no ar ao som de vitória ou derrota. Os rostos mudavam, mas o estado de ânimo permanecia. Apenas mais um lançar de dados, mais um puxar da alavanca.

Os anos na empertigada escola suíça tinham esfriado o ímpeto de jogar que Ryan havia herdado do pai. Agora, pela primeira vez, Ryan sentia a excitação do impulso de testar a Dama da Sorte. Ela recusou, dizendo a si mesma que estava satisfeita em assistir. Havia pouco mais que ela pudesse fazer.

Ela viu Pierce no palco durante os ensaios e dificilmente em outras situações. Era surpreendente para ela que duas pessoas pudessem dividir uma suíte e tão raramente tivessem contato um com o outro. Por mais que levantasse cedo, ela não o encontrava mais. Uma ou duas vezes, após estar por muito tempo na cama, Ryan ouviu o estalo rápido da fechadura da porta da frente. Quando eles conversavam, era apenas para discutir idéias sobre como alterar seu número em clubes para a televisão. Suas conversas eram calmas e técnicas.

Ele está tentando me evitar, pensou ela na noite de estréia, e está fazendo um excelente trabalho. Se queria provar que dividir uma suíte não significava nada pessoal, ele havia se saído muito bem. Isso, é claro, era o que ela queria, mas sentia falta da camaradagem. Sentia falta de vê-lo sorrir para ela.

Ryan decidiu assistir ao show dos bastidores. De lá ela teria uma visão perfeita e estaria numa posição para observar o estilo e o timing de Pierce enquanto tinha uma perspectiva dos bastidores. Os ensaios haviam lhe dado uma idéia sobre os hábitos de trabalho dele, e agora ela o observaria atuar de um ponto de vista mais próximo que pudesse conseguir. Queria ver mais que a platéia ou uma câmera veria.

Tomando cuidado para não atrapalhar os trabalhadores e os maquinistas, Ryan acomodou-se num canto e ficou observando. Desde a primeira série de aplausos, quando foi apresentado, Pierce teve a platéia na palma da mão. *Meu*

Deus, como ele é bonito!, pensou ela ao examinar seu estilo e seu brilho. Dinâmico, dramático, apenas sua personalidade teria dominado a platéia. O carisma dele não era ilusão, mas parte integrante dele, como a cor do seu cabelo. Estava vestido de preto, como habitualmente, sem precisar de cores brilhantes para manter os olhos grudados nele.

Falava enquanto se apresentava. Conversa fiada, como ele teria dito, mas era muito mais. Ele sintonizava o ambiente com palavras e cadência. Podia iludi-los e deslumbrá-los completamente em seguida — uma chama disparando de sua mão, um pêndulo prateado resplandecente que girava no ar sem qualquer apoio. Não era mais pragmático, como fora nos ensaios, mas obscuro e misterioso.

Ryan assistiu quando ele foi trancado com cadeado num saco, colocado dentro de um baú e acorrentado. De pé sobre ele, Bess puxou uma cortina e contou até 20. Quando a cortina caiu, o próprio Pierce estava de pé no baú, totalmente liberto. E, é claro, quando ele destrancou o baú e abriu o saco, Bess estava lá dentro. Ele chamava isso de transporte. Ryan achava incrível.

Suas fugas a deixavam inquieta. Assistir voluntários da platéia pregá-lo a um caixote forte que ela mesma tinha examinado deixavam suas mãos úmidas. Ela podia imaginá-lo na caixa escura e sem ar e sentir sua própria respiração bloqueando os pulmões. Mas ele se livrava em menos de dois minutos.

Para o final, ele trancou Bess numa gaiola, cobriu-a com uma cortina e a fez elevar-se até o teto. Quando a abaixou, minutos depois, havia uma pantera no lugar de Bess. Assistindo-o, vendo a intensidade dos seus olhos, as cavidades e as sombras misteriosas de seu rosto, Ryan quase acreditou que ele tinha transcendido as leis da natureza. Porque, naquele momento, antes de a cortina descer, a pantera era Bess e ele era mais feiticeiro que homem de espetáculo.

Ryan queria lhe perguntar, convencê-lo a explicar apenas essa ilusão em termos que ela pudesse entender. Quando ele desceu do palco e seus olhos se encontraram, ela engoliu as palavras.

O rosto dele estava úmido por causa das luzes e da sua própria concentração. Ela queria tocá-lo, descobrindo, para sua própria surpresa, que vê-lo se apresentar a tinha excitado. O impulso era mais básico e mais poderoso que qualquer coisa que ela vivenciara. Ela podia imaginá-lo pegando-a com suas mãos fortes e hábeis. Depois sua boca, sua boca impossivelmente sensual, estaria sobre a dela, levando-a para aquele estranho mundo leve que ele conhecia. Se fosse até ele agora — oferecesse, exigisse —, ela o encontraria tão ávido quanto ela própria? Ele não diria nada, apenas a levaria embora para lhe mostrar sua mágica?

Pierce parou diante dela, e Ryan recuou, abalada com seus próprios pensamentos. Seu sangue estava aquecido, agitando-se sob sua pele, exigindo

que ela fosse na sua direção. Consciente, excitada porém sem vontade, ela manteve distância.

— Você estava maravilhoso — disse ela, mas ouviu a rigidez no elogio.

— Obrigado.

Pierce não disse nada mais ao passar por ela. Ryan sentiu dor na palma das mãos e descobriu que estava cravando as unhas na carne. Isso tem de parar, disse a si mesma, e virou-se para ir atrás dele.

— Ei, Ryan! — Ela parou quando Bess colocou a cabeça para fora do camarim. — O que achou do show?

— Foi maravilhoso. — Ela olhou ao longo do corredor; Pierce já tinha sumido. Talvez fosse melhor assim. — Acho que você não me revelaria o segredo do final — disse ela.

Bess riu.

— Não, se prezo minha vida, querida. Entre, venha conversar enquanto me troco.

Ryan agradeceu, fechando a porta ao passar. O ar estava saturado com o cheiro de maquiagem e pó.

— Deve ser uma experiência e tanto ser transformada em pantera.

— Ah, Senhor, Pierce me transformou em tudo imaginável que anda, rasteja ou voa; me serrou em pedacinhos e me equilibrou sobre espadas. Em um dos números, ele me fez dormir sobre uma cama de pregos três metros acima do chão.

Enquanto falava, ela despia o traje com a mesma simplicidade de uma criança de cinco anos.

— Deve confiar nele — comentou Ryan enquanto olhava em volta em busca de uma cadeira vazia.

Bess tinha o hábito de espalhar suas coisas em todos os espaços disponíveis.

— É só tirar alguma coisa do seu caminho — ela sugeriu ao pegar um robe azul-pavão do braço de uma cadeira.

— Confiar em Pierce? — continuou ela enquanto amarrava o cinto do robe. — Ele é o melhor. — Sentada no toucador, ela começou a tirar a maquiagem com creme. — Viu como ele é nos ensaios.

— Vi. — Ryan dobrou uma blusa amarrotada e colocou-a de lado. — Exigente.

— Não é nem metade. Planeja suas ilusões no papel, depois as repassa várias vezes naquela sua masmorra antes de sequer pensar em mostrar qualquer coisa a mim ou a Link.

— Ela olhou para Ryan com um dos olhos com maquiagem pesada e o outro limpo. — A maioria das pessoas não sabe o quanto ele trabalha porque ele

faz com que pareça fácil. É assim que ele quer.

— Suas fugas — Ryan começou a falar enquanto endireitava as roupas de Bess. — São perigosas?

— Não gosto de algumas delas. — Bess retirou o restante do creme com lenço de papel. Seu rosto exótico estava inesperadamente jovem e fresco. Ela deu de ombros ao se levantar. — Mas jamais gostei quando ele faz sua versão da Tortura na Água de Houdini ou sua própria versão de Mil Cadeados.

— Por que ele faz, Bess? — Ryan separou um par de jeans mas continuou a vagar inquieta pelo cômodo. — Suas ilusões bastariam.

— Não para Pierce. — Bess largou o robe, colocando um sutiã em seguida. — As fugas e o perigo são importantes para ele. Sempre foram.

— Por quê?

— Porque ele quer se testar o tempo todo. Nunca está satisfeito com o que fez ontem.

— Se testar — murmurou Ryan. Ela própria tinha sentido isso, mas estava longe de entender. — Bess, há quanto tempo trabalha com ele?

— Desde o começo — Bess lhe disse enquanto enfiava o jeans. — Desde o comecinho.

— Quem é ele? — perguntou Ryan antes que pudesse se conter. — Quem é realmente ele?

Com uma blusa pendendo nas pontas dos dedos, Bess lançou a Ryan um olhar repentino e penetrante.

— Por que quer saber?

— Ele... — Ryan parou, sem saber o que dizer. — Não sei.

— Gosta dele?

Ryan não respondeu imediatamente. Quis dizer não e descartar o assunto.

— Gosto sim — ela ouviu-se dizer. — Gosto dele.

— Vamos tomar um drinque — sugeriu Bess e vestiu a blusa. — E conversar.

— Coquetéis de champanhe — pediu Bess quando elas se sentaram num compartimento do saguão. — Vou pagar.

— Ela pegou um cigarro e o acendeu. — Não conte a Pierce

— ela acrescentou, dando uma piscada. — Ele desaprova o uso de tabaco. É fanático com o cuidado do corpo.

— Link me disse que ele corre oito quilômetros todos os dias.

— É um velho hábito. Pierce raramente altera velhos hábitos. — Bess tragou a fumaça dando um suspiro. — Ele sempre foi muito determinado, sabia? Podia-se ver, mesmo quando criança.

— Conheceu Pierce quando ele era menino?

— Crescemos juntos: eu, Pierce e Link. — Bess olhou rapidamente para a garçonete quando os coquetéis foram servidos. — Coloque na conta — disse ela e olhou de novo para Ryan. — Pierce não fala sobre aquele tempo, nem mesmo comigo ou com Link. Ele o eliminou, ou tentou eliminar.

— Pensei que estivesse tentando promover uma imagem

— murmurou Ryan.

— Ele não precisa fazer isso.

— Não. — Ryan olhou em seus olhos novamente. — Acho que não. Ele teve uma infância difícil?

— Minha nossa. — Ryan tomou um longo gole. — Muito. Foi uma criança muito franzina.

— Pierce?

Ryan pensou no corpo duro e musculoso e ficou olhando.

— É. — Bess soltou uma versão abafada de sua risada gutural. — Difícil de acreditar, mas é verdade. Era pequeno para sua idade, magro como barbante. As crianças maiores o atormentavam. Acho que precisavam de alguém com quem implicar. Ninguém gosta de crescer num orfanato.

— Orfanato! — Ryan agarrou-se à última palavra. Examinando o rosto franco e amistoso de Bess, ela sentiu uma torrente de compaixão. — Todos vocês?

— Que inferno! — Bess deu de ombros. Os olhos de Ryan estavam cheios de eloqüente sofrimento. — Na verdade, não era tão ruim. Comida, um teto para cobrir a cabeça, muita companhia. Não é como se lê em *Oliver Twist*.

— Você perdeu seus pais, Bess? — perguntou Ryan com interesse em vez da compaixão que ela viu que era indesejada.

— Quando tinha oito anos. Não havia mais ninguém para me levar. A mesma coisa com Link. — Ela continuou sem qualquer traço de autopiedade ou arrependimento. — Na maior parte das vezes, as pessoas querem adotar bebês. As crianças mais velhas não são adotadas com tanta facilidade.

Ryan levantou a bebida e deu um gole, pensativa. Teria sido 20 anos atrás, antes da onda atual de interesse em crianças adotáveis.

— E Pierce?

— As coisas foram diferentes com ele. Ele tinha pais. Eles não quiseram assinar, então não podia ser adotado.

As sobrancelhas de Ryan formaram pregas com a confusão.

— Mas, se ele tinha pais, o que estava fazendo num orfanato?

— Os tribunais o tiraram deles. Seu pai... — Bess soltou uma longa corrente de fumaça. Ela estava se arriscando falando daquele jeito. Pierce não ia gostar se descobrisse. Ela só podia desejar que compensasse. — O pai dele batia em sua

mãe.

— Ai, meu Deus! — Os olhos horrorizados de Ryan grudaram nos de Bess.
— E... e Pierce?

— De vez em quando — respondeu Bess calmamente. — Mas principalmente sua mãe. Primeiro, ele se embebedava, depois, batia na esposa.

Uma onda de dor espalhou-se na boca do seu estômago. Ryan pegou a bebida novamente. Claro que ela sabia que tais coisas aconteciam, mas seu mundo tinha sido tão protegido! Seus pais podem tê-la ignorado grande parte de sua vida, mas nenhum dos dois jamais levantou a mão para ela. É verdade que os gritos do seu pai apavoravam às vezes, mas nunca iam além de uma voz alterada ou de palavras impacientes. Ela nunca sofrerá violência física de qualquer tipo. Embora tentasse conceber o tipo de horror que Bess relatava calmamente, era distante demais.

— Conte-me — ela perguntou por fim. — Quero compreendê-lo.

Era o que Bess queria ouvir. Deu a Ryan um voto de aprovação silencioso e continuou.

— Pierce tinha cinco anos. Dessa vez o pai dele bateu tanto em sua mãe que a colocou no hospital. Geralmente, ele trancava Pierce num armário antes de dar início a um de seus acessos de fúria, mas dessa vez ele o agrediu um pouquinho primeiro.

Ryan controlou o desejo de protestar contra o que estava ouvindo mas manteve-se em silêncio. Bess a observava com atenção enquanto falava.

— Foi quando as assistentes sociais assumiram o controle. Após a papelada de costume e as audiências, seus pais foram julgados incapazes, e ele foi colocado no orfanato.

— Bess, sua mãe. — Ryan balançou a cabeça, tentando refletir. — Por que ela não abandonou o marido e levou Pierce com ela? Que tipo de mulher...

— Não sou psiquiatra — Bess interrompeu. — Pelo que Pierce sabia, ela continuou com o pai.

— E abandonou o filho — murmurou Ryan. — Ele deve ter se sentido tão completamente rejeitado, tão apavorado e sozinho.

Que tipo de dano isso causa à cabeça de uma criança?, ela se perguntou. Que tipo de compensações uma criança assim faz? Ele se livrava de correntes, baús e cofres porque tinha sido outrora um menino trancado num armário escuro? Buscava continuamente fazer o impossível por que havia sido tão desamparado?

— Ele era um solitário — continuou Bess enquanto pediu outra rodada. — Talvez seja uma das razões pelas quais as outras crianças o atormentavam. Pelo menos até Link aparecer. — Bess sorriu, gostando dessa parte de suas lem-

branças. — Ninguém jamais tocava em Pierce quando Link estava por perto. Ele sempre foi duas vezes maior que qualquer um. E aquela cara!

Ela riu de novo, mas não havia nada de crueldade na risada.

— Assim que Link chegou, nenhuma das crianças se aproximava dele. Com exceção de Pierce. Os dois eram excluídos. Eu também. Link é ligado a Pierce desde então. Realmente não sei o que poderia ter acontecido a ele sem Pierce. Ou a mim.

— Você realmente o ama, não é? — perguntou Ryan, espiritualmente próxima da ruiva grande e exuberante.

— Ele é meu melhor amigo — respondeu Bess simplesmente. — Eles me deixaram entrar no seu clubinho quando eu tinha 10 anos. — Ela sorriu por cima da borda do copo. — Eu via Link vindo e subia numa árvore. Ele me amedrontava. Nós o chamávamos de Missing Link.*

*** Elo perdido. Jogo de palavras com o nome do personagem Link (elo).**
(N. do T.)

— As crianças, às vezes, são cruéis.

— Pode apostar nisso. Seja como for, exatamente quando ele estava passando embaixo, o galho quebrou e eu caí. Ele me pegou. — Ela inclinou-se à frente, envolvendo o queixo com as mãos. — Nunca me esquecerei disso. Num instante estou caindo e no outro ele está me segurando. Olhei para aquele rosto e me preparei para gritar muito. Então ele riu. Apaixonei-me imediatamente.

Ryan engoliu o champanhe imediatamente. Não havia como não perceber o olhar sonhador nos olhos de Bess.

— Você... você e Link?

— Bem, eu, sim — disse Bess, pesarosa. — Sou louca pelo grandalhão há 20 anos. Ele ainda acha que sou a Pequena Bess. Todo o meu 1,80m. — Ela sorriu e piscou.

— Mas estou tentando convencê-lo.

— Pensei que você e Pierce... — Ryan começou a dizer, mas sua voz perdeu a intensidade.

— Eu e Pierce? — Bess soltou uma de suas vigorosas risadas, fazendo as cabeças girarem. — Está brincando? Você conhece o mundo de entretenimento o suficiente para dizer isso, querida. Pareço o tipo de Pierce?

— Bem, eu... — Constrangida com o humor sincero de Bess, Ryan deu de ombros. — Não teria idéia de qual seria seu tipo.

Bess riu dentro do copo.

— Você parecia ser mais inteligente — ela comentou.

— De qualquer forma, ele sempre foi uma criança calada, sempre... qual é a palavra? — Sua testa formou sulcos enquanto pensava. — Intensa, sabe como é? Ele tinha um temperamento forte. — Sorrindo novamente, ela revirou os olhos. — Ele deixava todo mundo que encontrava de olho roxo nos primeiros tempos. Mas, depois de amadurecer, ele se controlou. Estava bem claro que ele decidira não seguir os passos do pai. Quando Pierce toma uma decisão, é isso.

Ryan se lembrou da fúria fria, da violência gélida, e começou a compreender.

— Quando ele tinha cerca de nove anos, eu acho, ele sofreu um acidente. — Bess bebeu e depois franziu as sobrancelhas. — Pelo menos era o que ele dizia. Caiu de cabeça num lance de escadas. Todo mundo sabia que ele tinha sido empurrado, mas ele nunca contou quem o empurrara. Acho que não queria que Link fizesse alguma coisa pela qual podia se meter numa enrascada. A queda machucou sua coluna. Achavam que ele não andaria novamente.

— Ai, não!

— É. — Bess deu outro longo gole. — Mas Pierce disse que ia andar. Ia correr oito quilômetros todos os dias pelo resto da vida.

— Oito quilômetros — murmurou Ryan.

— Ele era determinado. Fazia fisioterapia como se sua vida dependesse disso. Talvez dependesse — acrescentou ela pensativa. — Talvez sim. Ele passou seis meses no hospital.

— Entendo.

Ela estava vendo Pierce na enfermaria pediátrica, dando-se às crianças, conversando com elas, fazendo-as rir. Levando-lhes mágica.

— Enquanto estava lá, uma enfermeira lhe deu um kit de mágicas. Era como se estivesse esperando por isso, ou o kit esperando por ele. Quando ele saiu, conseguia fazer coisas que muitos dos caras do ramo têm dificuldade. — Amor e orgulho se misturaram na sua voz. — Ele tinha talento natural.

Ryan podia vê-lo: um menino moreno e intenso num leito branco de hospital, se aperfeiçoando, praticando, descobrindo.

— Preste atenção. — Bess riu novamente e inclinou-se à frente. Os olhos de Ryan revelavam muita coisa. — Uma vez, quando o visitei no hospital, ele colocou fogo no lençol. — Ela parou quando a expressão de Ryan ficou horrorizada. — Juro. Eu *vi* o lençol queimando. Então, ele apagou com a mão. — Ela demonstrou com a palma sobre a mesa. — Desapareceu e não havia nada. Nem queimado, nem buraco, nem mesmo um chamuscado. O danadinho me deixou morta de medo.

Ryan riu apesar da experiência penosa que ele deve ter tido. Ele tinha superado. Havia vencido.

— A Pierce — disse ela, e levantou o copo.

— Muito bem. — Bess brindou antes de engolir o champanhe. — Ele levantou vôo quando tinha 16 anos. Senti muita falta dele. Nunca pensei que veria ele ou Link novamente. Imagino que foram os dois anos mais solitários da minha vida. Depois, um dia eu estava trabalhando num restaurante em Denver, e ele entra. Não sei como me encontrou, nunca disse, mas entra e me diz para largar o emprego. Eu ia trabalhar para ele.

— Assim? — perguntou Ryan.

— Assim.

— O que você disse?

— Não disse nada. Era o Pierce. — Com um sorriso, Bess sinalizou para a garçonete. — Larguei o emprego e caímos na estrada. Beba, querida, você tem menos um.

Ryan examinou-a por um momento, depois terminou seu drinque. Não era qualquer homem que poderia obter esse tipo de lealdade inquestionável de uma mulher forte.

— Geralmente paro no segundo — Ryan lhe disse, apontando para o

coquetel.

— Esta noite, não — Bess anunciou. — Sempre bebo champanhe quando fico sentimental. Você não acreditaria em alguns dos locais em que nos apresentamos nos primeiros anos — ela prosseguiu. — Festas de crianças, despedidas de solteiros, fábricas. Ninguém controla um grupo arruaceiro como Pierce faz. Quando ele olha para um sujeito e tira uma bola de fogo do seu bolso, o sujeito se acalma.

— Imagino que sim — concordou Ryan, e riu da imagem. — Nem mesmo tenho certeza de que ele precisaria da bola de fogo.

— Acertou — disse Bess, satisfeita. — Seja como for, ele sempre sabia que ia conseguir e me levava, e Link junto. Não precisava. Esse é exatamente o tipo de homem que ele é. Não deixa muitas pessoas se aproximarem, mas, os que deixa, é para sempre. — Ela mexeu o champanhe por um momento. — Sei que eu e Link nunca poderíamos acompanhá-lo aqui em cima, sabe? — Ela bateu de leve na têmpora. — Mas não faz diferença para Pierce. Somos seus amigos.

— Acho — disse Ryan devagar — que ele escolhe seus amigos muito bem. Bess lançou-lhe um sorriso cintilante.

— Você é uma mulher legal, Ryan. Uma verdadeira dama também. Pierce é o tipo de homem que precisa de uma dama.

Ryan ficou muito interessada na cor de sua bebida.

— Por que diz isso?

— Porque ele tem classe, sempre tem. Precisa de uma mulher de classe e que seja afetuosa como ele é.

— Ele é afetuoso, Bess? — Os olhos de Bess se ergueram novamente, procurando algo. — Às vezes ele parece tão... distante.

— Sabe onde ele arrumou aquela gata boboca? — Ryan balançou a cabeça diante da pergunta. — Alguém a tinha atropelado e a deixou no acostamento. Pierce estava voltando após uma semana de apresentações em São Francisco. Ele parou e levou-a ao veterinário. Duas horas da manhã e ele está acordando o veterinário e fazendo-o operar um gato de rua. Custou-lhe 300 dólares. Link me disse. — Ela pegou outro cigarro. — Quantas pessoas você conhece que fariam isso? Ryan olhou fixamente para ela.

— Pierce não gostaria de saber que você me contou tudo isso, não é?

— Não.

— Por que contou? Bess exibiu outro sorriso.

— É um truque que aprendi com ele ao longo dos anos. Você olha fundo nos olhos de alguém e sabe se pode confiar nelas.

Ryan olhou para ela e falou sério.

— Obrigada.

— E — acrescentou Bess de forma casual enquanto engolia mais champanhe — você está apaixonada por ele.

As palavras que Ryan tinha começado a dizer emperraram na garganta. Ela começou a tossir de modo intermitente.

— Beba tudo, querida. Nada como o amor para fazê-la engasgar. Brindemos a ele. — Seu copo tilintou no de Ryan. — E boa sorte para nós duas.

— Sorte? — perguntou Ryan de forma débil.

— Com homens como aqueles dois, nós precisamos. Dessa vez Ryan fez sinal para mais uma rodada.

Capítulo 8

Quando Ryan atravessou o cassino com Bess, ela estava rindo. O vinho havia melhorado seu astral, mas, além disso, a companhia de Bess a tinha animado. Desde que retornara da escola, Ryan havia reservado pouco tempo para si para conquistar amizades. Achar uma tão rapidamente fez mais efeito que o champanhe.

— Comemorando?

As duas levantaram os olhos e avistaram Pierce. Em uníssono, seus rostos registraram a vergonha de crianças pegas com a mão na lata de biscoitos. A sobranalha de Pierce se levantou. Dando uma risada, Bess se inclinou e beijou-o com entusiasmo.

— Apenas conversa de mulher, querido. Eu e Ryan descobrimos que temos muito em comum.

— É mesmo?

Ele observou quando Ryan comprimiu os dedos na boca para abafar um risinho. Estava aparente que elas tinham feito mais coisas que conversar.

— Ele não fica maravilhoso quando está sério e compenetrado? — Bess perguntou a Ryan. — Ninguém faz isso melhor que Pierce. — Ela o beijou novamente. — Não embebedei sua dama, apenas a deixei um pouco mais solta do que está acostumada. Além do mais, ela é adulta. — Anda apoiando a mão no ombro dele, Bess olhou em volta. — Onde está Link?

— Vendo o tabuleiro de quino.

— Vejo você mais tarde.

Ela piscou para Ryan e foi embora.

— Ela é louca por ele, sabia? — disse Ryan confidencialmente.

— Sim, eu sei.

Ela deu um passo à frente.

— Existe alguma coisa que não saiba, Sr. Atkins? — Ela observou seus lábios se curvarem diante da ênfase no seu sobrenome. — Imaginei se faria isso de novo para mim.

— Fazer o quê?

— Sorrir. Não tem sorriso para mim há vários dias.

— Não?

Ele não conseguiu deter a onda de ternura mas contentou-se em retirar o cabelo do seu rosto.

— Não. Nem uma vez. Está arrependido?

— Estou. — Pierce equilibrou-a colocando uma das mãos no ombro dela e

desejou que não olhasse para ele daquela maneira. Ele tinha conseguido conter as necessidades ao compartilhar o mesmo quarto que ela. Agora, cercado por barulho, pessoas e luzes, ele sentia a força do desejo crescer. Retirou a mão. — Gostaria que a levasse para cima?

— Vou jogar vinte-e-um — ela o informou, de forma eloqüente. — Há dias que sinto vontade, mas ficava me lembrando que jogar era tolice. Esqueci isso.

Pierce segurou o braço dela quando ela começou a caminhar para a mesa.

— Quanto dinheiro tem com você?

— Ah, não sei. — Ryan remexeu a bolsa. — Cerca de 75 dólares.

— Tudo bem.

Se ela perdesse, Pierce concluiu, 75 dólares não abririam um grande buraco na sua conta bancária. E foi com ela.

— Tenho assistido isso há dias — sussurrou ela ao sentar-se numa mesa de 10 dólares. — Tenho tudo calculado.

— Todo mundo não tem? — ele murmurou, e postou-se a seu lado. — Dê a senhora fichas no valor de 20 dólares

— ele disse à banca.

— Cinqüenta — Ryan corrigiu, contando as notas. Diante do sinal de aprovação de Pierce com a cabeça, a

banca trocou as notas por fichas coloridas.

— Vai jogar? — Ryan perguntou a ele.

— Não me arrisco.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Como se chama ser pregado dentro de um caixote? Ele exibiu-lhe um de seus lentos sorrisos.

— Minha profissão.

Ela riu e lançou-lhe um sorriso de provocação.

— É contra o jogo e outros vícios, Sr. Atkins?

— Não. — Ele sentiu outro ímpeto de desejo e se conteve.

— Mas gosto de calcular minhas próprias probabilidades.

— Ele balançou a cabeça enquanto as cartas eram distribuídas. — Nunca é fácil derrotar a casa em seu próprio jogo.

— Sinto que estou com sorte esta noite — ela disse.

O homem ao lado de Ryan girou um Bourbon e assinou seu nome numa folha de papel. Ele tinha acabado de apostar 2 mil dólares. Filosoficamente falando, ele comprou mais 5 mil dólares em fichas. Ryan viu um diamante cintilar no seu dedo mínimo enquanto as cartas eram distribuídas. Três baralhos, ela se lembrou e levantou as pontas de suas cartas com cuidado. Viu um oito e um cinco. Uma jovem loura usando um Halston preto pegou uma batida e

quebrou em 23. O homem do diamante manteve-se em 18. Ryan pegou outra batida e ficou satisfeita com mais cinco. Ela segurou e esperou pacientemente enquanto mais dois jogadores pegavam as cartas.

A banca tinha 14, virou a carta seguinte e chegou a 20. O homem com o diamante xingou baixinho quando perdeu mais 500 dólares.

Ryan contou suas cartas seguintes, assistiu as batidas e perdeu de novo. Determinada, ela esperou a terceira distribuição. Tirou 17. Antes que pudesse sinalizar à banca que seguraria, Pierce fez sinal com a cabeça para que fosse dada a batida.

— Espere um minuto — disse Ryan.

— Pegue — disse ele simplesmente.

Com um ar zangado e dando de ombros, ela o fez. Bateu 20. Com os olhos arregalados, ela girou na cadeira para olhar para ele, mas ele estava observando as cartas. A banca manteve 19 e pagou.

— Ganhei! — exclamou ela, satisfeita com a pilha de fichas acumuladas. — Como sabia?

Ele apenas sorriu para ela e continuou a observar as cartas.

Na mão seguinte ela tirou um dez e um seis. Teria pegado a batida, mas Pierce tocou seu ombro e balançou a cabeça. Engolindo o protesto, ela permaneceu firme. A banca quebrou em 22.

Ela riu, satisfeita, mas olhou para ele de novo.

— Como faz isso? — perguntou. — São três baralhos.

Não é possível que consiga se lembrar de todas as cartas distribuídas ou calcular o que restou. — Ele não disse nada, e sua testa formou um vinco. — Consegue?

Pierce sorriu de novo e simplesmente balançou a cabeça. Então, ele conduziu Ryan a outra vitória.

— Quer dar uma olhada nas minhas? — perguntou o homem com o diamante, colocando desgostoso as cartas de lado.

Ryan inclinou-se na sua direção.

— Ele é um bruxo, sabia? Eu o levo a toda parte. A jovem loira colocou o cabelo atrás da orelha.

— Eu mesma gostaria de um ou dois feitiços. — Ela lançou um convite a Pierce. Ryan atraiu sua atenção quando as cartas foram distribuídas.

— As minhas — disse ela friamente e não viu a testa de Pierce subir. A loira voltou às cartas.

Na hora seguinte, a sorte de Ryan — ou de Pierce — se manteve. Quando a pilha de fichas à sua frente tinha crescido de forma considerável, ele abriu sua bolsa e enfiou-as dentro.

— Ah, mas espere. Estou apenas começando.

— O segredo de vencer é saber quando parar — disse-lhe Pierce, e ajudou-a a descer do banco. — Converta-as em dinheiro, Ryan, antes que meta na cabeça de perdê-las no bacará.

— Mas eu queria jogar — disse ela, olhando para trás.

— Esta noite, não.

Com um suspiro pesado, ela despejou o conteúdo da bolsa no caixa. Junto com as fichas estavam um pente, um batom e um centavo que tinha sido achatado pela roda de um trem.

— É para dar sorte — disse ela quando Pierce pegou a moeda para examinar.

— Superstição, Srta. Swan — murmurou ele. — Isso me surpreende.

— Não é superstição — ela insistiu, enfiando as notas na bolsa enquanto o caixa as contava. — É para dar sorte.

— Admito que errei.

— Gosto de você, Pierce. — Ryan enganchou seu braço no dele. — Achei que deveria lhe dizer.

— Gosta?

— Gosto — disse ela de modo definitivo.

Ela podia lhe dizer isso, pensou enquanto caminhavam para os elevadores. Isso era seguro e certamente verdade. Ela não lhe diria o que Bess tinha dito de forma tão casual. *Amá-lo?* Não, isso estava longe de ser seguro, e não era necessariamente verdade. Embora... embora ela estivesse ficando cada vez mais temerosa que fosse.

— Gosta de mim? — Ryan virou-se para ele e sorriu quando a porta do elevador fechou.

— Gosto, Ryan. — Ele passou os nós dos dedos sobre seu rosto. — Gosto de você.

— Não tinha certeza. — Ela aproximou-se dele, e ele sentiu um formigamento na pele. — Está com raiva de mim.

— Não, não estou com raiva de você.

Ela estava olhando para ele. Pierce podia sentir o ar ficar denso, como acontecia quando a tampa se fechava sobre ele numa caixa ou num baú. Seu ritmo cardíaco acelerou e com pura determinação mental ele o nivelou. Não ia tocá-la de novo.

Ryan viu alguma coisa passar em seus olhos. Um desejo. O dela aumentou também, porém mais, ela sentiu uma necessidade de tocar, de acalmar. Amar. Ela o conhecia agora, embora ele não estivesse ciente disso. Queria dar-lhe alguma coisa. Ela levantou a mão para tocar seu rosto, mas Pierce agarrou seus dedos

nos dele quando a porta se abriu.

— Deve estar cansada — disse de modo pouco gentil e puxou-a para o corredor.

— Não.

Ryan riu com a nova sensação de poder. Ele estava apenas com um pouquinho de medo dela. Algo disparou dentro dela — uma combinação de vinho e vitória e conhecimento. E ela o queria.

— Está cansado, Pierce? — perguntou quando ele destrancou a porta da suíte.

— É tarde.

— Não. Não, nunca é tarde em Las Vegas. — Ela jogou sua bolsa para o lado e se esticou. — Não existe tempo aqui, não sabe? Não há relógios. — Ela levantou o cabelo e deixou-o cair lentamente pelos dedos. — Como pode ser tarde quando não sabe que horas são. — Ela avistou os papéis sobre a mesa e foi até eles, tirando os sapatos enquanto caminhava. — Trabalha demais, Sr. Atkins. — Rindo, ela se virou novamente para ele. — A Srta. Swan é assim, não é?

Seu cabelo tinha se enroscado nos dedos, e seu rosto estava corado. Seus olhos estavam vivos, dançando, seduzindo. Neles ele viu que seus pensamentos não eram segredo para ela. O desejo era um golpe de martelo no seu estômago. Pierce não disse nada.

— Mas gosta da Srta. Swan — murmurou ela. — Eu, nem sempre. Venha se sentar. Explique isso para mim.

Ryan afundou no sofá e pegou um dos papéis dele. Estava coberto de desenhos e anotações que não faziam nenhum sentido para ela. Pierce então se mexeu, dizendo a si mesmo que era apenas para impedir que ela perturbasse seu trabalho.

— É complicado demais. — Ele pegou a folha de sua mão e colocou-a de volta.

— Tenho uma mente muito rápida. — Ryan puxou o braço dele até ele se sentar a seu lado. Ela olhou para ele e sorriu.

— Sabe que quando olhei pela primeira vez em seus olhos achei que meu coração tinha parado. — Ela colocou a mão no rosto dele. — Na primeira vez que você me beijou eu sei que ele parou.

Pierce pegou a mão dela novamente, sabendo que estava perto do limite. A mão livre dela subiu pela frente da camisa até sua garganta.

— Ryan, você deveria ir para a cama.

Ela podia ouvir o desejo na voz dele. Sob a ponta de seu dedo a pulsação da garganta dele latejava depressa. O coração dela começou a equiparar-se com o ritmo.

— Ninguém nunca me beijou assim antes — murmurou ela e deslizou os dedos para o primeiro botão de sua camisa. Ela o desabotoou, observando seus olhos. — Ninguém nunca me fez sentir assim antes. Foi mágica, Pierce.

Ela afrouxou o segundo e o terceiro botões.

— Não.

Ele levantou o braço para deter os dedos afoitos que o estavam enlouquecendo.

— Acho que foi. — Ryan se moveu e prendeu seu lóbulo entre os dentes de leve. — Sei que foi.

A respiração em forma de sussurro foi diretamente para a boca do estômago dele, para alimentar as chamas. Elas estavam altas e ameaçavam explodir. Agarrando-a pelos ombros, Pierce começou a afastá-la, mas as mãos dela estavam em seu peito nu. Sua boca roçou a garganta dele. Seus dedos se apertaram enquanto o cabo-de-guerra prosseguia dentro dele.

— Ryan. — Embora ele se concentrasse, não conseguia controlar sua pulsação. — O que está tentando fazer?

— Estou tentando seduzi-lo — murmurou ela, seguindo o rastro dos dedos com os lábios. — Está funcionando?

As mãos dela desceram por seu tórax para brincar de leve sobre o seu estômago. Sentiu o tremor da reação e tomou mais coragem.

— Sim, está funcionando com perfeição.

Ryan riu, um som gutural e quase zombeteiro que fez o sangue dele latejar. Embora ele não a tocasse, não era mais capaz de impedi-la de tocá-lo. As mãos dela eram macias e provocantes enquanto sua língua passava de leve em sua orelha.

— Tem certeza? — sussurrou ela, enquanto retirava a camisa de seus ombros. — Talvez eu esteja fazendo algo errado. — Ela levou a boca até o queixo dele e deixou a língua correr brevemente sobre seus lábios. — Talvez não queira que o toque assim. — Ela desceu com a ponta do dedo pelo centro do seu peito até o cós de seu jeans. — Ou assim. — Mordiscou seu lábio inferior, ainda observando seus olhos.

Não, ela estava errada. Eles eram pretos — pretos, não cinza. Seus desejos guiaram-na até ela pensar que seria tragada por eles. Poderia ser possível desejar tanto? Tanto que todo o seu corpo doía e latejava e ameaçava se despedaçar?

— Desejei você quando desceu do palco esta noite — disse ela com a voz rouca. Bem ali, enquanto acreditava que você era um mago, não um homem. E agora. — Ela correu os dedos pelo seu peito para colocá-los atrás de seu pescoço. — Agora, sabendo que você é homem, eu o quero mais. — Ela deixou seus olhos abaixarem até a boca dele, depois os ergueu de novo, até os olhos. —

Mas talvez você não me queira. Talvez, eu não... o excite.

— Ryan. — Ele tinha perdido a habilidade de controlar sua pulsação, seus pensamentos, sua concentração. Havia perdido a vontade de tentar encontrá-la de novo. — Não

haverá nenhuma volta num momento.

Ela riu, atordoada com a excitação, guiada pelo desejo. Deixou seus lábios pairarem um pouco acima dos dele.

— Promete?

Ryan exultou com o poder do beijo. A boca dele estava sobre a dela de forma ardente, intensa. Ela ficou sob ele com tamanha velocidade que não sentiu o movimento, apenas seu corpo duro sobre o dela. Ele estava puxando sua blusa, impaciente com os botões. Dois voaram e aterrissaram em algum lugar sobre o carpete antes de a mão dele agarrar seu seio. Ryan gemeu e arqueou o corpo contra o dele, desesperada para ser tocada. Sua língua foi fundo para enroscar-se com a dela.

O desejo era ardente — clarões de calor, borrifadas de cor. A pele dela chamuscava onde ele a tocava. Estava nua sem saber como acontecera, e a carne desnuda dele fundiu-se com a dela. Seus dentes estavam sobre o seio dela, bem no limite do controle, depois sua língua passou pelo seu mamilo até ela gemer e comprimir-se mais.

Pierce podia sentir a martelada da sua pulsação, quase saboreá-la enquanto sua boca apressava-se para o outro seio. Os gemidos e as mãos prementes dela estavam conduzindo-o além da razão. Ele estava preso numa fornalha, mas não haveria fuga dessa vez. Sabia que sua carne se derreteria dentro dela até que não restasse mais nada para mantê-lo separado. O calor, o cheiro dela, seu gosto, tudo rodopiava dentro da sua cabeça. Excitação? Não, isso era mais que excitação. Era obsessão. Deslizou os dedos dentro dela. Era tão macia, tão quente e úmida que não lhe restava mais controle.

Penetrou-a com um arrebatamento que atordoou os dois. Depois ela estava se movendo com ele, frenética e firme. Ele sentiu a dor do prazer impossível, sabendo que tinha sido o enfeitiçado, não o feiticeiro. Ele era inteiramente dela.

Ryan sentiu a respiração irregular dele junto ao seu pescoço. O coração dele ainda estava acelerado. Por mim, pensou ela de forma onírica enquanto flutuava no momento seguinte à paixão. *Meu*, pensou ela de novo, e suspirou. Como Bess descobrira antes dela? Ryan fechou os olhos e deixou-se levar.

Deve estar estampado no meu rosto como uma placa luminosa. É cedo demais para lhe dizer?, ela se perguntou. Espere, ela decidiu, tocando seus cabelos. Ela se daria tempo para acostumar-se ao amor antes de proclamá-lo. Naquele momento, sentiu que tinha todo o tempo do mundo.

Murmurou um protesto quando Pierce retirou seu peso de cima dela. Pouco a pouco, ela abriu os olhos. Ele ficou olhando para as mãos. Estava se amaldiçoando completamente.

— Eu machuquei você? — perguntou ele de forma rápida e agitada.

— Não — disse ela, surpresa, e lembrou-se da história de Bess. — Não, não me machucou, Pierce. Não conseguiria. Você é um homem muito gentil.

Os olhos dele retornaram aos dela, entristecidos, angustiados. Não houve gentileza nele quando ele a amou. Apenas desejo e desespero.

— Nem sempre — disse ele subitamente e pegou o jeans.

— O que está fazendo?

— Vou descer e reservar outro quarto. — Ele estava se vestindo depressa quando ela olhou. — Sinto muito que isso tinha acontecido. Eu não vou... — Ele parou quando olhou e viu lágrimas brotando nos olhos dela. Alguma

coisa rompeu-se dentro de seu estômago. — Ryan, sinto muito. — Sentando-se ao lado dela de novo, ele enxugou uma lágrima com o polegar. — Jurei que não ia tocá-la. Não deveria ter feito isso. Você tinha bebido demais. Sabia disso e deveria ter...

— Droga! — Ela afastou a mão dele com um tapa. — Eu estava errada. Você *consegue* me machucar. Bem, não precisa reservar outro quarto. — Ela pegou a blusa. — Eu mesma vou reservar um. Não vou ficar aqui até você transformar algo maravilhoso em um erro.

Ela estava de pé e vestindo a blusa, que estava do lado avesso.

— Ryan, eu...

— Ora, cale a boca. — Vendo que os dois botões do meio estavam faltando, ela retirou a blusa de novo e ficou encarando-o, insolentemente nua, com os olhos em chamas. Ele quase a puxou para o chão e a tomou mais uma vez. — Sabia exatamente o que estava fazendo, ouviu bem? Exatamente! Se acha que bastam alguns drinques para me atirar a um homem, está errado. Queria você, achei que me quisesse. Então, se foi um erro, foi seu.

— Não foi um erro para mim, Ryan. — A voz dele tinha ficado suave, mas quando estendeu o braço para tocá-la, ela fez um movimento brusco para trás. Ele deixou a mão cair ao lado do corpo e escolheu as palavras com cuidado. — Queria você; talvez demais, pensei. E não fui tão gentil com você como gostaria de ter sido. É difícil para mim lidar com o fato de saber que não consegui me controlar.

Por um momento ela o examinou, depois enxugou as lágrimas com o dorso da mão.

— Queria se controlar?

— A questão é que tentei e não consegui. Nunca toquei uma mulher com

menos... — Ele hesitou. — Cuidado — ele murmurou. — Você é muito pequena, muito frágil.

Frágil?, ela pensou, e levantou uma das sobrancelhas. Ninguém nunca a tinha classificado assim antes. Em outra ocasião, ela poderia ter gostado, mas agora sentia que havia apenas um jeito de lidar com um homem como Pierce.

— Tudo bem — ela disse, e respirou fundo. — Você tem duas escolhas.

Surpreso, Pierce uniu as sobrancelhas.

— Quais são?

— Pode reservar outro quarto ou pode me levar para a cama e fazer amor comigo de novo. — Ela deu um passo na sua direção. — Agora.

Ele viu o desafio em seus olhos e sorriu.

— Essas são minhas únicas escolhas?

— Acho que poderia seduzi-lo novamente se quiser bancar o teimoso — disse ela dando de ombros. — É com você.

Ele mergulhou os dedos nos cabelos dela enquanto a puxava para perto.

— E se uníssemos duas dessas escolhas? Ela lançou-lhe um olhar de consideração.

— Quais?

Ele abaixou sua boca até a dela para um beijo suave e demorado.

— Que tal se eu levá-la para a cama e você me seduzir? Ryan permitiu que ele a levantasse nos braços.

— Sou uma pessoa razoável — ela concordou, enquanto caminhava para o quarto. — Estou disposta a discutir uma solução conciliatória contanto que eu faça as coisas do meu jeito.

— Srta. Swan — Pierce murmurou enquanto a colocava gentilmente sobre a cama. — Gosto do seu estilo.

Capítulo 9

O corpo de Ryan doía. Suspirando, ela aconchegou-se mais no travesseiro. Era um desconforto agradável. Fez com que se lembrasse da noite — a noite que tinha durado até o amanhecer.

Ela não sabia que havia tanta paixão a dar ou tantas necessidades a preencher. Toda vez que pensara em si esgotada, de corpo e alma, bastava que ela o tocasse de novo, ou ele nela. A energia voltava ao seu corpo em grande quantidade e, com ela, as exigências inexoráveis do desejo.

Então eles dormiram abraçados, enquanto os tons cor-de-rosa do nascer do sol adentravam o quarto. Acordando, agarrando-se ao sono, Ryan moveu-se na direção de Pierce, querendo abraçá-lo novamente. Estava sozinha.

A confusão fez com que seus olhos se abrissem devagar. Deslizando as mãos sobre os lençóis a seu lado, Ryan encontrou-os frios. *Foi embora?*, pensou ela atordoada. Havia quanto tempo estava dormindo sozinha? Todo o seu prazer onírico chegou ao fim. Ryan tocou os lençóis novamente. Não, ela disse a si mesma, e se esticou, ele está apenas no outro quarto. Não teria me deixado sozinha.

O telefone fez um barulho estridente e a despertou completamente.

— Sim, alô. — Ela atendeu no primeiro toque e tirou o cabelo do rosto com a mão livre. *Por que a suíte estava tão tranqüila?*

— Srta. Swan?

— Sim, é a Srta. Swan.

— Ligação de Bennett Swan. Por favor, fique na linha. Ryan se sentou, puxando automaticamente os lençóis

até os seios. Desorientada, imaginou que horas eram. E onde, pensou novamente, estava Pierce?

— Ryan, ponha-me a par.

A par?, ela repetiu em silêncio, ouvindo a voz do pai. Lutou para colocar os pensamentos em ordem.

— Ryan!

— Sim, desculpe.

— Não tenho o dia todo.

— Tenho assistido os ensaios de Pierce diariamente — ela começou, desejando uma xícara de café e alguns momentos para se controlar. — Acho que vai descobrir que ele tem as áreas técnicas e a equipe nas mãos. — Ela olhou em volta do quarto em busca de algum sinal dele. — Ele estreou ontem à noite, de forma impecável. Já discutimos algumas alterações para o especial, mas nada foi

firmado ainda. Nesse momento, qualquer número novo que tenha bolado, ele está guardando para si.

— Quero algumas estimativas firmes sobre o set dentro de duas semanas — ele lhe disse. — Poderemos ter uma alteração na programação. Você resolve com Atkins. Quero uma lista dos números propostos por ele e a margem de tempo para cada um.

— Já discuti isso com ele — disse Ryan friamente, chateada que seu pai estava invadindo seu território. — Sou a produtora, não sou?

— É — ele concordou. — Eu a verei no meu escritório quando voltar.

Ao ouvir o clique, Ryan desligou com um suspiro de exasperação. Tinha sido uma típica conversa de Bennett Swan. Ela esqueceu o telefonema e saiu da cama. O robe de Pierce estava dobrado sobre a cadeira, e Ryan o pegou e vestiu.

— Pierce? — Ryan correu para a área de estar da suíte mas encontrou-a vazia. — Pierce? — ela chamou novamente, pisando em um dos botões perdidos de sua blusa. Distraidamente, Ryan o pegou e o enfiou no bolso do robe antes de atravessar a suíte.

Vazia. A dor começou em seu estômago e se espalhou. Ele a deixara sozinha. Balançando a cabeça, Ryan esquadrinhou os quartos novamente. Ele deve ter lhe deixado um recado por que e onde tinha ido. Não acordaria simplesmente e a abandonaria, não após a noite passada.

Mas não havia nada. Ryan tremeu, sentindo um frio repentino.

Era o modelo da sua vida, decidiu. Caminhando até a janela, ficou olhando para o letreiro apagado. Não importava de quem ela gostasse, a quem dava amor, as pessoas sempre seguiam seus caminhos. No entanto, de alguma forma, ela ainda esperava que fosse diferente.

Quando era pequena, havia sido sua mãe, uma jovem que adorava a vida glamourosa e seguia Bennett Swan por todo o mundo. *Você é uma menina crescida, Ryan, e auto-suficiente. Estarei de volta em alguns dias.* Ou algumas semanas,

Ryan se lembrou. Sempre havia uma governanta ou outros empregados para cuidar dela. Não, ela nunca tinha sido abandonada nem maltratada. Apenas esquecida.

Depois foi seu pai, correndo daqui para ali em um minuto. Mas, é claro, ele providenciara para que ela tivesse uma babá confiável, a quem ele pagava um salário substancial. Então, ela foi mandada para a Suíça, o melhor internato que existia. *Aquela minha filha tem a cabeça no lugar. Está entre os dez melhores alunos da turma.*

Havia um presente caro no seu aniversário com um cartão imenso dizendo para prosseguir com o bom trabalho que estava fazendo. É claro que ela

prosseguiu. Ela nunca teria arriscado desapontá-lo.

Nada muda, pensou Ryan enquanto se virava para se olhar no espelho. Ryan é forte. Ryan é prática. Ryan não precisa de todas as coisas que as outras mulheres precisam — abraços, gentileza, romance.

Eles estão certos, é claro, ela dizia a si mesma. É tolice ficar magoada. Nós nos queríamos. Passamos a noite juntos. Por que romantizar? Não tenho nenhum direito sobre Pierce. E ele não tem nenhum sobre mim. Ela tocou a lapela do seu robe e rapidamente soltou a mão. Movendo-se com rapidez, despiu-se e foi para o chuveiro.

Manteve a água numa temperatura insuportável, permitindo que ela tivesse impacto total contra sua pele. Não ia pensar. Ela se conhecia muito bem. Se mantivesse sua mente com um espaço vazio, quando a abrisse de novo, saberia o que tinha de fazer.

O ar do banho estava fumegante e úmido quando ela saiu para se enxugar. Seus movimentos foram novamente bruscos. Havia trabalho a ser feito — anotações sobre idéias e planos. Ryan Swan, produtora executiva. Era no que ela devia se concentrar. Era hora de parar de se preocupar com as pessoas que não poderiam dar — ou não queriam dar — o que ela queria. Tinha que fazer seu próprio nome no meio. Era tudo que realmente importava.

Enquanto se vestia, sentiu-se em sua calma perfeita. Os sonhos eram para quando se dormia, e ela estava plenamente acordada. Havia dúzias de detalhes a serem providenciados. Tinha reuniões a organizar, chefes de departamento com quem negociar. Decisões precisavam ser tomadas. Estava em Las Vegas havia bastante tempo. Conhecia o estilo de Pierce melhor que jamais esperava conhecer. E, mais importante para ela no momento, sabia precisamente o que queria como produto final. De volta a Los Angeles, Ryan poderia começar a colocar suas idéias em movimento.

Ia ser sua primeira produção, mas ela estaria condenada se fosse sua última. Dessa vez tinha lugares próprios para ir.

Ryan pegou o pente e passou-o pelos cabelos úmidos. A porta abriu-se atrás dela.

— Então você está acordada.

Pierce sorriu e começou a caminhar até ela. O olhar nos olhos dela o deteve. Ressentimento e raiva — ele podia sentir as ondas dos sentimentos.

— Sim, estou acordada — disse ela tranqüilamente e continuou a pentear os cabelos. — Estou acordada faz um tempo. Meu pai ligou mais cedo. Queria um relato do andamento do projeto.

— Oh? — Suas emoções não eram direcionadas a seu pai, Pierce decidiu, observando-a atentamente. — Pediu alguma coisa para o serviço de quarto?

— Não.

— Deveria tomar café-da-manhã — disse ele, dando mais um passo em sua direção. Não foi mais adiante, sentindo a parede que ela havia erguido entre eles.

— Não, na verdade não quero. — Ryan pegou o rimei e começou a aplicá-lo com grande cuidado. — Vou tomar café no aeroporto. Vou voltar para Los Angeles esta manhã.

O tom frio e distante fez os músculos do estômago dele se contraírem. Ele poderia ter se enganado? A noite que tinham passado juntos significara tão pouco para ela?

— Esta manhã? — repetiu ele, utilizando o mesmo tom que ela. — Por quê?

— Acho que tenho uma boa idéia de como você trabalha e do que vai querer para o especial. — Ela manteve os olhos focados apenas em sua própria imagem no espelho. — Deveria começar com os estágios preliminares, depois podemos marcar uma reunião quando você voltar para a Califórnia. Ligarei para seu agente.

Pierce conteve as palavras que queria dizer. Ele nunca acorrentava ninguém, a não ser ele mesmo.

— Se é o que quer.

Os dedos de Ryan se apertaram no tubo de rímel antes de ela colocá-lo de volta.

— Nós dois temos trabalho a fazer. O meu é em Los Angeles; o seu, no momento, é aqui.

Ela virou-se para ir ao armário, mas ele colocou a mão sobre seu ombro. Pierce soltou-a imediatamente quando ela enrijeceu.

— Ryan, eu magoei você?

— Magoou, a mim? — repetiu ela, e continuou o caminho até o armário. Seu tom foi como um encolher de ombros, mas ele não pôde ver seus olhos. — Como é que poderia ter me magoado?

— Não sei. — Sua voz veio diretamente de detrás dela. Ryan retirou uma braçada de roupas. — Mas eu magoei. — Ele virou-a de frente para ele. — Posso ver em seus olhos.

— Esqueça — ela lhe disse. — Eu esquecerei.

Ela começou a se afastar, mas dessa vez ele manteve suas mãos firmes.

— Não posso esquecer algo a menos que saiba o que é. Embora mantivesse suas mãos leves, o aborrecimento estava no seu tom de voz.

— Ryan, me diga qual é o problema.

— Deixa para lá, Pierce.

— Não.

Ryan tentou se desvencilhar de novo e mais uma vez ele a conteve. Ela disse a si mesma para ficar calma.

— Você me *abandonou*! — disse ela em tom explosivo e jogou as roupas de lado. A paixão irrompeu dela tão rápido que o deixou com o olhar fixo e sem fala. — Acordei e você já tinha ido, sem dizer uma palavra. Não estou acostumada a encontros de uma noite.

Os olhos dele se incendiaram diante disso.

— Ryan...

— Não, não quero ouvir. — Ela balançou a cabeça de forma vigorosa. — Esperava outra coisa de você. Estava errada. Mas tudo bem. Uma mulher como eu não precisa de todas as sutilezas. Sou especialista em sobrevivência. — Ela torceu o corpo mas continuou presa junto ao dele. — Não faça isso! Me solta, tenho que arrumar as malas.

— Ryan. — Mesmo quando ela resistia, ele a abraçava mais firme. O sofrimento era profundo, ele pensou, e não tinha começado com ele. — Sinto muito.

— Quero que me solte, Pierce.

— Você não vai me ouvir se eu soltar. — Ele passou a mão pelos seus cabelos molhados. — Preciso que me escute.

— Não há nada a dizer.

A voz dela havia engrossado, e ele sentiu uma perversa punhalada de culpa. Como pôde ter sido tão idiota? Como pôde não ter visto o que seria tão importante para ela?

— Ryan conheço encontros de uma noite muito bem.

— Pierce afastou-a, apenas o suficiente para que pudesse ver seus olhos. — Não foi o que a noite passada representou para mim.

Ela balançou a cabeça com força, lutando para recobrar a serenidade.

— Você não precisa dizer isso.

— Eu disse a você, uma vez que não minto, Ryan. — Ele deslizou as mãos até seus ombros. — O que tivemos juntos na noite passada é muito importante para mim.

— Você não estava aqui quando acordei. — Ela engoliu em seco e fechou os olhos. — A cama estava fria.

— Desculpe. Fui resolver algumas coisas antes do show desta noite.

— Se tivesse me acordado...

— Não pensei em acordá-la, Ryan — disse ele baixinho.

— Como nunca pensei em como pudesse se sentir acordando sozinha. O sol estava entrando no quarto quando você adormeceu.

— Você ficou acordado tanto quanto eu. — Ela tentou se afastar novamente.

— Pierce, *por favor!* — Ouvindo o desespero no pedido, ela mordeu o lábio. — Me solta.

Ele abaixou as mãos e observou quando ela juntou as roupas de novo.

— Ryan, nunca durmo mais de cinco ou seis horas. É tudo de que preciso. — Era pânico que ele estava sentindo vendo-a dobrar uma blusa e colocá-la na mala? — Pensei que ainda estaria dormindo quando eu voltasse...

— Procurei você — disse ela. — E você havia ido.

— Ryan...

— Não, não faz diferença. — Ela comprimiu as mãos nas têmporas e soltou um suspiro profundo. — Desculpe. Estou agindo como uma idiota. Você não fez nada, Pierce.

Sou eu. Sempre espero demais. Sempre me sinto confusa quando não consigo. — Rapidamente ela começou a fazer as malas de novo. — Não tive intenção de fazer uma cena. Por favor, esqueça.

— Não é algo que quero esquecer — murmurou ele.

— Eu me sentiria menos tola se soubesse que você esqueceria — disse ela, tentando suavizar a voz. — Basta atribuir tudo à falta de sono e má disposição. Mas tenho que ir. Tenho muito trabalho a fazer.

Ele tinha visto as necessidades dela desde o princípio

— sua reação à gentileza, seu prazer ao receber uma flor de presente. Ela era uma mulher emotiva e romântica que se esforçava muito para não ser. Pierce se amaldiçoou, pensando como ela devia ter se sentido ao encontrar a cama vazia após a noite que passaram juntos.

— Ryan, não vá.

Era difícil para ele. Era algo que ele nunca pedira a ninguém.

Os dedos dela hesitaram nos cadeados da mala. Ela os fechou, colocou a mala no chão e se virou.

— Pierce, não estou com raiva, honestamente. Um pouco constrangida, talvez. — Ela conseguiu dar um sorriso.

— Realmente tenho que voltar e colocar as coisas em movimento. Talvez haja uma alteração na programação e...

— Fique — ele interrompeu, incapaz de se conter. — Por favor.

Ryan permaneceu em silêncio por um momento. Algo que ela viu em seus olhos fez com que um bloqueio se instalasse em sua garganta. Estava sendo um pouco difícil para ele perguntar. Tal como ia ser um pouco difícil para ela perguntar.

— Por quê?

— Preciso de você. — Ele inspirou após o que foi para ele uma assombrosa aceitação. — Não quero perdê-la.

Ryan deu um passo na sua direção.

— Faz diferença?

— Faz. Sim, faz diferença.

Ela esperou um momento mas não conseguiu se convencer a sair pela porta.

— Mostre — ela lhe disse.

Ele caminhou até ela e a abraçou firme. Ryan fechou os olhos. Era exatamente do que ela precisava — ser abraçada, ser simplesmente abraçada. O peito dele estava firme junto ao seu rosto, seus braços fortes em volta dela. Ela sabia, porém, que estava sendo abraçada como se fosse algo precioso. Frágil, foi como ele a chamou. Pela primeira vez na vida Ryan queria ser.

— Ora, Pierce, não sou idiota.

— Não. — Ele levantou o queixo com o dedo e a beijou. — Você é tão doce. — Ele sorriu então e repousou a testa na dela. — Vai reclamar quando eu acordá-la após cinco horas de sono?

— Nunca. — Rindo, ela lançou os braços em volta do pescoço dele. — Talvez um pouquinho.

Ela sorriu para ele, mas os olhos dele ficaram repentinamente sérios. Pierce envolveu sua nuca com a mão antes de sua boca abaixar-se até a dela.

Foi como da primeira vez — a suavidade, a leve pressão que transformou seu sangue em chama. Ela ficava completamente impotente quando ele a beijava assim, sem conseguir puxá-lo para mais perto, incapaz de exigir. Podia apenas deixar que ele fizesse tudo a seu tempo.

Pierce sabia que dessa vez o poder era apenas dele. Fez com que suas mãos se movessem suavemente enquanto a despiam. Deixou a blusa dela escorregar lentamente dos ombros, descer pelas costas, até tremular no chão. A pele dela tremeu quando as mãos dele passaram sobre seu corpo.

Abrindo o fecho da calça dela, ele abraçou-a pela cintura, deixando que seus dedos brincassem com o pequenino pedaço de seda e renda bem no alto de suas coxas. Todo o tempo sua boca mordiscava a dela. A respiração dela parou, então ela gemeu quando ele pôs um dos dedos dentro da seda. Mas não retirou. Em vez disso, deslizou a mão até seu seio para acariciar e provocar, até ela começar a tremer.

— Quero você — disse ela, trêmula. — Sabe quanto o quero?

— Sei. — Ele deu beijos suaves como borboletas em seu rosto. — Sei.

— Faça amor comigo — murmurou Ryan. — Pierce, faça amor comigo.

— Estou fazendo — murmurou ele, e comprimiu a boca na pulsação frenética do seu pescoço.

— Agora — ela pediu, fraca demais para puxá-lo para junto de seu corpo.

Ele riu, no fundo da garganta, e levou-a até a cama.

— Você me enlouqueceu ontem à noite, Srta. Swan, me tocando assim.

Pierce passou o dedo pelo centro do seu corpo, parando para demorar-se no suave monte entre suas pernas. Devagar, preguiçosamente, ele fez com que sua boca seguisse o rastro. De noite ele fora acometido por uma loucura. Conheceu a impaciência, o desespero. Ele a tomara várias vezes, de forma apaixonada, mas fora incapaz de saborear. Foi como se ele estivesse faminto, e a gula o conduzira. Agora, embora não a desejasse menos, podia refrear a necessidade. Podia saborear, experimentar e se deleitar.

Os membros de Ryan estavam pesados. Ela não conseguia movê-los, podia apenas deixar que ele tocasse, acariciasse e beijasse qualquer lugar que desejasse. A força que a tinha conduzido na noite anterior havia sido substituída por uma fraqueza adocicada. Ela ficou encharcada dela.

A boca dele demorou-se em sua cintura, a língua fazendo círculos mais embaixo enquanto ele corria as mãos de leve sobre ela, contornando o formato de seus seios, acariciando seu pescoço e seus ombros. Ele provocava, em vez de possuir; excitava, ao invés de satisfazer.

Prendeu o cós da seda em seus dentes e abaixou-a alguns centímetros. Ryan arqueou e gemeu. Mas foi a pele da coxa dela que ele experimentou, saboreando até que ela soubesse que a loucura estava a um sopro de distância. Ela ouviu-se suspirando seu nome, um som suave e urgente, mas ele não respondeu. Sua boca estava ocupada fazendo maravilhas com a parte atrás do joelho dela.

Ryan sentiu a pele aquecida do peito dele roçar em sua perna, embora não tivesse idéia de como ou quando ele tinha se livrado da camisa. Nunca estivera mais consciente de seu próprio corpo. Descobriu o prazer entorpecente e celestial que podia vir do toque da ponta de um dedo sobre a pele.

Ele a estava levantando, pensou Ryan sem muita clareza, embora suas costas estivessem comprimidas contra a cama. Ele a estava fazendo levitar, fazendo-a flutuar. Estava lhe mostrando mágica, mas esse estado hipnótico não era ilusão.

Os dois estavam nus agora, enrolados um no outro enquanto a boca dele fez o caminho de volta até a dela. Ele a beijou devagar, profundamente, até que ela ficasse sem energia. Os dedos ágeis dele excitavam. Ela não sabia que a paixão poderia puxar para os dois lados ao mesmo tempo — para o fogo, que chamusca, e para as nuvens.

Ela estava arfante, mas, mesmo assim, ele esperou. Ele lhe daria tudo primeiro, todas as gotas de prazer, todas as misteriosas delícias que ele conhecia. A pele dela era como água nas mãos dele, fluindo, ondulando. Mordiscou e sugou de leve seus lábios inchados, e esperou seu gemido final de rendição.

— E agora, amor? — perguntou ele, espalhando leves beijos sussurrantes

em seu rosto. — E agora?

Ela não conseguiu responder. Estava além das palavras e da razão. Era onde ele queria que ela estivesse. Feliz, ele riu e comprimiu a boca na garganta dela.

— Você é minha, Ryan? Diga. Minha.

— Sou. — Saiu como um suspiro rouco, mal se ouvia. — Sua. — Mas a boca dele engoliu as palavras quando ela as disse. — Leve-me.

Ela não se ouviu dizer isso. Pensou que o pedido estava apenas em seu cérebro, mas, então, ele estava dentro dela. Ryan arfou e arqueou o corpo para encontrá-lo. E, ainda assim, ele se movia com doloroso vagar.

O sangue estava rugindo nos ouvidos dela quando ele teve o prazer final em sua forma plena. Os lábios dele roçaram nos dela, capturando cada respiração trêmula.

De repente, ele comprimiu sua boca na dela — nada mais de suavidade, nada mais de provocação. Ela gritou quando ele a pegou com uma fúria repentina e selvagem. O fogo consumiu os dois, fundindo pele e lábios até Ryan pensar que eles dois tinham morrido.

Pierce deitou sobre ela, repousando a cabeça entre seus seios. Ele ouviu o som das batidas de seu coração. Ela ainda não tinha parado de tremer. Os braços dela estavam enrolados em volta dele, com uma das mãos ainda emaranhada nos cabelos dele. Ele não queria se mover. Queria mantê-la assim — sozinha, nua, dele. O desejo ardente de possessão o perturbou. Não era seu jeito. Nunca tinha sido, antes de Ryan. O impulso era forte demais para resistir.

— Me diga de novo — ele pediu, levantando o rosto para observar o dela.

Os olhos de Ryan se abriram devagar. Ela estava entorpecida de amor, saciada de prazer.

— Dizer o quê?

A boca dele voltou à dela mais uma vez, buscando, e demorou-se ao fazer a última prova. Quando levantou o rosto, seus olhos estavam escurecidos e exigentes.

— Diga-me que é minha, Ryan.

— Sua — murmurou ela, enquanto seus olhos se fecharam outra vez. Ela suspirou, caindo no sono. — Por quanto tempo você me quiser.

Pierce franziu as sobrancelhas diante de sua resposta e começou a falar, mas sua respiração estava lenta e constante. Ele mudou de posição, deitou ao lado dela e puxou-a para perto.

Dessa vez ele esperaria até que ela acordasse.

Capítulo 10

Ryan nunca vira o tempo passar tão rapidamente. Devia ter ficado feliz. Quando o compromisso de Pierce em Las Vegas terminou, eles puderam começar a trabalhar no especial. Era algo que ela estava ansiosa para fazer, por ela mesma e por ele. Sabia que poderia ser o momento decisivo de sua carreira.

Mas ela se viu desejando que as horas não passassem voando. Havia algo fantasioso sobre Las Vegas, com sua falta de sincronização de tempo, suas ruas com bares barulhentos e cassinos reluzentes. Ali, com o toque de magia por toda parte, parecia natural amá-lo, compartilhar da vida que ele vivia. Ryan não tinha certeza que seria tão simples assim quando retornassem ao mundo real.

Os dois estavam vivendo um dia de cada vez. Não havia conversa sobre o futuro. A explosão de possessividade de Pierce não ocorreu novamente, e Ryan ficou admirada. Ela quase acreditou que tinha sonhado com aquelas palavras profundas e insistentes.

— *Você é minha. Me diga.*

Ele não tinha pedido de novo, nem havia lhe dedicado palavras de amor. Ele era gentil, às vezes extremamente gentil, com palavras, olhares ou gestos. Mas nunca estava completamente livre com ela. Nem Ryan jamais estava completamente livre com ele. A confiança não vinha fácil para nenhum dos dois.

Na noite de encerramento Ryan vestiu-se com esmero. Queria uma noite especial. Champanhe, ela decidiu enquanto colocava um vestido leve com um arco-íris de tons. Pediria que enviassem champanhe para a suíte após a apresentação. Eles tinham uma longa e última noite para passar juntos antes do término do idílio.

Ryan fez um auto-exame crítico no espelho. O vestido era transparente e muito mais ousado, ela notou, que seu estilo usual. Pierce diria que era mais Ryan que Srta. Swan, pensou e riu. Ele estaria certo, como sempre. No momento ela não se sentia absolutamente como a Srta. Swan. Amanhã seria cedo o bastante para traje passeio.

Ela colocou perfume nos pulsos e depois entre os seios.

— Ryan, se quiser jantar antes do show, terá que se apressar. São quase...

Pierce parou de repente ao entrar no quarto. Parou para olhar para ela. O vestido flutuava aqui, apertava ali, ajustando-se sedutoramente sobre seus seios em cores que se combinavam e escorriam como um quadro deixado na chuva.

— *Você está tão linda* — murmurou ele, sentindo a excitação familiar ao longo da pele. — *Como algo com que eu talvez tenha sonhado.*

Quando ele falava assim, fazia seu coração se derreter e a pulsação acelerar

ao mesmo tempo.

— Um sonho? — Ryan caminhou até ele e passou os braços em volta do seu pescoço. — Que tipo de sonho você gostaria que eu fosse? — Ela beijou um dos lados de seu rosto e, depois, o outro. — Vai fazer aparecer um sonho para mim, Pierce?

— Você está cheirando a jasmim. — Ele enterrou o rosto no pescoço dela. Ele achava que nunca tinha querido nada, ninguém, tanto em sua vida. — Isso me deixa louco.

— Feitiço de mulher. — Ryan inclinou a cabeça para dar à boca de Pierce mais liberdade. — Enfeitiçar o feiticeiro.

— Funciona.

Ela deu uma risada gutural e comprimiu-se mais contra ele.

— Não foi um feitiço de mulher que causou a destruição de Merlin no fim?

— Andou pesquisando? — perguntou ele dentro de sua orelha. — Cuidado, estou no ramo há mais tempo que você. — Ele levantou o rosto e encostou seus lábios nos dela. — Você sabe que não é prudente se envolver com um mágico.

— Não sou nem um pouco prudente. — Ela deixou os dedos subirem pela nuca dele, depois pela sua espessa cabeleira. — Nem um pouco.

Ele sentiu uma onda de poder — e uma onda de fraqueza. Era sempre a mesma coisa quando ela estava em seus braços. Pierce puxou-a para junto dele, outra vez, apenas para abraçá-la. Sentindo alguma resistência, Ryan permaneceu passiva. Ele tinha tanto a dar, ela pensou, tanta emoção que ele oferecia ou continha. Ela nunca poderia ter certeza do que ele escolheria fazer. Mas não era a mesma coisa com ela?, se perguntou. Ela o amava, mas não conseguia dizer as palavras em voz alta. Mesmo enquanto o amor crescia, ela não conseguia dizê-las.

— Vai estar nos bastidores hoje à noite? — ele perguntou. — Gosto de saber que está lá.

— Vou. — Ryan inclinou a cabeça para trás e sorriu. Era tão raro ele pedir qualquer coisa. — Um dia desses vou perceber alguma coisa. Até mesmo *sua* mão não é sempre mais rápida que o olho.

— Não? — Ele sorriu, divertindo-se com sua determinação contínua em apanhá-lo. — Sobre o jantar — ele começou a dizer e brincou com o zíper na parte de trás do seu vestido. Ele estava começando a imaginar o que ela usava sob ele. Se ele decidisse, poderia colocar o vestido nos seus pés antes que ela conseguisse respirar.

— O que tem? — perguntou ela com um brilho de travessura nos olhos.

A batida na porta o fez praguejar.

— Por que não transforma quem quer que seja em sapo? — Ryan sugeriu.

Depois, suspirando, ela repousou a cabeça no ombro dele. — Não, acho que seria grosseiro.

- — Gosto da idéia. Ela riu e recuou.

— Vou atender. Não posso ficar com isso na consciência. — Brincando com o botão de cima da camisa dele, ela levantou uma das sobancelhas. — Não vai se esquecer em que estava pensando enquanto os mando embora?

Ele sorriu.

— Tenho uma memória muito boa.

Pierce soltou-a e observou-a se afastar. Ele concluiu que a Srta. Swan não tinha escolhido aquele vestido, ecoando os primeiros pensamentos de Ryan.

— Encomenda para a Srta Ryan.

Ryan pegou a pequena caixa embrulhada sem enfeites e o cartão do mensageiro.

— Obrigada.

Após fechar a porta, ela largou o embrulho e abriu o envelope. A mensagem era breve e estava datilografada.

Ryan,

Seu relatório está bom. Espero um relato minucioso sobre o projeto de Atkins na sua volta. Primeira reunião programada para uma semana a partir de hoje. Feliz aniversário.

Seu pai

Ryan leu duas vezes e depois deu uma olhada rápida no embrulho. Ele não se esqueceria do meu aniversário, pensou enquanto passava uma terceira vista de olhos pelas palavras datilografadas. Bennett Swan sempre cumpria suas obrigações. Ryan sentiu uma onda de desilusão, de raiva, de futilidade. Todas as emoções conhecidas da filha única de Swan.

Por quê?, ela se perguntou. Por que ele não tinha esperado e lhe dado algo pessoalmente? Por que tinha enviado uma mensagem impessoal que parecia um telegrama e um presentinho apropriado que sua secretária tinha, sem dúvida, escolhido? Por que não poderia ter simplesmente enviado lembranças?

— Ryan? — Pierce a observava do vão da porta do quarto. Ele a tinha visto ler a mensagem. Tinha visto o olhar vazio em seus olhos. — Notícia ruim?

— Não. — Rapidamente Ryan balançou a cabeça e enfiou a mensagem na bolsa. — Não, não é nada. Vamos jantar, Pierce. Estou morrendo de fome.

Ela estava sorrindo, estendendo a mão em busca da dele, mas o sofrimento em seus olhos era indisfarçável. Sem dizer nada, Pierce tomou sua mão. Enquanto saíam da suíte, ela olhou para o embrulho que não abriu.

Como Pierce tinha pedido, Ryan assistiu ao espetáculo dos bastidores. Ela bloqueara da mente todos os pensamentos sobre seu pai. Era sua última noite de

liberdade completa, e Ryan estava determinada a não permitir que algo a estragasse.

É meu aniversário, ela se lembrou. Vou fazer minha comemoração particular. Não tinha dito nada a Pierce a princípio porque havia se esquecido completamente do aniversário até a chegada da mensagem de seu pai. Agora, ela decidiu, seria tolice não mencionar. Afinal de contas, tinha 27 anos, estava velha demais para sentimentalismo por causa da passagem de um ano.

— Você estava maravilhoso, como sempre — ela disse a Pierce quando ele desceu do palco, com os aplausos retumbantes atrás. — Quando vai me contar como faz aquela ilusão?

— A mágica, Srta. Swan, não tem explicação. Ela estreitou os olhos para ele.

— Por acaso sei que Beth está no seu camarim neste momento e que a pantera...

— As explicações desapontam — ele interrompeu. Ele pegou sua mão a fim de conduzi-la ao seu próprio camarim. — A mente é um paradoxo, Srta. Swan.

— Conte-me — disse ela secamente, sabendo muito bem que ele não ia explicar nada.

Ele conseguiu manter o rosto sério e tranqüilo enquanto tirava a camisa.

— A mente quer acreditar no impossível — ele continuou a dizer enquanto entrava no banho para se lavar. — Mas não acredita. Aí está o encanto. Se o impossível *não* for possível, então, como foi feito diante dos seus olhos e debaixo do seu nariz?

— É o que desejo saber — Ryan reclamou com a voz encobrindo o som da água corrente. Quando ele voltou, com uma toalha sobre o ombro, ela disparou um olhar direto e observador para ele. — Como sua produtora neste especial, eu deveria...

— Produzir — ele terminou a frase e vestiu uma camisa limpa. — Farei o impossível.

— É enlouquecedor não saber — disse ela de modo triste mas abotoou ela própria os botões da camisa dele.

— É.

Pierce apenas sorriu quando ela lhe lançou um olhar furioso.

— É apenas um truque — disse Ryan encolhendo os ombros, esperando chateá-lo.

— É?

O sorriso dele permanecia irritantemente amável. Reconhecendo a derrota ao estar diante dela, Ryan suspirou.

— Suponho que sofreria de todos os tipos de tortura e não diria nada.

— Tinha alguma em mente?

Ela riu então e comprimiu a boca na dele.

— É apenas o começo — foi sua promessa perigosa. — Vou levá-lo para cima e enlouquecê-lo até falar.

— Interessante. — Pierce passou o braço em volta dos ombros dela e conduziu-a ao corredor. — Pode levar bastante tempo.

— Não estou com pressa — disse ela alegre.

Eles foram para o último andar, mas quando Pierce começou a enfiar a chave na fechadura da suíte, Ryan colocou a mão sobre a dele.

— É sua última chance antes de eu ser mais incisiva — ela alertou. — Vou fazê-lo falar.

Ele apenas sorriu para ela e abriu a porta.

— *Feliz aniversário!*

Os olhos de Ryan se arregalaram de surpresa. Bess, ainda com a roupa do espetáculo, abriu uma garrafa de champanhe enquanto Link se esforçava ao máximo para colocar o líquido nas taças. Sem fala, Ryan ficou olhando para eles.

— Feliz aniversário, Ryan. Pierce beijou-a de leve.

— Mas como... — Ela parou para olhar para ele. — Como sabia?

— Tome. — Bess colocou uma taça de champanhe na mão de Ryan e depois lhe deu um rápido aperto. — Beba tudo, querida. Só se comemora o aniversário uma vez ao ano. Graças a Deus. O champanhe é por minha conta, uma garrafa agora e outra mais tarde.

Ela piscou para Pierce.

— Obrigada. — Ryan olhou para a taça com um ar impotente. — Não sei o que dizer.

— Link tem uma coisa para você também — Bess disse a ela.

O grandalhão se mexeu de modo desconfortável enquanto todos os olhos se viraram para ele.

— Trouxe um bolo — ele murmurou, e então limpou a garganta. — Você tem que ter um bolo de aniversário.

Ryan caminhou para ver um fino bolo decorado em cor-de-rosa e amarelo.

— Oh, Link. É maravilhoso.

— Você tem que cortar o primeiro pedaço — disse ele.

— Vou cortar, num minuto. — Levantando o braço, Ryan trouxe a cabeça dele para baixo até que pudesse alcançá-la na ponta dos pés e deu um beijo na sua boca. — Obrigada, Link.

Ele ficou rosado, sorriu e lançou um olhar agoniado para Bess.

— De nada.

— Tenho uma coisa para você. — Ainda sorrindo, Ryan se virou para

Pierce. — Vai me beijar também? — ele perguntou.

— Depois de ganhar meu presente.

— Interesseira — disse ele, e entregou-lhe uma pequena caixa de madeira.

Era antiga e talhada. Ryan passou o dedo sobre ela para sentir os locais que tinham ficado lisos com o tempo e o manuseio.

— É bonita — ela murmurou. Abriu-a e viu um pequenino símbolo de prata numa corrente. — Oh!

— Uma *ankh* — Pierce lhe disse, pegando-a para colocar em volta do seu pescoço. — Um símbolo egípcio da vida. Não é uma superstição — disse ele em tom sério. — É para dar sorte.

— Pierce. — Lembrando-se de seu centavo achatado, Ryan riu e lançou os braços em volta dele. — Nunca se esquece de nada?

— Não. Agora você me deve um beijo.

Ryan obedeceu, mas se esqueceu que havia olhares sobre eles.

— Ei, queremos um pouco desse bolo. Não queremos, Link?

Bess passou o braço em volta da sua grossa cintura e sorriu quando Ryan olhou.

— Será que é tão gostoso quanto parece? — Ryan se perguntou em voz alta enquanto pegava a faca e cortava uma fatia. — Não sei quando foi a última vez que comi bolo de aniversário. Link, pegue o primeiro pedaço. — Ryan lambeu o glacê do dedo quando ele pegou o bolo. — Maravilhoso — fez seu julgamento e começou a cortar outra fatia. — Não sei como você descobriu. Eu mesma tinha esquecido até... — Ryan parou de cortar e endireitou o corpo.

— Você leu minha mensagem — ela acusou Pierce. Ele parecia convincentemente perplexo.

— Que mensagem?

Ela deu um suspiro impaciente, sem notar que Bess tinha pegado a faca e estava cortando o bolo.

— Foi na minha bolsa e leu a mensagem.

— Fui na sua bolsa? — Pierce repetiu, levantando uma das sobrancelhas. — Ora, Ryan, eu faria algo tão grosseiro?

Ela pensou nisso por um momento.

— Sim, faria.

Bess deu um riso abafado, mas ele apenas lançou-lhe um leve olhar. Aceitou um pedaço de bolo.

— Um mágico não precisa chegar a bater carteira para ter informação.

Link riu, um ruído surdo e profundo que pegou Ryan de surpresa.

— Como daquela vez que pegou as chaves do sujeito em Detroit? — ele lembrou a Pierce.

— Ou os brincos da senhora em Flatbush — disse Bess.

— Ninguém tem a mão mais leve que você, Pierce.

— É mesmo? — Ryan emitiu as palavras enquanto voltou o olhar para ele.

Pierce deu uma mordida no bolo e não disse nada.

— Ele sempre devolve no fim do show — Bess prosseguiu. — Que bom que Pierce não se decidiu por uma vida criminosa. Pense no que aconteceria se ele começasse a arrombar cofres pelo lado de fora e não de dentro.

— Fascinante — concordou Ryan, estreitando os olhos para ele. — Adoraria saber mais sobre isso.

— E naquela vez em que você saiu daquela pequena cela em Wichita, Pierce? — Bess prosseguiu. — Sabe quando eles trancaram você por...

— Tome um pouco mais de champanhe, Bess — Pierce sugeriu, erguendo a garrafa e inclinando-a em sua taça.

Link deu outra risada vigorosa.

— Gostaria de ter visto a cara do delegado quando olhou e viu a cela vazia, completamente trancada e arrumada.

— Fuga de cela — refletiu Ryan, fascinada.

— Houdini fazia isso de forma rotineira. Pierce entregou-lhe uma taça de champanhe.

— É, mas ele combinava com os tiras primeiro.

Bess riu do olhar que Pierce deu para ela e cortou outro pedaço de bolo para Link.

— Bater carteiras, fugir de celas. — Ryan gostou do ligeiro desconforto que viu nos olhos de Pierce. Não era com frequência que ela o tinha em desvantagem. — Existem outras coisas sobre as quais eu deveria saber?

— Parece que você já sabe demais — ele comentou.

— É. — Ela lhe deu um beijo sonoro, — E é o melhor presente de aniversário que já recebi.

— Vamos lá, Link. — Bess levantou a garrafa de champanhe, que estava pela metade. — Vamos acabar com isso e com o bolo. Vamos deixar que Pierce saia dessa. Você deveria contar a ela sobre aquele vendedor em Salt Lake City.

— Boa noite, Bess — disse Pierce de modo suave, e ganhou outra risada.

— Feliz aniversário, Ryan.

Bess deu um reluzente sorriso para Pierce enquanto puxava Link para fora do quarto.

— Obrigada, Bess. Obrigada, Link. — Ryan esperou até a porta se fechar antes de olhar novamente para Pierce. — Antes de falarmos sobre o vendedor em Salt Lake City, por que estava na cela em Wichita? — Os olhos dela riam para ele sobre a borda da taça.

— Um mal-entendido.

— É o que todos dizem. — Sua sobrancelha arqueou.

— Um marido ciumento, talvez?

— Não, um assistente de delegado que ficou chateado quando se viu preso ao banco do bar com suas próprias algemas. — Pierce deu de ombros. — Ele não ficou grato quando o soltei.

Ryan abafou uma risada.

— Não, imagino que não tenha ficado.

— Uma pequena aposta — Pierce acrescentou. — Ele perdeu.

— Então, em vez de pagar — Ryan concluiu —, ele jogou você no xadrez.

— Algo do tipo.

— Um criminoso desesperado. — Ryan deu um suspiro.

— Suponho que estou à sua mercê. — Ela largou a taça e foi até ele. — Foi muita delicadeza de sua parte fazer isso por mim. Obrigada.

Pierce pôs o cabelo dela para trás.

— Um rosto tão sério — murmurou ele e beijou seus olhos fechados. Pensou na dor que tinha visto neles quando ela leu a carta do pai. — Não vai abrir o presente do seu pai, Ryan?

Ela balançou a cabeça e colocou o rosto no ombro dele.

— Não, esta noite não. Já recebi os presentes que importam.

— Ele não esqueceu de você, Ryan.

— Não, ele não esqueceria. Estaria marcado no seu calendário. Ah, sinto muito. — Ela balançou a cabeça mais uma vez, afastando-se. — Isso foi mesquinho. Sempre quis demais. Ele realmente me ama, do seu próprio jeito.

Pierce tomou suas mãos nas dele.

— Só ele conhece seu próprio jeito.

Ryan olhou de novo para ele. Sua carranca se transformou numa expressão de compreensão.

— É, você tem razão. Nunca pensei nisso desse jeito. Fico lutando para agradá-lo a fim de que ele se vire para mim um dia e diga "Ryan, eu amo você. Tenho orgulho de ser seu pai." É ridículo. — Ela suspirou. — Sou adulta, mas fico esperando.

— Nunca deixamos de querer isso de nossos pais. Pierce puxou-a para junto dele de novo. Ryan pensou na infância dele enquanto imaginava a dela.

— Seríamos pessoas diferentes, não seríamos, se nossos pais tivessem agido de forma diferente?

— Sim — ele respondeu. — Seríamos. Ryan inclinou a cabeça para trás.

— Eu não gostaria que você fosse diferente, Pierce. Você é exatamente o

que desejo. — Ávida, ela comprimiu sua boca na dele. — Leve-me para a cama — ela sussurrou. — Diga-me em que estava pensando naquelas horas antes de sermos interrompidos.

Pierce levantou-a, e ela se agarrou, deliciando-se com a força dos seus braços.

— Na verdade — ele começou a dizer, passando para o quarto —, estava imaginando o que você usava sob o vestido.

Ryan riu e comprimiu a boca na sua garganta.

— Bem, não há quase nada, para ficar imaginando.

O quarto estava escuro e tranquilo, enquanto Ryan estava deitada enroscada ao lado de Pierce. Os dedos dele brincavam distraidamente com os cabelos dela. Ele pensou que ela estivesse dormindo; ela estava imóvel. Ele não se importava em estar acordado. Permitia-lhe aproveitar o toque da sua pele em contato com a dele, a textura sedosa dos cabelos dela. Enquanto ela dormia, ele podia tocá-la sem despertá-la, apenas para se consolar com sua presença. Ele não gostava de saber que ela não estaria na sua cama na noite seguinte.

— Em que está pensando? — ela murmurou, e o assustou.

— Em você. — Ele puxou-a para mais perto. — Pensei que estivesse dormindo.

— Não. — Ele sentiu o roçar das sobrancelhas dela no seu ombro quando ela abriu os olhos. — Estava pensando em você. — Ela levantou o dedo e contornou o maxilar dele. — Onde arrumou esta cicatriz?

Ele não respondeu imediatamente. Ryan percebeu que tinha inadvertidamente invadido seu passado.

— Acho que foi numa batalha com uma feiticeira — disse ela rapidamente, desejando poder retirar a pergunta.

— Não foi algo tão romântico. Rolei da escada quando era criança.

Ela prendeu a respiração um momento. Não tinha esperado que ele falasse nada sobre o passado, até mesmo um detalhe tão pequeno. Ela mudou de posição e repousou a cabeça em seu peito.

— Tropecei num banco uma vez e um dente ficou mole. Meu pai ficou furioso quando descobriu. Fiquei apavorada que o dente caísse e ele me repudiasse.

— Ele apavorava você tanto?

— Sua desaprovação, sim. Acho que era tolice.

— Não. — Fitando o teto escuro, Pierce continuou a afagar o cabelo dela. — Todos temos medo de alguma coisa.

— Até mesmo você? — perguntou ela com um meio sorriso. — Acredito que não tenha medo de nada.

— De não conseguir sair uma vez que estiver dentro — murmurou ele.
Surpresa, Ryan levantou os olhos e viu o brilho dos olhos dele na escuridão.
— Está falando de uma de suas fugas?
— O quê?

Ele trouxe a atenção de volta para ela. Não tinha percebido que havia falado alto.

— Por que executa as fugas se este é o seu sentimento?

— Acha que se ignorar um medo ele desaparece? — ele perguntou. — Quando eu era pequeno — disse ele com calma —, foi um armário, e não consegui sair. Agora é uma mala-armário, ou um cofre, e eu consigo escapar.

— Oh, Pierce. — Ryan virou o rosto para o peito dele. — Desculpe. Não precisa falar sobre isso.

Mas ele foi forçado a fazer isso. Pela primeira vez desde sua infância Pierce se ouviu falando do assunto.

— Acho que a lembrança do cheiro permanece com você mais tempo do que qualquer outra coisa. Sempre conseguia lembrar do cheiro do meu pai de modo nítido. Só dez anos depois da última vez que o vi foi que descobri o que era. Ele cheirava a gim. Eu não poderia lhe dizer sobre sua aparência, mas me lembrava do cheiro.

Ele continuava a fitar o teto enquanto falava. Ryan sabia que ele a tinha esquecido enquanto voltou ao passado.

— Uma noite, quando eu tinha cerca de 15 anos, eu estava no porão. Gostava de ficar lá quando todo mundo estava dormindo. Deparei com o zelador desmaiado num canto com uma garrafa de gim. Aquele cheiro — lembro-me de ter ficado apavorado por um momento, sem ter nenhuma idéia do motivo. Mas eu fui e peguei a garrafa, e então soube. Parei de ter medo.

Pierce ficou em silêncio por um longo tempo, e Ryan não disse nada. Ela esperou, querendo que ele continuasse mas sabendo que não podia lhe pedir isso. O quarto estava tranquilo, a não ser pelo som do coração dele batendo sob seu ouvido.

— Ele era um homem muito cruel e muito doente — murmurou Pierce, e ela sabia que ele falava novamente do pai. — Por vários anos eu tinha certeza que isso queria dizer que eu estava com a mesma doença.

Apertando-o mais firme, Ryan balançou a cabeça.

— Não há nada de crueldade em você — ela sussurrou. — Nada.

— Pensaria isso se lhe dissesse de onde vim? — ele se perguntou. — Estaria disposta a me deixar tocá-la então?

Ryan levantou a cabeça e engoliu as lágrimas.

— Bess me contou há uma semana — disse ela com firmeza. — E eu estou

aqui. — Ele não disse nada, mas ela sentiu a mão dele afastar-se dos seus cabelos. — Você não tem direito de ficar com raiva dela. Ela é a pessoa mais leal e mais amorosa que já conheci. Ela me contou porque sabia que eu me importava, sabia que eu precisava compreendê-lo.

Ele estava imóvel.

— Quando?

— Na noite... — Ryan hesitou e inspirou. — Na noite de estréia. — Ela gostaria de ver a expressão dele, mas a escuridão a ocultava. — Você disse que seríamos amantes quando o conheci. Você tinha razão. — Como a voz dela tremia, ela engoliu em seco. — Se arrepende?

Pareceu-lhe uma eternidade até ele responder.

— Não. — Pierce puxou-a para junto do corpo novamente. — Não. — Ele beijou sua têmpora. — Como poderia me arrepender de ser seu amante?

— Então não lamente o fato de eu conhecê-lo. Você é o homem mais maravilhoso que já conheci.

Ele riu disso, divertindo-se um pouco e um pouco comovido. E aliviado, ele descobriu. O alívio era tremendo. Fez com que ele risse de novo.

— Ryan, que coisa incrível você disse.

Ela inclinou o queixo para cima. Não haveria lágrimas para ele.

— É realmente verdade, mas não vou dizer novamente. Você vai ficar convencido. — Ela levou a mão até o rosto dele. — Mas só esta noite eu vou deixar você se deleitar. E, além disso — acrescentou ela, puxando a orelha dele —, gosto do jeito como suas sobranceiras se levantam nas extremidades. — Ela beijou sua boca e deixou que seus lábios vagassem pelo rosto dele. — E como assina seu nome.

— Como o quê? — perguntou ele.

— Nos contratos — Ryan explicou, ainda dando ligeiros beijos em todo o seu rosto. — É muito vistoso. — Ela sentiu o sorriso passar pelo rosto dele. — Do que gosta em mim? — perguntou ela.

— Do seu gosto — disse ele instantaneamente. — É impecável.

Ryan mordeu o lábio inferior dele, mas ele apenas virou-a de lado e transformou o castigo num beijo de muita satisfação.

— Sabia que deixaria você convencido — disse ela, com um ar de desgosto. — Vou dormir.

— Acho que não — Pierce comentou, e abaixou a boca. Mais uma vez ele tinha razão.

Capítulo 11

Despedir-se de Pierce foi uma das coisas mais difíceis que Ryan já havia feito. Ela ficara tentada a esquecer todas as obrigações, todas as suas ambições, e pedir que a levasse junto. O que eram as ambições senão objetivos vazios se ela não estava com ele? Ela lhe diria que o amava, que nada importava a não ser o fato de eles estarem juntos.

Mas quando eles se separaram no aeroporto, ela forçou-se a sorrir, dar-lhe um beijo de despedida e soltá-lo. Ela precisava ir para Los Angeles, e ele tinha que subir a costa. O trabalho que os unira também os separaria.

Não haviam falado do futuro. Ryan veio a descobrir que Pierce não falava do amanhã. O fato de que ele tinha lhe falado de seu passado, embora brevemente, a tranqüilizou. Era um passo adiante, talvez maior do que eles tinham percebido.

O tempo, Ryan pensou, diria se o que ocorreu entre eles em Las Vegas aumentaria ou terminaria. Era o período de espera. Ela sabia que se ele tivesse arrependimentos, eles viriam à tona agora, enquanto estivessem separados. A distância nem sempre aumentava a saudade. Também permitia que o sangue e o cérebro esfriassem. As dúvidas costumavam se formar quando havia tempo para pensar. Quando ele estivesse em Los Angeles, para as primeiras reuniões, ela teria a resposta.

Quando Ryan entrou no escritório, deu uma olhada no relógio e infelizmente percebeu que o tempo e os horários faziam parte do seu mundo de novo. Tinha deixado Pierce havia apenas uma hora e já sentia uma intensa saudade dele. Ele estava pensando nela — agorinha, neste exato momento? Se ela se concentrasse bastante, ele saberia que ela pensava nele? Ryan deu um suspiro e sentou-se atrás da mesa. Desde que se envolvera com Pierce, se tornara mais livre em sua imaginação. Havia momentos, ela admitia, em que acreditava em mágica.

O que aconteceu com você, Srta. Swan?, perguntou a si mesma. Seus pés não estão no chão, onde é o seu lugar. O amor, ela refletiu, e apoiou o queixo nas mãos. Quando se está apaixonada, nada é impossível.

Quem poderia dizer por que seu pai tinha levado a mal e a enviado para Pierce? Que força havia guiado a mão dela a escolher aquela fatídica carta do baralho de tarô? Por que a gata tinha escolhido sua janela na tempestade? Certamente, havia explicações lógicas para cada etapa que a levava a se aproximar de onde estava naquele momento. Mas uma mulher apaixonada não deseja lógica.

Tinha sido mágica, pensou Ryan, dando um sorriso. Desde o primeiro momento que seus olhos se encontraram, ela havia sentido isso. Ela, simplesmente, custara a aceitar. Agora que tinha aceitado, sua única escolha era esperar e ver se durava. Não, ela corrigiu, não era momento para escolhas. Ela ia fazer com que durasse. Se exigisse paciência, então, seria paciente. Se exigisse ação, então, agiria. Mas ela ia fazer dar certo, mesmo que significasse ela própria experimentar a feitiçaria.

Balançou a cabeça e sentou-se na cadeira. Nada poderia ser feito até que ele estivesse novamente de volta à sua vida. Isso levaria uma semana. Por enquanto, ainda havia trabalho a ser feito. Não poderia agitar uma varinha de condão e fazer passar os dias até que ele voltasse. Tinha que preenchê-los. Abriu suas anotações sobre Pierce Atkins e começou a transcrevê-las. Menos de 30 minutos depois sua campainha soou.

— Sim, Barbara.

— O chefe quer vê-la.

Ryan franziu as sobrancelhas para o monte de documentos sobre sua mesa.

— Agora?

— Agora.

— Tudo bem, obrigada.

Xingando a meia voz, Ryan empilhou os documentos e separou o que estava em ordem para levar com ela. Ele podia ter lhe dado algumas horas para se organizar, pensou. Mas o fato ainda era que ele ia supervisionar o projeto por cima do seu ombro. Ela estava longe de provar seu valor para Bennett Swan. Sabendo disso, Ryan enfiou os documentos numa pasta e foi ver o pai.

— Bom dia, Srta. Swan. — A secretária de Bennett Swan levantou os olhos quando Ryan entrou. — Como foi a viagem?

— Foi muito bem, obrigada.

Ryan observou os olhos da mulher deslocarem-se suavemente para as pérolas discretas e caras em suas orelhas. Havia colocado o presente do pai sabendo que ele desejaria vê-las para ter certeza de que eram corretas e tinham sido apreciadas.

— O Sr. Swan teve de sair um momento, mas logo estará com a senhorita. Ele gostaria que esperasse no escritório dele. O Sr. Ross já está lá dentro.

— Bem-vinda, Ryan.

Ned se levantou quando ela fechou a porta ao passar. O café que ele segurava na mão estava fumegante.

— Olá, Ned. Vai participar da reunião?

— O Sr. Swan quer que trabalhemos juntos nisso. — Ele lançou-lhe um sorriso encantador que era também um leve pedido de desculpas. — Espero que

não se importe.

— Claro que não — disse ela francamente. Colocou a pasta sobre a mesa e aceitou o café que Ned lhe ofereceu. — Com que função?

— Serei coordenador de produção — ele disse. — O projeto ainda é seu, Ryan.

— É.

Com você como meu inspetor, ela pensou de modo amargo. Swan estaria dando as cartas.

— Como foi em Las Vegas?

— Sem igual — Ryan lhe disse enquanto caminhava até a janela.

— Espero que tenha encontrado tempo para tentar a sorte. Você trabalha demais, Ryan.

Ela tocou a *ankh* no pescoço e sorriu.

— Joguei vinte-e-um um pouco. Ganhei.

— Não brinca! Que bom!

Depois de dar uns goles no café, ela colocou a xícara de lado.

— Acho que tenho uma base firme do que será conveniente para Pierce, a Swan Produções e a emissora — ela prosseguiu. — Ele não precisa de grandes nomes para atrair audiência. Acho que mais de uma estrela convidada o perturbaria. Quanto ao cenário, precisarei falar com os projetistas, mas tenho algo bem definido na cabeça. Quanto aos patrocinadores...

— Podemos falar de negócios mais tarde — Ned interrompeu. Ele foi até ela e enroscou as pontas dos cabelos dela nos dedos. Ryan ficou parada e olhou pela janela. — Senti sua falta, Ryan — disse Ned suavemente. — Parecia que você estava longe havia meses.

— Estranho — ela murmurou observando um avião cruzar o céu. — Nunca vi uma semana passar tão rápido.

— Querida, quanto tempo você vai me castigar? — Ele beijou a parte de cima da cabeça dela. Ryan não tinha ressentimento. Não sentia absolutamente nada. Estranhamente, Ned se via mais atraído por ela desde que o rejeitara. Havia algo diferente nela agora, que ele não conseguia identificar bem. — Se me desse uma chance, eu poderia consertar tudo.

— Não o estou castigando, Ned. — Ryan virou-se de frente para ele. — Desculpe-me se é assim que parece.

— Anda está com raiva de mim.

— Não, eu lhe disse que não estava. — Ela suspirou, decidindo que seria melhor esclarecer as coisas entre eles.

— Eu estava com raiva e magoada, mas não durou. Nunca estive apaixonada por você, Ned.

Ele não gostou do leve pedido de desculpas na voz dela. Colocou-o na defensiva.

— Estávamos apenas nos conhecendo.

Quando ele começou a segurar suas mãos, ela balançou a cabeça.

— Não, acho que não me conhece nem um pouco. E — ela acrescentou — se vamos ser honestos, não era isso que você buscava.

— Ryan, quantas vezes tenho que pedir desculpas por aquela sugestão ridícula?

Havia um misto de dor e arrependimento na voz dele.

— Não quero um pedido de desculpas, Ned. Estou tentando me explicar. Você cometeu um erro supondo que eu podia influenciar meu pai. Você tem mais influência sobre ele que eu.

— Ryan...

— Não, me escute — ela insistiu. — Você achou que por eu ser filha de Bennett Swan ele me ouve. Não só não é verdade como nunca foi. Seus parceiros de negócios têm mais entrada com ele do que eu. Desperdiçou seu tempo cultivando minha amizade para chegar até ele. E, deixando isso de lado — ela continuou —, não estou interessada num homem que quer me usar como trampolim. Tenho certeza que trabalharemos muito bem juntos, mas não desejo vê-lo fora do escritório.

Os dois se viraram quando ouviram a porta do escritório se fechar.

— Ryan... Ross.

Bennett Swan caminhou até a mesa e se sentou.

— Bom dia. — Ryan se atrapalhou um pouco com o cumprimento antes de pegar uma cadeira. O que ele tinha ouvido?, ela se perguntou. Seu rosto não revelava nada, então Ryan pegou a pasta. — Esbocei meus pensamentos e idéias sobre Atkins — ela começou a dizer —, embora não tenha tido tempo para fazer um relatório completo.

— Dê-me o que tem.

Ele acenou para que Ned se sentasse e então acendeu um charuto.

— Ele tem um número para apresentações em clube muito conciso. — Ryan entrelaçou os dedos para mantê-los parados. — O senhor mesmo já viu os vídeos, então sabe que seu número varia de prestidigitação a grandes ilusões e fugas que levam dois ou três minutos. As fugas o manterão longe da câmera por esse período de tempo, mas o público espera isso. — Ela parou para cruzar as pernas. — É claro que sabemos que modificações para a televisão serão necessárias, mas não vejo problema. Ele é um homem extraordinariamente criativo.

Swan resmungou algo que poderia ter sido um sinal de concordância e estendeu a mão para o relatório de Ryan. Ela se levantou, entregou-o e sentou-se

novamente. Ele não estava em um de seus melhores dias, ela observou. Alguém o desapontara. Ela só poderia agradecer que esse alguém não tivesse sido ela.

— Isso é muito pouco — comentou ele, franzindo as sobrancelhas para a pasta.

— Não será, até o fim do dia.

— Eu mesmo conversarei com Atkins na semana que vem — declarou Swan enquanto examinava superficialmente os documentos. — Coogar vai dirigir.

— Bom. Eu gostaria de trabalhar com ele. Quero Bloomfield na montagem do set — disse ela casualmente e prendeu a respiração.

Swan levantou os olhos e ficou olhando para ela. Bloomfield tinha sido a escolha dele. Havia se decidido por ele menos de uma hora antes. Ryan encarou o olhar duro com determinação. Não tinha plena certeza se ele estava satisfeito ou chateado que sua filha estava um passo à sua frente.

— Vou refletir sobre o assunto — disse ele, e voltou ao relatório.

Sem fazer barulho, Ryan soltou o ar.

— Ele trará seu próprio diretor musical — ela prosseguiu, pensando em Link. — E tem sua própria equipe e apetrechos. Se tivermos um problema, eu diria que será fazê-lo cooperar com o nosso pessoal na pré-produção e no set. Ele tem sua própria maneira de fazer as coisas.

— Isso pode ser resolvido — murmurou Swan. — Ross será seu coordenador de produção.

Ele levantou os olhos e viu os de Ryan.

— Assim entendo. — Ryan olhou da mesma forma.

— Não posso discutir com sua escolha, mas acho que se sou a produtora do projeto, deveria escolher minha própria equipe.

— Não quer trabalhar com Ross? — perguntou Swan como se Ned não estivesse sentado ao lado dela.

— Acho que eu e Ned trabalharemos muito bem juntos

— disse ela de forma suave. — E tenho certeza que Coogar sabe os operadores de câmera que quer. Seria ridículo interferir em seu trabalho. No entanto — acrescentou ela com um ar de frieza na voz —, também sei quem *eu* quero que trabalhe no projeto.

Swan recostou-se e deu uma baforada no charuto. O rubor no seu rosto alertava sobre seu humor.

— O que é que você sabe sobre produção?

— O suficiente para produzir esse especial e torná-lo um sucesso — respondeu ela. — Como o senhor mandou que eu fizesse algumas semanas atrás.

Swan tinha tido tempo para arrepender-se do impulso que o fizera concordar

com as condições de Pierce.

— Você é a produtora oficialmente — ele disse de forma ríspida. — Basta seguir as orientações.

Ryan sentiu o tremor no estômago mas manteve os olhos fixos.

— Se é assim que se sente, tire-me agora. — Ela levantou-se devagar. — Mas, se eu ficar, vou fazer mais que assistir meu nome passar nos créditos. Sei como o sujeito trabalha e conheço televisão. Se não for o suficiente para o senhor, arrume outra pessoa.

— Sente-se! — ele gritou com ela. Ned afundou um pouco mais em sua cadeira, mas Ryan permaneceu de pé.

— Não me dê ultimatos. Estou nesse negócio há 40 anos.

— Ele bateu a mão na mesa. — *Quarenta anos!* Então você conhece televisão — disse ele com desdém. — Fazer um show ao vivo não é como alterar um maldito contrato. Não posso ter uma menininha histérica correndo para mim cinco minutos antes de entrar no ar me dizendo que existe uma falha no equipamento.

Ryan engoliu a pura raiva e respondeu, de modo frio.

— Não sou uma menininha histérica e nunca vim correndo atrás do senhor para nada.

Completamente atordoado, ele ficou olhando para ela. A pontada de culpa tornou sua raiva ainda mais explosiva.

— Você está apenas começando — ele vociferou, enquanto fechava a pasta. — E está começando porque eu quero. Vai aceitar meus conselhos quando eu lhe der.

— Seus conselhos? — perguntou Ryan. Os olhos dela cintilavam de emoções conflitantes, mas a voz estava muito firme.

— Sempre respeitei seus conselhos, mas não ouvi nenhum aqui hoje. Apenas ordens. Não quero nenhum favor seu.

Ela se virou e se dirigiu para a porta.

— Ryan! — Havia fúria completa na palavra. Ninguém jamais havia deixado Bennett Swan falando sozinho. — Volte aqui e sente-se. *Menininha!* — gritou ele quando ela ignorou a ordem.

— Não sou sua menininha — retrucou ela, virando-se novamente. — Sou sua empregada.

Confuso, ele ficou olhando para ela. Que resposta ele poderia dar a isso? Apontou para uma cadeira de forma impaciente.

— Senta — disse ele de novo, mas ela permaneceu na porta. — Senta, senta — repetiu ele com mais exasperação que mau gênio.

Ryan voltou e com calma retomou seu lugar.

— Pegue as anotações de Ryan e comece a trabalhar no orçamento — ele disse a Ned.

— Sim, senhor.

Grato por ser dispensado, Ned pegou a pasta e se retirou. Swan esperou a porta se fechar antes de olhar novamente para a filha.

— O que deseja? — ele perguntou pela primeira vez na vida.

O fato ocorreu aos dois no mesmo momento. Ryan demorou a separar os sentimentos pessoais dos profissionais.

— O mesmo respeito que demonstraria a qualquer outro produtor.

— Você não tem uma folha de serviço — ele salientou.

— Não — ela concordou. — E nunca terei se o senhor amarrar minhas mãos.

Swan deu um suspiro, viu que seu charuto tinha apagado e colocou-o num cinzeiro.

— A emissora tem um horário experimental, o terceiro domingo de maio, dez para as nove no horário da Costa Leste.

— Isso só nos dá dois meses. Ele assentiu com a cabeça.

— Eles querem antes do verão. Com que rapidez consegue trabalhar?

Ryan levantou uma das sobrancelhas e sorriu.

— O suficiente. Quero Elaine Fisher como estrela convidada.

Swan estreitou os olhos para ela.

— É tudo? — perguntou ele secamente.

— Não, mas é um começo. Ela é talentosa, bonita e tão popular com as mulheres quanto com os homens. Além do mais, tem experiência em trabalhar com clubes e com teatro ao vivo — ela salientou, enquanto Swan franzia as sobrancelhas e não dizia nada. — Aquele seu olhar ingênuo e arregalado é o contraste perfeito para Pierce.

— Ela está filmando em Chicago.

— O filme termina na próxima semana. — Ryan lançou-lhe um sorriso calmo. — E ela tem contrato com a Swan. Se o filme passar uma ou duas semanas do programado, não fará diferença — ela acrescentou, enquanto ele permaneceu calado. — Não precisaremos dela na Califórnia por mais que alguns dias. Pierce conduz o show.

— Ela tem outros compromissos — Swan ressaltou.

— Ela se encaixará.

— Ligue para seu agente.

— Farei isso. — Ryan levantou-se novamente. — Marcarei uma reunião com Coogar e entrarei em contato com o senhor de novo. — Ela parou por um momento e então, por impulso, deu a volta na mesa dele e parou a seu lado. —

Eu o tenho observado trabalhar há anos — ela começou a dizer. — Não espero que tenha a confiança em mim que tem em si próprio ou em alguém com experiência. E se eu cometer erros, não gostaria que eles fossem ignorados. Mas se eu fizer um bom trabalho, e vou fazer, quero ter certeza que *eu* o fiz, não que apenas recebi o crédito por ele.

— É o seu show — disse ele simplesmente.

— Sim. — Ryan assentiu com a cabeça. — Exatamente. Existem muitas razões pelas quais o projeto é especialmente importante para mim. Não posso prometer não cometer erros, mas posso prometer que não existe ninguém mais que trabalhará com mais afinco nele.

— Não deixe Coogar lhe dar ordens — murmurou ele após um instante. — Ele gosta de enlouquecer os produtores.

Ryan sorriu.

— Ouvi as histórias, não se preocupe. — Ela estava indo embora novamente e então se lembrou. Após uma breve hesitação, ela inclinou-se para roçar os lábios em seu rosto. — Obrigado pelos brincos. São lindos.

Swan deu uma olhada neles. O joalheiro tinha assegurado à sua secretária que eram um presente apropriado e um bom investimento. O que ele tinha dito na mensagem que enviara com eles?, ele se perguntou. Envergonhado por não conseguir se lembrar, decidiu pedir uma cópia à secretária.

— Ryan. — Swan tomou sua mão. Vendo-a piscar de surpresa com o gesto, ele ficou olhando para os próprios dedos. Ele tinha ouvido toda a conversa dela com Ned antes de entrar no escritório. A conversa o tinha deixado com raiva, perturbado, e agora, quando viu a filha atordoada por ele pegar sua mão, ele ficou frustrado.

— Divertiu-se em Las Vegas? — perguntou, sem saber o que mais dizer.

— Sim. — Sem ter certeza do que fazer depois, Ryan voltou aos negócios. — Acho que foi um lance de esperteza. Ver Pierce trabalhar de perto me deu uma boa perspectiva. É uma visão muito mais geral que num vídeo. E conheci as pessoas que trabalham com ele. Não será problema quando eles tiverem de trabalhar comigo. — Ela lançou outro olhar confuso para suas mãos unidas. Ele poderia estar doente?, ela se perguntou, e olhou rapidamente para seu rosto. — Eu... terei um relatório muito mais conciso para o senhor até amanhã.

Swan esperou até ela terminar.

— Ryan, quantos anos completou ontem?

Ele a observou de perto. Os olhos dela passaram de confusos a tristes.

— Vinte e sete — ela lhe disse, sem demonstrar emoção.

Vinte e sete! Dando um longo suspiro, Swan soltou sua mão.

— Perdi alguns anos em algum lugar — ele murmurou. — Vá acertar as

coisas com Coogar — ele lhe disse, e remexeu os papéis sobre a mesa. — Envie-me um memorando após contatar o agente de Fisher.

— Tudo bem.

Por cima dos papéis, Swan observou-a caminhar até a porta. Quando ela saiu, ele recostou-se na cadeira. Achava perturbador perceber que estava envelhecendo.

Capítulo 12

Produzir, Ryan descobriu, a mantinha tão mergulhada em papelada quanto os contratos a deixavam. Passou os dias atrás da mesa, ao telefone ou no escritório de outra pessoa. Era um trabalho árduo e estafante, com pouco glamour. As horas eram longas; os problemas, infinitos. Mas ela descobriu que gostava. Era, afinal de contas, a filha de seu pai.

Swan não havia lhe dado liberdade, mas o confronto que tiveram na manhã do seu retorno a Los Angeles tinha tido seus benefícios. Ele a estava escutando. Na maior parte do tempo, ela o considerou surpreendentemente simpático às suas propostas. Não vetou de forma arbitrária como ela temera que faria, mas alterou, algumas vezes. Swan conhecia o negócio de todos os ângulos. Ryan ouviu e aprendeu.

Os dias dela eram cheios e caóticos. Suas noites, vazias. Ryan sabia que Pierce não telefonaria. Não era do seu estilo. Ficaria na sua sala de trabalho, planejando, praticando, aperfeiçoando. Ela duvidava que ele até mesmo notaria o tempo passar.

É claro que ela poderia telefonar para ele, pensou, enquanto vagava pelo apartamento vazio. Poderia inventar inúmeras desculpas possíveis para ligar. Havia a mudança no horário de gravação. Era um motivo válido, embora ela soubesse que ele já tinha sido informado, por intermédio de seu agente. E havia pelo menos uma dúzia de pontos de menor importância que eles poderiam revisar antes da reunião da próxima semana.

Ryan olhou pensativa para o telefone e balançou a cabeça. Não era sobre negócios que ela queria falar com ele, e não usaria isso como cortina de fumaça. Foi até a cozinha e começou a preparar um jantar leve.

Pierce reviu a ilusão com a água pela terceira vez. Estava quase perfeita. Mas quase nunca era bom o bastante. Ele pensou, não pela primeira vez, que a lente da câmera seria infinitamente mais aguçada que o olho humano. Toda vez que se assistira em vídeo, ele tinha encontrado falhas. Não importava para Pierce que só ele sabia onde procurá-las. Só importava que elas existiam. Ele reviu mais uma vez.

Sua sala de trabalho estava em silêncio. Embora ele soubesse que Link estava lá em cima, no piano, o som não chegava até ele. Mas ele não teria ouvido se eles estivessem na mesma sala. Ele olhou-se de forma crítica num longo espelho enquanto a água parecia tremer num tubo sem suporte. O espelho o mostrava segurando-a, de cima a baixo, enquanto ela fluía de uma das mãos para a outra. Água. Era um dos quatro elementos que ele pretendia dominar para o

especial de Ryan.

Ele pensava no especial como sendo dela, muito mais que seu. Pensava nela quando deveria estar pensando em seu trabalho. Com um movimento gracioso das mãos, fazia a água voltar para uma jarra de vidro.

Ele quase telefonara para ela uma dúzia de vezes. Uma vez, às três horas da manhã, sua mão chegou ao disco do telefone. Apenas sua voz... ele só queria ouvir sua voz. Não completou a chamada, lembrando-se de sua promessa de nunca impor nada a ninguém. Se ele telefonasse, significava que esperava que ela estivesse disponível para atendê-lo. Ryan era livre para fazer o que quisesse; ele não tinha direitos sobre ela. Nem sobre ninguém. Até a gaiola do pássaro ele mantinha aberta o tempo todo.

Não tinha havido ninguém em sua vida a quem ele pertencera. As assistentes sociais ditavam regras e geravam compaixão, mas, no final das contas, ele era apenas mais um número em um arquivo. A lei providenciara para que ele fosse devidamente acomodado e cuidado. E a lei o mantivera atado a duas pessoas que não o queriam mas se recusavam a libertá-lo.

Mesmo quando amava — como era o caso com Link e Bess —, ele aceitava, mas não exigia vínculos. Talvez fosse por isso que ele continuava a planejar fugas mais complicadas. Toda vez que alcançava sucesso, ficava provado que ninguém podia ficar preso para sempre.

Mas ele pensava em Ryan quando deveria estar trabalhando.

Pegou as algemas e as examinou. Elas haviam se encaixado sem problemas no pulso dela. Ele a tinha presa então. Sem qualquer propósito, ele colocou parte no seu pulso direito e brincou com a outra, imaginando a mão de Ryan presa à dele.

Era isso que ele queria?, se perguntou. Prendê-la a ele? Lembrou-se da sua quentura, de como ele ficava envolvido por ela após apenas um toque. Quem estaria preso a quem? Chateado, Pierce se libertou tão rapidamente quanto tinha fechado a algema.

— Uma posta de carne de serpente — Merlin crocitou do seu poleiro.

Com ar divertido, Pierce olhou para ele.

— Acho que você tem razão — murmurou, sacudindo as algemas na mão um instante. — Mas você também não conseguiu resistir a ela, não foi?

— Abracadabra.

— Abracadabra mesmo — Pierce concordou distraidamente. — Mas quem enfeitiçou quem?

Ryan estava prestes a entrar na banheira quando ouviu a batida na porta.

— Droga! — Irritada com a interrupção, vestiu novamente o robe e foi atender. Mesmo enquanto abria a porta, estava calculando como se livrar do

visitante antes que a água da banheira esfriasse.

— Pierce!

Ele viu os olhos dela se arregalarem de surpresa. Depois, com um misto de alívio e prazer, constatou a alegria. Ryan lançou-se em seus braços.

— É você mesmo? — perguntou antes de sua boca unir-se à dele. Seu desejo disparou pelo corpo dele, igualando-se ao seu sentimento. — Cinco dias — murmurou Ryan, e agarrou-se a ele. — Sabe quantas horas existem em cinco dias?

— Cento e vinte. — Pierce afastou-a para sorrir para ela. — É melhor entrarmos. Seus vizinhos estão achando isso muito divertido.

Ryan puxou-o para dentro e fechou a porta, comprimindo-o contra ela.

— Beije-me — ela exigiu. — Bastante. O suficiente para 120 horas.

A boca de Pierce desceu sobre a dela. Ela sentiu os dentes dele rasparem nos lábios dela enquanto ele gemia e comprimia o corpo dela contra o dele. Pierce esforçou-se para se lembrar da sua força e da fragilidade dela, mas a língua dela estava indo fundo, suas mãos estavam à procura. Ela estava dando a risada rouca e provocante que o enlouquecia.

— Oh, é você mesmo. — Ryan suspirou e repousou a cabeça no ombro dele. — É você mesmo.

Mas, e você?, ele se perguntou, um pouco atordoado pelo beijo.

Após o último abraço, ela saiu de seus braços.

— O que está fazendo aqui, Pierce? Só esperava vê-lo na segunda ou na terça.

— Queria vê-la — disse ele simplesmente e levou a mão ao seu rosto. — Tocá-la.

Ryan agarrou sua mão e comprimiu a palma em seus lábios. Um fogo se acendeu na boca do seu estômago.

— Senti sua falta — ela murmurou, enquanto seus olhos grudavam nos dele. — Tanto! Se eu soubesse que desejar que estivesse aqui o traria, eu teria desejado com mais intensidade.

— Não tinha certeza que estaria livre.

— Pierce — disse ela suavemente e pôs as mãos em seu peito. — Realmente acha que quero estar com outra pessoa?

Ele ficou olhando para ela sem falar, mas ela sentiu o aumento da sua pulsação sob a mão.

— Você interfere no meu trabalho — disse ele por fim. Perplexa, Ryan inclinou a cabeça.

— Interfiro? Como?

— Estando em minha mente quando não deveria estar.

— Sinto muito. — Mas ela sorriu, mostrando claramente que não sentia. — Tenho atrapalhado sua concentração?

— Tem.

Ela levou as mãos ao seu pescoço.

— Isso é muito ruim. — Sua voz estava zombeteira e sedutora. — O que vai fazer a respeito?

Como resposta, Pierce arrastou-a para o chão. O movimento foi tão rápido, tão inesperado, que Ryan ofegou, mas o som foi engolido pela boca dele. O robe foi arrancado dela antes que pudesse respirar. Pierce levou-a ao ápice tão rapidamente que ela ficou impotente para fazer qualquer coisa a não ser corresponder ao mútuo desejo desesperado.

As roupas dele se foram mais rápido do que o razoável, mas ele não lhe deu tempo para explorá-lo. Num único movimento, Pierce colocou-a sobre ele, e então, levantando-a como se ela não tivesse peso, ele abaixou seu corpo para mergulhar inteiramente dentro dela.

Ryan gritou, aturdida, feliz. A felicidade fez sua cabeça girar. O calor fez sua pele secar. Seus olhos se arregalaram quando o prazer foi além de todas as possibilidades. Ela podia ver o rosto de Pierce, úmido de paixão, os olhos fechados. Podia ouvir cada respiração dilacerante quando ele cravava seus longos dedos no seu quadril para mantê-la movendo-se com ele. Então, uma película cobriu os olhos dela — uma película branca e enevoada que obscurecia sua visão. Ela comprimiu as mãos no seu peito para não cair. Mas ela estava caindo, lentamente, devagar, exaurida de tudo.

Quando a névoa desapareceu, Ryan descobriu que estava nos seus braços, com o rosto dele enterrado em seus cabelos. Os corpos úmidos estavam fundidos.

— Agora sei que você é de verdade também. — Pierce murmurou, e serviu-se de sua boca. — Como se sente?

— Aturdida — respondeu Ryan ofegante. — Maravilhosa. Pierce riu. Ele se levantou e tomou-a nos braços.

— Vou levá-la para a cama e amá-la mais uma vez, antes que se recupere.

— *Humm*, sim. — Ryan aconchegou-se no seu pescoço. — Eu deveria esvaziar a banheira primeiro.

Pierce levantou uma das sobrancelhas e depois sorriu. Com Ryan semi-adormecida em seus braços, ele vagou pelo apartamento até encontrar a banheira.

— Estava na banheira quando bati na porta?

— Quase. — Ryan suspirou e aninhou-se ao seu corpo.

— Ia me livrar de quem tivesse me interrompido. Estava muito aborrecida.

Com um movimento rápido da mão, Pierce abriu a água quente ao máximo.

— Não notei.

— Não viu como eu estava tentando me livrar de você?

— Sou muito insensível às vezes — ele confessou. — Acho que a água já deve ter esfriado um pouco.

— Provavelmente — ela concordou.

— Você gosta bastante de banho de espuma.

— *Humm-hum*. Oh!

Os olhos de Ryan se abriram de repente quando descobriu que tinha sido colocada na banheira.

— Fria? — Ele sorriu para ela.

— Não. — Ryan levantou o braço e fechou a água que fumegava dentro da banheira. Por um momento ela permitiu que seus olhos se deleitassem com ele — o corpo comprido e esguio, os músculos vigorosos e o quadril estreito. Ela inclinou a cabeça e fez a espuma girar, com o dedo.

— Gostaria de tomar banho comigo? — ela convidou educadamente.

— A idéia tinha me ocorrido.

— Por favor. — Ela fez um gesto com a mão. — Seja meu convidado. Fui muito grosseira. Nem lhe ofereci um drinque.

Ela lhe deu um sorriso irreverente. A água levantou quando Pierce entrou nela. Ele sentou-se ao pé da banheira, de frente para ela.

— Não bebo com freqüência — ele lembrou-lhe.

— Eu sei. — Ela assentiu com a cabeça de forma discreta. — Não fuma, raramente bebe, quase nunca xinga. É um exemplo de virtude, Sr. Atkins.

Ele atirou um punhado de espuma nela.

— De qualquer forma — Ryan continuou, retirando a espuma do rosto —, eu realmente queria falar sobre os esboços para a montagem do set com você. Quer o sabonete?

— Obrigado, Srta. Swan. — Ele o pegou. — Ia me falar sobre o set?

— Ah, sim, acho que aprovará os esboços, embora talvez queira fazer umas pequenas alterações. — Ela mudou de posição, suspirando um pouco quando suas pernas roçaram nas dele. — Disse a Bloomfield que queria algo um pouco excêntrico, medieval, mas não desorganizado demais.

— Sem armadura?

— Não, apenas o ambiente. Algo melancólico, como... — ela parou quando ele pegou seu pé e começou a ensaboá-lo.

— Sim? — ele instigou.

— Um tom — disse ela enquanto suaves pulsações de prazer subiram pela sua perna. — Cores sem brilho. Do tipo que você tem na sua sala de estar.

Pierce começou a massagear sua panturrilha.

— Apenas um set?

Ryan tremeu na água quente quando ele deslizou os dedos ensaboados pela sua perna acima.

— Sim, pensei... *hummm...* pensei num tom básico...

Ele subiu e desceu com as mãos lentamente pelas suas pernas enquanto observava seu rosto.

— Que tom?

Ele levantou uma das mãos para ensaboar seu seio em círculos enquanto usava a outra para massagear a parte superior da sua coxa.

— Sexo — Ryan murmurou. — Você é muito sexy no palco.

— Sou?

Em meio a ondas de sensação entorpecedoras, ela ouviu o tom divertido na pergunta.

— Sim, dramático e muito friamente sexy. Quando o vejo se apresentar... — Ela parou de falar, lutando em busca de ar. O perfume estonteante dos sais de banho a cercou. Ela sentiu a água bater em seus seios, logo abaixo da mão ágil de Pierce. — Suas mãos — ela conseguiu dizer, imersa em prazer quente e torturante.

— O que têm elas? — perguntou ele enquanto deslizava o dedo dentro dela.

— Mágica. — A palavra saiu trêmula. — Pierce, não consigo falar com você fazendo essas coisas comigo.

— Quer que eu pare?

Ela não estava mais olhando para ele. Seus olhos estavam fechados, mas ele observava seu rosto, usando as pontas dos dedos apenas para excitá-la.

— Não.

Ryan encontrou sua mão sob a água e comprimiu-a junto ao seu corpo.

— Você é tão bonita, Ryan. — A água balançou quando ele se moveu para morder seu seio e depois sua boca. — Tão macia. Eu conseguia vê-la quando estava sozinho no meio da noite. Podia imaginar tocá-la assim. Não conseguia ficar longe.

— Não faça isso. — As mãos dela estavam nos cabelos dele, puxando a boca dele mais firme para a dela. — Não fique longe. Já esperei tanto tempo.

— Cinco dias — murmurou ele enquanto separava as pernas dela.

— Toda a minha vida.

Diante das palavras dela algo fluiu pelo corpo dele que a paixão não lhe permitiria explorar. Ele tinha que possuí-la, era tudo.

— Pierce — murmurou Ryan, confusa. — Vamos afundar.

— Prenda a respiração — ele sugeriu, e agarrou-a.

— Tenho certeza de que meu pai vai querer vê-lo — Ryan disse a Pierce na manhã seguinte ao estacionar na sua vaga no complexo do estacionamento da Swan Produções. — E imagino que você gostaria de ver Coogar.

— Já que estou aqui — Pierce concordou, e desligou o motor. — Mas vim ver você.

Ryan deu um sorriso e inclinou-se para beijá-lo.

— Estou tão feliz por ter feito isso. Pode ficar no fim de semana ou tem que voltar?

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

— Veremos.

Ela saiu do carro. Não poderia desejar melhor resposta.

— É claro que a primeira reunião geral só está programada para a próxima semana, mas imagino que eles vão encaixá-lo. — Eles entraram no prédio. — Posso fazer as ligações do meu escritório.

Ryan seguiu na frente pelos corredores com passos enérgicos, inclinando a cabeça ou respondendo às vezes quando alguém a cumprimentava. Ele notou que ela só pensava em negócios no momento em que passou pela porta da frente.

— Não sei onde Bloomfield está hoje — ela continuou, enquanto apertava o botão do elevador para o seu andar. — Mas se ele não estiver disponível, posso pegar os esboços e analisá-los com você sozinha. — Eles entraram, enquanto ela começava a resumir sua agenda do dia, ponderando e alterando para dar vez a Pierce. — Nós poderíamos rever o tempo do programa também — ela continuou. — Temos 52 minutos para preencher. E...

— Quer jantar comigo hoje à noite, Srta. Swan?

Ryan parou o que estava dizendo e o pegou sorrindo para ela. O olhar dele tornava difícil para ela recordar seus planos para o dia. Ela só conseguia se lembrar do que tinha feito de noite.

— Acho que poderia encaixar isso no meu horário, Sr. Atkins — murmurou, quando a porta do elevador se abriu.

— Vai verificar sua agenda? — perguntou ele e beijou sua mão.

— Vou. — Ryan teve que impedir a porta se fechasse de novo. — E não olhe desse jeito para mim hoje — disse ela ofegante. — Não conseguirei trabalhar.

— É mesmo? — Pierce deixou que ela o puxasse para o corredor. — Eu poderia considerar uma vingança adequada por todas as vezes que você tornou impossível que eu fizesse meu trabalho.

Amedrontada, Ryan levou-o para o escritório.

— Se vamos fazer esse show... — ela começou a dizer.

— Ah, tenho plena confiança na Srta. Swan, ela é muito organizada e muito

confiável — disse Pierce tranqüilamente. Ele pegou uma cadeira e esperou que ela se sentasse atrás da mesa.

— Vai ser difícil trabalhar com você, não vai?

— Muito provavelmente.

Franzindo a testa para ele, Ryan pegou o telefone e fez uma ligação.

— Ryan Swan — ela anunciou, afastando deliberadamente os olhos de Pierce. — Ele está livre?

— Por favor, espere, Srta. Swan.

Num instante ela ouviu a voz do pai responder de modo impaciente.

— Ande rápido, estou ocupado.

— Sinto muito por perturbá-lo — disse ela automaticamente. — Estou com Pierce Atkins no escritório. Achei que talvez gostasse de vê-lo.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Swan, continuando antes que Ryan pudesse responder. — Traga-o aqui em cima.

Ele desligou sem esperar que ela concordasse.

— Ele gostaria de vê-lo agora — disse Ryan enquanto colocava o fone no lugar.

Pierce assentiu com a cabeça, levantando quando ela o fez. A brevidade da conversa telefônica tinha lhe dito muita coisa. Minutos depois, após entrar no escritório de Swan, ele descobriu muito mais.

— Sr. Atkins. — Swan se levantou para dar a volta na mesa imponente com a mão estendida. — Que surpresa agradável. Só esperava encontrá-lo pessoalmente na semana que vem.

— Sr. Swan. — Pierce apertou a mão estendida e notou que Swan não cumprimentara a filha.

— Por favor, sente-se — ele sugeriu com um movimento amplo da mão. — O que gostaria de beber? Café?

— Não, nada.

— A Swan Produções tem enorme prazer em ter seu talento, Sr. Atkins. — Swan instalou-se atrás da mesa novamente. — Vamos colocar muita energia nesse especial. A promoção e a mídia já foram acionadas.

— Eu sei. Ryan me mantém informado.

— Claro. — Swan balançou a cabeça rapidamente para ela. — Vamos filmar no estúdio 25. Ryan pode providenciar para que o veja hoje se quiser. E qualquer outra coisa que queira ver enquanto estiver aqui.

Ele lançou outro olhar para ela.

— Sim, claro — respondeu ela. — Achei que o Sr. Atkins pudesse querer ver Coogar e Bloomfield se eles estiverem disponíveis.

— Providencie isso — ele ordenou, dispensando-a. — Agora, Sr. Atkins,

tenho uma carta do seu agente. Há alguns pontos que poderíamos repassar antes de se encontrar com os membros mais artísticos da companhia.

Pierce esperou até que Ryan tivesse fechado a porta.

— Pretendo trabalhar com Ryan, Sr. Swan. Assinei o contrato com esta condição.

— Naturalmente — respondeu Swan, um pouco desconcertado. Como regra os artistas recebiam atenção especial.

— Posso lhe garantir que ela tem trabalhado arduamente em seu favor.

— Não duvido.

Swan encarou os olhos cinza que o avaliavam.

— Ryan está produzindo o especial a seu pedido.

— Sua filha é uma mulher muito interessante, Sr. Swan.

— Pierce esperou um momento, observando os olhos de Swan se estreitarem. — A nível profissional — continuou ele suavemente —, tenho total confiança em suas habilidades. Ela é inteligente e observadora, e muito séria em relação ao negócio.

— Fico muito feliz que esteja satisfeito com ela — respondeu Swan, sem ter certeza do que havia além das palavras de Pierce.

— Teria que ser um homem extremamente burro para não estar satisfeito com ela — retrucou Pierce, e continuou antes que San pudesse reagir. — Não acha o talento e o profissionalismo agradáveis, Sr. Swan?

Swan examinou Pierce por um momento e recostou-se na cadeira.

— Não seria o presidente da Swan Produções se não pensasse assim — disse ele com um tom bem-humorado.

— Então nos entendemos — disse Pierce em tom suave.

— Exatamente quais pontos gostaria de resolver?

Eram seis horas quando Ryan conseguiu terminar a reunião com Bloomfield e Pierce. Ela correu o dia todo, organizando conferências repentinas e fazendo o trabalho que já havia sido programado. Não houve um momento de folga para um *tête-à-tête* com Pierce. Agora, enquanto percorriam o corredor juntos ao saírem do escritório de Bloomfield, ela deu um longo suspiro.

— Bem, parece que é isso. Nada como o aparecimento inesperado de um mágico para agitar todo mundo. Por mais experiente que Bloomfield seja, acho que ele estava esperando que você tirasse um coelho da cartola.

— Eu não tinha uma cartola — Pierce ressaltou.

— Isso o impediria? — Ryan riu e verificou o relógio.

— Terei que passar no escritório e resolver algumas coisas, falar com meu pai e avisá-lo que o artista foi devidamente atendido, então...

— Não.

— Não? — Ryan levantou os olhos, surpresa. — Existe mais alguma coisa que gostaria de ver? Tinha algo errado com os esboços?

— Não — disse Pierce novamente. — Você não vai voltar ao escritório para resolver nada nem falar com seu pai.

Ryan riu e continuou a caminhar.

— Não levará muito tempo. Vinte minutos.

— Concordou em jantar comigo, Srta. Swan — ele lembrou.

— Assim que limpar minha mesa.

— Pode fazer isso na segunda pela manhã. Existe algo urgente?

— Bem, não, mas... — Ela parou de falar quando sentiu algo no seu pulso e ficou olhando para a algema. — Pierce, o que está fazendo?

Ryan puxou o braço e viu que ele estava firmemente acorrentado ao dele.

— Levando-a para jantar.

— Pierce, tire isso — ela ordenou, irritada, mas achando graça. — É ridículo.

— Depois — ele prometeu, antes de puxá-la para o elevador.

Ele esperou calmamente até que chegasse ao andar deles enquanto duas secretárias os observavam e as algemas.

— Pierce — disse ela a meia voz. — Tire isso agora. Estão olhando para nós. Pierce, estou falando sério! — Ela soltou um gemido de frustração quando as portas se abriram e eles encontraram outros empregados da Swan Produções. Pierce entrou no elevador, não lhe deixando outra escolha que não fosse segui-lo. — Você vai pagar por isso — ela murmurou, tentando ignorar os olhares especulativos.

— Diga-me, Srta. Swan — disse Pierce com uma voz amistosa e arrastada —, é sempre tão difícil convencê-la a cumprir um compromisso para jantar?

Após um murmúrio ininteligível, Ryan ficou olhando para a frente.

Ainda algemada a Pierce, ela atravessou o estacionamento.

— Tudo bem, acabou a piada — ela insistiu. — Tire isso. Nunca fiquei tão constrangida em minha vida! Tem idéia de como...

Mas seu sermão acalorado foi interrompido pela boca de Pierce.

— Queria fazer isso o dia todo — Pierce lhe disse, e beijou-a de novo, antes que ela pudesse responder.

Ryan esforçou-se ao máximo para aferrar-se ao seu aborrecimento. Sua boca era tão macia! Sua mão, enquanto pressionava a parte de baixo de suas costas, era tão gentil! Ela aproximou-se mais dele, mas quando começou a levantar os olhos para abraçar seu pescoço, as algemas a impediram.

— Não — disse ela de modo firme, lembrando-se. — Não vai sair dessa. — Ryan afastou-se, pronta para enfurecer-se com ele. Ele sorriu para ela. — Droga,

Pierce — disse ela, dando um suspiro. — Beije-me de novo.

Ele a beijou suavemente.

— Fica muito excitante quando está com raiva, Srta. Swan — ele sussurrou.

— Eu *estava* com raiva — murmurou ela, retribuindo o beijo. — *Estou* com raiva.

— E excitante.

Ele puxou-a para o carro.

— Então? — Mantendo seus pulsos unidos no alto, ela lançou-lhe um olhar de indagação. Pierce abriu a porta do carro e fez um gesto para que ela entrasse.

— Pierce! — Exasperada, Ryan sacudiu o braço. — Tire isso. Não pode dirigir assim.

— Claro que posso. Você terá que subir — disse ele, conduzindo-a para o carro.

Ryan sentou no assento do motorista por um momento e olhou furiosa para ele.

— Isso é absurdo.

— É — ele concordou. — E estou gostando. Chegue para lá.

Ryan pensou em recusar, mas decidiu que ele simplesmente a tomaria nos braços e a colocaria no assento do passageiro. Com alguma dificuldade e pouco humor, ela conseguiu. Pierce deu outro sorriso ao acionar a ignição.

— Ponha sua mão no câmbio de marcha e nos sairemos muito bem.

Ryan obedeceu. A palma da mão dele repousava sobre o dorso da mão dela quando ele engatou a ré.

— Quando tempo vai deixar as algemas aí?

— Pergunta interessante. Não decidi.

Ele saiu do estacionamento e foi na direção norte. Ryan balançou a cabeça e riu apesar de não achar graça.

— Se tivesse me dito que estava com tanta fome assim, eu teria vindo pacificamente.

— Não estou com fome — disse ele tranquilamente. — Pensei que iríamos parar e comer no caminho.

— No caminho? — Ryan repetiu. — No caminho para onde?

— Para casa.

— Casa? — Um olhar pela janela mostrou-lhe que ele estava saindo de Los Angeles na direção oposta ao apartamento dela. — *Sua* casa? — perguntou ela, incrédula. — Pierce, são 240 quilômetros daqui.

— Mais ou menos — ele concordou. — Não precisam de você em Los Angeles até segunda-feira.

— Segunda-feira! Quer dizer que vamos passar o fim de semana lá? Mas não posso. — Ela não tinha pensado que poderia ficar mais exasperada do que estava. — Não posso simplesmente entrar no carro e passar um fim de semana fora.

— Por que não?

— Bem, eu... — Ele fez tudo parecer tão razoável que ela teve que procurar as falhas. — Porque não posso. Por um lado, não tenho roupas, e...

— Não precisará delas.

Isso a fez se calar. Ryan fitou-o enquanto uma estranha mistura de excitação e pânico percorreu seu corpo.

— Acho que está me raptando.

— Exatamente.

— Oh!

— Alguma objeção? — perguntou ele, dando um breve olhar na sua direção.

— Vou lhe dizer na segunda-feira — ela lhe disse e acomodou-se novamente no assento, disposta a aproveitar o seqüestro.

Capítulo 13

Ryan acordou na cama de Pierce. Ela abriu os olhos para a luz do sol. Mal tinha amanhecido quando Pierce a acordou para murmurar que ia descer para trabalhar. Ryan pegou o travesseiro dele, puxou-o para perto e ficou mais alguns minutos na cama.

Que homem surpreendente ele era, ela refletiu. Nunca teria pensado que ele faria algo tão incomum como algemá-la a ele e arrastá-la para um fim de semana apenas com as roupas do corpo. Ela deveria ter ficado com raiva, indignada.

Ryan enterrou o rosto no travesseiro. Como poderia estar assim? Era possível estar com raiva de um homem por lhe mostrar — com um olhar, com um toque — que você era querida e desejada? Poderia ficar indignada quando um homem a queria o suficiente para raptá-la a fim de fazer amor como se você fosse a criatura mais preciosa da Terra?

Ryan deu uma grande espreguiçada e pegou o relógio da mesa-de-cabeceira. Nove e meia!, constatou, fazendo um movimento brusco. Como podia ser tão tarde? Parecia que Pierce a tinha deixado havia apenas alguns instantes. Pulou da cama e correu para o banho. Eles só tinham dois dias juntos; ela não ia desperdiçá-los dormindo.

Quando voltou ao quarto com uma toalha enrolada no corpo, Ryan examinou as roupas com um ar de dúvida. Era incrível ser seqüestrada por um mágico atraente, ela admitiu, mas realmente foi muito ruim ele não ter permitido que ela trouxesse alguma coisa. Enquanto pensava, ela começou a colocar o *tailleur* que tinha usado no dia anterior. Decidiu que simplesmente teria que encontrar outra coisa para vestir, mas, por enquanto, se arranjaria.

Um pouco consternada, Ryan percebeu que não estava nem mesmo com a bolsa. Ainda estava na gaveta de baixo da sua mesa. Ela franziu o nariz diante da imagem no espelho. Seu cabelo estava desarrumado; o rosto, sem maquiagem. Nem mesmo um pente ou um batom, ela pensou, e suspirou. Pierce ia ter que fazer aparecer alguma coisa. Com isso em mente ela desceu para procurá-lo.

Quando chegou ao pé da escada, viu que Link estava se aprontando para sair.

— Bom dia.

Ryan hesitou, sem ter certeza do que dizer para ele. Ela não o tinha visto quando eles chegaram na noite anterior.

— Olá. — Ele sorriu para ela. — Pierce disse que estava aqui.

— Sim, eu... Ele me convidou para passar o fim de semana.

Pareceu a maneira mais simples de explicar.

— Fico feliz por ter vindo. Ele sentiu sua falta. Os olhos dela se iluminaram ao ouvir as palavras.

— Senti saudades dele também. Ele está aqui?

— Na biblioteca Está ao telefone.

Ele hesitou, e Ryan viu o leve rubor no seu rosto. Sorrindo, ela desceu o último degrau.

— O que é, Link?

— Eu... hum... Eu terminei de escrever aquela canção de que você gostou.

— Maravilhoso. Adoraria ouvi-la.

— Está no piano. — Extremamente sem graça, ele olhou para os pés. — Pode tocá-la mais tarde, se quiser.

— Não vai estar aqui? — Ela quis pegar sua mão como faria com um menininho mas sentiu que apenas o deixaria mais constrangido. — Nunca o ouvi tocar.

— Não, eu... — Seu rubor aumentou e ele lhe deu uma rápida olhada. — Eu e Bess... bem, ela queria ir para São Francisco. — Ele limpou a garganta. — Ela gosta de andar de bonde.

— Que legal, Link. — Por impulso, Ryan decidiu ver se poderia dar uma ajuda a Bess. — Ela é uma mulher muito especial, não é?

— Oh, claro. Não existe ninguém como Bess — ele concordou prontamente, e olhou para os pés novamente.

— Ela sente a mesma coisa a seu respeito.

Os olhos dele dispararam em direção ao rosto dela e depois passaram por cima de seu ombro.

— Acha que sim?

— Ah, sim. — Embora quisesse muito sorrir, Ryan manteve a voz séria. — Ela me contou como o conheceu. Achei incrivelmente romântico.

Link deu uma risadinha nervosa.

— Ela era muito bonita. Muitos caras dão em cima dela quando viajamos.

— Imagino que sim — Ryan concordou, e deu-lhe um tapinha na cabeça. — Mas acho que ela tem uma queda por músicos. Pianistas — ela acrescentou, quando ele olhou para ela. — Do tipo que sabe compor belas canções românticas. O tempo está passando, não acha?

Link estava olhando para ela como se estivesse tentando organizar suas palavras.

— Huh? Oh, sim. — Ele franziu a testa e balançou a cabeça afirmativamente. — É, imagino que sim. Tenho que ir pegá-la agora.

— Acho que é uma idéia muito boa. — Ela pegou sua mão, dando-lhe um pequeno aperto. — Divirtam-se.

— Tudo bem. — Ele sorriu e virou para a porta. Com a mão na maçaneta, ele parou para olhar por cima do ombro.

— Ryan, ela realmente gosta de pianistas?

— Sim, Link, ela realmente gosta. Ele sorriu novamente e abriu a porta.

— Tchau.

— Tchau, Link. Dê minhas lembranças a Bess.

Quando a porta se fechou, Ryan permaneceu onde estava por um momento. Que homem encantador, ela pensou, e cruzou os dedos por Bess. Eles seriam muito felizes juntos se conseguissem superar o obstáculo da timidez dele. Bem, Ryan pensou com um sorriso de satisfação, ela, certamente, tinha feito tudo que podia na sua primeira tentativa de formação de casais. O resto era com os dois.

Ela virou o corredor e foi para a biblioteca. A porta estava aberta, e ela podia ouvir a voz baixa de Pierce que chegava até ela. Até mesmo este som revolvía algo dentro dela. Ele estava aqui com ela, e eles estavam sozinhos. Quando ela parou no vão da porta, os olhos dele se encontraram com os dela.

Pierce sorriu e continuou a conversa, fazendo um gesto para que ela entrasse.

— Vou lhe enviar as especificações exatas por escrito — disse ele, observando Ryan entrar e caminhar até uma estante. *Por que é que*, ele imaginou, *vê-la num daqueles trajes de passeio nunca deixavam de excitá-lo?* — Não, precisarei que esteja pronto em três semanas — ele continuou, os olhos fixos nas costas de Ryan. — Preciso de tempo para trabalhar nisso antes de ter certeza de que posso usá-lo.

Ryan se virou e, então, empoleirada no braço da cadeira, o observou. Ele estava usando jeans e um moletom de manga curta, e seus cabelos estavam desgrenhados, como se ele tivesse passado as mãos por ele. Ela pensou que ele nunca estivera mais atraente e afundou numa cadeira estofada, mais relaxada do que de costume. A energia ainda estava lá, a energia ativa que parecia emanar dele no palco e fora dele. Mas estava latente, ela refletiu. Ele ficava mais à vontade nesta casa do que em qualquer outro lugar.

Ele continuou a dar instruções com quem conversava, mas Ryan viu seus olhos a examinarem brevemente. Algo malicioso percorreu seu corpo. Talvez ela pudesse desfazer aquela calma dele.

Levantou-se preguiçosamente e começou a vagar pelo recinto outra vez, tirando os sapatos ao caminhar. Pegou um livro da prateleira, examinou-o superficialmente e colocou-o de volta.

— Precisaréi que a lista completa seja entregue aqui — declarou Pierce, e observou Ryan retirar o casaco do conjunto. Ela o pendurou no encosto de uma cadeira. — Sim, é exatamente o que desejo. Se você... — Ele parou quando ela

começou a desabotoar a blusa. Ela levantou os olhos quando ele parou de falar e sorriu. — Se entrar em contato comigo quando tiver... — A blusa escorregou até o chão antes de ela abrir o zíper da saia de forma casual. — Quando tiver... — Pierce prosseguiu, lutando para se lembrar do que estava dizendo — os... ah... todos os itens, providenciarei o frete.

Curvando-se após retirar a saia, Ryan começou a tirar as meias.

— Não, isso não... não será necessário. — Ela jogou o cabelo para trás dos ombros e deu outro sorriso para Pierce. O olhar durou vários segundos mágicos. — Sim — Pierce murmurou no telefone. — Sim, está bem.

Jogando as meias sobre a saia que já havia sido tirada, ela endireitou o corpo. Sua blusa era amarrada na frente. Com o dedo, Ryan deu um puxão no pequeno laço entre os seios até afrouxá-lo. Ela continuava olhando em seus olhos, sorrindo de novo quando os viu se abaixarem até onde seus dedos manuseavam lentamente os laços.

— O quê? — Pierce balançou a cabeça. A voz do homem tinha sido apenas um zumbido ininteligível no ouvido dele. — O quê? — disse ele novamente, quando a seda se abriu. Muito devagar, Ryan a retirou. — Ligarei de volta.

Pierce colocou o fone de volta no gancho.

— Tudo terminado? — ela perguntou, enquanto caminhava até ele. — Queria falar com você sobre o meu guarda-roupa.

— Gosto do que está usando.

Ele puxou-a para a cadeira onde estava e tomou sua boca. Saboreando o desejo selvagem, ela soltou o corpo.

— Era uma ligação importante? — perguntou ela quando os lábios dele deslocaram-se para seu pescoço. — Não quis perturbá-lo.

— Pro inferno que não quis. — Ele pegou seu seio, gemendo ao tomar posse. — Meu Deus, você me enlouquece! Ryan... — A voz dele estava áspera de premência quando ele a colocou no chão. — Agora.

— Sim — murmurou ela quando ele a penetrou.

Ele tremia quando se deitou por cima dela. Sua respiração estava irregular. *Ninguém*, pensou ele, *ninguém tinha conseguido abalar seu controle desse jeito*. Era aterrorizante. Parte dele queria se levantar e ir embora — provar que ainda podia ir embora. Mas ele ficou onde estava.

— Perigosa — murmurou ele na sua orelha pouco antes de a ponta de sua língua contorná-la. Ele ouviu o suspiro dela. — Você é uma mulher muito perigosa.

— **Humm.** Como assim?

— Conhece minhas fraquezas, Ryan Swan. Talvez você seja minha fraqueza.

— Isso é ruim? — murmurou ela.

— Não sei. — Ele levantou a cabeça e a fitou. — Não sei. Ryan levantou uma das mãos para retirar suavemente o cabelo da testa.

— Não importa hoje. Hoje há somente nós dois.

O olhar que ele lançou foi longo e profundo, tão intenso quanto da primeira vez que haviam se encontrado.

— Quanto mais tempo estou com você, mais há apenas nós dois.

Ela sorriu e puxou-o novamente para embalá-lo em seus braços.

— Na primeira vez que você me beijou, o mundo inteiro se desfez. Tentei dizer a mim mesma que você havia me hipnotizado.

Pierce riu e levantou o braço para acariciar seu seio. O mamilo ainda estava rígido, e ela tremeu com o toque.

— Tem alguma idéia do quanto queria levá-la para a cama naquela noite?

— Ele passou o dedo lentamente de um lado para o outro sobre a ponta do seio, ouvindo sua respiração aumentar enquanto ele falava. — Não conseguia trabalhar, não conseguia dormir. Ficava deitado pensando em você vestida de seda e renda.

— Eu queria você — disse Ryan com a voz rouca quando a paixão reacendeu. — Fiquei chocada porque o tinha conhecido havia algumas horas e o queria.

- Teria feito amor com você assim naquela noite.

Pierce roçou a boca na dela. Ele a beijou, usando os lábios só até os dela ficarem quentes, macios e ávidos. As mãos dele estavam nos cabelos dela agora, retirando-os do rosto enquanto sua língua explorava sua boca gentilmente.

Parecia que ele a beijaria eternamente. Houve sons macios e murmurantes quando seus lábios se separaram e se encontraram novamente, e depois mais uma vez. Quente, estonteante, insuportavelmente doce. Ele afagou seus ombros, permanecendo ali enquanto o beijo prosseguia. Ela sabia que o mundo se concentrava nos lábios dele.

Não importava onde mais ele tocava, a boca dele permanecia sobre a dela. Ele podia passar a mão onde decidisse, mas seu beijo apenas a mantinha prisioneira. Ele parecia desejar seu sabor mais que desejava o ar. Ela agarrou os ombros dele, cravando as unhas em sua carne, sem qualquer consciência disso. O único pensamento dela era que o beijo continuasse para sempre.

Ele sabia que o corpo dela era totalmente seu e tocava onde provocava o máximo prazer. Com o menor estímulo, ela se abriu para ele. Ele subiu e desceu com a ponta do dedo pela sua coxa, deleitando-se na sua textura sedosa e na sua reação. Passou sobre seu centro apenas de leve, no caminho para a outra coxa,

brincando todo o tempo com os lábios dela.

Ele usou os dentes e a língua, depois, apenas os lábios. O murmurar delirante do seu nome fez novas emoções dispararem pelo corpo dele. Houve o sutil movimento do seu quadril para ser seguido, a curva da sua cintura. Os braços dela eram acetinados. Ele podia encontrar prazer infinito apenas ao tocá-los. Ela era dele — ele pensou mais uma vez, e teve que controlar um ímpeto explosivo de tomá-la rapidamente. Em vez disso, deixou que o beijo falasse em seu lugar. Ele falou de desejos obscuros e poderosos, de ternura infinita.

Mesmo ao penetrá-la, Pierce continuou a saborear sua boca. Ele atraiu-a devagar, esperando que seu desejo aumentasse, contendo sua paixão até que não fosse mais possível negá-la.

A boca dele ainda estava comprimida na dela quando ela gritou com a explosão final de prazer.

Ninguém, a não ser ela, pensou ele perplexo enquanto inalava o aroma do seu cabelo. Apenas ela. Os braços de Ryan envolveram o corpo dele a fim de mantê-lo próximo.

Horas depois Ryan colocou dois bifes na grelha. Usava agora um jeans de Pierce preso na cintura com uma correia e com as pernas enroladas várias vezes devido à diferença de altura. A camisa de moletom fazia dobras sobre seu quadril. Ryan arregaçou as mangas acima dos cotovelos enquanto o ajudava a preparar o jantar.

— Cozinha tão bem quanto Link? — perguntou ela, virando-se para observá-lo adicionar *croutons* à salada que estava preparando.

— Não. Quando se é seqüestrado, Srta. Swan, não se pode esperar pratos finos.

Ryan parou a seu lado e abraçou sua cintura.

— Vai exigir resgate?

Ela deu um suspiro e apoiou o rosto em suas costas. Nunca tinha estado tão feliz na vida.

— Talvez. Quando tiver terminado com você.

Ela o beliscou firme, mas ele nem mesmo se mexeu.

— Safado — disse ela afetuosamente, e colocou as mãos sob a sua camisa para tocar seu peito. Dessa vez ela o viu tremer.

— Está me distraindo Ryan.

— Era minha intenção. Saiba que é a coisa mais fácil de se fazer.

— Você tem tido uma série notável de êxitos — comentou ele enquanto ela passava as mãos em seus ombros.

— Você realmente consegue mover os ombros para se livrar de uma camisa-de-força? — ela perguntou em voz alta quando sentiu a intensidade da solidez

deles.

Divertindo-se, ele continuou a cortar o queijo em cubos para a salada.

— Onde ouviu isso?

— Oh, em algum lugar — disse ela de forma vaga, não estando disposta a admitir que tinha devorado todos os artigos que conseguira encontrar sobre ele. — Também ouvi que tem controle total sobre os músculos.

Eles se encrespavam sob seus dedos curiosos. Ela comprimiu-se contra as costas, apreciando o leve odor de mato que havia nele.

— Também ouviu dizer que só como certas ervas e raízes que pego na lua cheia? — Ele colocou um pedaço de queijo na boca antes de se virar para abraçá-la. — Ou que estudei artes mágicas no Tibete quando tinha 12 anos?

— Li que teve aulas com o fantasma de Houdini — respondeu ela.

— É mesmo? Devo ter deixado essa escapar. Muito lisonjeiro.

— Realmente aprecia as coisas ridículas que publicam a seu respeito, não é?

— Claro. — Ele beijou seu nariz. — Teria um senso de humor lamentável se não apreciasse.

— E, é claro — ela acrescentou —, se o fato e a fantasia estão tão misturados, ninguém jamais sabe qual é qual e quem você é.

— Existe isso também. — Ele enroscou uma mecha do cabelo dela no dedo.

— Quanto mais publicam sobre mim, mais privacidade de verdade eu tenho.

— E sua privacidade é importante para você.

— Quando se cresce como eu cresci, você aprende a valorizá-la.

Comprimindo o rosto no peito dele, Ryan agarrou-se a ele. Pierce colocou a mão sob o queixo dela e o levantou. Os olhos dela já cintilavam de lágrimas.

— Ryan — disse ele com cuidado —, não precisa sentir pena de mim.

— Não. — Ela balançou a cabeça, compreendendo sua relutância em aceitar a compaixão. Tinha sido a mesma coisa com Bess. — Sei disso, mas é difícil não sentir pena de um garotinho.

Ele sorriu, passando o dedo em seus lábios.

— Ele era muito adaptável. — Ele a afastou. — É melhor virar aqueles bifes.

Ryan ocupou-se dos bifes, sabendo que ele queria que mudasse de assunto. Como ela podia explicar que estava ávida por qualquer detalhe da sua vida, qualquer coisa que o aproximasse dela? E talvez ela estivesse errada, pensou, de tocar no passado quando tinha medo de tocar no futuro.

— Como prefere os bifes? — perguntou ao se curvar para a grelha.

— *Humm*, entre malpassado e ao ponto. — Ele estava mais interessado na visão que ela proporcionou quando se inclinou. — Link faz seu próprio molho para a salada. É muito bom.

— Onde ele aprendeu a cozinhar? — perguntou ela quando virou o segundo bife.

— Foi uma questão de necessidade — Pierce lhe disse. — Ele gosta de comer. As coisas eram escassas quando começamos a viajar. O resultado foi que ele ganhou muito mais habilidade com uma lata de sopa do que eu ou Bess. Ryan se virou e deu-lhe um sorriso.

— Eles vão para São Francisco hoje.

— É. — Ele levantou uma das sobrancelhas. — Então?

— Ele é tão louco por ela quanto ela é por ele.

— Sei disso também.

— Você poderia ter feito algo para movimentar as coisas após todos esses anos — ela declarou, fazendo um gesto com o garfo. — Afinal de contas, eles são seus amigos.

— É exatamente por isso que não interfiro — disse ele em tom suave. — O que você fez?

— Bem, não interfi — disse ela. — Simplesmente lhe dei um leve empurrão na direção correta. Mencionei que Bess tem preferência por pianistas.

— Entendo.

— Ele é tão tímido — disse ela em tom exasperado. — Estará pronto para se aposentar antes de tomar a coragem para... para...

— Para quê?

— Para qualquer coisa — declarou Ryan. — E pare de me olhar com esse olhar malicioso.

— Eu?

— Sabe muito bem que estava. Seja como for...

Ela ofegou e fez barulho ao largar o garfo quando alguma coisa roçou nos seus tornozelos.

— É apenas Circe — disse Pierce, e sorriu quando Ryan suspirou. — Ela sente o cheiro da carne. — Ele pegou o garfo para lavar enquanto a gata esfregou-se nas pernas de Ryan e ronronou de forma carinhosa. — Ela se esforçará ao máximo para convencê-la de que merece um pouco.

— Seus animais de estimação têm o hábito de me pegar desprevenida.

— Sinto muito.

Mas ele sorriu, não parecendo sentir nada. Ryan pôs as mãos no quadril.

— Gosta de me ver nervosa, não é?

— Gosto de vê-la — respondeu ele simplesmente. Riu e tomou-a nos braços. — Embora tenha de admitir que há algo atraente em vê-la usar minhas roupas enquanto passeia pela cozinha de pés descalços.

— Oh — disse ela com conhecimento de causa. — A síndrome do homem

das cavernas.

— Ah, não, Srta. Swan. — Ele cheirou seu pescoço. — Sou seu escravo.

— É mesmo? — Ryan refletiu sobre as possibilidades interessantes da declaração. — Então coloque a mesa — ela lhe disse. — Estou morrendo de fome.

Eles comeram à luz de velas. Ryan não deu uma única garfada na comida. Ela fartou-se de Pierce. Havia vinho — algo suave e delicado, mas, quanto a isso, poderia ter sido água. Usando moletom e jeans largos, ela nunca se sentira mais mulher. Os olhos dele lhe diziam constantemente que ela era bonita, interessante, desejável. Parecia que eles nunca tinham sido amantes, nem íntimos. Ele a estava cortejando.

Ele a fazia sentir calor com um olhar, com uma palavra suave ou tocando sua mão. Nunca deixava de agradá-la, até mesmo de arrebatá-la, o fato de ele ter tanto romantismo dentro de si. Ele devia saber que ela estaria com ele em quaisquer circunstâncias, mas, mesmo assim, ele a cortejava. Flores, luz de velas e as palavras de um homem cativavam. Ryan se apaixonou de novo.

Muito depois dos dois terem perdido interesse pela comida, permaneceram ali. O vinho esquentou, as velas perderam a intensidade. Ele se contentava em vê-la na luz bruxuleante, deixando que sua voz mansa fluísse até ele. Quaisquer desejos que se acumulassem dentro dele, poderiam ser mitigados simplesmente correndo os dedos sobre o dorso da mão dela. Queria apenas estar com ela.

A paixão viria depois, ele sabia. À noite, no escuro, quando ela estivesse deitada a seu lado. Mas, por enquanto, bastava vê-la sorrir.

— Quer esperar por mim na sala de estar? — ele murmurou, e beijou seus dedos, um de cada vez. Um prazer eletrizante disparou pelo seu braço.

— Vou ajudar com os pratos.

Mas os pensamentos dela estavam longe, distantes das questões práticas.

— Não, eu cuido disso. — Pierce virou a mão dela e comprimiu seus lábios na sua palma. — Espere por mim.

Os joelhos dela tremiam, mas ela se levantou quando ele colocou-a de pé. Ela não conseguia tirar os olhos dele.

— Não vai demorar muito?

— Não. — Ele deslizou as mãos pelos seus braços. — Não vou demorar, querida.

Suavemente, ele a beijou. Ryan caminhou aturdida até a sala de estar. Não tinha sido o beijo mas a palavra de afeição que havia feito seu coração bater forte. Parecia impossível, depois do que tinham sido um para o outro, que uma simples palavra acelerasse sua pulsação. Mas Pierce tinha cuidado com as palavras.

E era uma noite de encantamento, ela pensou ao entrar na sala de estar. Uma noite feita para o amor e para o romance. Ela caminhou até a janela para olhar para o céu. Até a lua estava cheia, como se soubesse que tinha de estar. Estava tão tranqüilo que ela conseguia ouvir o som das ondas contra o rochedo.

Estavam numa ilha, Ryan imaginou. Era uma ilha pequena e desprotegida, com um mar escuro. E as noites eram longas. Não havia telefone nem eletricidade. Por impulso, ela se virou da janela e começou a acender as velas que estavam espalhadas pela sala. A lareira estava preparada, e ela riscou um fósforo sobre os gravetos. A madeira seca estalou ao se inflamar.

Levantou-se e olhou em volta da sala. A luz estava exatamente como ela queria — insubstancial, com sombras mudando de lugar. Adicionava apenas um toque de mistério e parecia refletir seus próprios sentimentos em relação a Pierce.

Ryan olhou para si rapidamente e bateu de leve no moletom. Se pelo menos tivesse algo encantador para usar, algo branco e diáfano. Mas talvez a imaginação de Pierce estivesse tão ativa quanto a dela.

Música, ela pensou de repente, e olhou em volta. Ele, certamente, tinha um aparelho de som, mas ela não sabia onde procurar. Inspirada, foi até o piano.

As partituras de Link estavam esperando. Entre o brilho do fogo atrás dela e as velas sobre o piano, Ryan podia ver as notas com suficiente nitidez. Sentou-se e começou a tocar. Levou apenas alguns momentos para que se envolvesse na melodia.

Pierce parou no vão da porta e a observou. Embora seus olhos estivessem fixos no papel à sua frente, eles pareciam estar sonhando. Ele nunca a vira assim — tão envolta em seus próprios pensamentos! Sem querer interromper seu estado de espírito, ele permaneceu onde estava. Poderia tê-la observado para sempre.

À luz de velas seus cabelos eram apenas uma névoa caindo sobre os ombros. Sua pele era clara. Apenas seus olhos estavam escuros, comovidos com a música que executava. Ele captou o leve cheiro de fumaça da madeira e da cera derretendo. Era um momento do qual ele sabia que se lembraria para o resto da vida. Anos e anos poderiam passar, e ele conseguiria fechar os olhos e vê-la assim, ouvir a música sendo tocada, sentir as velas queimando.

— Ryan.

Não tinha sido sua intenção falar alto. Na verdade, ele apenas sussurrara seu nome, mas os olhos dela se levantaram na sua direção. Ela sorriu, mas a luz bruxuleante captou as cintilantes lágrimas.

— É tão bonita!

— É. — Pierce mal tinha confiança suficiente para falar. Uma palavra, um

movimento em falso poderia estragar o momento. O que ele viu, o que sentiu, poderia ser apenas uma ilusão. — Por favor, toque de novo.

Mesmo após ela ter recomeçado, ele não se aproximou mais. Queria que a imagem permanecesse exatamente como estava. Os lábios dela estavam ligeiramente entreabertos. Ele podia saboreá-los de onde estava. Sabia qual seria a sensação do seu rosto se ele o tocasse agora. Ela olharia para ele e sorriria com aquele calor especial nos olhos. Mas ele não a tocaria, apenas absorveria tudo que ela era nesse momento especial.

As chamas das velas queimaram sem interrupção. Uma lenha mudou de posição na lareira sem fazer barulho. E então ela terminou.

Os olhos dela levantaram-se na sua direção. Pierce foi até ela.

— Nunca a desejei mais — disse ele com a voz baixa, quase sussurrada. — Nem tive mais medo de tocá-la.

— Medo? — Os dedos dela permaneciam ligeiramente sobre as teclas. — Por quê?

— Se eu a tocasse, minha mão poderia passar através do seu corpo. Afinal de contas, você poderia ser apenas um sonho.

Ryan pegou sua mão e comprimiu-a contra o rosto.

— Não é sonho — ela murmurou. — Não para nenhum de nós.

A pele dela estava quente e era real sob os dedos dele. Ele foi atingido por uma incrível onda de ternura. Levantou a outra mão, segurando-a como se fosse de porcelana.

— Se pudesse fazer um desejo, Ryan, apenas um, qual seria?

— Que esta noite, apenas esta noite, você não pensasse em nada nem ninguém que não fosse eu.

Os olhos dela brilhavam na pouca luz que se movia. Pierce colocou-a de pé e envolveu seu rosto com a mão.

— Você desperdiça seus desejos, Ryan, pedindo algo que já existe.

Ele beijou suas têmporas, depois os dois lados do rosto, deixando sua boca tremendo pelo sabor da dele.

— Quero preencher sua cabeça — ela disse com a voz vacilante — para que não haja espaço para nada mais. Esta noite quero que haja apenas eu. E amanhã...

— *Shh.* — Ele beijou sua boca para silenciá-la, mas tão de leve que ela ficou apenas com uma promessa do que estava por vir. — Não há ninguém a não ser você, Ryan.

— Os olhos dela estavam fechados, e ele roçou os lábios delicadamente sobre as pálpebras. — Venha para a cama

— murmurou ele. — Deixe-me provar.

Pegou sua mão, atravessou a sala e apagou as velas. Pegou uma, deixando que sua luz trêmula lhes iluminasse o caminho.

Capítulo 14

Eles tiveram que se separar novamente. Ryan sabia que isso era necessário durante a preparação do especial. Quando se sentia só, devido à ausência dele, ela só tinha que se lembrar da última noite mágica que tinham passado juntos. Seria o suficiente para confortá-la até poder vê-lo novamente.

Embora ela o tivesse visto esporadicamente durante as semanas seguintes, tinha sido apenas profissionalmente. Ele a procurava para reuniões e para supervisionar certos pontos do seu próprio negócio. Guardava isso para si. Ryan ainda não sabia nada sobre a produção dos acessórios e das piadas que ele usaria. Ele lhe daria uma lista detalhada das ilusões que executaria, a seqüência de tempo e apenas a mais simples explicação de seu mecanismo.

Ryan achava isso frustrante, mas tinha pouco mais sobre o que reclamar. O set estava sendo criado de acordo com o que ela, Bloomfield e Pierce tinham finalmente concordado. Elaine fora contratada como convidada. Ryan havia conseguido se sair bem na série de reuniões duras e cheias de emoção. E, ela se lembrou, achando graça, Pierce também.

Ele podia dizer mais com seus longos silêncios e uma ou duas palavras calmas do que uma dúzia de chefes de departamento frenéticos discutindo. Ele suportou as exigências e reclamações com total amabilidade e sempre saiu por cima.

Recusou-se a usar um roteiro profissional para o show. Era simples assim. Ele dizia não. E se ateu a isso — porque sabia que estava certo. Teve sua própria música, seu próprio diretor, sua própria equipe cênica. Nada o demoveria de usar seu próprio pessoal nos postos-chave. Rejeitou seis esboços de vestuário com um negligente meneio de cabeça.

Pierce fazia as coisas a seu modo, e se curvava apenas quando era conveniente. Mas Ryan viu que o pessoal de criação, por mais temperamental que fosse, reclamava pouco dele. Ele os encantou, ela notou. Tinha habilidade com as pessoas. Ele os aquecia ou os congelava — bastava um olhar.

Bess tinha que dar sua palavra final sobre o próprio guarda-roupa. Pierce simplesmente declarou que ela sabia o que melhor lhe convinha. Ele se recusava a ensaiar a menos que o set estivesse fechado. Então, entreteve os ajudantes com ilusionismo e truques de cartas. Sabia como manter o controle sem precisar ser rígido.

Ryan, porém, achava difícil trabalhar com as restrições que ele impunha a ela e aos seus funcionários. Ela tentou discutir, argumentar, implorar. Não chegou a lugar algum.

— Pierce. — Ryan o encurralou no set durante um intervalo nos ensaios. — Preciso falar com você.

— *Hum?* — Ele observou sua equipe armar as tochas para o próximo segmento. — Exatamente 20 centímetros de distância — ele lhes disse.

— Pierce, isso é importante.

— Sim, estou ouvindo.

— Não pode proibir a entrada de Ned no set durante o ensaio — disse ela, e puxou seu braço para ter atenção total.

— Posso, sim. E proibi. Ele não contou a você?

— Sim, ele me contou. — Ela soltou um suspiro de exasperação. — Pierce, como coordenador de produção, ele tem direito de estar aqui.

— Ele atrapalha. Não se esqueça de deixar 30 centímetros entre as fileiras, por favor.

— Pierce!

— O que é? — disse ele de modo agradável, e virou-se novamente para ela. — Já disse que está linda hoje, Srta. Swan? — Ele passou a lapela da jaqueta entre o polegar e o indicador. — É um conjunto muito bonito.

— Preste atenção, Pierce: você tem que dar um pouco mais de espaço ao meu pessoal. — Ela tentou ignorar o sorriso nos olhos dele e continuou: — Sua equipe é muito eficiente, mas numa produção desse tamanho precisamos de mais gente. Seu pessoal conhece seu trabalho, mas não conhece televisão.

— Seu pessoal não pode mexer nos meus acessórios, Ryan. Nem ficar andando por aí quando estou armando tudo.

— Meu Deus, você quer que eles façam um juramento de sangue de não revelar seus segredos? — perguntou ela, agitando a prancheta. — Poderíamos marcar para a próxima lua cheia.

— Boa idéia, mas não sei quantos dos seus funcionários concordariam. Pelo menos não o seu coordenador de produção — ele acrescentou com um sorriso. — Acho que ele não se importaria em ver seu próprio sangue.

Ryan levantou uma das sobrancelhas.

— Está com ciúme?

Ele riu com uma satisfação tão grande que ela quis bater nele.

— Não seja ridícula. Ele não representa ameaça.

— Não é essa a questão — murmurou ela, amuada. — Ele é muito bom no seu trabalho, mas não pode fazê-lo se você se recusar a ser razoável.

— Ryan — disse ele, parecendo realmente surpreso — sou sempre razoável. O que gostaria que eu fizesse?

— Gostaria que deixasse Ned fazer o que ele tem de fazer. E gostaria que deixasse meu pessoal entrar no estúdio.

— Certamente — ele concordou. — Mas não quando eu estiver ensaiando.

— Pierce — disse ela em tom de perigo. — Você está atando minhas mãos. Tem de fazer algumas concessões para a televisão.

— Estou ciente disso, Ryan, e farei. — Ele beijou sua testa. — Quando eu estiver pronto. Não — ele continuou antes que ela pudesse falar novamente. — Você tem que me deixar trabalhar com a minha própria equipe até eu ter certeza que está perfeito.

— E quanto tempo vai levar?

Ela sabia que ele a estava persuadindo como tinha feito com todo mundo, de Coogar para baixo.

— Mais alguns dias. — Ele pegou sua mão livre. — De qualquer forma, seus principais empregados estão aqui.

— Tudo bem — disse ela, dando um suspiro. — Mas até o fim da semana a equipe de iluminação terá que participar dos ensaios. Isso é essencial.

— Fechado. — Ele apertou a mão dela de modo solene. — Mais alguma coisa?

— Sim. — Ryan endireitou os ombros e lhe lançou um olhar direto. — O tempo para o primeiro segmento está indo dez segundos além. Vai ter que alterá-lo para se encaixar com a série programada de comerciais.

— Não, você terá que alterar a série programada de comerciais.

Ele lhe deu um leve beijo antes de se afastar. Antes que pudesse gritar com ele, Ryan descobriu que havia um botão de rosa na sua lapela. O prazer se misturou com a fúria até que era tarde demais para agir.

— Ele é o máximo, não é?

Ryan virou a cabeça e viu Elaine Fisher.

— O máximo — ela concordou. — Espero que esteja satisfeita com tudo, Srta. Fisher — ela acrescentou, e sorriu para a pequena loira que parecia uma bonequinha. — Seu camarim é agradável?

— É bom. — Elaine exibiu um sorriso encantador. — Só tem uma lâmpada queimada no meu espelho.

— Vou mandar verificar.

Elaine observou Pierce e deu sua risada rápida e esfuziante.

— Tenho que lhe dizer que não me importaria em encontrá-lo no meu camarim.

— Acho que não posso providenciar isso, Srta. Fisher

— respondeu Ryan de modo formal.

— Ah, querida, eu mesma poderia se não fosse pela maneira que ele olha para você. — Ela piscou de forma amistosa para Ryan. — É claro que se não estiver interessada eu poderia tentar consolá-lo.

O charme da atriz não era fácil de resistir.

— Não será necessário — Ryan lhe disse com um sorriso.

— É função do produtor manter o artista feliz.

— Por que não vê se consegue arrumar um clone para mim? — Ela deixou Ryan e caminhou até Pierce. — Pronto para mim?

Observando trabalhar juntos, Ryan viu que os instintos dela estavam corretos. Formavam uma dupla perfeita. A beleza loira e frívola de Elaine e seu charme ingênuo escondiam um talento aguçado e um dom para a comédia. Era o equilíbrio exato que Ryan desejava.

Ryan esperou, prendendo a respiração enquanto as tochas eram acesas. Foi a primeira vez que ela viu a ilusão do começo ao fim. As chamas ficaram altas por um momento, emitindo uma luz quase ofuscante até Pierce espalhar as mãos e acalmá-las. Então, ele se virou para Elaine.

— Não queime o vestido — ela zombou. — É alugado. Ryan escreveu apressadamente uma mensagem para

guardar como improviso quando Elaine começou a levitar. Em instantes ela estava flutuando acima das chamas.

— Está indo bem.

Ryan olhou para cima e sorriu para Bess.

— Sim, apesar de todos os problemas que causa, Pierce torna impossível ser de outra maneira. Ele é implacável.

— Eu que o diga. — Elas o observaram em silêncio por um momento e então Bess apertou o braço de Ryan. — Não posso agüentar — disse ela a meia voz para não atrapalhar o ensaio. — Tenho que lhe contar.

— Contar o quê?

— Queria contar primeiro a Pierce, mas... — Ela deu um sorriso de orelha a orelha. — Eu e Link...

— Ah, parabéns! — Ryan interrompeu e a abraçou. Bess riu.

— Você não me deixou terminar.

— Ia me dizer que vão se casar.

— Bem, sim, mas...

— Parabéns — disse Ryan de novo. — Quando aconteceu?

— Praticamente agora. — Parecendo um pouco aturdida, Bess coçou a cabeça. — Estava no meu camarim me aprontando quando ele bateu na porta. Não quis entrar. Ficou parado na porta mexendo os pés, sabe como é? Então, de repente, ele me perguntou se eu queria casar. — Bess balançou a cabeça e riu mais uma vez. — Fiquei tão surpresa que perguntei a ele com quem.

— Oh, Bess, você não fez isso.

— Fiz sim. Bem, você não espera esse tipo de pergunta depois de 20 anos.

— Coitado do Link — murmurou Ryan com um sorriso.

— O que ele disse?

— Ele ficou parado por um minuto, olhando para mim e mudando de cor, e então disse "Bem, comigo, eu acho."

— Ela deu uma risadinha. — Foi muito romântico.

— Achei lindo — Ryan lhe disse. — Fico tão feliz por vocês.

— Obrigada. — Após um sorriso sensual, ela olhou para Pierce novamente.

— Não conte nada para Pierce, combinado? Acho que vou deixar que Link conte.

— Não direi nada — ela prometeu. — Vai se casar logo? Bess deu um sorriso torto.

— Querida, é melhor acreditar. Pelo que posso ver, já somos casados há 20 anos, e isso é tempo suficiente. — Ela dobrou a bainha do moletom entre os dedos. — Acho que teremos que esperar apenas a exibição do especial e então damos o salto.

— Vão continuar com Pierce?

— Claro. — Ela olhou para Ryan com ar zombeteiro.

— Somos uma equipe. É claro que eu e Link vamos morar na minha casa, mas não nos separaríamos.

— Bess — Ryan começou devagar. — Tem algo que estou querendo perguntar a você. É sobre a ilusão final. — Ela lançou um olhar preocupado para Pierce enquanto ele continuava a trabalhar com Elaine. — Ele está fazendo tanto segredo a respeito! Tudo que ele disse até agora é que é uma fuga e que ele precisará de quatro minutos e dez segundos do começo ao fim. O que sabe sobre isso? Bess deu de ombros.

— Ele está mantendo isso bem guardado porque ainda não resolveu todos os problemas.

— Que tipo de problemas? — Ryan insistiu.

— Realmente não sei, só... — Ela hesitou, dividida entre suas dúvidas e sua lealdade. — Só que Link não gosta.

— Por quê? — Ryan pôs a mão sobre o braço de Bess.

— É perigoso? Realmente perigoso?

— Olhe, Ryan, todas as fugas podem ser perigosas, a menos que esteja falando de camisa-de-força e algemas. Mas ele é o melhor. — Ela observou Pierce abaixar Elaine ao chão. — Ele vai precisar de mim num minuto.

— Bess. — Ela manteve a mão firme no braço da ruiva.

— Conte-me o que sabe.

— Ryan. — Bess suspirou quando olhou para ela. — Sei como se sente quanto a ele, mas não posso. O trabalho de Pierce é o trabalho de Pierce.

— Não estou pedindo para você quebrar o código de ética do mágico — disse ela impaciente. — Seja como for, ele terá que me contar qual é a ilusão.

— Então, ele contará.

Bess afagou sua mão mas se afastou.

Os ensaios foram além do horário como costumava acontecer com os ensaios de Pierce. Após participar de uma reunião de produção no final da tarde, Ryan decidiu esperar por ele no camarim. O problema da ilusão final a tinha incomodado o dia todo. Ela não havia gostado do olhar preocupado de Bess.

O camarim de Pierce era espaçoso e suntuoso. O carpete era grosso, o sofá, macio e largo o bastante para servir de cama. Havia uma televisão com tela grande, um conjunto de som e um bar cheio de bebidas que ela sabia que Pierce nunca usava. Na parede havia um par de litografias muito boas. Era o tipo de camarim que Swan reservava para artistas especiais. Ryan duvidava que Pierce passasse mais de 30 minutos por dia naquele espaço quando estava em Los Angeles.

Bisbilhotou a geladeira, encontrou um quarto de suco de laranja e preparou uma bebida gelada antes de afundar no sofá. Preguiçosamente, pegou um livro da mesa. Era um dos livros de Pierce, ela observou, outra obra sobre Houdini. Sem muito interesse, folheou as páginas.

Quando Pierce entrou, ele a encontrou enroscada sobre o sofá na metade do livro.

— Pesquisa?

Ryan levantou a cabeça de repente.

— Ele realmente conseguia fazer todas essas coisas? — perguntou ela. — Estou falando dessa coisa de engolir agulhas e novelo de linha e depois retirar as agulhas com a linha enfiada. Ele realmente não fazia, não é?

— Fazia.

Ele tirou a camisa. Ryan franziu a testa.

— Você consegue? Ele apenas sorriu.

— Não tenho por hábito copiar ilusões. Como foi seu dia?

— Bom. Diz aqui que algumas pessoas achavam que ele tinha um bolso na pele.

Desta vez ele riu.

— Não acha que já teria encontrado o meu se eu tivesse um?

Ryan colocou o livro de lado e se levantou.

— Quero conversar com você.

— Tudo bem. — Pierce puxou-a para os seus braços e começou a cobrir seu rosto com beijos. — Em alguns minutos. Foram três longos dias sem você.

— Foi você quem foi embora — ela lembrou-lhe, e deteve sua boca errante

com a dela.

— Tinha alguns detalhes para resolver. Não consigo trabalhar a sério aqui.

— É para isso que serve sua masmorra — ela murmurou e encontrou sua boca novamente.

— Exatamente. Vamos jantar esta noite. Algum lugar com velas e cantos escuros.

— Meu apartamento tem velas e cantos escuros — disse ela junto aos seus lábios. — Podemos ficar a sós lá.

— Tentará me seduzir de novo.

Ryan riu e se esqueceu sobre o que queria conversar com ele.

— Eu vou seduzi-lo de novo.

— Ficou convencida, Srta. Swan. — Ele a afastou. — Nem sempre sou fácil.

— Gosto de desafios.

Ele esfregou o nariz no dela.

— Gostou da flor?

— Sim, obrigada. — Ela envolveu seu pescoço com os braços. — Impediu-me de importuná-lo.

— Eu sei. Acha difícil trabalhar comigo, não é?

— Extremamente. E se você deixar outra pessoa produzir seu próximo especial, vou sabotar todas as suas ilusões.

— Bem, então terei que mantê-la para me proteger.

Ele tocou seus lábios nos dela gentilmente, e a onda de amor a atingiu com tamanha força, tão subitamente, que Ryan se agarrou nele.

— Pierce. — Ela queria falar rápido antes que o velho medo a impedisse. — Pierce, leia minha mente. — Com os olhos cerrados, ela enterrou o rosto no seu ombro. — Consegue ler minha mente?

Perplexo com a urgência no seu tom de voz, ele a afastou para examiná-la. Ela arregalou os olhos e ele viu neles que ela estava um pouco apavorada, um pouco atordoada. E viu algo mais que fez seu coração bater de forma irregular.

— Ryan?

Pierce levou uma das mãos ao rosto dela, temendo que ele estivesse vendo algo que só ele queria ver. Temendo também que fosse real.

— Estou aterrorizada — sussurrou ela. — As palavras não querem sair. Pode vê-las? — A voz dela saía em espasmos. Ela mordeu o lábio para firmá-la. — Se não puder, eu entenderei. Não precisa mudar nada.

Sim, ele as via, mas ela estava errada. Assim que foram ditas, elas mudaram tudo. Ele não queria que acontecesse, mas ele sabia, de alguma forma, que eles chegariam a esse ponto. Ele soube no momento que a viu descer os degraus até

sua sala de trabalho. Ela era a mulher que mudaria tudo. Qualquer poder que ele tivesse, se tornaria parcialmente dela assim que ele dissesse três palavras. Era o único encantamento de verdade num mundo de ilusão.

— Ryan. — Ele hesitou por um momento mas sabia que não podia impedir o que já existia. — Eu amo você.

A respiração dela saiu num fluxo de alívio.

— Oh, Pierce, estava com tanto medo que não quisesse me ver. — Eles se aproximaram e se agarraram. — Eu o amo tanto. Tanto. — O suspiro dela saiu trêmulo. — É bom, não é?

— É. — Ele sentiu sua pulsação equiparar-se à dele. — Sim, é bom.

— Não sabia que podia ser tão feliz. Queria lhe dizer antes — murmurou ela junto à garganta dele. — Mas tinha tanto medo! Parece tolice agora.

— Nós dois tínhamos medo. — Ele puxou-a mais para perto, mas ainda não foi suficiente. — Desperdiçamos tempo.

— Mas você me ama — murmurou ela, querendo apenas ouvir as palavras mais uma vez.

— Sim, Ryan, eu amo você.

— Vamos para casa, Pierce. — Ela passou os lábios ao longo do seu maxilar. — Vamos para casa. Eu quero você.

— Uhum. Agora.

Ryan jogou a cabeça para trás e riu.

— Agora? Aqui?

— Aqui e agora — ele concordou, apreciando o lampejo travesso em seus olhos.

— Alguém pode entrar — disse ela e afastou-se dele. Sem dizer nada, Pierce virou-se para a porta e girou a fechadura.

— Acho que não.

— Oh! — Ryan mordeu o lábio, tentando não sorrir. — Parece que não tenho escolha.

— Pode gritar por socorro — ele sugeriu, enquanto retirava o casaco dos ombros dela.

— Socorro — disse ela baixinho, enquanto ele desabotoava a blusa dela. — Acho que ninguém me ouviu.

— Então parece que vou ter que fazer amor com você.

— Oh, que bom — sussurrou Ryan.

A blusa foi ao chão. Eles tocaram um no outro e riram com a pura alegria de estarem apaixonados. Beijaram-se e se abraçaram como se não houvesse amanhã. Murmuraram palavras suaves e suspiraram de prazer. Mesmo quando o

ato de amor se intensificou e a paixão começou a dominar, havia uma alegria subjacente que permanecia inocente.

Ele me ama, pensou Ryan, e subiu as mãos pelas costas fortes. *Ele me pertence*. Ela respondeu aos beijos dele com fervor.

Ela me ama, pensou Pierce, sentindo o calor da pele de Ryan sob seus dedos. *Ela me pertence*. Ele buscou sua boca e a saboreou.

Eles se deram um ao outro, tomaram um do outro até que fossem mais um do que dois. Havia paixão crescente, uma ternura infinita e uma nova liberdade. Quando o ato de amor findou, eles ainda conseguiam rir, tontos por saberem que para eles era apenas o começo.

— Sabe de uma coisa? — murmurou Ryan. — Eu achava que era o produtor que atraía o artista para o sofá.

— Não fez isso?

Pierce deixou que os cabelos dela corressem pelos dedos dele. Com uma risada, Ryan beijou-o entre os olhos.

— Devia pensar que foi tudo sua idéia.

Ela se sentou e pegou a blusa. Pierce sentou-se atrás dela e passou a ponta do dedo pela sua espinha.

— Vai a algum lugar?

— Veja, Atkins, você vai fazer o teste de tela. — Ela reclamou quando ele mordeu seu ombro. — Não tente mudar minha opinião — disse ela antes de ficar fora do alcance dele. — Sua parte comigo acabou.

— Oh?

Pierce apoiou-se no cotovelo para observar seu vestido.

— Até chegarmos em casa. — Ryan vestiu o robe e começou a tirar suas meias. Ela olhou a nudez dele. — É melhor você se vestir antes de eu mudar de idéia. Terminaremos trancados no prédio pelo resto da noite.

— Eu conseguiria que escapássemos quando quiséssemos ir.

— Existem alarmes. Ele riu.

— Ora, Ryan.

Ela disparou um olhar para ele.

— Acho que foi bom você ter decidido não ser criminoso.

— É mais simples cobrar para abrir cadeados. As pessoas sempre acharão fascinante pagar para ver que é possível.

— Ele sorriu quando se sentou. — Elas não gostam se você faz de graça.

Curiosa, ela inclinou a cabeça.

— Já deparou com um cadeado que não conseguiu abrir?

— Com tempo suficiente — disse Pierce enquanto pegava as roupas —, qualquer cadeado pode ser aberto.

— Sem ferramentas?

Ele levantou uma das sobrancelhas.

— Existem ferramentas e ferramentas. Ryan franziu as sobrancelhas para ele.

— Vou ter que procurar aquele bolso na sua pele de novo.

— Quando quiser — concordou ele de forma afável.

— Você poderia ser legal e me ensinar uma coisa: como se livrar das algemas.

— Não. — Ele balançou a cabeça enquanto vestia o jeans. — Elas podem ser úteis de novo.

Ryan deu de ombros como se não se importasse e começou a abotoar a blusa.

— Oh, esqueci. Queria falar com você sobre o final. Pierce pegou uma camisa limpa do armário.

— O que tem?

— É precisamente o que quero saber — Ryan lhe disse.

— O que planejou exatamente?

— É uma fuga, eu disse a você. Ele colocou a camisa.

— Necessito mais do que isso, Pierce. O show vai ao ar em dez dias.

— Estou preparando. Reconhecendo o tom, Ryan foi até ele.

— Não, isso não é uma produção solo. Posso concordar com algumas de suas excentricidades em relação aos empregados. — Ela ignorou a expressão de indignação dele.

— Mas tenho que saber exatamente o que vai ser transmitido. Não pode me deixar às escuras com menos de duas semanas para a gravação.

— Vou sair de um cofre — disse ele simplesmente, e deu a Ryan seu sapato.

— Sair de um cofre. — Ela assimilou, observando-o. — Tem mais coisa, Pierce. Não sou idiota.

— Terei minhas mãos e meus pés algemados primeiro. Ryan curvou-se para pegar seu outro sapato. Sua relutância contínua em dar mais detalhes causava um medo real.

— O que mais, Pierce?

Ele não disse nada até ter abotoado a camisa.

— É um procedimento numa caixa, dentro de uma caixa, que está dentro de outra caixa. Um velho truque.

O medo aumentou.

— Três cofres? Um dentro do outro?

— Isso mesmo. Cada um maior que o último.

— Os cofres são herméticos?

— São.

A pele de Ryan esfriou.

— Não gosto disso.

Ele lançou um calmo olhar de avaliação.

— Não precisa gostar, Ryan, mas não precisa se preocupar também.

Ela engoliu em seco, sabendo que era importante manter o controle.

— Tem mais, não é? Eu sei que tem, me diga.

— O último cofre tem um dispositivo de tempo — disse ele sem muita emoção. — Já fiz isso antes.

— Um dispositivo de tempo? — Um frio desceu pelas suas costas. — Não, não pode fazer. É pura idiotice.

— Não é nada de idiotice — Pierce retrucou. — Levei dez meses para desenvolver o mecanismo e o *timing*.

— *Timing*?

— Tenho três minutos de ar.

Três minutos!, ela pensou, e lutou para não perder o controle.

— E quanto tempo leva a fuga?

— No momento, pouco mais de três minutos.

— Pouco mais — Ryan murmurou entorpecida. — Pouco mais. E se algo der errado?

— Não espero que algo dê errado. Já revi várias vezes, Ryan.

Ela virou-se de costas e, depois, novamente para ele.

— Não vou permitir isso. Está fora de questão. Use o número da pantera para o final, mas não isso.

— Vou usar a fuga, Ryan.

A voz dele estava muito calma e decidida.

— Não! — Em pânico, ela agarrou seus braços. — Vou cortar. Está fora, Pierce. Pode usar uma de suas outras ilusões ou inventar um novo, mas isso está fora.

— Não pode cortar. — O tom dele não se alterou enquanto ele olhava para ela. — Tenho a palavra final; leia o contrato.

Ela empalideceu e afastou-se dele.

— Que se dane, eu não ligo para o contrato. Eu sei o que está escrito nele. Eu o redigi!

— Então sabe que não pode cortar a fuga — disse ele baixinho.

— Não permitirei que faça isso. — Lágrimas brotaram nos olhos dela, mas ela as afastou ao piscar os olhos. — Não pode fazer isso.

— Sinto muito, Ryan.

— Encontrarei um jeito de cancelar o show. — A respiração dela estava

ofegante de raiva, medo e desespero. — Posso encontrar um jeito de romper o contrato.

— Talvez. — Ele pôs as mãos sobre os ombros dela. — Mesmo assim farei a fuga, Ryan, no mês seguinte, em Nova York.

— Pierce, pelo amor de Deus! — Desesperadamente, ela agarrou-se aos braços dele. — Você pode morrer lá dentro. Não vale a pena. Por que tem que tentar algo assim?

— Porque consigo fazer. Ryan, entenda que é o meu trabalho.

— Entendo que o amo. Isso não faz diferença?

— Sabe que faz — disse ele de modo áspero. — Sabe quanto.

— Não, não sei quanto. — Agitada, ela afastou-se dele.

— Só sei que vai fazer isso não importa o quanto eu implore para não fazer. Espera que eu fique parada e assista você arriscar sua vida por um pouco de aplauso e um artigo.

— Não tem nada a ver com aplauso nem artigo. — O primeiro sinal de raiva disparou nos seus olhos. — Deveria me conhecer melhor.

— Não, não, não o conheço — disse ela em desespero.

— Como posso entender o motivo de você insistir em fazer algo assim? Não é necessário para o show nem para sua carreira!

Ele lutou para se controlar e respondeu calmamente.

— É necessário para mim.

— Por quê? — ela perguntou, furiosa. — Por que é necessário arriscar sua vida?

— É seu ponto de vista, Ryan, não o meu. Isso é parte do meu trabalho, parte do que sou. — Ele parou, mas não foi até ela. — Terá que aceitar isso se me aceitar.

— Não é justo.

— Talvez não — ele concordou. — Sinto muito. Ryan engoliu em seco, lutando contra as lágrimas.

— Onde isso nos deixa?

Ele manteve os olhos sobre ela.

— Depende de você.

— Não vou assistir. — Ela recuou até a porta. — Não vou! Não vou passar minha vida esperando o momento de você ir longe demais. Não posso. — Ela mexeu na fechadura com os dedos trêmulos. — Que se dane sua mágica! — disse ela aos soluços ao sair pela porta em disparada.

Capítulo 15

Após deixar Pierce, Ryan foi direto para o escritório do pai. Pela primeira vez na vida ela entrou sem bater. Aborrecido com a interrupção, Swan cortou o que estava falando ao telefone e franziu a testa. Por um momento ele ficou olhando para ela. Ele nunca tinha visto Ryan assim: pálida, trêmula, com os olhos arregalados e brilhantes devido às lágrimas suprimidas.

— Ligo para você depois — ele murmurou, e desligou. Ela ainda estava parada na porta, e Swan viu-se na posição incomum de não saber o que dizer. — O que foi? — perguntou, e limpou a garganta.

Ryan apoiou-se na porta até ter certeza que suas pernas estavam suficientemente firmes para caminhar. Lutando para se controlar, foi até a mesa de seu pai.

— Preciso... Quero que cancele o especial de Atkins.

— O quê? — Ele pôs-se de pé e olhou furioso para ela. — O que é isso? Se você decidiu cair aos pedaços por causa da pressão, posso arrumar uma substituição. Ross pode assumir o controle. Droga! — Ele bateu a mão na mesa. — Devia saber que não podia colocar você no comando. Ele já estava indo pegar o fone.

— Por favor. — A voz tranqüila de Ryan o deteve. — Estou pedindo para cancelar o contrato e o show.

Swan começou a xingá-la de novo, fez outro exame cuidadoso de seu rosto e caminhou até o bar. Sem dizer nada, colocou uma dose grande de conhaque francês no copo. A garota estava fazendo-o se sentir desajeitado.

— Tome — disse ele em tom áspero ao colocar o copo em suas mãos. — Sente-se e beba isso.

Sem ter certeza do que fazer com uma filha que parecia arrasada e impotente, ele afagou seu ombro um pouco sem jeito antes de voltar para trás da mesa.

— Agora — novamente acomodado ele se sentia mais no controle da situação —, diga-me do que se trata. Problema nos ensaios? — Ele deu o que esperava que fosse um sorriso de compreensão. — Você já está no ramo há bastante tempo para saber que é parte do jogo.

Ryan respirou fundo e engoliu o conhaque. Ela o deixou queimar as camadas de medo e tristeza. Sua respiração seguinte foi mais firme. Ela olhou para o pai de novo.

— Pierce está planejando uma fuga para o final.

— Sei disso — disse ele impaciente. — Vi o roteiro.

— É perigoso demais.

— Perigoso? — Swan dobrou as mãos sobre a mesa. Ele concluiu que podia lidar com isso. — Ryan, o homem é um profissional. Ele sabe o que está fazendo.

Swan inclinou o pulso de leve para que pudesse ver o relógio. Podia lhe dar cerca de cinco minutos.

— Isso é diferente — ela insistiu. Para não gritar ela segurou firme o copo. Swan nunca prestava atenção em histeria. — Até seu próprio pessoal não gosta.

— Tudo bem, o que ele está planejando?

Incapaz de formar as palavras, Ryan deu outro gole no conhaque.

— Três cofres — ela começou. — Um dentro do outro. O último... — Ela parou por um momento para manter a voz serena. — O último tem um dispositivo de tempo. Ele só terá três minutos de ar assim que for fechado dentro do primeiro cofre. Ele acabou... acabou de me contar que o número leva pouco mais que isso.

— Três cofres — Swan refletiu, franzindo os lábios. — Muito bom.

Ryan fez um grande barulho ao colocar o copo sobre a mesa.

— Principalmente se ele ficar asfixiado. Pense no bem que vai fazer para a audiência! Eles podem lhe conceder o Emmy após a morte.

Swan arqueou as sobrancelhas de um jeito que indicava perigo.

— Calma, Ryan.

— Não vou ficar calma. — Ela pulou da cadeira. — Ele não pode ter permissão para fazer isso. Temos que cancelar o contrato.

— Não posso fazer isso.

Swan levantou os ombros para descartar a idéia.

— Não quer fazer isso — Ryan corrigiu, furiosa.

— Não quero fazer isso — Swan concordou, usando o mesmo tom de voz.

— Existe muita coisa em jogo.

— *Tudo* está em jogo! — Ryan gritou para ele. — Estou apaixonada por ele.

Ele tinha começado a se levantar e a gritar com ela também, mas as palavras dela o tomaram de surpresa. Swan ficou olhando para ela. Havia lágrimas de desespero nos seus olhos agora. Mais uma vez ele estava sem saber o que fazer.

— Ryan. — Ele suspirou e pegou um charuto. — Sente-se.

— Não! — Ela pegou o charuto dos seus dedos e o atirou do outro lado da sala. — Não vou sentar, não vou sentar. Estou pedindo sua ajuda. Por que não quer olhar para mim? — perguntou ela, desesperada e com raiva. — Olhe para mim de verdade!

— Estou olhando para você! — ele berrou em sinal de defesa. — E posso lhe dizer que não estou satisfeito. Agora sente e me ouça.

— Não, cansei de ouvi-lo, de tentar agradá-lo. Fiz tudo que o senhor sempre quis que eu fizesse, mas nunca foi o suficiente. Não posso ser seu filho, não posso mudar isso. — Ela cobriu o rosto com as mãos e desmoronou por completo. — Sou apenas sua filha, e preciso que me ajude.

As palavras o deixaram sem fala. As lágrimas o derrubaram. Ele não conseguia se lembrar se já a tinha visto chorar antes; certamente, ela nunca o fizera de forma tão passional. Levantando-se meio desajeitado, ele procurou o lenço.

— Tome aqui. — Enfiou o lenço nas mãos dela e imaginou o que fazer depois. — Eu sempre... — Ele limpou a garganta e olhou impotente em volta da sala. — Sempre tive orgulho de você, Ryan.

Quando ela reagiu chorando de forma mais desesperada, ele enfiou as mãos nos bolsos e ficou em silêncio.

— Não faz diferença. — A voz dela ficou abafada por trás do lenço. Ela sentiu uma onda de vergonha pelas palavras e as lágrimas. — Não faz mais diferença.

— Eu ajudaria você, se pudesse — ele murmurou por fim. — Não posso detê-lo. Mesmo se pudesse cancelar o show e lidar com os processos que a emissora e Atkins abririam contra a Swan Produções, ele faria a maldita coisa de qualquer forma.

Confrontada com a pura verdade, Ryan afastou-se dele.

— Deve haver alguma coisa...

Swan mudou de posição, desconfortável.

— Ele está apaixonado por você?

Ryan respirou de forma irregular e afastou as lágrimas.

— Não faz diferença como ele se sente a meu respeito. Não posso detê-lo.

— Conversarei com ele. Cansada, ela balançou a cabeça.

— Não, não adiantaria nada. Desculpe. — Ela virou-se novamente para seu pai. — Eu não deveria ter vindo aqui assim. Não estava pensando direito. — Ela abaixou os olhos e enrolou o lenço. — Desculpe por ter feito uma cena.

— Ryan, sou seu pai.

Ela então olhou para ele, mas os olhos dela estavam inexpressivos.

— É.

Ele limpou a garganta e descobriu que não sabia o que fazer com as mãos.

— Não quero que peça desculpas por vir me ver. — Ela apenas continuou a olhar com os olhos sem emoção. Ele esticou o braço para tentar tocá-la. — Farei o que puder para tentar convencer Atkins a não fazer o número, se é o que quer.

Ryan deu um longo suspiro antes de sentar.

— Obrigada, mas o senhor tinha razão. De qualquer forma, ele fará depois.

Ele mesmo me disse. Simplesmente não consigo lidar com isso.

— Quer que Ross assuma o controle? Ela comprimiu os dedos nos olhos.

— Não — disse ela balançando a cabeça. — Não, terminarei o que comecei. Esconder-me não vai mudar nada também.

— Muito bem — disse ele balançando a cabeça satisfeito. — Agora, ah... — Ele hesitou enquanto buscava as palavras corretas. — Sobre você e o mágico. — Ele tossiu e mexeu na gravata. — Está planejando... quer dizer, eu deveria conversar com ele sobre suas intenções?

Ryan tinha achado que não conseguiria mais sorrir.

— Não, isso não será necessário. — Ela viu alívio nos olhos de Swan e se levantou. — Gostaria de ter uma folga depois da gravação.

— Claro, você merece.

— Não vou incomodá-lo mais.

Ela começou a se virar, mas ele pôs a mão em seu ombro. Ryan olhou para ele surpresa.

— Ryan... — Ele não sabia bem o que queria dizer. Em vez disso, apertou seu ombro. — Venha. Vou levá-la para jantar.

Ryan ficou olhando para ele. Quando foi a última vez, ela se perguntou, que ela fora jantar com o pai? Um banquete de entrega de prêmios? Uma festa de negócios?

— Jantar? — perguntou perplexa.

— É. — A voz de Swan ficou aguda enquanto seus pensamentos seguiram o mesmo caminho que os dela tinham seguido. — Um homem pode levar sua filha para jantar, não pode? — Ele passou o braço em volta da cintura dela e conduziu-a até a porta. Como ela era pequena!, ele percebeu, um tanto surpreso. — Vá lavar seu rosto — murmurou. — Esperarei por você.

Às 10h da manhã seguinte, Swan terminou de ler o contrato de Atkins pela segunda vez. Um negócio complicado, ele pensou. Não seria fácil romper. Mas ele não tinha intenção de rompê-lo. Isso não só seria ruim para os negócios mas também um gesto inútil. Ele próprio teria que lidar com Atkins. Quando a campainha tocou, ele virou o contrato para baixo.

— O Sr. Atkins está aqui, Sr. Swan.

— Mande-o entrar.

Swan se levantou quando Pierce entrou e, como tinha feito da primeira vez, cruzou a sala com a mão estendida.

— Pierce — disse ele de forma jovial. — Obrigado por ter vindo.

— Sr. Swan.

— Bennett, por favor — disse ele enquanto levava Pierce até uma cadeira.

Swan sentou-se na cadeira em frente a ele e recostou-se.

— Bem, está satisfeito com o andamento de tudo? Pierce levantou uma das sobrancelhas.

— Estou.

Swan pegou um charuto. "O homem é frio demais", ele pensou, de má vontade. Não revela nada. Swan decidiu abordar o assunto de outro modo.

— Coogar me disse que os ensaios estão indo muito bem. Ele fica preocupado. — Swan sorriu. — Ele é um tremendo supersticioso, gosta de muita confusão antes de uma gravação. Ele me disse que o senhor poderia dirigir o show sozinho.

— Ele é um bom diretor — disse Pierce tranqüilamente, observando Swan acender seu charuto.

— O melhor — concordou Swan de modo cordial. — Estamos um pouco preocupados com os seus planos para o final.

— Hum?

— Isso é televisão, sabe como é — Swan lembrou-lhe, dando um grande sorriso. — Quatro minutos e dez segundos é um pouco longo para um número.

— É necessário. — Pierce deixou as mãos repousarem sobre os braços da cadeira. — Tenho certeza de que Ryan disse a você.

Os olhos de Swan viram o olhar direto.

— Sim, Ryan me disse. Ela veio aqui ontem à noite. Estava agitada.

Os dedos de Pierce ficaram um pouco tensos, mas ele manteve o olhar uniforme.

— Sei. Sinto muito.

— Veja bem, Pierce, somos homens razoáveis. — Swan inclinou-se na sua direção, remexendo o charuto. — Esse seu número parece uma beleza. Essa coisa do dispositivo de tempo é uma grande inspiração, mas com uma pequena modificação...

— Não modifico minhas ilusões. A recusa fria fez Swan vociferar.

— Nenhum contrato é talhado em pedra — disse ele em tom de ameaça.

— Pode tentar rompê-lo — concordou Pierce. — Causará muito mais problemas para o senhor do que para mim. E no final não mudará nada.

— Droga, homem, a garota está fora de si! — Batendo com o punho na coxa, Swan recostou-se de novo na cadeira. — Ela diz que está apaixonada por você.

— Ela está apaixonada por mim — respondeu Pierce baixinho e ignorou a contração no estômago.

— O que pretende fazer a respeito?

— Está me perguntando como pai ou como a Swan Produções?

Swan franziu a testa e murmurou por um momento.

— Como pai — decidiu.

— Estou apaixonado por Ryan. — Pierce olhou para Swan com calma. — Se ela estiver disposta, passarei minha vida com ela.

— E se ela não estiver? — retrucou Swan.

Os olhos de Pierce escureceram, alguma coisa estremeceu, mas ele não disse nada. Isso era algo com o qual ele teria que lidar. Na breve passagem de tempo Swan viu o que queria saber. Ele forçou sua vantagem.

— Uma mulher apaixonada nem sempre é razoável — disse ele com um sorriso amistoso. — Um homem tem que fazer certos ajustes.

— Há muito pouca coisa que eu não faria por Ryan — respondeu Pierce. — Mas não é possível mudar o que sou.

— Estamos falando de um número — retrucou Swan, perdendo a paciência.

— Não, estamos falando sobre meu modo de vida. Poderia deixar essa fuga de lado — ele continuou, enquanto Swan franzia as sobrancelhas para ele —, mas haveria outra, depois outra. Se Ryan não consegue aceitar essa agora, como poderá aceitar outra depois?

— Você a perderá — Swan alertou.

Pierce se levantou diante disso, incapaz de continuar sentado.

— Talvez nunca a tenha tido. — Ele podia suportar a dor, disse a si mesmo. Sabia como lidar com ela. Sua voz estava serena quando continuou: — Ryan tem que fazer suas próprias escolhas. Tenho que aceitá-las.

Swan pôs-se de pé e olhou furioso.

— Não me parece um homem apaixonado.

Pierce lançou-lhe um olhar longo e frio que fez Swan engolir em seco.

— Numa vida de ilusões — disse ele com a voz áspera —, ela é a única coisa real.

Ele se virou e saiu da sala.

Capítulo 16

Eles gravariam às 6h do horário da Costa Oeste. Até as 4h da tarde, Ryan tinha lidado com tudo, desde um administrador de propriedade irado até um cabeleireiro nervoso. Não havia nada como uma transmissão ao vivo para deixar até veteranos experientes um tanto loucos. Como foi dito para ela por um ajudante fatalista: "O que puder dar errado, dará." Não era o que Ryan queria ouvir.

Mas os problemas, as exigências e o toque de insanidade a impediam de arrastar-se até um canto conveniente para chorar. Precisavam dela, e ela não tinha escolha a não ser mostrar-se segura. Se sua carreira era tudo que ia lhe restar, Ryan sabia que precisava dedicar a ela tudo de si.

Havia evitado Pierce por dez dias, mantendo uma distância emocional. Eles não tinham como deixar de se encontrarem, de tempos em tempos, mas apenas como produtora e estrela. Ele não fez nenhuma tentativa de encurtar o espaço entre eles.

Ryan sofria. Às vezes, ainda a surpreendia o quanto sofria. Mesmo assim, aceitava de bom grado. O sofrimento sufocava o medo. Os três cofres tinham sido entregues. Quando ela forçou-se a examiná-los, viu que o menor não tinha mais de 90 centímetros de altura e 60 centímetros de largura. O pensamento de Pierce se dobrando na pequena caixa preta fez seu estômago revirar.

Ela ficou parada examinando o cofre maior com sua porta espessa e seu dispositivo de tempo complexo quando sentiu que ele estava atrás dela. Quando se virou, eles olharam um para o outro em silêncio. Ryan sentiu o desejo, o amor, o desespero antes de afastar-se dele. Nem por meio de palavras nem de gestos ele pediu que ela ficasse.

Desse ponto em diante, Ryan manteve-se longe dos cofres, concentrando-se, em vez disso, em verificar e tornar a verificar todos os mínimos detalhes da produção.

O guarda-roupa tinha de ser supervisionado. Um refletor quebrado precisou ser consertado no último momento. Um técnico doente teve que ser substituído. E o *timing*, o mais crucial dos elementos, teve que ser resolvido até o último segundo.

Parecia não haver fim para os problemas de última hora, e ela só poderia ficar grata quando aparecia um novo. Não houve tempo para pensar, até o momento em que a platéia do estúdio começou a entrar.

Com o estômago cheio de nós, o rosto tranquilo, Ryan esperou na cabine de controle enquanto o diretor de estúdio fazia a contagem regressiva final.

Começou.

Pierce estava no palco, frio e competente. O set estava perfeito: limpo, desobstruído e levemente misterioso, com uma iluminação moderada. Todo de preto, ele era um bruxo do século XX, sem precisar de varas mágicas ou chapéus pontiagudos.

A água fluía entre suas palmas, o fogo disparava da ponta dos seus dedos. Ryan observava enquanto ele equilibrava Bess na ponta de um sabre, fazendo-a girar como um pão, retirando a espada em seguida com um floreio até que ela girasse sobre absolutamente nada.

Elaine flutuava sobre as chamas das tochas enquanto a platéia prendia a respiração. Pierce fechou-a numa bolha de vidro transparente, coberta com seda vermelha, e fez com que o objeto flutuasse três metros acima do palco. Oscilou levemente ao som da música de Link. Quando Pierce a trouxe para baixo e retirou a seda, Elaine era um cisne branco.

Ele variou suas ilusões — arrojadas, espetaculares e simplesmente belas. Controlava os elementos, desafiava a natureza e deixava todo mundo desnortado.

— Está tudo saindo como um sonho. — Ryan ouviu alguém dizer entusiasmado. — Vamos faturar alguns Emmys por esse. Trinta segundos, câmera dois. Meu Deus, esse cara é realmente bom!

Ryan saiu da cabine de controle e foi para os bastidores. Disse a si mesma que estava com frio porque o aparelho de ar-condicionado estava ligado na temperatura máxima. Estaria mais quente perto do palco. As luzes lá tinham um brilho quente, mas a pele dela permanecia fria. Ela assistia enquanto ele executava uma variação da ilusão de transporte que tinha usado em Las Vegas.

Ele não olhou na sua direção, mas Ryan sentiu que ele sabia que ela estava lá. Tinha de saber, porque os pensamentos dela estavam concentrados nele, inteiramente.

— Está indo bem, não está?

Ryan levantou os olhos e viu Link a seu lado.

— Sim, perfeito até agora.

— Gostei do cisne. É bonito.

— É.

— Talvez devesse ir ao camarim de Bess e se sentar — ele sugeriu, desejando que não tivesse uma aparência tão pálida e fria. — Poderia assistir na tevê lá dentro.

— Não. Não, vou ficar.

Pierce tinha um tigre sobre o palco, um felino esguio andando de um lado para o outro numa jaula dourada. Ele a cobriu com a mesma seda que usara na

bolha. Quando a removeu, Elaine estava enjaulada e o tigre havia desaparecido. Sabendo que era a última ilusão antes da fuga final, Ryan respirou fundo.

— Link.

Ela pegou sua mão, precisando de algo para se agarrar.

— Ele vai se sair bem, Ryan. — Ele deu um apertão nos dedos dela. — Pierce é o melhor.

O cofre menor foi trazido, sua porta escancarada enquanto ele era girado várias vezes para mostrar sua solidez. Ryan saboreou o travo de chumbo do medo. Não ouviu a explicação de Pierce para a platéia enquanto tinha as mãos e os pés algemados por um capitão do Departamento de Polícia de Los Angeles. Os olhos dela estavam grudados no rosto dele. Ela sabia que a parte mais profunda da mente dele já estava trancada dentro do cofre. Já estava trabalhando em sua fuga. Era a isso que se agarrava de modo tão firme quanto à mão de Link.

Ele mal coube no primeiro cofre. Seus ombros roçaram as laterais.

Ele não conseguirá se mover lá dentro, pensou ela com uma punhalada de pânico. Quando a porta se fechou, ela deu um passo na direção do palco. Link segurou-a pelos ombros.

— Não pode fazer isso, Ryan.

— Mas, pelo amor de Deus, ele não pode se mover. Não pode respirar!

Ela observou com horror crescente quando o segundo cofre foi trazido.

— Ele já se livrou das algemas — disse Link para acalmá-la, embora não tenha gostado de ver o cofre que mantinha Pierce suspenso e trancado dentro do segundo. — Ele deve estar abrindo a primeira porta agora — disse ele para confortar tanto a si mesmo quanto a Ryan. — Ele trabalha rápido. Você sabe. Você já viu.

— Oh, não.

O terceiro cofre fez o medo ficar quase fora do controle dela. Ela sentiu uma grande tontura e teria perdido o equilíbrio se as mãos de Link não a tivessem mantido ereta. O cofre maior engoliu os dois outros e ele, lá dentro. Foi fechado e aferrolhado. O dispositivo de tempo foi ajustado para meia-noite. Não havia como entrar pelo lado de fora agora.

— Quanto tempo? — murmurou ela. Os olhos dela estavam grudados no cofre e no dispositivo de tempo reluzente e complicado. — Quanto tempo faz desde que entrou?

— Dois minutos e meio. — Link sentiu uma gota de suor correr pelas suas costas. — Ele tem bastante tempo.

Ele sabia que os cofres se encaixavam tão próximos que as portas só podiam ser abertas o suficiente para uma criança passar engatinhando. Nunca

entendeu como Pierce conseguia torcer e dobrar seu corpo como fazia. Mas ele o tinha visto fazer isso. Diferentemente de Ryan, Link tinha visto Pierce ensaiar a fuga inúmeras vezes. O suor continuava a rolar pelas suas costas.

O ar estava rarefeito. Ryan mal conseguia inspirá-lo para os pulmões. Era como estava dentro do cofre, pensou entorpecida. Sem ar, sem luz.

— Tempo, Link!

Ela tremia como vara verde agora. O grandalhão parou de rezar para responder.

— Dois e cinquenta. Está quase terminando. Ele está no último agora.

Apertando as mãos, Ryan começou a contar os segundos na cabeça. O rugir nos seus ouvidos fez com que ela morderse o lábio firme. Nunca tinha desmaiado na vida, mas sabia que corria grande perigo de fazê-lo agora. Quando sua visão embaçou, ela comprimiu os olhos para desanuviá-la. Mas não conseguiu respirar. Pierce estava sem ar agora, e ela também. Num momento de histeria, pensou que sufocaria parada ali tão certamente quanto aconteceria com Pierce dentro dos três cofres.

Então ela viu a porta se abrir, ouviu o suspiro unificado de alívio da platéia antes da explosão de aplausos. Ele estava de pé no palco, úmido de suor e inspirando o ar.

Ryan desfaleceu novamente junto ao corpo de Link quando a escuridão encobriu os refletores. Ela perdeu a consciência por poucos segundos, voltando a si quando ouviu Link chamá-la.

— Ryan, Ryan, está tudo bem. Ele saiu. Ele está bem. Escorando-se em Link, ela balançou a cabeça para desanuviá-la, depois se virou e se afastou.

No momento em que as câmeras foram desligadas, Pierce desceu do palco.

— Onde está Ryan? — ele perguntou a Link.

— Ela saiu. — Ele viu um fio de suor descer pelo rosto de Pierce. — Ela estava muito transtornada. — Ele ofereceu a Pierce a toalha que estava segurando para ele. — Acho que talvez tenha desmaiado por um minuto.

Pierce não enxugou o suor, não sorriu como sempre fazia quando completava uma fuga.

— Aonde ela foi?

— Não sei. Acabou de sair.

Sem dizer uma palavra, Pierce foi à sua procura.

Ryan estava deitada no sol forte. Havia uma coceira no centro das suas costas, mas ela não se mexeu para coçá-la. Ficou parada e deixou o calor entranhar em sua pele.

Tinha passado uma semana a bordo do iate do pai ao largo da costa de St. Croix. Swan permitiu que fosse sozinha, como ela pediu, sem fazer perguntas

quando ela chegou na sua casa e lhe pediu um favor. Tinha feito os preparativos para ela, e ele mesmo a levava ao aeroporto. Ryan pensou depois que tinha sido a primeira vez que ele não a colocara numa limusine com um motorista e a despachado para pegar um avião sozinha.

Já havia vários dias que ela estava deitada ao sol, nadando e sem pensar em nada. Nem mesmo havia voltado ao seu apartamento após a gravação. Tinha chegado a St. Croix com a roupa do corpo. O que precisava, podia ser comprado na ilha. Não falava com ninguém, a não ser a tripulação, e não enviou mensagens de volta aos Estados Unidos. Por uma semana, simplesmente sumiu da face da Terra.

Ryan virou-se de costas e colocou os óculos de sol. Ela sabia que se não se forçasse a pensar a resposta que precisava lhe viria no devido tempo. Quando viesse, seria correta, e ela agiria com base nela. Até então, ela esperou.

Na sua sala de trabalho, Pierce embaralhou e cortou as cartas de tarô. Precisava relaxar. A tensão o estava corroendo.

Após a gravação, ele tinha procurado Ryan no prédio todo. Como ela não estava em nenhum lugar, ele quebrou uma de suas regras principais e abriu a fechadura do seu apartamento. Esperou-a até a manhã seguinte. Ela não voltou para casa. Isso o deixou enlouquecido, furioso. E deixou a fúria tomar conta dele, impedindo a dor de entrar. Raiva, a raiva indisciplinada que ele nunca se permitira, veio com toda a força. Link suportou o impacto do seu mau humor em silêncio.

Pierce levou dias para recobrar seu controle. Ryan se foi, e ele tinha que aceitar. Seu conjunto de regras o deixava sem escolha. Mesmo se soubesse onde encontrá-la, não poderia trazê-la de volta.

Na semana que passou ele não tinha trabalhado. Não teve forças. Sempre que tentava se concentrar, via apenas Ryan — sentia-a, saboreava-a. Era tudo que ele conseguia fazer aparecer. Tinha que achar seu caminho de volta. Sabia que se não encontrasse seu ritmo novamente logo estaria acabado.

Estava sozinho agora, já que Link e Bess estavam passando a lua-de-mel nas montanhas. Quando tinha recobrado um pouco do seu controle, insistiu para que eles realizassem seus planos. Mandou-os embora, esforçando-se para dar-lhes felicidade enquanto sua própria vida avultava-se um grande vazio à sua frente.

Era hora de voltar para a única coisa que havia deixado. E mesmo isso trazia um pouco de medo. Ele não tinha mais certeza de que possuía qualquer mágica.

Colocou as cartas de lado e levantou-se para preparar uma de suas ilusões mais complicadas. Não se testaria com nada simples. Mesmo quando começou a

treinar sua concentração e flexionar as mãos, levantava os olhos e a via.

Pierce fitava a imagem. Ela nunca tinha lhe aparecido tão nitidamente assim. Ele podia até ouvir seus passos quando ela atravessava a sala até o palco. Seu perfume chegou até ele primeiro e fez o sangue dele zunir. Ele se perguntou, de modo quase imparcial, se estava enlouquecendo.

— Olá, Pierce.

Ryan o viu pular de repente como se ela o tivesse acordado de um sonho.

— Ryan?

O nome dela nos lábios dele saiu suave, inquisitivo.

— A porta da frente não estava trancada, então entrei. Espero que não se importe.

Ele continuou a olhar para ela e não disse nada. Ela subiu os degraus do palco.

— Interrompi seu trabalho.

Ele seguiu seu olhar, olhou para o frasco de vidro nas mãos e os cubos coloridos sobre a mesa.

— Trabalho? Não... Tudo bem.

Ele largou o frasco. Não teria conseguido fazer o truque mais básico.

— Não vai levar muito tempo — disse-lhe Ryan com um sorriso. Ela nunca o havia visto desconcertado e tinha quase certeza de que nunca o veria assim novamente. — Há um novo contrato que precisamos discutir.

— Contrato? — repetiu ele, incapaz de tirar os olhos de cima dela.

— Sim, é por isso que vim.

— Entendo. — Ele queria tocá-la mas manteve as mãos sobre a mesa. Recusava-se a tocar o que não mais lhe pertencia. — Você está com uma boa aparência — ele conseguiu dizer, e ofereceu-lhe uma cadeira. — Onde esteve?

Saiu antes que ele pudesse impedir; foi quase uma acusação. Ryan apenas sorriu mais uma vez.

— Estive fora — disse ela simplesmente, e deu um passo à frente. — Pensou em mim?

Foi ele que recuou.

— Sim, pensei em você.

— Bastante?

A palavra saiu baixa enquanto ela caminhava na sua direção.

— Não faça isso, Ryan.

A voz dele tinha um tom defensivo e agudo enquanto ele caminhava para trás.

— Pensei bastante em você — ela continuou, como se ele não tivesse falado. — Constantemente, embora tentasse não fazê-lo. Você trabalha com

poções de amor, Pierce? Foi o que fez comigo? — Ela deu outro passo na sua direção. — Fiz muito esforço para odiá-lo, e mais ainda para esquecê-lo. Sua mágica é forte demais.

O perfume dela girou pelos seus sentidos até eles ficarem anuviados com a presença dela.

— Ryan, sou só um homem, e você é minha fraqueza. Não faça isso. — Pierce balançou a cabeça e apelou para o que restava de seu controle. — Tenho trabalho a fazer.

Ryan deu uma olhada na mesa e brincou com um dos cubos coloridos.

— Terá que esperar. Sabe quantas horas há numa semana? — perguntou, e sorriu para ele.

— Não. Pare com isso, Ryan.

O sangue estava invadindo a cabeça dele. O desejo estava ficando incontrolável.

— Cento e sessenta e oito — murmurou ela. — Muita coisa para compensar.

— Se eu tocá-la, não deixarei que se vá novamente.

— E se eu tocá-lo?

Ela colocou a mão no seu peito.

— Não faça isso — ele apressou-se em alertar. — Deveria ir embora enquanto ainda pode.

— Vai fazer aquela fuga de novo, não vai?

— Vou. Vou sim. — As pontas dos dedos dele estavam formigando, exigindo que ele a tocasse. — Ryan, pelo amor de Deus, vá embora.

— Você vai fazer de novo — ela prosseguiu. — E outras, provavelmente mais perigosas, ou pelo menos mais apavorantes, porque você é assim. Não foi o que me disse?

— Ryan...

— Foi por quem me apaixonei — disse ela com calma.

— Não sei por que achei que poderia ou deveria tentar mudar isso. Eu disse uma vez que você era exatamente o que eu queria. Era verdade. Mas acho que tive que aprender o que isso significava. Ainda me quer, Pierce?

Ele não respondeu, mas ela viu seus olhos escurecerem, sentiu seu coração acelerar sob sua mão.

— Posso ir embora e ter uma vida muito calma e tranqüila. — Ryan deu o último passo até ele. — É o que quer para mim? Eu o magoei tanto que me deseja uma vida de tédio insuportável? Por favor, Pierce — ela murmurou —, não vai me perdoar?

— Não há nada a perdoar. — Ele estava se afogando nos olhos dela por

mais que se esforçasse para não fazê-lo.

— Ryan, pelo amor de Deus! — Desesperado, ele retirou a mão dela do seu peito. — Não consegue ver o que está fazendo comigo?

— Sim, e estou muito feliz. Tinha medo de que realmente conseguisse me esquecer. — Ela deu um pequeno suspiro de alívio. — Vou ficar, Pierce. Não há nada que possa fazer a respeito. — Ela envolveu seu pescoço com os braços e sua boca estava a milímetros da dele. — Diga-me mais uma vez que quer que eu vá.

— Não. — Ele puxou-a para junto de si. — Não posso.

— A boca dele estava devorando a dela. A força fluiu para dentro de seu corpo novamente, quente e dolorida. Ele a comprimiu mais e sentiu sua boca reagir à selvageria da dele. — Muito tarde — ele murmurou. — Tarde demais. — A excitação estava queimando dentro dele. Ele não podia

abraçá-la próximo o bastante. — Não conseguirei deixar a porta aberta para você agora, Ryan. Compreende?

— Compreendo. Sim, compreendo. — Ela jogou a cabeça para trás, desejando ver seus olhos. — Mas estará fechada para você também. Vou providenciar para que essa fechadura você não consiga arrombar.

— Nada de fuga, Ryan. Para nenhum de nós. — E a boca dele estava sobre a dela mais uma vez, quente, desesperada. Ele sentiu-a ceder junto a ele enquanto a comprimia, mas as mãos dela estavam fortes e seguras sobre o corpo dele. — Eu amo você, Ryan — ele lhe disse mais uma vez, enquanto vagava pelo seu rosto e seu pescoço, enchendo-os de beijos. — Eu a amo. Perdi tudo quando você me deixou.

— Não o deixarei novamente. — Ela tomou seu rosto nas mãos para deter seus lábios errantes. — Errei em lhe pedir o que pedi. Errei em fugir. Não confiei o bastante.

— E agora?

— Eu amo você, Pierce, exatamente como você é.

Ele puxou-a para perto mais uma vez e pressionou a boca na sua garganta.

— Linda Ryan, tão pequena, tão suave. Meu Deus, como eu quero você. Venha para cima. Venha para a cama. Deixe-me amá-la de forma apropriada.

A pulsação dela martelou diante das palavras que ele pronunciou em tom baixo e irregular junto à sua garganta. Ryan respirou fundo e depois, colocando as mãos nos ombros dele, se afastou.

— Tem a questão do contrato.

— Pro inferno com os contratos — ele murmurou, e tentou puxá-la de volta.

— Oh, não. — Ryan afastou-se dele. — Quero isso resolvido.

— Já assinei seu contrato — ele lembrou-lhe impaciente. — Venha aqui.

— Este é novo — declarou ela, ignorando-o. — Um período vitalício exclusivo.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Ryan, não vou me atrelar à Swan Produções pelo resto da minha vida.

— Swan Produções, não — respondeu ela. — Ryan Swan.

A resposta irritada na ponta da sua língua não se materializou. Ela viu seus olhos mudarem, ficarem intensos.

— Que tipo de contrato?

— Individual, com cláusula de exclusividade e período vitalício.

Ryan engoliu em seco, perdendo um pouco da confiança que a tinha levado até esse ponto.

— Prossiga.

— É para começar imediatamente, com a condição de ser seguida de uma cerimônia de união legal na primeira ocasião oportuna. — Ela enlaçou os dedos. — Com uma disposição para a probabilidade de filhos. — Ela viu a testa de Pierce franzir, mas ele não disse nada. — Cujo número é negociável.

— Entendo — disse ele após um momento. — Existe uma cláusula de penalidade?

— Sim. Se tentar descumprir os termos, tenho a permissão de matá-lo.

— Muito razoável. Seu contrato é tentador, Srta. Swan. Quais são meus benefícios.

— Eu.

— Onde assino? — perguntou ele, tomando-a nos braços novamente.

— Bem aqui.

Ela deu um suspiro enquanto levantava a boca. O beijo foi suave, promissor. Ryan soltou um gemido e se aproximou mais.

— Essa cerimônia, Srta. Swan. — Pierce mordiscou seu lábio enquanto as mãos dele começaram a vagar. — O que considera a primeira ocasião oportuna?

— Amanhã de tarde. — Ela riu, e mais uma vez saiu de seus braços. — Não acha que vou lhe dar tempo de encontrar uma janela de fuga, acha?

— Vejo que encontrei alguém à altura.

— Com certeza — concordou ela, balançando a cabeça de modo afirmativo. — Tenho alguns truques na manga.

Ela pegou as cartas de tarô e surpreendeu Pierce ao abri-las em leque com certo êxito. Tinha praticado por vários meses.

— Muito bom. — Ele sorriu e foi até ela. — Estou impressionado.

— Não viu nada ainda — ela prometeu. — Escolha uma carta — ela lhe disse, com um riso nos olhos. — Qualquer carta.

FIM

Em busca do amor

Capítulo 1

A viagem de trem parecia não ter fim, e Serenity estava cansada. A discussão na noite anterior, com Tony, contribuíra para piorar sua disposição, além do longo vôo de Washington para Paris e, agora, as árduas horas no abafado trem, que a faziam trincar os dentes para bloquear seus gemidos. No todo, concluiu, pesarosa, ela era uma infeliz viajante.

A viagem tinha sido a desculpa para a batalha final entre Serenity e Tony, uma vez que seu relacionamento estava desgastado e fora de compasso havia semanas. A contínua recusa de Serenity de casar com Tony havia provocado várias pequenas discussões, mas ele a queria, e sua paciência parecia infinita. Até que ela anunciou a viagem que pretendia fazer e sua tolerância esgotou de vez, dando início à guerra.

— Você não pode sair correndo assim para a França para ver uma suposta avó que nunca soube que existia até algumas semanas atrás.

Tony andava de um lado para o outro. Sua agitação ficou óbvia pela maneira como ele deixou que suas mãos desmanchassem o bem arrumado cabelo louro.

— Não é França, é Bretanha — Serenity esclareceu. — E não faz diferença quando descobri que ela existia, sei agora.

— Essa senhora lhe escreve uma carta, dizendo que é sua avó e quer vê-la, e lá vai você. Assim. — Ele estava totalmente irritado. Ela sabia que a mente lógica de Tony era incapaz de compreender seu impulso, e ela havia se agarrado às rédeas de seu temperamento e tentado falar com calma.

— Ela é mãe da minha mãe, Tony, a única família que tenho, e pretendo vê-la. Sabe que estou fazendo planos para ir desde que a carta chegou.

—A senhora deixa passar 24 anos sem dizer uma palavra e agora, de repente, essa convocação urgente. — Ele tinha continuado a andar de um lado para o outro pela grande sala de teto alto antes de virar novamente para ela. — Por que seus pais nunca falaram dela? Por que ela esperou até eles morrerem para entrar em contato com você?

Serenity sabia que ele não tinha tido a intenção de ser cruel; não era da natureza de Tony ser cruel, era uma atitude simplesmente lógica. Sua mente de advogado lidava constantemente com fatos e números. Até mesmo poderia não perceber a lenta e mortal dor que permanecia, após dois meses, desde a repentina e inesperada morte de seus pais. Saber que as palavras dele não tinham intenção de magoar não a impediram de um ataque violento, e a discussão cresceu de proporção até Tony sair batendo o pé, deixando-a sozinha, fervendo de raiva e ressentida.

Agora, enquanto o trem cruzava a Bretanha, Serenity admitia que também tinha dúvidas. Por que sua avó, essa desconhecida Contesse Françoise de Kergallen, permanecera em silêncio por quase 25 anos? Por que sua encantadora, frágil, distinta e fascinante mãe jamais mencionara que tinha parentes na longínqua Bretanha? Nem mesmo seu pai, volátil, franco e direto como era, tampouco falara de laços do outro lado do Atlântico.

Eles tinham sido tão íntimos, refletiu Serenity com um suspiro de lembrança. Os três haviam feito tanta coisa juntos! Mesmo quando ela era criança, seus pais a levavam sempre que visitavam senadores, congressistas e embaixadores.

Jonathan Smith era um artista muito admirado. Um retrato criado por suas talentosas mãos era um precioso objeto. As pessoas da sociedade de Washington clamaram por suas obras por mais de 20 anos. Ele fora alvo de admiração e respeito, como homem e como artista; e o suave encanto e a graça de Gaëlle, sua esposa, tornaram o casal altamente requisitado no cenário da capital.

Quando Serenity cresceu, e suas habilidades artísticas naturais se expressaram, o orgulho de seu pai não conheceu limites. Eles desenharam e pintaram juntos, primeiro como professor e aluna, depois como homem e mulher, e se aproximaram ainda mais ao compartilharem o prazer da arte.

A pequena família havia tido uma existência idílica na elegante casa geminada em Georgetown, uma vida cheia de amor e risos, até o mundo de Serenity desmoronar à sua volta, com a queda do avião que levava seus pais à Califórnia. Era uma sensação absurda ter os pais mortos e ela continuar viva. Os cômodos de pé-direito alto não mais ecoavam a ribombante voz de seu pai, nem a suave risada de sua mãe. A casa estava vazia, a não ser pelas lembranças, que permaneciam como sombras em cada canto.

Nas primeiras duas semanas, Serenity não conseguiu suportar ver uma tela ou um pincel, nem a idéia de entrar no estúdio do terceiro andar onde ela e o pai tinham passado tantas horas, onde sua mãe entrava para fazê-los lembrar que até mesmo os artistas tinham de comer.

Quando ela, finalmente, reuniu coragem para subir a escada e entrar no cômodo iluminado pelo sol, descobriu, em vez do insuportável pesar, uma estranha paz curadora. A clarabóia deixava o recinto pela luz do sol, e as paredes retinham o amor e os risos que outrora existiram no local. Ela recomeçara a viver e pintar, e Tony tinha sido afável e gentil, ajudando-a a preencher o vazio deixado pelas perdas. Então, chegou a carta.

Agora havia deixado Georgetown e Tony para trás, na busca de sua parte que estava na Bretanha, de uma avó desconhecida. A estranha e formal carta que a trouxera da familiaridade das apinhadas ruas de Georgetown para o campo

bretão, pouco costumeiro, repousava em segurança numa bolsa de couro macio a seu lado. Não havia afeição na missiva, apenas fatos e um convite, mais parecia uma ordem régia, Serenity refletiu, um pouco chateada, um pouco se divertindo. Mas se seu orgulho tinha zombado da exigência, sua curiosidade, seu desejo de saber mais sobre a família da mãe tinha sucumbido. Com sua impulsividade e sua organização inata, ela preparou a viagem, trancou a querida casa em Georgetown e queimou as pontes de ligação com Tony.

O trem gemeu e rangeu em sinal de protesto ao arrastar-se para a estação em Lannion. Uma excitação incômoda persistia. O jet lag a invadiu quando Serenity pegou a bagagem de mão e foi para a plataforma, dando o primeiro olhar atento para o país nativo de sua mãe. Olhou à volta com olhos de artista, perdida por um momento na beleza simples e na mistura de cores suaves que compunham a Bretanha.

O homem observava sua concentração, com o pequeno sorriso brincando em seus lábios, e sua testa morena ergueu-se levemente em sinal de surpresa. Ele demorou-se ao examiná-la: uma figura alta e esguia como um salgueiro, num traje de viagem azul pálido, a saia macia flutuando em volta das longas pernas torneadas. A brisa suave passou dedos afáveis pelo seu cabelo iluminado pelo sol, jogando-o para trás para emoldurar o rosto oval de estrutura delicada. Os olhos, ele observou, eram grandes e arregalados, da cor do conhaque, contornados por pestanas espessas mais escuras que seus cabelos claros. Sua pele tinha uma aparência incrivelmente macia, lisa como alabastro, e a combinação dava uma aparência etérea: uma frágil e delicada orquídea. Ele logo descobriria que as aparências, freqüentemente, enganam. Aproximou-se dela devagar, de forma quase relutante.

— É *Mademoiselle* Serenity Smith? — perguntou, com um sotaque ligeiramente inglês.

Serenity assustou-se com o som da voz, tão absorta estava no campo que não percebeu sua aproximação. Jogou para trás um cacho de cabelo, virou a cabeça e pegou-se olhando para cima, muito mais alto do que era seu costume, para olhos castanho-escuros, com pesadas pálpebras.

— Sou — respondeu, imaginando por que aqueles olhos faziam com que ela se sentisse tão estranha. — O senhor é do castelo de Kergallen?

A leve elevação de uma das sobrancelhas escuras foi a única mudança na expressão.

— *Oui*, sou Christophe de Kergallen. Vim levá-la à condessa.

— De Kergallen? — repetiu ela com um pouco de surpresa. — Outro parente misterioso?

A sobrancelha permaneceu levantada, e lábios grossos e sensuais se

curvaram tão levemente como se fossem imperceptíveis.

— Pode-se dizer, *Mademoiselle*, que somos, de certa forma, primos.

— Primos — murmurou ela, enquanto eles examinavam um ao outro como dois boxeadores, fazendo uma avaliação mútua antes de um *round*.

O espesso cabelo bem preto caía de modo direto até o colarinho, e os olhos escuros, que permaneciam firmes, pareciam também quase tão pretos, contrastando com sua pele bronzeada. Seus traços eram pronunciados, como os de um falcão, um tanto assemelhado a um pirata, e ele exalava uma aura masculina que a atraía e repelia, ao mesmo tempo. Ela desejou imediatamente estar com seu bloco de desenho, imaginando se conseguiria captar sua virilidade aristocrática com o lápis, no papel.

O exame longo e minucioso que ela fez não o deixou perturbado, e ele continuou a olhar para ela com olhos frios e distantes.

— Suas malas serão entregues no castelo. — Ele curvou-se e pegou as malas que ela havia colocado na plataforma. — Se quiser me acompanhar, a condessa está ansiosa para vê-la.

Ele conduziu-a até um reluzente sedã preto, ajudou-a a acomodar-se no assento do passageiro e colocou as malas na parte de trás de modo tão frio e impessoal que Serenity sentiu-se tanto aborrecida quanto curiosa. Ele começou a dirigir em silêncio, e ela virou-se em seu assento e o examinou com puro atrevimento.

— E como — perguntou ela — somos primos?

Como devo chamá-lo?, ela se perguntou. *Monsieur? Christophe? Ei, você?*

— O marido da condessa, pai da sua mãe, morreu quando sua mãe era criança. — Ele começou a explicação com um tom educado e levemente entediado, e ela ficou tentada a lhe dizer para não se esforçar. — Vários anos depois, a condessa se casou com meu avô, o *Comte* de Kergallen, cuja esposa morreu e o deixou com um filho, meu pai. — Ele virou a cabeça e lançou-lhe um breve olhar. — Sua mãe e meu pai foram criados como irmão e irmã no castelo. Meu avô morreu, meu pai morreu, viveu o bastante para me ver nascer e morreu logo em seguida, num acidente de caça. Minha mãe sofreu por ele por três anos e depois se uniu a ele no túmulo da família.

A história tinha sido recitada de forma distante, sem emoção, e a compaixão que Serenity normalmente teria sentido pela criança que havia ficado órfã não se materializou. Ela observou seu perfil de falcão por mais um instante.

— Então, isso faz de você o atual *Comte* de Kergallen e meu primo por meio do casamento.

Mais uma vez, um breve e negligente olhar.

— *Oui*.

— Não posso lhe dizer como os dois fatos me emocionam — declarou ela com uma perceptível ponta de sarcasmo na voz.

A sobancelha dele se levantou mais uma vez, ao se virar para ela, que pensou por um instante ter detectado uma risada iluminando os olhos frios e escuros. Concluiu que estava errada, segura que o homem sentado ao seu lado não tinha rido.

— Conheceu minha mãe? — perguntou ela quando o silêncio aumentou.

— *Oui*. Tinha oito anos quando ela abandonou o castelo.

— Por que ela foi embora? — perguntou Serenity, virando-se para ele com os olhos cor de âmbar olhando diretamente.

Ele torceu a cabeça e olhou para ela de modo igualmente direto, e ela foi assaltada por seu poder antes que ele retornasse a atenção para a estrada.

— A condessa irá lhe contar o que ela deseja que saiba.

— O que ela deseja? — perguntou Serenity de forma explosiva, enraivecida com a oposição deliberada. — Vamos nos entender, primo. Tenho plena intenção de descobrir exatamente por que minha mãe saiu da Bretanha e por que passei minha vida sem saber nada sobre minha avó.

Com movimentos lentos e descontraídos, Christophe acendeu um charuto, soltando a fumaça lentamente.

— Não há nada que eu possa lhe contar.

— Quer dizer — corrigiu ela, estreitando os olhos — que não há nada que *vai* me contar.

Os ombros largos dele se encolheram de modo puramente gaulês, e Serenity virou-se para olhar pela janela, copiando seu movimento com a versão americana, não percebendo o leve sorriso que brincou em sua boca diante de seu gesto.

Eles continuaram a viagem com um silêncio intermitente, com Serenity fazendo ocasionais perguntas sobre a paisagem, Christophe respondia em tom monossilábico e educado, sem fazer esforços para estender a conversa. O sol dourado e o céu limpo poderiam ter sido suficientes para acalmar o ânimo afetado pela viagem, mas a frieza contínua dele foi maior que o dom da natureza.

— Para um conde da Bretanha — observou ela com falsa delicadeza após ser poupada de mais duas sílabas —, o senhor fala inglês de forma notável.

O sarcasmo saiu dele como uma brisa de verão, e sua resposta foi levemente condescendente.

— A condessa também fala inglês muito bem, *Mademoiselle*. Os criados, entretanto, falam apenas francês ou bretão. Se ficar em apuros, basta pedir ajuda a mim ou à condessa.

Serenity inclinou o queixo e virou seus lindos olhos dourados para ele com

desdém.

— *Ce n'est pas nécessaire, Monsieur le Comte. Je parle bien le Français.*

Uma das sobranceiras levantou-se em harmonia com os lábios dele.

— *Bon* — respondeu ele, em francês também. — Isso tornará sua visita menos complicada.

— O castelo é muito longe ainda? — perguntou ela, continuando a falar francês. Ela estava com calor, amarelecida e cansada. Devido à longa viagem e à mudança de tempo, parecia estar em algum tipo de veículo há dias e desejava uma banheira cheia de água quente e espuma.

— Estamos em terra dos Kergallen há algum tempo, *Mademoiselle* — respondeu ele, com os olhos ainda na estrada tortuosa. — O castelo não está muito distante.

O carro seguia lentamente para uma área mais alta. Serenity fechou os olhos para a dor de cabeça que começara a latejar em sua têmpora esquerda e teve um desejo de que sua avó morasse num local menos complicado, como Idaho ou Nova Jersey. Quando abriu os olhos novamente, todas as dores, a fadiga e as reclamações desapareceram como uma névoa no sol quente.

— Pare! — gritou ela, voltando a falar inglês, inconscientemente colocando a mão sobre o braço de Christophe.

O castelo era soberbo, grandioso e solitário: um imenso edifício de pedra de outro século, com torres em forma de tambores e muros com ameias, um telhado cônico irradiando uma luz quente e cinzenta em contraste com um céu azul-celeste. As janelas eram muitas, altas e estreitas, refletindo a luz minguante com uma miríade de cores. Era antigo, arrogante, confiante, e Serenity se apaixonou imediatamente.

Christophe viu a surpresa e o prazer registrados em seu rosto desprotegido, sua mão ainda quente e leve sobre seu braço. Um cacho perdido de cabelo tinha caído sobre sua testa, e ele esticou o braço para jogá-lo para trás, contendo-se antes de tocá-la e olhando perturbado para sua própria mão.

Serenity estava envolvida demais com o castelo para notar seu movimento, já planejando que ângulos usaria para os desenhos, imaginando o fosso que podia ter circundado o castelo em algum momento do passado.

— É fabuloso — disse por fim, virando-se para seu acompanhante. Apressou-se em retirar a mão de seu braço, imaginando como ela pôde ter chegado lá. — É como algo saído de um conto de fadas. Quase posso ouvir o som de trombetas, ver os cavaleiros usando armadura e as damas usando vestidos flutuantes e chapéus altos e pontiagudos. Existe um dragão nas redondezas?

Ela sorriu para ele, com o rosto iluminado e incrivelmente atraente.

— Não, a menos que se leve em conta Marie, a cozinheira — respondeu ele, abaixando a barreira de educação e frieza por um momento e permitindo-lhe um rápido vislumbre do sorriso largo e conciliatório que fazia com que ele parecesse mais jovem e acessível.

Então, *afinal de contas, ele é humano*, ela concluiu. Mas enquanto sua pulsação saltava em reação ao sorriso repentino, ela percebeu que, como humano, ele era infinitamente mais perigoso. Quando seus olhos se encontraram e mantiveram o contato, ela teve a estranha sensação de estar totalmente a sós com ele, sendo o resto do mundo apenas um cenário enquanto eles permaneciam sozinhos numa solidão particular e encantada, parecendo que Georgetown estava a uma vida de distância.

O estranho extremamente educado logo tomou o lugar da companhia encantadora, e Christophe retomou o trajeto em silêncio, ainda mais distante e frio após o breve interlúdio amistoso.

Preste atenção, Serenity, ela alertou-se. Sua imaginação está fugindo ao controle de novo. Este homem sem dúvida não é para você. Por alguma razão desconhecida, ele nem mesmo gosta de você, e um rápido sorriso não faz com que deixe de ser um aristocrata frio e condescendente.

Christophe parou o carro numa enorme entrada redonda, próximo a um pátio de lajes, com muros baixos de pedra cobertos com flox. Ele desceu do carro de forma graciosa, rápida e ágil, e Serenity o copiou antes que ele tivesse dado a volta para ajudá-la, tão encantada com a atmosfera de livro de histórias que não percebeu a carranca que se formou em seu semblante com sua atitude. Ele pegou seu braço, conduziu-a pelos degraus de pedra até uma porta maciça de carvalho e, puxando uma reluzente maçaneta de bronze, inclinou a cabeça numa ligeira reverência e fez sinal para que ela entrasse.

O hall de entrada era imenso. O chão tinha sido polido até ficar como um espelho, e era recoberto com primorosos tapetes feitos à mão. As paredes eram cobertas com painéis e tapeçarias, amplas e coloridas, incrivelmente antigas. Um grande cabide de pé e um aparador, ambos de carvalho, reluzentes, cadeiras de carvalho com assentos trabalhados à mão, e o aroma de flores frescas tornavam a sala atraente, o que lhe parecia estranhamente familiar. Era como se ela soubesse o que esperar quando tivesse cruzado a soleira para entrar no castelo, e a sala parecia reconhecê-la e acolhê-la.

— Alguma coisa errada? — perguntou Christophe, notando sua expressão de confusão.

Ela balançou a cabeça com um leve tremor.

— *Déjà vu* — murmurou, e virou-se para ele. — É muito estranho, sinto como se tivesse estado bem aqui antes.

— Ela parou de repente, assustada, antes de acrescentar:
— Com você. — Deu um suspiro profundo e fez um movimento agitado com os ombros. — É muito estranho.
— Então você a trouxe, Christophe.

Serenity afastou-se dos olhos castanhos repentinamente intensos para observar a aproximação de sua avó.

La Comtesse de Kergallen era alta e quase tão esguia quanto Serenity. Seu cabelo era de um branco puro e brilhante, repousando como nuvens em volta de um rosto pronunciado e angular que desafiava a rede de rugas que a idade havia colocado sobre ele. Os olhos eram claros, de um azul penetrante, sob sobrelanceiras bem arqueadas, e ela se conduzia de forma régia, como alguém que sabe que mais de dez décadas não tinham feito sua beleza esmaecer.

*Esta mulher não é nenhuma Mother Hubbard,** Serenity pensou rapidamente. *Esta senhora é uma condessa até a ponta dos dedos.*

*** Refere-se a uma personagem de canção infantil. (N. do T.)**

Os olhos examinaram Serenity devagar, por inteiro, e ela observou um instante de emoção cruzar o rosto angular antes de tornar-se mais uma vez fleumático e distante. A condessa estendeu a mão com belas formas e cheia de anéis.

— Bem-vinda ao Castelo de Kergallen, Serenity Smith. Sou *Madame la Comtesse* Françoise de Kergallen.

Serenity apertou a mão estendida, imaginando de modo divertido se deveria beijá-la e fazer reverência. O aperto foi breve e formal — nada de abraços afetuosos nem sorrisos de boas-vindas. Ela engoliu a desilusão e falou com igual formalidade.

— Obrigada, *Madame*. Fico feliz em estar aqui.

— Deve estar cansada depois da viagem — declarou a condessa. — Eu mesma vou levá-la ao seu quarto. — Parou no patamar, olhou rapidamente para trás e viu Christophe observando-a com o rosto vincado por uma carranca de dúvida. Ele não se esforçou para livrar-se dela e desviar o olhar, e Serenity virou rapidamente e correu atrás da condessa, que se retirava.

Elas percorreram um corredor longo e estreito com lustres de bronze colocados em intervalos nas paredes, substituindo, ela imaginou, as possíveis tochas. Quando a condessa parou em uma das portas, ela virou-se mais uma vez para Serenity, e após fazer outro rápido exame em sua neta abriu a porta e fez sinal para que entrasse.

O quarto era grande, espaçoso, mas, de alguma maneira, guardava um ar de delicada graça. Os móveis eram de cerejeira brilhante, e uma grande cama de quatro colunas e dossel dominava o quarto. A colcha de seda era bordada com

pontos que provavelmente tinham levado muito tempo para serem feitos. Uma lareira de pedra estava alojada na parede em frente ao pé da cama, com um console talhado e ornado, uma coleção de frágeis miniaturas refletidas no grande espelho acima dela. Uma extremidade da sala era curva e espelhada, uma cadeira estofada perto da janela convidava a sentar e apreciar a vista, de tirar o fôlego.

Serenity sentiu a incontrolável atração do lugar, uma aura de amor e felicidade, a suave elegância presente.

— Este era o quarto de minha mãe.

Mais uma vez, o rápido jogo de emoções bruxuleou como uma vela numa corrente de ar.

— *Oui*. A própria Gaelle o decorou quando tinha 16 anos.

— Obrigado por reservá-lo para mim, *Madame*. — Mesmo a resposta fria não pôde dispersar o calor que o quarto lhe trouxe, e ela sorriu. — Vou me sentir muito junto dela durante minha estada.

A condessa simplesmente balançou a cabeça de modo afirmativo e apertou um pequeno botão ao lado da cama.

— Bridget irá preparar seu banho. Suas malas chegarão logo, e ela providenciará para que sejam desfeitas. Jantamos às oito, a menos que queira comer alguma coisa agora.

— Não, obrigada, Condessa — respondeu Serenity, começando a se sentir como uma hóspede num hotel bem administrado. — Às oito está bem.

A condessa caminhou até o vão da porta.

— Bridget lhe levará até a sala de visitas após ter descansado. Servimos coquetéis às sete e meia. Se houver qualquer coisa que deseje, basta chamar.

A porta se fechou, Serenity respirou fundo e desabou na cama.

Por que vim?, ela se perguntou, fechando os olhos para uma onda repentina de solidão. *Devia ter ficado em Georgetown, ficado com Tony, ficado com o que eu conseguia compreender. O que estou buscando aqui?* Deu um longo suspiro, lutou contra a depressão que se acercava e examinou o quarto mais uma vez. *O quarto da minha mãe*, ela se lembrou, e sentiu as mãos tranquilizantes do consolo. *Isso é algo que consigo entender.*

Foi até a janela e viu o dia suavizar-se no crepúsculo, o sol emitindo a última chama brilhante antes de render-se ao sono. Uma brisa agitou o ar, e as poucas nuvens espalhadas se deslocaram com ela, rolando preguiçosamente pelo céu que escurecia.

Um castelo numa montanha na Bretanha! Balançou a cabeça diante da idéia, ajoelhou-se sobre o assento da janela e assistiu o nascer da noite. *Onde Serenity Smith se encaixa nisso?* Em algum lugar. Ela franziu as sobrancelhas diante da sensação que veio de dentro do seu coração. *De alguma forma, este é o meu*

lugar, ou de parte de mim. Senti no momento que vi aquelas incríveis paredes de pedra, e, mais uma vez, quando entrei no hall. Empurrando o sentimento para as profundezas de seu cérebro, ela se concentrou em sua avó.

Ela, certamente, não estava deslumbrada com o encontro, Serenity concluiu, com um sorriso pesaroso. Ou, talvez, fosse apenas a formalidade européia que a tinha feito parecer tão fria e distante. Sequer parece razoável que ela me convidaria para vir se não quisesse me ver. Acho que esperei mais porque desejava mais. Ela levantou os olhos e permitiu que eles caíssem devagar. *A paciência nunca foi uma de minhas virtudes, mas acho que é melhor desenvolvê-la. Talvez, se minha saudação na estação tivesse sido um pouco mais calorosa...* A rejeição dela reapareceu quando repassou a atitude de Christophe.

Poderia jurar que ele gostaria de ter me colocado de volta no trem no minuto que me viu. Depois, aquela irritante conversa no carro. A insatisfação aumentou, e ela deixou de se concentrar na silenciosa obscuridade do crepúsculo. *Ele é um homem bastante frustrante.* E ela acrescentou, com sua irritação suavizando e assumindo um ar pensativo: *O epítome de um conde bretão. Talvez seja por isso que ele tenha me afetado de modo tão forte.* Repousando o queixo na palma da mão, ela se lembrou da sensação que tremeluzira entre eles quando ficaram sentados sozinhos na prolongada sombra do castelo. *Ele é diferente de qualquer outro homem que já conheci: elegante e vital ao mesmo tempo. Existe uma potência ali, uma virilidade escondida dentro da sofisticação.* Poder. A palavra piscou em seu cérebro, aproximando suas sobranceiras. Sim, ela admitiu com uma relutância que não conseguia entender bem, *existe poder ali, e uma essência de autoconfiança.*

Do ponto de vista de um artista, ele é um estudo notável. Ele me atrai como artista, ela disse a si mesma, *certamente não como mulher. Uma mulher teria de ser louca para se envolver com um homem desses. Completamente louca,* ela repetiu para si, *de modo firme.*

Capítulo 2

O espelho oval com moldura dourada refletia uma mulher de cabelo loiro esguia. O vestido longo e de decote alto num tom silencioso de "cinzas e rosas" dava um fulgor à sua pele cremosa, deixando braços e ombros desnudos. Serenity viu os olhos cor de âmbar da imagem, ficou olhando para eles e suspirou. Estava quase na hora de descer e de novo encontrar sua avó — a condessa régia e reservada — e seu primo, o conde formal e estranhamente hostil.

Suas malas tinham sido desfeitas enquanto ela deleitava-se com o banho preparado pela empregada bretã pequena e morena. Bridget tinha desfeito as malas e guardado as roupas, timidamente a princípio, depois tagarelando e fazendo comentários sobre as peças enquanto as pendurava no armário grande ou as colocava na antiga cômoda. A amizade simples tinha sido um traço marcante em relação à atitude dos membros de sua família. A estranha sensação que a envolvera ao entrar no castelo, a rígida e formal recepção de sua avó e a forte reação física de seu primo distante tinham se juntado para deixá-la estranhamente nervosa e insegura. Ela viu-se desejando, mais uma vez, que Tony a tivesse persuadido e ela tivesse permanecido entre as coisas e as pessoas que conhecia e compreendia.

Deu um suspiro profundo, endireitou os ombros e levantou o queixo. Não era uma colegial ingênua para ficar estupefata com castelos e formalidade excessiva, lembrou-se. Era Serenity Smith, filha de Jonathan e Gaelle Smith, e manteria a cabeça erguida e lidaria com condes e condessas.

Bridget bateu de leve na porta e Serenity seguiu-a pelo estreito corredor e iniciou sua descida pela escada em curva, cheia de confiança.

— *Bonsoir, Mademoiselle* Smith. — Christophe saudou-a com sua costumeira formalidade quando ela pisou no último degrau, e Bridget saiu rápido, sem atrapalhar.

— *Bonsoir, Monsieur* Smith — respondeu Serenity, igualmente formal, quando eles mais uma vez se examinaram de perto.

O terno preto dava certa aparência satânica aos seus traços aquilinos, os olhos escuros tinham um brilho preto intenso, a pele, em contraste com o preto e o branco imaculado da camisa, tinha a cor acobreada do crepúsculo. Se havia piratas em sua linhagem, Serenity concluiu, eles eram elegantes — e, mais ainda, enquanto os olhos dele permaneciam sobre ela, provavelmente, eram muito bem-sucedidos em todos os aspectos das atividades do ofício.

— A condessa nos espera na sala de estar — ele anunciou, quando já havia

olhado o suficiente e com um charme inesperado lhe ofereceu o braço.

A condessa observou quando eles entraram na sala: o homem alto e insolente e a mulher esguia e de cabelos dourados, um contraste perfeito. Um casal de incrível beleza, ela refletiu, um casal que faria com que as cabeças virassem onde eles fossem.

— *Bonsoir*, Serenity, Christophe. — Ela os saudou, regamente resplandecente num vestido azul-safira, com diamantes disparando fogo de sua garganta. — *Mon apéritif*, Christophe, *s'il te plaît*. E para você, Serenity?

— Vermute, obrigada, *Madame* — respondeu ela, com o sorriso artificial para ocasiões sociais nos lábios.

— Espero que tenha tido um bom descanso — disse a condessa quando Christophe lhe passou a pequena taça de cristal.

— Sim, muito bom, *Madame*. — Ela virou-se para pegar o vinho oferecido. — Eu... — As palavras sem sentido que ela estava prestes a dizer pararam na garganta quando o retrato atraiu sua atenção. O rosto era um espelho do seu. Com exceção do comprimento da leve névoa dourada do cabelo caindo até os ombros e os olhos de um azul profundo em vez da cor âmbar, o retrato era Serenity: o rosto oval e delicado com cavidades interessantes, a boca cheia e bem proporcionada, a beleza frágil e difícil de descrever de sua mãe, reproduzida em óleo 25 anos antes.

O trabalho de seu pai — Serenity descobriu isso imediatamente, sem qualquer dúvida. As pinceladas, o uso das cores, a técnica gritavam que era Jonathan Smith com tanta certeza como se ela tivesse lido a pequena assinatura em um canto inferior. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela piscou, afastando o véu que emergia. Ver o retrato tinha trazido seus pais por um momento, e ela ficou com uma profunda sensação de calor e de fazer parte de algo que ela estava aprendendo a viver.

Continuou a examinar a pintura, absorvendo sem os detalhes do trabalho do pai: as dobras do vestido branco como ostra que pareciam flutuar numa brisa oculta, os rubis nas orelhas de sua mãe, um contraste forte de cor, com a pedra novamente presente no anel do dedo. Durante o exame, alguma coisa incomodava seu subconsciente, algum pequeno detalhe fora de lugar, que se recusava a deixar sua consciência, e ela permitiu que ele desaparecesse, de forma gradual, e simplesmente vivenciou.

— Sua mãe era uma mulher muito bonita — a condessa comentou após algum tempo, e Serenity respondeu distraidamente, ainda envolvida pelo olhar reluzente de amor e felicidade nos olhos de sua mãe.

— Sim, ela era. É surpreendente como mudou pouco desde que meu pai pintou isso. Com quantos anos ela estava?

— Mal havia completado 20 — respondeu a condessa, com um tom refinado aproximando-se do lacônico. — Você reconheceu o trabalho de seu pai imediatamente.

— Claro — concordou Serenity sem perceber o tom e, virando-se, sorriu com um calor humano sincero. — Como filha e colega de pintura, reconheço seu trabalho tão rapidamente quanto sua caligrafia. — Ela olhou o retrato mais uma vez e fez um gesto com sua mão fina e de dedos longos. — Foi pintado há 25 anos e ainda respira vida, quase como se os dois estivessem bem aqui nesta sala.

— Sua semelhança com ela é muito forte — observou Christophe, enquanto dava pequenos goles no vinho em seu lugar próximo ao console da lareira, captando a atenção dela de forma tão completa como se tivesse colocado as mãos sobre ela. — Fiquei bastante impressionado quando você desceu do trem.

— Com exceção dos olhos — disse a condessa antes que Serenity pudesse formar um comentário adequado. — Os olhos são dele.

Não havia como não perceber a amargura que vibrava na sua voz, e estreitando os olhos para examinar a condessa, Serenity girou, enquanto a saia de seu vestido a seguiu, preguiçosamente.

— Sim, *Madame*, tenho os olhos do meu pai. Isso a desagrada?

Os ombros elegantes se mexeram em sinal de rejeição, e a condessa levantou a taça e deu um gole.

— Meus pais se conheceram aqui no castelo? — perguntou Serenity, levando a paciência além do limite. — Por que eles foram embora e nunca voltaram? Por que nunca me falaram de vocês?

Olhando de sua avó para Christophe, ela encontrou dois rostos frios e sem expressão. A condessa tinha levantado um escudo, e Serenity sabia que Christophe ajudaria a mantê-lo. Ele não lhe diria nada; qualquer resposta deveria vir da condessa. Ela abriu a boca para falar de novo quando foi interrompida pelo gesto de uma mão cheia de anéis.

— Logo falaremos sobre isso. — As palavras foram ditas como um decreto real quando a condessa se levantou da cadeira. — Agora vamos jantar.

A sala de jantar era enorme, mas Serenity chegara à conclusão que tudo era enorme no castelo. Tetos altos com vigas, cujas alturas se pareciam com as de uma catedral, e as paredes escuras de lambris, cujas janelas altas eram emolduradas por cortinas de veludo, da cor de sangue. Uma lareira grande o bastante para ficar de pé sozinha dominava uma parede inteira, e ela pensou que, quando acesa, devia ser um espetáculo impressionante. Um candelabro pesado iluminava a sala, com seus cristais tremendo num reluzente arco-íris de cores no majestoso conjunto de carvalho escuro.

A refeição começou com uma consistente sopa de cebola, saborosa,

afrancesada, e o trio manteve uma conversa educada durante o prato de entrada. Serenity olhou para Christophe, intrigada contra sua vontade com sua fisionomia morena e bonita e a insolente postura.

Ele certamente não gosta de mim, concluiu, com um confuso franzir de sobrancelhas. *Não gostou de mim no momento em que me viu. Por quê? Esqueceu o assunto e começou a comer o salmão com creme. Talvez ele não goste de mulheres em geral.* Examinando-o rapidamente, os olhos dele encontraram-se com os dela, com um força equiparável a uma tempestade elétrica, e o coração dela pulou de repente, como se tentasse escapar de seu peito. *Não*, ela corrigiu rapidamente, afastando os olhos dos dele e examinando o vinho branco transparente em sua taça, *ele não odeia mulheres; aqueles olhos são cheios de conhecimento e experiência. Tony nunca fez com que eu reagisse assim.* Ela levantou a taça e bebeu com determinação. *Ninguém jamais me fez reagir assim.*

— Stevan — ordenou a condessa —, *du vin pour Mademoiselle.*

A ordem da condessa para o criado que estava sempre por perto trouxe Serenity de volta de suas contemplações.

— *Mais non, merci. C'est was.*

— Fala francês muito bem para uma americana, Serenity — observou a senhora. — Fico feliz por sua educação ter sido completa, mesmo naquele país bárbaro.

O desdém nas últimas palavras foi tão afrontoso que Serenity não teve certeza se deveria sentir-se insultada ou divertir-se com a desfeita à sua nacionalidade.

— Aquele país "bárbaro", *Madame* — disse ela secamente —, chama-se Estados Unidos, e é quase civilizado hoje em dia. Ora, passamos quase semanas sem ataques indígenas.

A cabeça orgulhosa levantou-se de forma imperiosa.

— Não há necessidade para impudência, minha jovem.

— É mesmo? — perguntou Serenity com um sorriso irônico. — Estranho, tinha certeza que havia.

Ela levantou a taça de vinho e viu, para sua surpresa, os dentes brancos de Christophe brilharem em contraste com sua pele morena num sorriso rápido e largo.

— Pode ter a aparência gentil de sua mãe — observou a condessa —, mas tem a língua de seu pai.

— Obrigada. — Ela olhou para os olhos azul-claros balançando a cabeça em sinal de confirmação. — Nos dois sentidos.

A refeição terminou. A conversa pôde voltar aos assuntos gerais. E se o

interlúdio assumiu o aspecto de trégua, Serenity ainda se debatia quanto à razão para a guerra. Eles foram, mais uma vez, para a sala de estar principal. Christophe relaxou numa cadeira bem estofada girando o conhaque servido após o jantar enquanto a condessa e Serenity bebiam café em frágeis xícaras de porcelana.

— Jean-Paul le Goff, o noivo de Gaelle, conheceu Jonathan Smith em Paris. — A condessa começou a falar sem preâmbulo, e a xícara de Serenity parou no seu trajeto até os lábios, enquanto seus olhos dispararam até o rosto angular. — Ele ficou muito surpreso com o talento de seu pai e pediu que ele pintasse o retrato de Gaelle como presente de casamento.

— Minha mãe foi noiva de outro homem antes de se casar com meu pai? — perguntou Serenity, largando a xícara com muito cuidado.

— *Oui*. O noivado tinha sido acertado entre a família há anos; Gaelle estava contente com o combinado. Jean-Paul era um bom homem, de boa formação.

— Então, era para ser um casamento arranjado?

A condessa afastou a sensação de repugnância de Serenity fazendo um gesto com a mão.

— É um velho costume e, como eu disse, Gaelle estava satisfeita. A chegada de Jonathan Smith ao castelo mudou tudo. Se eu estivesse mais alerta, teria reconhecido o perigo, os olhares entre eles, os rubores no rosto de Gaelle quando o nome de Jonathan era falado.

Françoise de Kergallen suspirou fundo e olhou para o retrato da filha.

— Nunca imaginei que Gaelle faltaria com sua palavra, desgraçaria a honra da família. Ela sempre foi uma filha doce e obediente, mas seu pai a deixou cega para sua obrigação. — Os olhos azuis passaram do retrato para a imagem viva. — Eu não tinha conhecimento do que havia ocorrido entre eles. Como sempre fizera antes, ela não me confidenciava nada, não buscava meus conselhos. No dia em que o retrato foi concluído, Gaelle desmaiou no jardim. Quando insisti em chamar um médico, ela me disse que não havia necessidade, que não estava doente, mas sim grávida.

A condessa parou de falar, e o silêncio se espalhou como um manto pesado pela sala.

— *Madame* — disse Serenity, quebrando o silêncio em tom claro e sereno —, se está tentado chocar minha sensibilidade me dizendo que fui concebida antes de meus pais se casarem, devo desapontá-la. Acho isso irrelevante. Os dias de apedrejamento e marcas de ferro em brasa já passaram, no meu país pelo menos. Meus pais se amavam; se eles expressaram seu amor antes ou depois de trocarem votos não me diz respeito.

A condessa recostou-se na cadeira, entrelaçou os dedos e examinou Serenity

atentamente.

— É muito sincera, *n'est-ce pas?*

— Sim, sou. — Ela olhou direto para a condessa. — No entanto, tento impedir que minha sinceridade cause danos.

— *Touché* — murmurou Christophe, e as sobrancelhas brancas arqueadas se ergueram um pouco antes de a condessa voltar sua atenção a Serenity.

— Sua mãe se casou um mês antes de você ser concebida.

— A declaração foi feita sem alteração de expressão. — Eles se casaram em segredo numa pequena capela em outro vilarejo, pretendendo guardar o fato para si até que seu pai conseguisse levar Gaëlle para os Estados Unidos com ele.

— Entendo. — Serenity recostou-se, com um leve sorriso. — Minha existência trouxe as coisas à tona um pouco antes do esperado. E o que fez *Madame* quando descobriu que sua filha tinha se casado e carregava o filho de um artista desconhecido?

— Eu a reneguei. Disse aos dois que deixassem minha casa. Daquele dia em diante, não tinha filha. — As palavras foram ditas rapidamente, como se fosse para se livrar de um fardo não mais tolerável.

Um pequeno som de angústia escapou da boca de Serenity, e seus olhos voaram na direção de Christophe e encontraram um muro branco sem expressão. Ela se levantou devagar, e assaltada por uma dor profunda e dando as costas para a avó olhou o sorriso suave no retrato de sua mãe.

— Não fico surpresa por eles a terem colocado fora da vida deles e mantido fora da minha. — Ela girou de volta, confrontou a condessa, cujo rosto permanecia impassível, sendo a palidez de seu rosto a única evidência de emoção.

— Sinto muito pela senhora, *Madame*. Furtou-se de uma grande felicidade. Foi a senhora que ficou isolada e sozinha. Meus pais tiveram um amor profundo e envolvente, e a senhora se enclausurou no orgulho e na honra ferida. Ela a teria perdoado; se a conhecia um pouco, então sabe disso. Meu pai a teria perdoado pelo bem dela, pois ele não conseguia negar nada a minha mãe.

— Perdoar-me? — Um grande rubor tomou conta da palidez, e a raiva abalou a voz refinada. — De que me serve o perdão de um simples ladrão e de uma filha que traiu sua herança?

Os olhos cor de âmbar se incendiaram como chamas douradas contra o rosto corado, e Serenity encobriu sua fúria com a frieza.

— Ladrão? *Madame* está dizendo que meu pai a roubou?

— *Oui*, ele me roubou. — Sua voz estava dura e intensa, tal como os olhos. — Ele não ficou satisfeito de roubar minha filha, uma filha que eu amava mais que a vida. Adicionou ao fruto do roubo a *Madonna*, de Raphael, que tinha

pertencido à minha família por várias gerações. Ambas não tinham preço. Ambas insubstituíveis. Perdidas para um homem que eu tolamente recebi em minha casa e em quem confiei.

— Um Raphael? — repetiu Serenity, levando uma das mãos até a têmpora, confusa. — Está insinuando que meu pai roubou um Raphael? Deve estar louca.

— Não estou insinuando nada — corrigiu a condessa, levantando a cabeça como uma rainha prestes a pronunciar uma sentença. — Estou afirmando que Jonathan Smith levou tanto Gaëlle quanto a *Madonna*. Ele foi muito esperto. Sabia que era minha intenção doar a pintura ao Louvre, e se ofereceu para limpá-la. Confiei nele. — O rosto angular tornou-se mais uma vez uma máscara implacável de serenidade. — Ele explorou minha confiança, cegou minha filha para o cumprimento de sua obrigação e saiu do castelo com meus dois tesouros.

— É mentira! — vociferou Serenity, com a raiva crescendo dentro dela com a força de um tsunami. — Meu pai nunca roubaria, jamais! Se perdeu sua filha, foi por causa do seu próprio orgulho, sua própria cegueira.

— E o Raphael? — A pergunta foi feita suavemente, mas soou na sala e ecoou nas paredes.

— Não tenho idéia do que aconteceu com seu Raphael.

— Seus olhos passaram da mulher rígida para o homem impassível, e ela se sentiu muito sozinha. — Meu pai não o levou; ele não era ladrão. Nunca fez nada desonesto na vida.

— Ela começou a andar de um lado para o outro da sala, lutando contra o impulso de gritar e estilhaçar o muro de compostura deles. — Se tinha tanta certeza que ele estava com sua preciosa pintura, por que não o mandou prender? Por que não provou?

— Como eu disse, seu pai era muito esperto — replicou sua avó. — Ele sabia que eu não envolveria Gaëlle em tamanho escândalo, não importando se ela havia me traído. Com ou sem consentimento, ele era seu marido, o pai da criança que ela carregava. Ele estava seguro.

Serenity parou de caminhar de um lado para o outro e se virou, furiosa, com uma expressão incrédula.

— Acha que ele se casou com ela por segurança? Não tem idéia do que eles tiveram. Ele a amava mais que a vida, mais do que cem quadros de Raphael.

— Quando descobri o sumiço do Raphael — continuou a senhora, como se Serenity não tivesse falado —, procurei seu pai e exigi uma explicação. Eles já estavam se preparando para partir. Quando o acusei de levar o Raphael, vi a troca de olhares entre eles: o homem em quem tinha confiado e minha filha. Vi que ele havia levado o quadro, e Gaëlle sabia que ele era um ladrão, e o defendia contra mim. Ela se traiu, traiu a família e o país.

O discurso terminou com um murmúrio cansado, um breve espasmo de dor surgindo no rosto tenso e controlado.

— Já falou disso o bastante esta noite — declarou Christophe, e levantou-se para servir o conhaque, entregando um copo à condessa e murmurando algo em bretão.

— Eles não o levaram.

Serenity aproximou-se da condessa, mas foi interceptada pela mão de Christophe no seu braço.

— Não vamos mais falar disso agora.

Ela livrou o braço com um puxão e descarregou toda sua fúria sobre ele.

— Não vai me impedir quando eu quiser falar! Não vou tolerar que meu pai seja rotulado de ladrão! Diga-me, *Monsieur le Comte*, se ele o levou, onde está? O que ele fez com ele?

A sobrancelha de Christophe elevou-se, e seus olhos continuaram olhando nos dela, sendo o significado de seu olhar claro demais. A cor de Serenity desapareceu e voltou num instante, enquanto sua boca se abriu impotente antes de engolir em seco e falar num tom calmo e distinto.

— Se eu fosse homem, vocês iriam pagar por insultarem meus pais e a mim.

— *Alors, Mademoiselle* — respondeu ele balançando a cabeça de leve —, sorte minha por não ser.

Serenity virou-se da zombaria em seu tom e dirigiu-se à condessa, que estava sentada assistindo sua conversa em silêncio.

— *Madame*, se mandou me chamar porque acreditava que eu talvez soubesse do paradeiro do seu Raphael, vai ficar desapontada. Não sei de nada. Por outro lado, eu mesma estou desapontada, porque lhe procurei pensando em encontrar um laço de família, outro elo com minha mãe. Nós duas temos que aprender a viver com nossas decepções.

Ela se virou e saiu da sala sem sequer olhar para trás. Fechou a porta do quarto com força, pegou as malas no armário e jogou-as sobre a cama. Com a cabeça girando numa fúria quase incoerente, começou a retirar as roupas penduradas com capricho do armário e jogá-las perto das malas abertas num acesso de raiva.

— Vá embora! — gritou ela com intensa grosseria quando bateram na porta, depois se virou e poupou Christophe de um olhar furioso e letal quando ele ignorou a ordem.

Ele levantou as sobrancelhas ao vê-la fazendo as malas e fechou a porta sem fazer barulho.

— Então, *Mademoiselle*, está indo embora.

— Dedução perfeita. — Ela jogou uma blusa cor-de-rosa claro sobre a

grande montanha na sua cama e continuou a ignorá-lo.

— Sábia decisão — declarou ele, enquanto ela continuava de costas para ele. — Teria sido melhor se não tivesse vindo.

— Melhor? — repetiu ela, virando-se de frente para ele enquanto a raiva que esquentava lentamente começou a ferver. — Melhor para quem?

— Para a condessa.

Ela avançou na sua direção lentamente, estreitando os olhos como se estivesse se preparando para uma batalha, xingando mentalmente sua vantagem de altura.

— A condessa me convidou para vir. Intimou — ela corrigiu, aumentando o tom um pouco. — Intimar é mais preciso. Como ousa ficar aí parado e falar comigo como se eu tivesse pisado em terreno sagrado? Eu nunca soube que a mulher existia até a carta dela chegar, e estava muito feliz em minha ignorância.

— Teria sido mais prudente se a condessa a tivesse deixado em sua felicidade.

— Isso, *Monsieur le Comte*, é um brilhante exemplo de uma descrição atenuada dos fatos. Fico feliz por compreender que eu poderia ter lutado a vida toda sem jamais conhecer quaisquer dos meus parentes bretões.

Serenity virou-se e descarregou sua raiva sobre as inocentes roupas.

— Talvez vá descobrir que a luta continua simples uma vez que as relações serão breves.

— Quer que eu saia, não quer? — Ela se virou e sentiu o último fio de dignidade partir. — Quanto mais rápido, melhor. Deixe-me lhe dizer uma coisa, *Monsieur le Comte* de Kergallen, prefiro acampar ao lado da estrada que aceitar sua graciosa hospitalidade. Pegue. — Ela jogou uma saia comprida e florida na direção dele. — Por que não me ajuda a fazer as malas?

Ele se abaixou, pegou a saia e colocou-a sobre uma elegante cadeira estofada, enquanto seus modos frios e controlados enfureciam Serenity mais ainda.

— Mandarei Bridget para ajudá-la. — O tom penetrante de sua educação fez com que Serenity olhasse rapidamente em busca de algo sólido para arremessar nele. — Realmente parece que precisa de ajuda.

— Não ouse mandar ninguém! — gritou ela quando ele se virou em direção à porta, e ele se voltou para ela mais uma vez, inclinando a cabeça diante da ordem.

— Como quiser, *Mademoiselle*. A condição de suas vestimentas é assunto apenas seu.

Detestando sua formalidade imaculada, Serenity viu-se forçada a provocá-lo.

— Providenciarei para que minhas malas sejam feitas, primo, quando decidir partir. — Deliberadamente, ela se virou e pegou uma peça de roupa do monte. — Afinal, talvez mude de idéia e fique por um ou dois dias. Ouvi dizer que a região rural da Bretanha tem muito charme.

— É seu privilégio permanecer, *Madeimoiselle*. — Captando o leve toque de aborrecimento no seu tom de voz, Serenity achou imperativo sorrir em sinal de vitória. — No entanto, não recomendaria, nas atuais circunstâncias.

— Não? — Os ombros dela encolheram-se leve e elegantemente, e ela inclinou o rosto na direção do dele em tom de provocação. — Isso é mais um estímulo para permanecer. — Ela viu que tanto suas palavras quanto suas ações tinham provocado uma reação quando os olhos dele escureceram de raiva. A expressão dele, porém, permaneceu calma e serena, e ela se perguntou qual seria a forma de seu gênio mau quando e se ele o liberasse.

— Deve fazer como desejar, *Mademoiselle*. — Ele a surpreendeu ao encurtar a distância entre eles e segurar sua nuca com os dedos fortes. Com o toque, ela percebeu que seu temperamento não estava muito abaixo da superfície como ela havia imaginado. — No entanto, talvez não ache sua visita tão confortável quanto gostaria.

— Sou bem capaz de lidar com o desconforto. Tentando se soltar, ela descobriu que a mão a mantinha imóvel com pouco esforço.

— Talvez, mas o desconforto não é algo que uma pessoa inteligente busca. — A educação do sorriso de Christophe foi mais arrogante que um escárnio, e Serenity enrijeceu e esforçou-se para se afastar mais uma vez. — Eu teria dito que possuía inteligência, *Mademoiselle*, e não sabedoria.

Determinada a não se render ao medo que crescia lentamente, Serenity manteve os olhos e a voz livre de emoções.

— Minha decisão de ir ou ficar não é algo que precise discutir com o senhor. Vou pensar até amanhã e fazer os preparativos adequados de manhã. É claro que posso ser acorrentada a uma parede na masmorra.

— Uma alternativa interessante. — O sorriso dele tornou-se tanto zombeteiro quanto divertido enquanto os dedos dele apertaram de leve antes de finalmente soltá-la. — Vou pensar até amanhã. — Ele foi até a porta, fazendo uma pequena reverência enquanto girava a maçaneta. — E fazer os preparativos adequados de manhã.

Frustrada por ter sido manobrada, Serenity atirou um sapato na almofada da porta que se fechou quando ele saiu.

Capítulo 3

O silêncio acordou Serenity. Ela abriu os olhos e ficou olhando sem compreender para o quarto iluminado pelo sol antes de se lembrar onde estava. Sentou-se na cama e ficou ouvindo. O silêncio, a profunda e rica qualidade do silêncio, quebrado apenas pelo canto ocasional de um pássaro. Um silêncio que carecia dos ruídos alvoroçados e pulsantes da cidade, e ela decidiu que gostava dele.

Um pequeno relógio sofisticado sobre a escrivaninha de cerejeira informava que eram quase 6 horas, então ela se recostou por um momento no luxo de travesseiros e lençóis elegantes e afogou-se na preguiça. Embora sua mente estivesse apinhada de fatos e acusações que sua avó tinha revelado, o cansaço da longa viagem teve precedência, e ela dormiu instantânea e profundamente, estranhamente em paz na cama que outrora fora de sua mãe. Agora, fitava o teto e repassava a noite anterior mais uma vez em detalhes.

A condessa era amarga. Todas as camadas da compostura artificial não conseguiam disfarçar a amargura, ou, Serenity admitiu, a dor. Mesmo por meio de sua própria raiva ela vislumbrara a dor. Embora tivesse banido a filha, ela guardara o retrato, e talvez, Serenity concluiu, a contradição significasse que o coração não era tão duro quanto o orgulho.

A atitude de Christophe, porém, ainda a deixava em ponto de ebulição. Parecia que ele havia pairado acima dela como um juiz tendencioso, pronto para condená-la sem julgamento. *Bem, ela determinou, tenho meu próprio orgulho e não vou me abaixar e encolher enquanto o nome de meu pai é enlameado e minha cabeça é posta na guilhotina. Sei jogar o jogo da polidez fria também. Não vou correr para casa como um cachorrinho ferido, vou ficar bem aqui.*

Olhando para a luz do sol que entrava, ela deu um suspiro profundo.

— *C'est un nouveau jour, Maman* — disse em voz alta. E saindo da cama caminhou até a janela. O jardim se espalhava abaixo dela como um precioso presente. — Vou dar um passeio no jardim, Maman, e mais tarde vou fazer um esboço da sua casa. — Ela suspirou e pegou o roupão. — Então, talvez eu e a condessa possamos chegar a um acordo.

Tomou banho e se vestiu rapidamente, escolhendo um vestido com estampas em tons pastel, que deixava seus braços e seus ombros expostos. O castelo permanecia num silêncio tranquilo quando ela caminhou até o andar principal e saiu para o calor da manhã de verão.

Estranho, ela refletiu, virando num grande círculo, como é estranho não ver outra construção, carros nem mesmo outro ser humano. O ar estava fresco e

levemente perfumado, e ela respirou fundo, consumindo-o antes de começar a dar a volta no castelo no caminho para o jardim.

Era ainda mais surpreendente de perto do que tinha sido da janela do quarto. Flores viçosas explodiam numa profusão de cores, aromas se misturando e mesclando em uma única fragrância exótica, ao mesmo tempo picante e doce. Havia uma variedade de caminhos que cortavam os arranjos bem tratados, lajes lisas captando o sol matinal e mantendo seu brilho na superfície. Ela escolheu um caminho aleatoriamente e passeou com satisfação, gozando da solidão, enquanto o artista dentro dela divertia-se no turbilhão de tons e formas.

— *Bonjour, Mademoiselle.* — Uma voz profunda interrompeu o silêncio, e Serenity se virou, assustada com a intrusão em suas contemplações solitárias. Christophe aproximou-se dela lentamente, alto e esguio. Seus movimentos fizeram com que ela se lembrasse de um dançarino russo arrogante que ela conhecera numa festa em Washington. Gracioso, confiante e muito másculo.

— *Bonjour, Monsieur le Comte.*

Ela não desperdiçou um sorriso, mas o saudou com cuidadosa cordialidade. Ele estava vestido de forma casual, com um blusão camurça e jeans marrons, elegante, e se ela tivesse sentido a brisa do bucaneiro antes, agora estava presa na tempestade.

Ele estendeu o braço até ela e olhou para baixo com seu meticuloso exame habitual.

— É madrugadora. Acredito que dormiu bem.

— Muito bem, obrigada — respondeu ela, com raiva por ter que combater não só a animosidade mas também a atração. — Seus jardins são bonitos e muito atraentes.

— Tenho inclinação pelo que é bonito e atraente.

Os olhos dele estavam diretos, o castanho-escuro sufocando o âmbar, até que ela não conseguiu respirar, abaixando os olhos do poder dos dele.

— Oh, bem, olá. — Eles estavam falando em francês, mas ao ver o cachorro nos calcanhares de Christophe, Serenity voltou ao inglês. — Qual é o nome dele?

Ela se agachou para acariciar o pêlo espesso e macio.

— Korrigan — ele disse, olhando para sua cabeça curvada enquanto o sol fluía para baixo, formando um halo de cachos claros.

— Korrigan — ela repetiu, encantada com o cachorro e esquecendo seu aborrecimento com seu dono. — Qual é a raça?

— Spaniel bretão.

Korrigan começou a retribuir sua afeição com leves lambidas no rosto liso. Antes que Christophe pudesse mandar o cachorro parar, Serenity riu e envolveu

o pescoço macio do animal.

— Eu devia saber. Tive um cachorro uma vez; ele me seguiu até em casa. — Ele olhou para cima e sorriu quando Korrigan continuou a acariciá-la com a língua molhada.

— Na verdade, eu o encorajei bastante. Dei-lhe o nome de Leonardo, mas o meu pai o chamava de Horrível, e foi o nome que pegou. Não havia banho nem escova que melhorasse sua sujeira inerente.

Quando ela foi se levantar, Christophe estendeu a mão para ajudá-la a pôr-se de pé. Seu aperto foi firme e perturbador. Verificando o impulso de afastar-se dele, ela se soltou e continuou a caminhar.

— Vejo que está mais calma. Achei surpreendente que um temperamento tão perigoso exista dentro de uma casca tão frágil.

— Infelizmente está errado. — Ela virou a cabeça, lançando-lhe um olhar breve mas direto. — Não quanto ao temperamento, mas quanto a fragilidade. Sou realmente bem determinada e não facilmente afetada.

— Talvez ainda não tenha sido testada — respondeu ele, e ela dedicou sua atenção a um arbusto cheio de rosas.

— Decidiu ficar por um tempo?

— Sim, decidi — ela admitiu, e virou-se para olhar para ele diretamente —, embora tenha a nítida impressão que preferiria não ter decidido isso.

Os ombros dele encolheram-se de forma eloqüente.

— *Mais, non, Mademoiselle*. Pode ficar quanto tempo quiser.

— Seu entusiasmo me impressiona — murmurou Serenity.

— *Pardon?*

— Nada. — Dando um suspiro rápido, ela inclinou a cabeça e lançou um olhar confiante. — Diga-me, *Monsieur*, não gosta de mim porque acha que meu pai era um ladrão, ou é pessoal?

A expressão fria e resoluta não se alterou ao olhar para ela.

— Lamento ter lhe dado tal impressão. *Mademoiselle*, meus modos devem ser responsáveis por isso. Tentarei ser mais educado.

— Às vezes é tão educado que beira a grosseria — vociferou ela, perdendo o controle e batendo o pé em estado de exasperação.

— Talvez ache a grosseria mais do seu gosto?

A sobancelha dele se levantou enquanto ele julgou o temperamento dela com total indiferença.

— Oh! — Ela se virou e esticou o braço com raiva para colher uma rosa. — O senhor me enfurece! Droga! — ela xingou quando um espinho espetou seu polegar. — Agora veja o que me fez fazer. — Levou o dedo à boca e olhou furiosa.

— Minhas desculpas — respondeu Christophe, com um ar zombeteiro nos olhos. — Foi muito indelicado de minha parte.

— O senhor é arrogante, condescendente e formal — acusou Serenity, sacudindo os cachos.

— E você é mal-humorada, mimada e teimosa — replicou ele, estreitando o olhar e cruzando os braços.

Eles fitaram um ao outro por um momento. Seu verniz de educação sumiu, permitindo que ela vislumbrasse o homem impiedoso e excitante que havia debaixo do revestimento friamente distante.

— Bem, parece que temos excelentes opiniões mútuas após um relacionamento tão curto — ela observou, colocando de volta os cachos que estavam fora do lugar. — Se nos conhecermos melhor, ficaremos loucamente apaixonados.

— Conclusão interessante, *Mademoiselle*.

Com uma leve reverência, ele se virou e rumou de volta ao castelo. Serenity sentiu uma perda inesperada porém tangível.

— Christophe — gritou ela por impulso, querendo inexplicavelmente melhorar as coisas entre eles. Ele se virou de novo, com a sobancelha levantada em tom inquisitivo, e ela deu um passo na sua direção. — Não podemos simplesmente ser amigos?

Ele olhou em seus olhos por um longo tempo, um olhar tão profundo e intenso que ela sentiu que ele a despia até a alma.

— Não, Serenity, infelizmente nunca seremos apenas amigos.

Ela viu sua silhueta alta e ágil se afastar a passos largos, tendo o spaniel mais uma vez nos seus calcanhares.

Uma hora depois, Serenity estava reunida com sua avó e Christophe no café-da-manhã, com a condessa fazendo as perguntas de costume sobre como ela havia passado a noite. A conversa foi correta, porém pouco inspirada, e Serenity sentiu que a senhora estava fazendo um esforço para aliviar a tensão provocada causada pelo confronto da noite anterior. Talvez, Serenity concluiu, não fosse considerado apropriado discutir enquanto se comia *croissants*. *Como somos surpreendentemente civilizados!* Suprimindo um sorriso irônico, ela refletiu sobre a atitude de seus companheiros.

— Vai querer conhecer o castelo, Serenity, *n'est ce pas*? Levantando os olhos enquanto largava o creme, a condessa mexeu o café com as unhas perfeitamente pintadas.

— Sim, *Madame*, gostaria de fazer isso — concordou Serenity com o sorriso esperado. — Gostaria de fazer alguns esboços do castelo pelo lado de fora depois, mas adoraria ver o interior primeiro.

— *Mais, oui.* Christophe — disse ela, dirigindo-se ao homem moreno que bebericava lentamente o café —, temos que acompanhar Serenity pelo castelo esta manhã.

— Nada me daria maior prazer, *Grandmére* — concordou ele, colocando a xícara de volta ao pires de porcelana.

— Mas lamento que estarei ocupado esta manhã. O novo touro que importamos está para chegar e devo supervisionar seu transporte.

— Ah, o gado. — A condessa suspirou e mexeu os ombros. — Pensa demais sobre o gado.

Foi a primeira declaração espontânea que Serenity notou e pegou-a imediatamente.

— Vocês criam gado?

— Sim — Christophe confirmou, olhando em seus olhos inquiridores. — A criação de gado é o negócio do castelo.

— É mesmo? — perguntou ela com surpresa exagerada.

— Achei que os Kergallen não se importavam com assuntos tão mundanos. Imaginei que apenas se sentavam e contavam seus servos.

Os lábios dele se curvaram um pouco e ele balançou a cabeça de leve.

— Apenas uma vez por mês. Os servos costumam ser altamente prolíficos.

Ela viu-se rindo dentro dos seus olhos. Depois, quando seu sorriso rápido em sinal de resposta martelou um alerta no seu cérebro, ela prestou atenção ao próprio café.

Por fim, a condessa acompanhou Serenity em seu *tour* pelo enorme castelo, explicando um pouco de sua história enquanto se deslocavam de um cômodo surpreendente para o outro.

O castelo tinha sido construído no fim do século XVII, e por ter pouco menos de 300 anos não era considerado velho pelos padrões bretões. O castelo em si e as propriedades ao redor tinham sido passados de geração em geração ao primogênito, e embora algumas modernizações tivessem sido feitas, ele permanecia basicamente o mesmo de quando o primeiro *Comte* de Kergallen passou com sua noiva sobre a ponte levadiça. Para Serenity, era a essência de um encanto perdido e atemporal, e a afeição e o encantamento imediato que ela sentiu à primeira vista apenas cresceram com as explorações.

Na galeria de retratos, ela viu o fascínio moreno de Christophe reproduzido ao longo dos séculos. Embora variasse de geração em geração, o orgulho inveterado permanecia, a postura aristocrática, o ar de mistério difícil de ser definido. E parou em frente a um antepassado do século XVIII cuja semelhança era tão surpreendente que ela deu um passo à frente para fazer um exame mais de perto.

— Acha Jean-Claud interessante, Serenity? — perguntou a condessa, seguindo seu olhar. — Christophe é muito parecido com ele fisicamente, *n'est-ce pas?*

— Sim, é notável. — Os olhos, ela decidiu, eram confiantes demais e vivos demais, e, a menos que ela estivesse muito equivocada, a boca tinha conhecido muitas mulheres.

— Ele tem a reputação de ter sido um pouco, uh, *sauvage*

— ela continuou, com um toque de admiração. — Diz-se que contrabando era seu passatempo; ele era um homem do mar. Corre a história de que, uma vez, quando estava na Inglaterra, enamorou-se de uma mulher daquele país e, não tendo a paciência para um longo noivado formal e à moda antiga, ele a raptou e a trouxe para o castelo. Casou-se com ela, é claro; ela está ali. — Ela apontou para um retrato de uma garota inglesa com a pele rosada, de cerca de 20 anos.

— Ela não parece infeliz.

Com este comentário, ela desceu o corredor, deixando Serenity fitando o rosto sorridente de uma noiva raptada.

O salão de baile era enorme. A parte do outro lado estava aberta com janelas com estruturas de chumbo que ampliavam o espaço. Outra parede era inteiramente espelhada, refletindo os brilhantes prismas do trio de candelabros que lançavam sua reluzente luz como estrelas silenciosas a partir do teto de vigas altas. Cadeiras coloniais de espaldar duro com elegantes assentos de tapeçaria, estrategicamente dispostas, à disposição daqueles que simplesmente desejassem observar os casais girando pelo pavimento extremamente lustrado. Ela pensou se Jean-Claud tinha dado um baile de casamento para sua esposa sabina*, e decidiu que, sem dúvida, ele havia promovido a festa.

*** Referência ao povo sabino que habitou a região do Lácio antes da fundação de Roma. Diz a lenda que os romanos seqüestravam as mulheres a fim de povoar a cidade recém-construída. (N. do T.)**

A condessa levou Serenity por outro corredor estreito até uma escadaria de pedra íngreme, subindo em espiral até a torre mais alta. Embora o cômodo em que entraram estivesse vazio, Serenity imediatamente emitiu um grito de prazer, indo até o centro e olhando em volta como se ele estivesse cheio de tesouros. Era grande e ventilado, completamente circular, e as janelas altas permitiam que a luz do sol que entrava beijassem cada centímetro de espaço. Sem fazer esforço, ela se imaginou no local, pintando por várias horas, em abençoada solidão.

— Seu pai usou este cômodo como seu estúdio — a condessa informou, com a rigidez de volta à voz, e Serenity interrompeu suas fantasias e se virou para olhar para a avó.

— *Madame*, se for seu desejo que eu permaneça aqui por um tempo,

devemos chegar a um acordo. Se não conseguirmos, não terei escolha a não ser partir. — Ela manteve a voz firme e controlada, ligeiramente educada, mas os olhos traíram a batalha com o temperamento. — Amava muito meu pai, como amava minha mãe. Não tolerarei o tom que usa quando fala dele.

— É costume no seu país uma jovem dirigir-se aos mais velhos de tal modo?

A cabeça régia estava erguida. O temperamento estava igualmente aparente.

— Posso falar apenas por mim, *Madame* — respondeu ela, ficando ereta no fulgor da luz do sol. — E não sou de opinião que idade signifique sabedoria. Nem sou hipócrita o bastante para fingir concordar enquanto insulta um homem que amei e respeitei acima de todos os outros.

— Talvez fosse mais prudente se deixássemos de falar de seu pai enquanto estiver conosco.

O pedido foi uma ordem inequívoca, e Serenity ficou furiosa.

— Pretendo mencioná-lo, *Madame*. Pretendo descobrir exatamente o que aconteceu com a *Madonna* de Raphael e limpar a mancha negra que colocou em seu nome.

— E como pretende fazer isso?

— Não sei — respondeu ela —, mas farei. — Andando de um lado para o outro do recinto, ela espalhou as mãos de modo inconsciente num gesto completamente francês. — Talvez esteja escondido no castelo; talvez outra pessoa o tenha levado. — Ela virou-se contra a senhora com uma fúria repentina. — Talvez o tenha vendido e colocado a culpa em meu pai.

— Está me insultando! — retrucou a condessa, com seus olhos azuis chispando fogo.

— A senhora rotula meu pai de ladrão e diz que *eu* a estou insultando? — replicou Serenity, combatendo fogo com fogo. — Conheci Jonathan Smith, condessa, e ele não era ladrão, mas não conheço a senhora.

A condessa olhou fixamente para a jovem, furiosa, em silêncio por um longo tempo, enquanto as chamas azuis morriam e eram substituídas por consideração.

— É verdade — ela reconheceu com uma inclinação de cabeça. — Não me conhece, e não a conheço. E, se somos estranhos, não posso colocar a culpa na sua cabeça. Nem posso culpá-la pelo que aconteceu antes de nascer.

Ela foi até uma janela e ficou olhando para fora, em silêncio.

— Não mudei minha opinião sobre seu pai — disse ela por fim, e virando-se levantou uma das mãos para silenciar a réplica automática de Serenity. — Mas não tenho sido justa no que se refere à sua filha. Vem até minha casa, uma estranha, a meu pedido, e eu a tenho acolhido tão mal. Por tudo isso, peço

desculpas. — Os lábios dela se curvaram num pequeno sorriso. — Se concordar, não falaremos do passado até nos conhecermos.

— Muito bem, *Madame* — concordou Serenity, sentindo que tanto o pedido quanto as desculpas eram uma espécie de bandeira branca.

— Tem um coração mole que acompanha um espírito forte — a senhora observou, com um toque de aprovação em seu tom de voz. — É uma boa combinação. Mas também perde a paciência muito rápido, *n'est-ce pas?*

— *Evidemment* — admitiu Serenity.

— Christophe também é dado a explosões repentinas de mau gênio e raiva — a condessa lhe informou, numa repentina mudança de assunto. — Ele é forte e teimoso, e requer uma esposa de força semelhante, mas com um coração mole.

Serenity ficou olhando confusa diante da declaração ambígua de sua avó.

— Ela tem minha compaixão — ela começou a dizer e estreitou os olhos quando uma pequena semente de dúvida começou a brotar. — *Madame*, o que tem as necessidades de Christophe a ver comigo?

— Ele chegou na idade em que um homem precisa de uma mulher — declarou a condessa de forma simples. — E você já passou da idade em que a maioria das mulheres está bem casada e criando uma família.

— Sou apenas metade bretã — afirmou ela, distraída por um momento. Seus olhos se arregalaram de surpresa. — Certamente não... Não está pensando que eu e Christophe...? Oh, que ridículo! — Ela gargalhou, um som denso e cheio que ecoou no recinto vazio. — *Madame*, sinto desapontá-la, mas o conde não gosta de mim. Não gostou de mim no momento em que colocou os olhos sobre mim, e sou forçada a admitir que não gosto muito dele também.

— O que tem gostar a ver com isso? — perguntou a condessa, afastando as palavras com as mãos.

A risada de Serenity se desfez, e ela balançou a cabeça, incrédula, quando se deu conta de tudo.

— Já falou com ele sobre isso?

— *Oui, d'accord* — concordou a condessa tranqüilamente. Serenity fechou os olhos, quase inundada de humilhação e fúria.

— Não admira que ele tenha se ressentido de mim assim que me viu — entre isso e pensar o que ele pensa do meu pai!

Ela afastou-se da avó e depois retornou, com justificada indignação.

— A senhora ultrapassa seus limites, *Comtesse*. O tempo de casamentos arranjados já passou, há muito tempo.

— Poof! — Foi uma exclamação desdenhosa. — Christophe é dono do seu nariz para concordar com qualquer coisa arranjada por outra pessoa, e vejo que você é voluntariosa demais para fazê-lo. Mas — um sorriso lento formou um

vinco no rosto angular enquanto Serenity olhava com olhos arregalados e incrédulos — você é encantadora, e Christophe é um homem atraente e viril. Talvez a natureza, como é, seguirá seu curso.

Serenity só conseguiu olhar de boca aberta para o rosto calmo e inescrutável.

— Venha. — A condessa deslocou-se tranqüilamente em direção à porta. — Existem mais coisas para você ver.

Capítulo 4

A tarde estava quente, e Serenity estava quase em ponto de ebulição. A indignação havia migrado de sua avó para Christophe, e quanto mais ela fervia, mais a indignação se dirigia a ele.

Aristocrata convencido e intolerável!, ela enfureceu-se. O lápis percorria o bloco de forma violenta enquanto ela esboçava as torres em forma de tambor do castelo. *Preferiria casar com Átila, o huno, que estar presa àquele camponês de pescoço duro!* Ela quebrou o silêncio do meio-dia com uma risada curta. *Madame, provavelmente, está imaginando dezenas de minicondes e minicondessas brincando no pátio e crescendo para levar adiante a linha imperial no melhor estilo bretão.*

Que lugar maravilhoso para se criar filhos, ela pensou, parando o lápis e com os olhos se enternecendo. *É tão limpo, tranquilo e bonito!* Um grande suspiro encheu o ar, e ela recomeçou. Depois, percebendo que ele tinha sido emitido de seus próprios lábios, franziu as sobrancelhas, furiosa. *La Comtesse Serenity de Kergallen*, disse, de forma silenciosa, e franziu as sobrancelhas com mais sentimento ainda. *Este será o dia!*

Um movimento captou sua atenção, e ela virou a cabeça, olhando contra o sol com os olhos apertados, e viu Christophe se aproximar. Seus passos eram longos e seguros, e ele cruzou o gramado num ritmo fácil de membros e músculos. *Ele anda como se fosse o dono do mundo*, ela observou, meio admirada, meio ressentida. Quando chegou, o ressentimento havia se tornado evidente.

— Você! — ela cuspiu sem qualquer preâmbulo, levantando-se da moita macia de grama e ficando de pé como um anjo esguio e vingativo, dourado e reluzente.

Os olhos dele se estreitaram diante do seu tom, mas sua voz permaneceu fria e controlada.

— Alguma coisa a incomoda, *Mademoiselle*?

O gelo na sua voz apenas insuflou o fogo da raiva, e a dignidade foi abandonada.

— Sim, estou incomodada! Sabe muito bem que estou incomodada! Por que é que não me contou sobre essa idéia ridícula da condessa?

— Ah. — As sobrancelhas se levantaram, e os lábios se curvaram num sorriso sardônico. — *Alors, Grandmère* lhe informou sobre os planos para nossa felicidade conjugal. E quando, minha amada, vamos anunciar as proclamas do casamento?

— Seu convencido... — disse ela, incapaz de inventar um insulto apropriado. — Sabe o que pode fazer com suas proclamas do casamento! Não o desafiaria em uma aposta!

— *Bon* — respondeu ele inclinando a cabeça. — Então, estamos finalmente de pleno acordo: não desejo me prender a uma fedelha de língua afiada. Quem quer que a tenha batizado de Serenity, teve pouca visão.

— É o homem mais detestável que já conheci! — disse ela furiosa, estando seu temperamento em contraste direto com a fria compostura dele. — Não suporto vê-lo.

— Então decidiu encurtar sua visita e retornar para os Estados Unidos?

Ela inclinou o queixo e balançou a cabeça lentamente.

— Ah, não, *Monsieur le Comte*, vou permanecer bem aqui. Tenho razões para ficar que superam meus sentimentos pelo senhor.

Os olhos escuros se tornaram fendas quando ele examinou seu rosto.

— Parecia que a condessa tinha adicionado alguns francos para torná-la mais simpática.

Serenity o fitou perplexa até entender o significado de suas palavras, que roubou sua cor e escureceu seus olhos. Sua mão girou e o atingiu com plena força num tapa sonoro e ardente, e então ela girou nos calcanhares e começou a correr para o castelo. As mãos duras cravaram-se em seus ombros e fizeram com que ela se virasse, comprimindo-a contra o seu corpo firme enquanto os lábios dele desciam sobre os dela num beijo brutal e punitivo.

O choque foi elétrico, uma brilhante luz foi acesa e, em seguida, apagada. Por um momento, ela ficou sem energia junto ao seu corpo, incapaz de emergir de uma escuridão cheia de calor e necessidade. Sua respiração não mais lhe pertencia; ela percebeu de repente que ele estava roubando até mesmo isso e começou a empurrar seu peito, bater com punhos indefesos e impotentes, com muito medo de ser capturada para sempre na escuridão que rodopiava e estava prestes a ferver.

Os braços dele a envolveram, moldando seu esguio e macio corpo às linhas rígidas e inflexíveis do corpo dele, fundindo-os em uma única forma apaixonada. A mão dele deslizou para cima e agarrou sua nuca com dedos firmes, forçando a cabeça dela a permanecer imóvel, enquanto seu outro braço envolvia sua cintura, mantendo a posse completa.

Ela parou de lutar como se não estivesse tentando fazer isso, enfatizando a força superior dele e a violência que borbulhou logo abaixo da superfície. Os lábios dela foram forçados a se abrir enquanto a boca dele continuava o ataque, explorando a dela com uma intimidade sem compaixão. O aroma almiscarado da sua masculinidade estava assaltando os sentidos dela, entorpecendo tanto o

cérebro quanto a vontade, e de forma indistinta ela ouviu sua avó descrever o conde há muito falecido que tinha o rosto de Christophe. *Sauvage*, ela dissera. *Sauvage*.

Ele deu liberdade à sua boca. O aperto retornou aos ombros dela enquanto ela olhava para os olhos anuviados e confusos. Por um momento, o silêncio pairou como um muro de calor em estado efervescente.

— Quem lhe deu permissão para fazer isso? — perguntou ela, irritada, colocando uma das mãos na cabeça para impedi-la de girar.

— Era isso ou retribuir o tapa, *Mademoiselle* — ele informou, e pelo seu tom e pela sua expressão, ela pôde ver que ele ainda não tinha completado a transformação de pirata para aristocrata. — Infelizmente, tenho alguma relutância em bater em mulher, não importando o quanto elas possam merecer.

Serenity libertou-se de seu controle, sentindo as traíçoeiras lágrimas exigindo libertação.

— Da próxima vez, me dê um tapa. Eu preferiria.

— Se levantar sua mão para mim de novo, minha querida prima, pode ter certeza que machucarei mais que seu orgulho — ele prometeu.

— Você pediu — respondeu ela, mas a força de suas palavras foi reduzida por grandes olhos fervendo como poças douradas de luz. — Como ousa me acusar de aceitar dinheiro para ficar aqui? Ocorreu-lhe que talvez eu *quisesse* conhecer minha avó, com quem não tive contato durante toda a minha vida? Em algum momento pensou que eu pudesse *querer* conhecer o lugar onde os meus pais se conheceram e se apaixonaram? Que eu precisava ficar e provar a inocência do meu pai? — As lágrimas escaparam e rolaram pelo rosto liso, e Serenity desprezou cada gota de fraqueza. — Só gostaria de poder bater em você com mais força. O que teria feito se alguém o tivesse acusado de ser comprado como um pedaço de carne?

Ele observou o trajeto de uma lágrima quando ela caiu do olho e agarrou-se na pele de cetim, e um pequeno sorriso inclinou um canto da boca dele.

— Eu teria batido bastante nele, mas acredito que suas lágrimas sejam uma punição mais eficaz que os punhos.

— Não uso lágrimas como arma.

Ela as enxugou com o dorso da mão, com vontade de ter conseguido estancar o fluxo.

— Não. Elas são ainda mais potentes. — Um longo dedo cor de bronze recolheu uma lágrima da pele de marfim. O contraste de cores concedeu a ela uma aparência delicada e vulnerável, e ele retirou a mão rapidamente, dirigindo-se a ela num tom casual: — Minhas palavras foram injustas, peço desculpas. Nós dois tivemos nossa punição, então agora estamos, como se diz?, quites.

Ele deu seu sorriso raro e encantador, e ela ficou olhando para ele, atraída pelo seu poder e encantada com a mudança positiva que deu à aparência dele. O sorriso dela foi a resposta, o brilho repentino do sol através de um véu de chuva. Ele fez um leve barulho impaciente, como se lamentasse o lapso momentâneo, e inclinando a cabeça girou nos

calcanhares e se afastou, deixando Serenity olhando para ele.

Durante o jantar, a conversa foi mais uma vez estritamente convencional, como se o colóquio surpreendente no cômodo da torre e o encontro tempestuoso no jardim em volta do castelo não tivessem ocorrido. Serenity ficou maravilhada com a compostura de seus companheiros enquanto desfilavam o leque de conversas à mesa sobre *langoustes à la creme*. Se não fosse pelo fato de que seus lábios ainda se lembravam, ela teria jurado que tinha imaginado o beijo tempestuoso e de tirar o fôlego que Christophe dera neles. Havia sido um beijo que provocara uma profunda reação e sacolejado seu frio distanciamento mais do que ela gostaria de admitir.

Não significou nada, ela insistiu, em silêncio, e dedicou-se à succulenta lasanha. Já tinha sido beijada, e seria novamente. Não permitiria que nenhum tirano mal-humorado lhe causasse mais preocupação. Decidindo retomar seu papel no jogo da formalidade casual, ela deu um gole e fez um comentário sobre o vinho.

— Acha agradável? — Christophe embarcou na conversa num tom igualmente leve. — É o Muscadet produzido aqui no castelo. Produzimos uma pequena quantidade todo ano para nosso próprio consumo e para os arredores.

— Acho muito agradável — comentou Serenity. — Como é emocionante saborear um vinho de suas próprias videiras. Nunca provei nada assim.

— O Muscadet é o único vinho produzido na Bretanha — a condessa informou, com um sorriso. — Somos, basicamente, uma província que vive do mar e da renda.

Serenity correu o dedo pelo tecido branco como a neve que adornava a mesa de carvalho.

— Renda da Bretanha. É requintada. Tem uma aparência muito frágil, mas os anos apenas aumentam sua beleza.

— Como uma mulher — murmurou Christophe, e Serenity levantou os olhos, e viu seu olhar escuro.

— Mas também tem o gado.

Ela agarrou-se ao tópico para encobrir a momentânea confusão.

— Ah, o gado.

Seus lábios se curvaram, e Serenity teve a impressão desconfortável que ele tinha bastante consciência do efeito que causava nela.

— Tendo vivido na cidade toda a minha vida, sou totalmente ignorante no que se refere a gado. — Ela prosseguiu com dificuldade, cada vez mais desconcertada com seu olhar direto. — Tenho certeza que formam uma linda imagem pastando nos campos.

— Temos que apresentá-la à região rural da Bretanha — declarou a condessa, atraindo a atenção de Serenity. — Talvez gostasse de sair amanhã para ver a propriedade.

— Gostaria muito, **Madame**. Tenho certeza que será uma mudança agradável em relação às calçadas e aos prédios governamentais.

— Teria prazer em acompanhá-la, Serenity — Christophe ofereceu-se, surpreendendo-a. Virando-se novamente para ele, a expressão dela espelhava seus pensamentos. Ele sorriu e inclinou a cabeça. — Tem traje apropriado?

— Traje apropriado? — repetiu ela, com a surpresa transformando-se em confusão.

— Mas claro. — Ele parecia estar gostando de sua mudança de expressão, e seu sorriso se espalhou. — Seu gosto em termos de roupa é impecável, mas acharia difícil montar a cavalo num vestido desses.

Os olhos dela desceram até as linhas levemente fluidas do seu vestido verde-salgueiro antes de se levantarem até o olhar divertido dele.

— Cavalo? — perguntou ela, franzindo as sobrancelhas.

— Não se pode percorrer a propriedade em um automóvel, *ma petite*. O cavalo é mais adequado.

Diante de seus olhos risonhos, ela endireitou o corpo e expôs sua dignidade.

— Infelizmente não monto.

— *C'est impossible!* — exclamou a condessa, incrédula. — Gaelle era uma excelente amazona.

— Talvez as habilidades eqüestres não sejam genéticas, *Madame* — sugeriu Serenity, divertindo-se com a expressão incrédula da avó. — Não sou amazona, de jeito nenhum. Não consigo controlar nem pônei de carrossel.

— Vou lhe ensinar.

As palavras de Christophe foram uma afirmação, não um pedido, e ela se virou para ele, enquanto o divertimento se transformava em arrogância.

— Quanta gentileza sua em se oferecer, *Monsieur*, mas não tenho desejo de aprender. Não se incomode.

— No entanto — ele declarou e ergueu a taça de vinho —, irá. Estará pronta às 9 horas, *n'est-ce pas?* Terá sua primeira lição.

Ela olhou furiosa para ele, espantada com a ignorância arbitrária da sua recusa.

— Acabei de lhe dizer...

— Tente ser pontual, *chérie* — alertou ele, com uma falsa preguiça ao se levantar da mesa. — Achará mais agradável caminhar até os estábulos do que ser arrastada pelos cabelos dourados. — Ele sorriu como se a segunda perspectiva representasse para ele um grande atrativo. — *Bonne nuit, Grandmère* — acrescentou ele com afeição antes de desaparecer da sala, deixando Serenity soltando fumaça e sua avó claramente satisfeita.

— Que audácia intolerável! — disse ela em tom explosivo ao encontrar a voz. Virando os olhos irados para a avó, ela acrescentou, em tom de desafio: — Se ele acha que vou obedecer resignada e...

— Seria prudente obedecer, resignada ou não — interrompeu a senhora. — Uma vez que Christophe tenha se decidido... — Com um leve e significativo encolher de ombros ela deixou o resto da frase a cargo da imaginação de Serenity. — Presumo que tenha calças. Bridget lhe trará um par de botas de equitação de sua mãe pela manhã.

— *Madame* — Serenity começou a dizer lentamente, como se tentasse fazer com que cada palavra fosse compreendida —, não tenho intenção de montar num cavalo de manhã.

— Não seja uma menina tola. — Uma esguia mão, cheia de anéis, estendeu-se de forma negligente até uma taça de vinho. — Ele é mais do que capaz de levar a cabo sua ameaça. Christophe é um homem muito obstinado. — Ela sorriu e pela primeira vez Serenity sentiu um calor genuíno. — Talvez até mais que você.

Xingando baixinho, Serenity calçou as botas fortes que tinham sido de sua mãe. Elas tinham sido limpas e engraxadas até ficarem brilhantes, e se encaixaram em seus pés pequenos como se fossem feitas sob medida para eles.

Parece que até você está conspirando contra mim, Maman, ela repreendeu a mãe silenciosamente em seu desespero. Depois gritou um "*Entrez*" em resposta a uma batida na porta. Não foi, no entanto, a pequena empregada Bridget que abriu a porta, mas Christophe, vestido com uma elegância descontraída, trajando calções de montaria castanho-claros e uma camisa de linho branca.

— O que deseja? — perguntou ela mal-humorada, calçando a segunda bota com um puxão firme.

— Só ver se é realmente pontual, Serenity — respondeu ele com um sorriso tranqüilo, com os olhos vagando pelo rosto curioso e o corpo esguio e flexível usando uma camiseta com estampa de serigrafia e jeans de corte francês.

Desejando que ele não olhasse para ela o tempo todo, como se memorizasse cada traço, ela levantou-se em sinal de defesa.

— Parece ser capaz de seguir algumas instruções simples.

Os olhos dela se estreitaram até se tornarem fendas adornadas de jóias, e ela

lutou contra a indisposição que ele tinha o hábito de provocar.

— Sou razoavelmente inteligente, obrigada, mas não gosto de ser intimidada.

— *Pardon?*

A expressão perplexa dele causou um sorriso presunçoso.

— Terei de recordar muitos coloquialismos, primo. Talvez possa enlouquecê-lo devagar.

Serenity seguiu Christophe até os estábulos num silêncio insolente, alongando os passos de modo determinado a fim de acompanhar seu caminhar e impedir a necessidade de seguir o rastro dele como um cãozinho obediente. Quando chegaram ao anexo, surgiu um cavaleiro trazendo dois cavalos, já com as rédeas e as selas. Um era preto e brilhante, o outro tinha uma pele de gamo cremosa, e aos olhos apreensivos de Serenity os dois eram extremamente grandes.

Ela parou de repente e observou os dois com as sobrancelhas franzidas em tom de dúvida. *Ele realmente não me arrastaria pelo cabelo*, ela pensou com cautela.

— Se simplesmente me virasse e fosse embora, o que faria? — perguntou Serenity em voz alta.

— Só a traria de volta, *ma petite*.

A sobrancelha escura se levantou diante de sua carranca, revelando que ele já tinha previsto tal pergunta.

— O preto é, obviamente, o seu, *Comte* — concluiu ela com uma voz suave, lutando para controlar o pânico crescente. — Já posso imaginá-lo a galope pelo campo à luz de uma lua cheia, com o brilho de um sabre no quadril.

— É muito astuta, *Mademoiselle*. — Ele assentiu com a cabeça, e pegando as rédeas do animal com pele de gamo do cavaleiro levou a montaria na sua direção. Ela deu um passo involuntário para trás e engoliu em seco.

— Suponho que queira que eu monte nele.

— Nela — corrigiu ele, curvando a boca.

Ela olhou para ele, irada e nervosa, enojada com sua própria apreensão.

— Não estou muito preocupada com seu sexo. — Olhando para a égua parada, engoliu em seco mais uma vez. — Ela é... ela é muito grande.

A voz dela estava muito mais fraca do que ela imaginara.

— Babette é tão gentil quanto Korrigan — Christophe assegurou, em tom inesperadamente paciente. — Gosta de cachorros, *n'est-ce pas?*

— Sim, mas...

— Ela é meiga, não é? — Ele pegou a mão dela e levou-a até a cabeça lisa de Babette. — Ela tem bom coração e só deseja agradar.

Sua mão ficou presa entre a pele lisa do animal e a insistência dura da palma de Christophe, e ela achou a combinação estranhamente agradável. Ela relaxou, permitiu que ele guiasse sua mão sobre a égua e virou a cabeça, sorrindo por cima do ombro.

— Ela é boa de tocar — disse ela, mas quando a égua soprou pelas narinas largas, ela pulou nervosa e tropeçou para trás contra o peito de Christophe.

— Relaxe, *chérie*. — Ele deu uma leve risada, enquanto seus braços envolveram sua cintura para firmá-la. — Ela só está dizendo que gosta de você.

— Mas me assustou — respondeu Serenity, em sinal de defesa, repugnada consigo mesma, e decidiu que era agora ou nunca. Virou-se para lhe dizer que estava pronta para começar, mas ficou olhando sem palavras para os olhos escuros e enigmáticos enquanto os braços dele permaneciam em volta dela.

Sentiu o coração interromper o bater constante, permanecendo imóvel por um momento e disparar esporadicamente num ritmo louco. Por um instante, ela acreditou que ele a beijaria novamente, e para sua surpresa e confusão percebeu que queria sentir seus lábios sobre os dela acima de qualquer outra coisa. Sua sobranalha franziu-se de repente, e ele a soltou num gesto abrupto.

— Vamos começar.

Frio e controlado, ele passou sem problemas para o papel de instrutor.

O orgulho assumiu o controle, e Serenity ficou determinada a ser uma aluna exemplar. Engoliu a ansiedade e permitiu que Christophe a ajudasse a montar. Um tanto surpresa, ela notou que o chão não ficava tão distante quanto previra e dedicou toda a atenção às instruções de Christophe. Fazia o que ele dizia, concentrando-se em seguir as instruções de forma precisa, determinada a não fazer papel de boba novamente.

Serenity observou Christophe montar seu garanhão com uma facilidade e uma economia de movimento que invejou. O preto fogo se adequava ao homem moreno e altivo perfeitamente, e ela refletiu, com certa aflição, que nem mesmo Tony em seu estado mais ardente jamais a afetara como este homem estranho e distante fazia com seus olhares envolventes.

Não podia sentir-se atraída por ele, pensou de forma arrebatada. Ele era imprevisível demais, e ela percebeu, com um lampejo, que ele poderia magoá-la como nenhum homem fora capaz de magoá-la antes. *Além do mais*, ela pensou, franzindo as sobranalhas para a crina da égua, *não gosto de sua atitude superior e dominadora*.

— Decidiu tirar uma soneca, Serenity? — A voz zombeteira de Christophe a trouxe de volta num instante, e vendo seus olhos ela sentiu-se corar para sua eterna consternação. — *Allons-y, chérie*. — Seu rubor profundo foi notado com uma curvatura dos lábios dele, enquanto ele levava seu cavalo para longe dos

estábulos e prosseguia em marcha lenta.

Eles iam lado a lado, e após algum tempo Serenity sentiu-se relaxando na sela. Passou as instruções de Christophe à égua, que reagiu de modo obediente. A confiança cresceu, e ela observou a paisagem, deleitando-se com a carícia do sol em seu rosto e o ritmo suave do cavalo sob seu corpo.

— *Maintenant*, vamos trotar — ordenou Christophe de repente, e Serenity virou a cabeça para olhar séria para ele.

— Talvez meu francês não seja tão bom quanto supunha. Disse trotar?

— Seu francês é bom, Serenity.

— Estou bem satisfeita em marchar com passos curtos — respondeu ela com um negligente encolher de ombros. — Não estou com pressa alguma.

— Deve se movimentar com o trote do cavalo — ele ensinou, ignorando sua declaração. — Levante-se a cada dois trotes. Pressione suavemente com os calcanhares.

— Espere. Preste atenção...

— Está com medo? — ele escarneceu, enquanto sua sobrancelha se levantou em sinal de zombaria. Antes que o senso comum pudesse superar o orgulho, Serenity jogou a cabeça para trás e pressionou os calcanhares nas laterais do cavalo.

Deve ser esta a sensação de operar uma daquelas britadeiras com as quais estão sempre abrindo buracos nas ruas, pensou ela ofegante, quicando sem qualquer graciosidade sobre a égua que trotava.

— Levante-se a cada dois trotes — Christophe lembrou-lhe, e ela estava preocupada demais com sua própria situação para observar o largo sorriso que acompanhou suas palavras. Após alguns momentos desajeitados, ela pegou o ritmo.

— *Comment ça va?* — perguntou ele enquanto iam lado a lado ao longo do caminho de barro.

— Bem, agora que meus ossos pararam de chacoalhar, não está tão ruim. Para falar a verdade — ela se virou e sorriu para ele —, é divertido.

— *Bon*. Podemos andar a meio galope — disse ele tranquilamente, e ela lhe lançou um olhar intimidador.

— Realmente, Christophe, se quer me matar, por que não tenta algo mais simples como veneno ou uma boa punhalada nas costas?

Ele jogou a cabeça para trás e riu, um som denso e intenso ecoando na brisa. Quando ele virou a cabeça e sorriu para ela, Serenity sentiu o mundo girar, e seu coração, ignorando os alertas do cérebro, se perdeu.

— *Allons, ma brave*. — A voz dele era suave, despreocupada e contagiosa. — Pressione os calcanhares e eu lhe ensinarei a voar.

Os pés dela obedeceram automaticamente, e a égua respondeu, acelerando a marcha até chegar a um meio galope suave e tranqüilo. O vento brincou com os cabelos de Serenity e roçou seu rosto com dedos frios. Ela sentiu como se estivesse cavalcando uma nuvem, sem ter certeza se a leveza era resultado do aumento súbito do vento ou da tontura do amor. Encantada com a novidade das duas coisas, ela não se importou.

Sob o comando de Christophe, ela pegou as rédeas novamente, diminuindo a marcha da égua do meio galope para o trote e, depois, para o caminhar, antes de finalmente parar. Levantou o rosto em direção ao céu e deu um suspiro profundo de prazer antes de se virar para o companheiro. O vento e a emoção tinham feito seu rosto ficar corado, seus olhos estavam arregalados, dourados e brilhantes, e seus cabelos estavam desalinhados, uma auréola desarrumada em volta de sua felicidade.

— Divertiu-se, *Mademoiselle*?

Ela lançou-lhe um sorriso cintilante, ainda intoxicada com o vinho potente do amor.

— Vai. Diga "Eu falei". Está tudo bem.

— *Mais non, chérie*, é apenas um prazer ver o progresso de um aluno com tamanha velocidade e habilidade. — Ele retribuiu o sorriso, enquanto a barreira invisível entre eles desaparecia. — Movimenta-se de forma natural na sela; no final das contas, talvez o talento seja genético.

— Oh, *Monsieur*. — Ela pestanejou com um ar de traves-sura. — Devo dar crédito ao meu professor.

— Seu sangue francês está vindo à tona, Serenity, mas a técnica precisa de prática.

— Não está tão bom, não é? — Ela puxou os cabelos desarrumados para trás e deu um suspiro profundo. — Acho que nunca vou acertar. Puritanismo americano em excesso por parte dos antepassados de meu pai.

— Puritanismo? — A risada densa de Christophe mais uma vez perturbou a manhã tranqüila. — *Chérie*, nenhum puritano jamais teve tanta chama.

— Vou tomar isso como um elogio, embora sinceramente duvide que tenha sido a intenção. — Ela virou a cabeça e olhou do topo da montanha até o vale que se espalhava abaixo. — Oh, que bonito.

Via-se uma cena de cartão-postal ao longe: suaves montanhas pontilhadas de gado pastando contra um pano de fundo de casas de campo uma ao lado da outra. Mais ao longe, ela observou um pequenino vilarejo, uma pequena cidade de brinquedo construída por uma gigantesca mão, dominada por uma igreja branca, cuja ponta ia em direção ao céu.

— É perfeito — disse ela. — Como voltar no tempo. — Seus olhos

vagaram de volta ao gado que pastava. — São seus? — perguntou ela, indicando com a mão.

— *Oui* — afirmou ele.

— Então, isso tudo é sua propriedade? — perguntou ela novamente, pressentindo alguma coisa.

— Faz parte das propriedades. — Ele respondeu com um movimento casual dos ombros.

Estamos cavalgando há tanto tempo, pensou ela franzindo as sobrancelhas, e ainda estamos em suas terras. Deus sabe até onde vai em outras direções. Por que ele não pode ser um homem comum? Ela virou a cabeça e examinou seu perfil de falcão. *Mas ele não é um homem comum*, ela lembrou-se. *Ele é o Comte de Kergallen, senhor de tudo que observa, e eu devo me lembrar disso.* O olhar dela retornou ao vale, enquanto franzia mais as sobrancelhas. *Não quero me apaixonar por ele.* Engolindo a repentina secura da garganta, ela usou as palavras como defesa contra o seu coração.

— Como é maravilhoso ser dono de tamanha beleza.

Ele virou-se para ela, levantando a sobrancelha por causa do seu tom de voz.

— Não é possível ser dono da beleza, Serenity, apenas cuidar dela e tratá-la com carinho.

Ela lutou contra o calor que suas palavras suaves despertaram, mantendo os olhos grudados no vale.

— É mesmo? Tinha a impressão que os jovens aristocratas tomavam tais coisas como certas. — Ela fez um gesto amplo e majestoso. — Afinal de contas, isso é apenas seu direito.

— Você não tem afeição pela aristocracia, Serenity, mas tem sangue aristocrático também. — O olhar perplexo dela trouxe um lento sorriso aos traços esculpidos dele, e o tom de voz dele foi frio. — É verdade. O pai de sua mãe era um conde, embora suas propriedades tenham sido destruídas durante a guerra. O Raphael foi um dos pouquíssimos tesouros que sua avó salvou ao escapar.

O maldito Raphael de novo!, pensou Serenity, desolada. Ele estava com raiva; ela chegou a essa conclusão por causa da luz rígida em seus olhos e sentiu-se estranhamente satisfeita. Seria mais fácil controlar seus sentimentos por ele se eles continuassem em disputa.

— Então, isso me faz meio camponesa, meio aristocrata — retrucou ela, mexendo os ombros em sinal de pouca importância. — Bem, *mon cher cousin*, prefiro a parte camponesa. Deixarei o sangue azul da família para você.

— Faria bem em se lembrar que não há laço de sangue entre nós,

Mademoiselle. — A voz de Christophe estava baixa, e ao ver seus olhos contraídos Serenity sentiu um pingo de medo. — Os de Kergallen são notórios em tomar o que querem, eu não sou exceção. Tome cuidado como usa seus olhos castanhos.

— O alerta é desnecessário, *Monsieur*. Posso tomar conta de mim.

Ele deu um sorriso lento e confiante, mais enervante que uma resposta furiosa, e virou sua montaria novamente em direção ao castelo.

O trajeto de volta foi realizado em silêncio, quebrado apenas pelas instruções ocasionais de Christophe. Eles tinham se estranhado novamente, e Serenity foi forçada a admitir que ele havia escapado com facilidade de sua investida.

Quando chegaram aos estábulos, Christophe apeou com sua competência costumeira, passando as rédeas para um cavaleiro e indo ajudá-la antes que ela pudesse copiar sua ação.

Com ar de desafio, ela ignorou a rigidez nos membros ao descer do lombo do animal, e as mãos de Christophe envolveram sua cintura. Elas permaneceram em volta dela por um instante, e ele olhou preocupado para ela antes de pôr fim ao aperto que parecia queimar através do material leve da blusa dela.

— Vá tomar um banho quente — disse ele. — Vai aliviar a rigidez que, provavelmente, você está sentindo.

— Tem uma capacidade surpreendente de dar ordens, *Monsieur*.

Os olhos dele se estreitaram antes de o braço envolvê-la com uma velocidade incrível, puxando-a para perto e comprimindo seus lábios num beijo ardente e completo que não lhe deu tempo de lutar nem protestar, mas obteve uma resposta tão imediata quanto uma das mãos girando uma torneira.

Por uma eternidade ele a manteve prisioneira de sua vontade, mergulhando-a cada vez mais longe no beijo. Sua intensidade liberou um novo e primitivo desejo nela, que abandonando o orgulho em prol do amor se rendeu às necessidades que não conseguia vencer. O mundo evaporou-se, enquanto a suave paisagem da Bretanha derretia como uma aquarela na chuva, não deixando nada, a não ser carne e lábios quentes buscando rendição. A mão dele percorreu a curva esguia do seu quadril, depois subiu pela espinha com autoridade, comprimindo-a contra ele com uma força que teria rachado seus ossos se eles não tivessem se dissolvido no calor.

O amor. Sua mente girava com a palavra. O amor era: passeios na chuva fina, uma noite tranqüila ao lado de uma lareira crepitante. Como poderia ser uma tempestade latejante e turbulenta que a deixava fraca, ofegante e vulnerável? Como poderia ser que alguém desejasse a fraqueza tanto quanto a própria vida? Foi assim com Maman? Foi isso que colocou as névoas oníricas de

conhecimento em seus olhos? *Ele nunca me libertará?*, ela se perguntou em desespero, e seus braços envolveram o pescoço dele, com o corpo contradizendo a vontade.

— *Mademoiselle* — murmurou ele com leve escárnio, mantendo a boca a centímetros da dela, enquanto os dedos acariciavam sua nuca — tem uma capacidade surpreendente de procurar punição. Acho imperativo a necessidade de discipliná-la.

Ele a soltou, se virou e afastou-se com passos largos e decididos, parando para receber o cumprimento de Korrigan, que trotava confiante.

Capítulo 5

Serenity e a condessa almoçaram no terraço, cercadas por flores de perfume suave. Serenity recusou o vinho e pediu café em seu lugar, tolerando a sobancelha branca levantada com tranqüila indiferença.

Acho que isso, sem dúvida, faz de mim uma filistéia, concluiu, suprimindo um sorriso enquanto saboreava o líquido preto e forte juntamente com a elegante sopa de camarão.

— Acredito que achou o passeio agradável — declarou a condessa após terem trocado comentários sobre a comida e o tempo.

— Para minha surpresa total, *Madame* — admitiu Serenity —, achei. Só queria ter aprendido muito tempo atrás. Sua paisagem bretã é magnífica.

— Christophe tem razão em ter orgulho de sua terra — afirmou a condessa, examinando o vinho claro na taça. — Ele a ama tal como um homem ama uma mulher, um tipo intenso de paixão. E embora a terra seja eterna, um homem precisa de uma esposa. A terra é uma amante fria.

As sobancelhas de Serenity se levantaram diante da franqueza da avó, o abandono repentino da formalidade. Seus ombros se moveram num gesto levemente gálico.

— Tenho certeza que Christophe tem pouca dificuldade em encontrar amantes quentes. — *Provavelmente, ele só estala os dedos e dúzias caem em seus braços*, acrescentou ela em silêncio, quase estremecendo com a dolorosa punhalada de ciúme.

— *Naturellement* — concordou a condessa, com um leve brilho de diversão nos olhos. — Como poderia ser o contrário? — Serenity digeriu isso com uma cara feia, e a senhora levantou a taça de vinho. — Mas homens como Christophe exigem constância e não variedade após um tempo. Ah, mas ele é tão parecido com o avô dele. — Olhando rapidamente, Serenity viu a suave expressão transformar o rosto angular. — São incontroláveis esses homens da família Kergallen: dominadores e arrogantemente masculinos. As mulheres que recebem seu amor são abençoadas tanto com o céu quanto com o inferno. — Os olhos azuis se concentraram nos de cor âmbar mais uma vez e sorriram. — Suas mulheres devem ser fortes ou serão pisoteadas por eles, e elas devem ser sábias o bastante para saber quando devem se mostrar fracas.

Serenity ouvia as palavras da avó como se estivesse enfeitiçada. Ela se balançou e puxou novamente o prato de camarão pelo qual tinha perdido o apetite. — *Madame* — ela começou a dizer, determinada a deixar clara sua posição —, não tenho a intenção de entrar na competição pelo conde atual. A

meu ver, formamos um péssimo par. — Ela lembrou-se de repente da sensação dos lábios dele contra os dela, a pressão exigente do seu corpo rijo, e tremeu. Olhou para a avó e balançou a cabeça numa intensa rejeição. — Não. — Não parou para raciocinar se estava falando com o coração ou com a mulher diante dela, mas levantou-se e correu de volta para o castelo.

A lua cheia estava bem no alto do céu coberto de estrelas, com sua luz prateada passando pelas grandes janelas quando Serenity se levantou, triste, magoada e enojada. Embora tivesse se retirado cedo, agarrando-se à justificativa de uma dor de cabeça fictícia para separar-se do homem que nublava seus pensamentos, o sono não chegou com facilidade. Agora, apenas algumas horas depois de tê-la capturado, ele tinha fugido. Virando-se na cama grande, ela gemeu alto diante da revolta do corpo.

Estou pagando o preço pela pequena aventura desta manhã. Ela estremeceu e se sentou, dando um suspiro profundo. *Talvez eu precise de outro banho quente,* decidiu, com pouca esperança. *Deus sabe que não poderia me deixar mais tensa.* Ela saiu da cama, com pernas e ombros protestando violentamente. Ignorando o roupão ao pé da cama, atravessou o quarto mal iluminado em direção ao banheiro adjacente, batendo a canela com força numa elegante cadeira Luís XVI.

Xingou, dividida entre raiva e dor. Anda resmungando, esfregou a perna, puxando a cadeira de volta para a posição e apoiando-se nela.

— O que é? — gritou de modo grosseiro quando uma batida soou na porta.

Ela se escancarou e Christophe, vestido informalmente com um roupão de seda azul-marinho, parou, observando-a.

— Machucou-se, Serenity?

Não era necessário ver sua expressão para tomar consciência de sua zombaria.

— Apenas uma perna quebrada — vociferou ela. — Por favor, não se incomode.

— Pode-se perguntar por que está Tateando no escuro? Ele se encostou no alizar da porta, frio, calmo e com

controle total, sendo sua arrogância o agente catalisador que o temperamento inconstante de Serenity exigia.

— Vou lhe dizer por que estou Tateando no escuro, sua besta presunçosa e segura de si! — ela começou a dizer, sua voz saindo como um sussurro furioso. — Eu ia me afogar na banheira para me livrar do tormento que me infligiu hoje!

— Eu? — disse ele de forma inocente enquanto seus olhos vagavam pelo seu corpo esguio e dourado no luar trêmulo, pelas pernas longas e torneadas, e pela pele de puro alabastro exposta por causa do comprimento de sua fina

camisola. Ela estava com raiva demais para tomar consciência de seu desalinho ou da avaliação dele, esquecendo-se do luar que atravessava a transparente camisola e revelava suas curvas.

— Sim, você! — ela disparou de volta para ele. — Foi você quem me colocou naquele cavalo esta manhã, não foi? E agora cada músculo do meu corpo judia de mim. — Gemendo, ela esfregou a palma da mão na parte de baixo das costas. — Talvez eu nunca ande direito novamente.

— Ah!

— Oh, quanto significado numa única sílaba. — Ela olhou furiosa para ele, esforçando-se ao máximo para ficar de pé com um pouco de dignidade. — Poderia fazer de novo?

— *Ma pauvre petite* — murmurou ele em sinal de compaixão exagerada. — *Je suis désolé.*

Ele endireitou o corpo e começou a caminhar na sua direção. Depois, lembrando-se repentinamente de como estava vestida, seus olhos se arregalaram.

— Christophe, eu... — ela começou a dizer enquanto as mãos dele tocavam seus ombros desnudos, mas as palavras terminaram num suspiro quando seus dedos massagearam o local contraído.

— Descobriu novos músculos, foi? E eles não estão sendo agradáveis. Não será tão difícil da próxima vez.

Ele conduziu-a até a cama e pressionou-lhe os ombros para que se sentasse, sem resistir, saboreando os movimentos firmes no pescoço e nos ombros. Descendo pelo corpo, seus dedos longos continuaram a trajetória pelas costas, eliminando a dor como se fosse mágica. Ela suspirou novamente, movendo-se inconscientemente contra o corpo dele.

— Você tem mãos maravilhosas — murmurou, com uma letargia abençoada penetrando seu corpo enquanto a dor desaparecia e uma calorosa satisfação tomava seu lugar. — Dedos fortes e maravilhosos; vou dormir a qualquer minuto.

Ela não percebeu quando a transição ocorreu: quando o relaxamento suave tornou-se um lento queimar em seu estômago, sua massagem objetiva virou uma intensa carícia, mas sentiu a cabeça girar de repente com o calor.

— Está melhor, muito melhor — ela balbuciou e preparou-se para se afastar, mas as mãos dele foram rapidamente para sua cintura, mantendo-a imóvel enquanto os lábios dele buscavam a suave vulnerabilidade do seu pescoço num beijo muito leve. Ela tremeu e assustou-se como uma corça apavorada, mas antes que ela pudesse escapar ele a tinha virado de frente para ele enquanto seus lábios desciam de forma possessiva sobre os dela, eliminando todos os protestos.

A luta terminou antes de tornar-se realidade, a queimação explodiu em chamas e seus braços envolveram o pescoço dele enquanto ela era comprimida contra o colchão. Sua boca parecia devorar a dela, firme e confiante, e suas mãos seguiram as curvas de seu corpo como se tivesse feito amor com ela inúmeras vezes. Impaciente, ele puxou para o lado a alça fina no seu ombro, buscando e encontrando a acetinada maciez do seu seio, seu toque incitando uma tempestade de desejo, e ela começou a mover-se debaixo dele. As necessidades dele se tornaram mais urgentes, com suas mãos ficando mais insistentes enquanto desciam pelo pedaço de seda e seus lábios deixando os dela para atacar seu pescoço com um desejo insaciável.

— Christophe — ela gemeu, sabendo que era incapaz de lutar contra ele e contra sua fraqueza. — Christophe, por favor, não posso lutar com você aqui. Nunca conseguiria vencer.

— Não lute comigo, *ma belle* — sussurrou ele em seu pescoço —, e nós dois venceremos.

A boca dele tomou a dela mais uma vez, de forma suave e demorada, fazendo com que o desejo aumentasse e voasse a grandes alturas. Lentamente, seus lábios exploraram o rosto dela, roçando suas cavidades, provocando a vulnerabilidade dos lábios abertos antes de passar para outras conquistas. Uma das mãos envolveu seu seio numa posse lenta enquanto os dedos contornavam sua curvatura, demorando-se sobre o mamilo até que um desejo vago e pulsante espalhou-se pelo seu corpo. A dor doce e enfraquecedora trouxe um gemido, e suas mãos começaram a buscar os músculos ondulados das costas dele, como se fosse para acentuar o poder dele sobre ela.

As explorações lentas dele mudaram para um estado de urgência outra vez, como se a submissão dela tivesse atizado o fogo da paixão dele. As mãos machucaram a carne macia, e sua boca foi atacada pela dele, os dentes que tinham mordiscado o lábio inferior dela foram substituídos por uma boca que destruiu seus sentidos e exigia, mais que rendição, paixão no mesmo nível.

A mão largou seu seio para descer pelo lado do corpo, parando sobre o quadril antes de continuar, reivindicando a pele macia e fresca da sua coxa, e a respiração dela saía apenas em suspiros trêmulos, enquanto os lábios dele desciam pela sua garganta para provar o vão quente entre seus seios.

Com um lampejo final de lucidez, ela soube que estava à beira de um precipício, e mais um passo a faria mergulhar num infinito vazio.

— Christophe, por favor. — Ela começou a tremer, embora estivesse quase sufocando com o calor. — Por favor, você me deixa apavorada, eu me deixo apavorada. Eu nunca... Eu nunca estive com um homem antes.

Os movimentos dele pararam, e o silêncio ficou denso quando ele levantou

o rosto e olhou para ela. Fatias de luar repousavam sobre seus cabelos claros e desgrenhados sobre o alvo travesseiro, e seus olhos estavam esfumaçados com a paixão e o medo desperto.

Com um som breve e estridente, ele aliviou o peso de cima dela.

— Seu timing, Serenity, é incrível.

— Sinto muito — disse ela, sentando-se.

— Por que pede desculpas? — perguntou ele, abafando a raiva logo abaixo da superfície da gélida calma. — Pela sua inocência ou por deixar que eu chegasse muito perto de reivindicá-la?

— Que coisa asquerosa para se dizer! — vociferou ela, lutando para controlar sua respiração. — Isso aconteceu tão rápido que não consegui pensar. Se eu estivesse preparada, você nunca teria chegado tão perto.

— Acha que não? — Ele arrastou-a até que ela estivesse ajoelhada na superfície da cama, mais uma vez moldada ao seu corpo. — Está preparada agora. Acha que não poderia possuí-la neste minuto com você mais do que disposta a permitir?

Ele olhou furioso para ela. O ar em volta dele ardia de raiva e de convicção, e ela não podia dizer nada, sabendo que estava impotente contra sua autoridade e seu próprio desejo crescente. Os olhos dela estavam enormes, em seu rosto pálido. O medo e a inocência brilhavam como faróis, e ele xingou e a afastou.

— *Nom de Dieu!* Você olha para mim com os olhos de uma criança. Seu corpo disfarça bem sua inocência; é um disfarce perigoso. — Ele foi até a porta, virou-se novamente e examinou a forma pouco vestida que tinha ficado pequena com a vastidão da cama. — Durma bem, *mignonne* — disse ele com um toque de zombaria. — Da próxima vez que decidir atropelar os móveis, seria prudente trancar a porta; não vou embora de novo.

A saudação fria de Serenity para Christophe foi retribuída do mesmo jeito. Seus olhos miraram os dela brevemente, sem mostrar sinal da paixão ou da raiva da noite anterior. Ao contrário, ela ficou chateada com sua falta de reação enquanto conversava com a condessa, dirigindo-se a Serenity apenas quando necessário e com uma educação que só poderia ser detectada pelo ouvido mais sensível.

— Não esqueceu que Geneviève e Yves vão jantar conosco esta noite? — a condessa perguntou a Christophe.

— *Mais non, Grandmère* — ele assegurou, colocando a xícara no pires. — É sempre um prazer vê-los.

— Acredito que achará a companhia agradável, Serenity. — A condessa virou os olhos azul-claros para sua neta. — Geneviève é quase da sua idade, talvez um ano menos. É uma jovem muito meiga e educada. Seu irmão, Yves, é

muito encantador e bastante atraente. — Um sorriso surgiu em seus lábios. — Achará sua companhia, uh, *divertida*. Não concorda, Christophe?

— Tenho certeza que Serenity achará Yves extremamente interessante.

Serenity lançou um rápido olhar para Christophe. Houve um toque de alegria em seu tom de voz? Ele estava bebendo o café lentamente, então ela decidiu que estava errada.

— Os Dejos são velhos amigos de família — a condessa prosseguiu, atraindo novamente a atenção de Serenity para ela. — Tenho certeza que achará agradável ter companhia próxima da sua idade, *n'est-ce pas?* Geneviève visita o castelo com frequência. Quando era criança, corria atrás de Christophe como um cãozinho fiel. *Bien sûr*, ela não é mais uma criança.

Ela lançou um olhar significativo para o homem na cabeceira da longa mesa de carvalho, e Serenity fez uso de uma grande força de vontade para não franzir o nariz em sinal de desdém.

— Geneviève passou de uma criança desajeitada com rabo-de-cavalo a uma mulher encantadora e elegante — respondeu Christophe, e a afeição em sua voz era inequívoca.

Que bom, pensou Serenity, lutando para manter um sorriso de interesse.

— Ela dará uma esposa maravilhosa — a condessa previu. — Tem uma beleza serena e uma graça natural. Devemos convencê-la a tocar para você, Serenity. É uma pianista de enorme talento.

Marque mais um para o modelo de virtude, ela remoeu para si em silêncio, com tremendo ciúme da relação da Geneviève sozinha com Christophe. Em voz alta ela disse:

— Estou ansiosa para conhecer seus amigos, *Madame*. — Em silêncio, ela assegurou-se de que não gostaria da perfeita Geneviève assim que a visse.

A manhã dourada passou tranqüilamente, com uma lenta quietude no meio do período matinal caindo sobre o jardim enquanto Serenity fazia esboços. Ela havia trocado algumas palavras com o jardineiro antes de se ocuparem de suas respectivas tarefas. Achando-o um estudo interessante, ela o esboçou ao se curvar sobre os arbustos, aparando as flores que haviam crescido demais e tagarelando, repreendendo e elogiando suas amigas coloridas e perfumadas.

Seu rosto era atemporal, castigado pelo tempo e com marcas de caráter, olhos inesperadamente brilhantes e azuis, cujo brilho contrastava com a compleição corada. O chapéu que cobria o emaranhado de cabelos cinza-chumbo era preto, um boné largo e de abas achatadas, com fitas púrpuras descendo pelas costas. Ele usava um colete sem mangas e calções velhos, e ela ficou maravilhada com sua habilidade nos tamancos de madeira.

Tão profunda era a concentração dela em captar sua aura de Velho Mundo

com o lápis que não ouviu os passos sobre o pavimento de lajes atrás dela. Christophe a observou por alguns instantes enquanto ela se dedicava ao trabalho. A curva graciosa do seu pescoço lhe trouxe à mente a imagem de um cisne branco orgulhoso boiando em um lago frio e límpido. Só quando ela colocou o lápis atrás da orelha e passou a mão distraída pelos cabelos foi que ele fez notar sua presença.

— Captou James de forma admirável, Serenity.

A sobrançelha dele se levantou com um ar divertido diante do pulo assustado que ela deu e a mão que voou até o coração.

— Não sabia que estava aí — disse ela, amaldiçoando a excitação de sua voz e o martelar de sua pulsação.

— Estava imersa em seu trabalho — explicou ele, sentando-se sem cerimônia ao lado dela no banco de mármore branco. — Não quis perturbá-la.

Oh, pensou ela em silêncio, *você me perturbaria se estivesse a mil quilômetros de distância*. Em voz alta, ela falou, em tom educado:

— *Merci*. Você é muito atencioso. — Em sinal de defesa, ela direcionou sua atenção para o cocker spaniel aos pés deles. — Ah, Korrigan, *comment ça va*?

Ela coçou atrás da orelha dele, e ele lambeu sua mão com beijos amorosos.

— Korrigan gosta bastante de você — comentou Christophe, observando os dedos longos e delgados sendo banhados. — Ele é normalmente muito mais reservado, mas parece que você aprisionou seu coração.

Korrigan desabou e formou um monte de veneração sobre seus pés.

— Um amante muito relaxado — ela observou, estendendo a mão.

— Um pequeno preço a pagar, *ma belle*, por tamanha devoção.

Ele tirou um lenço do bolso, pegou sua mão e começou a secá-la. O efeito sobre Serenity foi violento. Correntes intensas vibraram das pontas de seus dedos e subiram pelo braço, espalhando um calor formigante pelo corpo dela.

— Isso não é necessário. Tenho um trapo bem aqui. — Ela apontou para seu estojo de giz e lápis e tentou afastar a mão da dele.

Os olhos dele se estreitaram, seu aperto ficou mais forte, e ela foi vencida na breve luta silenciosa. Com um suspiro exasperado, ela deixou a mão repousar sem energia na dele.

— Sempre faz as coisas do seu jeito? — perguntou ela, enquanto os olhos escureciam com a fúria reprimida.

— *Bien sûr* — respondeu ele com uma confiança irritante, soltando sua mão agora seca e lançando-lhe um longo olhar de avaliação. — Sinto que está acostumada a fazer as coisas ao seu modo, Serenity Smith. Não seria interessante ver quem, como se diz, "ganha a parada" durante sua visita?

— Talvez devêssemos montar um placar — ela sugeriu, retirando-se para

trás da couraça de frigeidez. — Então não haveria dúvida quanto a quem ganha a parada.

Ele deu um sorriso lento e preguiçoso.

— Não haverá dúvida, *cousine*.

Sua resposta foi interrompida pelo aparecimento da condessa, e Serenity, automaticamente, relaxou as feições para evitar a especulação da senhora.

— Bom dia, meus filhos. — A condessa saudou-os com um sorriso maternal que surpreendeu a neta. — Estão apreciando a beleza do jardim. Eu o acho mais tranqüilo neste momento do dia.

— É encantador, *Madame* — concordou Serenity. — Sente-se que não há outro mundo além das cores e dos aromas deste lugar solitário.

— Tenho me sentido assim com freqüência. — As linhas angulares se suavizaram. — As horas que tenho passado aqui ao longo dos anos são incontáveis. — Ela sentou-se num banco em frente ao homem moreno e a mulher de pele clara e suspirou. — O que desenhou? — Serenity mostrou o bloco, e a condessa examinou o desenho antes de levantar os olhos para examinar a mulher depois. — Tem o talento de seu pai. — Diante do reconhecimento ressentido, os olhos de Serenity se aguçaram, e sua boca se abriu para responder. — Seu pai era um artista muito talentoso — a condessa continuou. — E começo a ver que ele tinha um pouco de bondade para ter conquistado o amor de Gaëlle e sua lealdade.

— Sim, *Madame* — respondeu Serenity, percebendo que tinha sido agraciada com uma difícil concessão. — Ele era um homem muito bom, tanto pai quanto marido amoroso e presente.

Ela resistiu ao ímpeto de trazer o assunto do Raphael à baila, indisposta a romper os tênues fios de compreensão que estavam sendo tecidos. A condessa assentiu com a cabeça. Depois, virando-se para Christophe, ela fez um comentário sobre o jantar à noite.

Pegando papel e giz, Serenity começou a desenhar a avó. As vozes cantarolavam à sua volta, sons calmos e pacíficos adequados ao ambiente do jardim. Ela não tentou seguir a conversa, simplesmente permitindo que as vozes murmurantes passassem por cima dela enquanto começava a se concentrar no trabalho com mais intensidade.

Ao copiar o rosto de ossos delicados e a boca surpreendentemente vulnerável, ela viu com mais nitidez a semelhança da condessa com sua mãe, e então, de fato, com ela própria. A expressão da condessa estava relaxada, uma beleza imutável que instintivamente mantinha seu orgulho. Mas, de alguma forma, Serenity agora vislumbrou a suavidade e a fragilidade de sua mãe, o rosto de uma mulher que amava profundamente — e, portanto, foi ferida em profun-

didade. Pela primeira vez desde que recebera a carta formal de sua avó desconhecida Serenity sentiu um princípio de parentesco, o primeiro fio de amor pela mulher que tinha gerado sua mãe, e que, portanto, havia sido responsável pela sua própria existência.

Serenity não tinha consciência da variedade de expressões que passavam rapidamente em seu rosto, ou do homem que estava sentado a seu lado, observando a metamorfose enquanto continuava a conversar. Quando terminou, ela largou os bastões de giz e limpou as mãos distraidamente, assustando-se quando virou a cabeça e encontrou o olhar fixo de Christophe. Os olhos dele caíram até o retrato em seu colo antes de voltar para os olhos ligeiramente confusos.

— Tem um talento raro, *ma chérie* — murmurou ele. Ela franziu as sobrancelhas, perplexa, sem ter certeza

pelo seu tom se ele estava falando do seu trabalho ou de algo inteiramente diferente.

— O que desenhou? — perguntou a condessa. Serenity afastou os olhos do olhar constrangedor e entregou o retrato à avó.

A condessa o examinou por vários instantes. A primeira expressão de surpresa transformou-se em algo que Serenity não conseguiu compreender. Quando os olhos se levantaram e repousaram sobre ela, o rosto alterou-se com um sorriso.

— Fico honrada e lisonjeada. Se me permitir, eu gostaria de comprá-lo. — O sorriso aumentou. — Em parte, por causa da minha própria vaidade, mas também porque gostaria de uma amostra do seu trabalho.

Serenity observou-a por um momento, hesitando na linha divisória entre o orgulho e o amor.

— Sinto muito, *Madame*. — Ela balançou a cabeça e pegou o desenho. — Não posso vendê-lo. — Ela deu uma rápida olhada no papel em sua mão antes de devolvê-lo e ver os olhos azuis. — É um presente para a senhora, *Grandmère*.

— Ela viu as emoções passarem tanto pela boca quando pelos olhos antes de falar novamente. — Aceita?

— *Oui*. — A palavra saiu como um suspiro. — Conservarei na memória seu talento, e isso — ela olhou mais uma vez para o retrato de giz — será minha lembrança de que nunca se deve permitir que o orgulho atrapalhe o amor.

Ela se levantou e roçou os lábios no rosto de Serenity antes de percorrer o pavimento de lajes em direção ao castelo. Serenity levantou-se do banco.

— Você tem uma habilidade inata para atrair o amor

— Christophe observou, e ela andou em volta dele, com as emoções extremamente em sintonia.

— Ela é minha avó também.

Ele notou o véu de lágrimas fervendo em seus olhos e pôs-se de pé com facilidade.

— Minha declaração foi um elogio.

— É mesmo? Achei que tinha sido uma condenação. Desprezando a névoa em seus olhos, ela queria tanto

ficar sozinha quanto encostar em seu ombro largo.

— Está sempre na defensiva comigo, não está, Serenity?

Os olhos dele se estreitaram como sempre faziam quando estava com raiva, mas ela estava envolvida demais na batalha com suas próprias emoções para se importar.

— Você me deu bastante razão — retrucou ela. — Desde o momento que desci do trem, você deixou claros seus sentimentos. Condenou tanto meu pai quanto a mim. Você é frio e aristocrático, sem um pinga de compaixão nem compreensão. Gostaria que fosse embora e me deixasse em paz.

Vá açoitá-los alguns camponeses ou algo do tipo; isso lhe cai bem.

Ele se moveu tão rápido que ela não teve tempo de recuar. Os braços dele a dividiram em dois quando a envolveram.

— Está com medo? — perguntou ele, e seus lábios esmagaram os dela antes que ela pudesse responder, e toda a razão desapareceu.

Ela gemeu contra a dor e o prazer que sua boca infligiu, perdendo a energia à medida que seu abraço ficava mais apertado, dominando até mesmo sua respiração.

Como é possível odiar e amar ao mesmo tempo?, seu coração exigiu saber de seu cérebro entorpecido, mas a resposta perdeu-se numa enchente de turbulenta e triunfante paixão. Os dedos se emaranharam impiedosamente nos cabelos dela, puxando sua cabeça para trás para expor seu belo pescoço, e ele atacou sua pele vulnerável com a boca quente e ávida. Sua blusa fina não representou defesa contra o calor opressivo do seu corpo, mas ele se livrou da breve barreira, deslizando a mão por baixo e subindo pela sua pele para tomar o volume de seu seio numa possessão consumada e absoluta.

A boca de Christophe voltou a causar danos na dela, ferindo a suavidade com um desejo que ela não podia negar. Ela não mais questionou a complexidade do seu amor, mas também cedeu como um salgueiro na tempestade diante da súplica de suas próprias necessidades.

Ele levantou o rosto, e seus olhos estavam escuros. O fogo da raiva e da paixão os queimou até ficarem pretos. Ele a queria, e os olhos dela se arregalaram e ficaram apavorados com o fato. Ninguém jamais a desejara com tamanha intensidade e ninguém jamais possuía o poder de tê-la assim tão

facilmente. Porque, até mesmo sem o amor dele, ela sabia que se submeteria, e, mesmo sem sua submissão, ele a teria.

Ele viu o medo nos olhos dela, e sua voz ficou lenta e perigosa.

— *Oui, petite cousine*, tem razão de ter medo, porque sabe o que acontecerá. Está a salvo por enquanto, mas tome cuidado quanto à maneira e ao lugar quando me provocar de novo.

Ele a soltou e percorreu tranqüilamente o caminho que sua avó tinha escolhido. E Korrigan, companheiro inseparável, lançou a Serenity um olhar pedindo desculpas e seguiu o dono logo atrás.

Capítulo 6

Serenity vestiu-se com muito cuidado para o jantar daquela noite, usando o tempo para organizar seus sentimentos e decidir o que fazer. Não havia argumentos nem raciocínio que pudessem alterar o fato de que mergulhara de cabeça no amor por um homem que conhecera há apenas alguns dias, um homem que era tão apavorante quanto excitante.

Um homem arrogante, dominador e audaciosamente obstinado, ela acrescentou, puxando o zíper nas costas do vestido. E que condenara seu pai como sendo um ladrão. *Como pude deixar que isso acontecesse?*, ela se repreendeu. *Como poderia ter impedido?*, refletiu, dando um suspiro. *Meu coração pode ter me abandonado, mas minha cabeça ainda está sobre meus ombros, e vou ter que usá-la. Eu me recuso a permitir que Christophe veja que me apaixonei por ele e me submeta ao seu escárnio.*

Sentada no toucador de cerejeira, ela passou a escova pelos cachos macios e retocou sua leve maquiagem. De guerra, ela decidiu, e sorriu para a imagem. *Faz sentido; preferiria estar em guerra com ele que estar apaixonada. Além do mais — o sorriso transformou-se numa carranca —, há também Mademoiselle Dejos, com quem lutar esta noite.*

Ela se levantou e examinou sua imagem por completo no espelho. A pele âmbar ecoava a cor de seus olhos e acrescentava um brilho quente à sua pele sedosa. As alças finas revelavam ombros macios, e o corpete baixo e arredondado destacava a sutil curva do seio. A saia pregueada flutuava suavemente até os calcanhares, enquanto a suavidade e a cor discreta davam um tom extra à sua beleza frágil e etérea.

Ela franziu a sobrancelha para o efeito, vendo fragilidade onde desejava ver postura e sofisticação. O relógio informou que não havia tempo para trocar de vestido, então, calçando os sapatos e borrifando uma nuvem de perfume em volta do corpo, ela saiu às pressas do quarto.

O murmúrio de vozes que vinha da sala de estar principal fez Serenity perceber, para sua irritação, que os convidados para o jantar já haviam chegado. Seu olho de artista imediatamente esboçou o quadro vivo que a saudou ao entrar na sala: o assoalho brilhando e o apainelado lustrado, as janelas altas com estrutura de chumbo, a imensa lareira de pedra com o consolo talhado — tudo estabelecia o pano de fundo perfeito para os elegantes habitantes da sala de estar do castelo, sendo a condessa a rainha inquestionável, trajando seda vermelha régia.

O preto severo do terno de Christophe destacava a alvura da sua camisa e

acentuava o amarelo-castanho da sua pele. Yves Deiot também estava usando preto. Sua pele era mais dourada que bronzeada, e seu cabelo tinha um incrível tom castanho. Mas foi a mulher entre os dois homens morenos que atraiu tanto a atenção de Serenity quanto sua relutante admiração. Se sua avó era a rainha, aqui estava a herdeira do trono. O cabelo excessivamente preto moldurava um pequeno rosto infantil de pungente beleza. Os olhos, em formato de amêndoas, vários tons concêntricos de castanho, dominavam o rosto atraente, e o vestido verde-floresta brilhava em contraste com a intensa pele dourada.

Os dois homens se levantaram quando ela entrou na sala, e Serenity direcionou sua atenção para o estranho, já que tinha excessiva consciência do exame abrangente de Christophe. Quando as apresentações foram feitas, ela ficou olhando para os olhos castanhos, do mesmo tom dos cabelos dele, que continham uma inegável aprovação masculina e um inequívoco ar travesso.

— Não me disse, *mon ami*, que sua prima era uma deusa de ouro. — Ele curvou-se sobre os dedos de Serenity, roçando-os com os lábios. — Terei que visitar o castelo com mais freqüência, *Mademoiselle*, durante sua permanência.

Ela sorriu com verdadeiro prazer, resumindo a pessoa de Yves Deiot como encantador e inofensivo.

— Tenho certeza que minha estada será ainda mais agradável com esta perspectiva em mente, *Monsieur* — respondeu ela, falando no mesmo tom que ele, e foi recompensada com um sorriso cintilante.

Christophe continuou suas apresentações, e a mão de Serenity recebeu um aperto breve e hesitante.

— Fico tão feliz de finalmente conhecê-la, *Mademoiselle* Smith. — Geneviève saudou-a com um sorriso caloroso. — É tão parecida com o retrato de sua mãe. É como ver a pintura ganhar vida.

A voz foi sincera, e Serenity concluiu que, por mais que se esforçasse, seria impossível não gostar da mulher parecida com um duende que olhava para ela com os olhos líquidos de um cocker spaniel.

A conversa continuou leve e agradável ao longo dos *apéritifs* e do jantar, ostras deliciosas no champanhe estabelecendo o clima para uma refeição preparada e servida de forma elegante. Os Deiot estavam curiosos sobre os Estados Unidos e a vida de Serenity na capital, e ela tentou descrever a cidade de contrastes enquanto o pequeno grupo deleitava-se com *le ris de veau au Chablis*.

Ela começou a desenhar um quadro com palavras sobre prédios governamentais majestosos e antigos, as linhas e as colunas graciosas da Casa Branca.

— Infelizmente, tem havido muita modernização, com enormes monstruosidades de aço e vidro tomando o lugar de algumas das antigas

construções. Organizadas, vastas e sem charme. Mas há dúzias de teatros, desde o Ford's, onde Lincoln foi assassinado, ao Kennedy Center.

Dando prosseguimento, ela os levou da surpreendente elegância da rua das Embaixadas aos bairros pobres e aos prédios nas cercanias do enclave federal, passando pelos museus e pelas galerias e o alvoroço do Capitólio.

— Mas nós vivíamos em Georgetown, e esse é um mundo à parte do resto de Washington. A maioria das casas é em fileira ou geminada, de dois ou três andares, com pequenos jardins cercados com tijolos e ladeados de azaléias e canteiros de flores. Algumas das ruas transversais ainda são de pedra arredondada, e ainda detêm um encanto bastante à moda antiga.

— Uma cidade excitante — comentou Geneviève. — Deve achar nossa vida aqui muito tranqüila. Sente falta da agitação e das atividades do seu país?

Serenity franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça em seguida.

— Não — respondeu ela, um tanto surpresa com seu próprio reconhecimento. — Acho estranho. — Ela viu os olhos castanhos diante dos seus. — Passei minha vida inteira lá e fui muito feliz, mas não sinto falta nenhuma. Tive a mais estranha sensação de afinidade quando entrei no castelo pela primeira vez, uma sensação de identidade. Tenho estado muito satisfeita aqui.

Ela deu uma olhada e viu os olhos de Christophe sobre ela, tristes e penetrantes, e ela sentiu uma rápida onda de pânico.

— É claro que é um alívio não participar da luta diária por uma vaga para estacionar — acrescentou com um sorriso, tentando livrar-se do ar de seriedade. — As vagas de estacionamento são mais preciosas que ouro em Washington, e atrás do volante até a pessoa mais educada cometeria assassinato e causaria lesões corporais para obter uma vaga.

— Já recorreu a essas táticas, *ma chérie*? — perguntou Christophe. Levantou a taça de vinho e manteve os olhos sobre ela.

— Estremeço ao pensar em meus próprios crimes — respondeu ela, aliviada com a leve mudança de assunto. — Não ousou confessar a que ponto cheguei a fim de assegurar alguns metros de espaço vazio. Posso ser muito agressiva.

— Não é possível acreditar que a agressão seja a qualidade de uma flor tão delicada — declarou Yves, cobrindo-a com seu sorriso encantador.

— Ficaria surpreso, *mon ami* — comentou Christophe enquanto inclinava a cabeça. — Uma flor tem muitas qualidades inesperadas.

Serenity continuou a franzir as sobrancelhas para ele enquanto a condessa habilmente mudou de assunto.

A sala de estar foi acesa, dando um ar de intimidade ao vasto recinto. Enquanto o grupo saboreava o café e o conhaque servido após o jantar, Yves

sentou-se ao lado de Serenity e começou a distribuir seu suprimento abundante de charme gálico. Ela notou, com bastante desconforto em seu coração, que foi forçada a reconhecer como ciúme puro e verdadeiro o fato de Christophe dedicar-se a entreter Geneviève. Eles conversaram sobre os pais dela, que estavam fazendo uma viagem pelas ilhas gregas, sobre conhecidos e velhos amigos mútuos. Ele ouviu com atenção enquanto Geneviève contava uma história, foi lisonjeiro, riu, provocou. Sua atitude era de total gentileza, uma suavidade que Serenity nunca vira nele antes. Seu relacionamento era tão obviamente especial, tão íntimo e existia há tanto tempo, que Serenity sentiu uma rápida pontada de desespero.

Ele a trata como se ela fosse feita de cristal fino e delicado, e me trata como se eu fosse feita de pedra firme, forte e insensível.

Teria sido infinitamente mais fácil se Serenity pudesse não ter gostado dela, mas a amizade natural superou o ciúme e, à medida que o tempo passou, ela se viu gostando dos Dejos cada vez mais.

Geneviève concordou, após sugestão gentil por parte da condessa, em tocar algumas peças ao piano. A música fluiu pela sala de forma tão doce e frágil como sua executora.

Acho que ela é perfeita para ele, Serenity concluiu, melancólica. *Eles têm tanta coisa em comum, e ela produz nele uma ternura que o impedirá de magoá-la.* Ela olhou para onde Christophe estava sentado, relaxando nas almofadas do sofá, com os olhos escuros e fascinantes fixos na mulher ao piano. Uma rápida variedade de emoções percorreu-lhe o corpo — saudade, desespero, ressentimento —, assentando-se num nevoeiro desesperado de depressão quando ela percebeu que, por mais perfeita que Geneviève pudesse ser para ele, ela nunca conseguiria assistir, feliz, Christophe cortejando outra mulher.

— Como artista, *Mademoiselle* — Yves começou a falar quando a música terminou e a conversa recomeçou —, precisa de inspiração, *n'est-ce pas?*

— De um tipo ou de outro — ela concordou, e sorriu para ele.

— Os jardins do castelo são uma imensa inspiração ao luar — ele salientou, com um sorriso em retribuição.

— Estou com vontade de ter inspiração — ela decidiu num rápido impulso. — Talvez eu pudesse abusar da sua companhia.

— *Mademoiselle* — respondeu ele feliz —, seria uma honra.

Yves informou o resto do grupo de sua intenção, e Serenity aceitou o braço que lhe foi oferecido sem ver o olhar escuro que lhe foi lançado pelo membro masculino remanescente.

O jardim era realmente uma inspiração, tendo o brilho das cores emudecido na trêmula luz prateada do luar. Os aromas se entrelaçaram num perfume

estonteante, tornando a noite quente de verão uma noite para amantes. Ela suspirou quando seus pensamentos perderam-se de volta ao homem na sala de estar do castelo.

— Suspira de prazer, *Mademoiselle*? — perguntou Yves enquanto eles percorriam um caminho tortuoso.

— *Biên sur* — respondeu ela ligeiramente, livrando-se de seu estado de ânimo sombrio e concedendo ao acompanhante um de seus melhores sorrisos. — Sinto-me derrotada pela beleza avassaladora.

— Ah, *Mademoiselle*. — Ele levou a mão dela até os lábios e beijou-a com muito sentimento. — A beleza de cada flor não é nada diante da sua. Que rosa poderia se comparar com tais lábios, ou que gardênia poderia se comparar com esta pele?

— Como os homens franceses aprendem a fazer amor com as palavras?

— Ensina-se desde o berço, *Mademoiselle* — ele a informou com uma seriedade suspeita.

— Como é difícil para uma mulher resistir a um cenário desses. — Serenity deu um suspiro profundo e forte.

— Um jardim iluminado pelo luar em frente a um castelo da Bretanha, o ar cheio de perfume, um homem bonito com poesia nos lábios.

— *Hélas!* — Yves deu um suspiro pesado. — Receio que encontrará a força para fazê-lo.

Ela balançou a cabeça num arremedo de pesar.

— Infelizmente sou extremamente forte, e você — acrescentou ela com um sorriso — é um charmoso lobo bretão.

A risada dele quebrou a calmaria da noite.

— Ah, já me conhece bem demais. Se não fosse pela sensação que tive quando nos conhecemos, que estávamos destinados a ser amigos e não amantes, iria ao encalço da minha campanha com mais sentimento. Mas nós bretões acreditamos muito no destino.

— E é tão difícil ser amigo e amante ao mesmo tempo?

— *Mais, oui.*

— Então amigos seremos — declarou Serenity, estendendo a mão. — Vou chamá-lo de Yves e você me chamará de Serenity.

Ele pegou a mão dela e segurou-a por um momento.

— *C'est extraordinaire* que eu deva ficar satisfeito em ser amigo de alguém como você. Você possui uma beleza tão difícil de descrever que fica na mente de um homem e o deixa constantemente ciente da sua pessoa. — Os ombros dele se encolheram de um jeito gaulês, parecendo que havia feito um discurso de três horas. — Bem, assim é a vida — observou ele, de forma fatalista.

Serenity ainda estava rindo quando eles entraram novamente no castelo.

Na manhã seguinte, Serenity acompanhou a avó e Christophe à missa no vilarejo que ela havia visto do topo da montanha. Uma chuva leve e insistente tinha começado nas horas antes do amanhecer. Seu suave assobio contra a janela a acordou até que seu ritmo constante embalou-a de volta ao sono.

A chuva continuou enquanto eles se dirigiam para o vilarejo, molhando as folhas e fazendo com que as flores no elegante jardim da casa de campo se curvassem bastante, dando-lhes um ar de uma congregação colorida em postura de prece. Ela havia notado, com certa perplexidade, que Christophe tinha mantido um estranho silêncio desde a noite anterior. Os Dejos haviam partido logo depois que Serenity e Yves uniram-se novamente ao grupo, na sala de estar, e embora a despedida de Christophe de seus convidados tenha sido irrepreensivelmente encantadora, ele havia evitado se dirigir diretamente a Serenity. A única comunicação entre eles tinha sido um breve — e, ela imaginara — olhar ameaçador, rapidamente velado.

Agora, ele falava quase exclusivamente com a condessa, com comentários ou respostas ocasionais feitas diretamente para Serenity, educado, com uma hostilidade nos olhos que ela decidiu ignorar.

O ponto central do pequeno vilarejo era a capela, uma pequenina estrutura branca com sua área bem organizada representando um contraste quase humorístico com seu estado decrépito ligeiramente escusatório. O telhado tinha passado por mais de uma obra recente, e a única porta de carvalho, da entrada, estava castigada pelo clima e danificada devido ao longo tempo e ao uso constante.

— Christophe se ofereceu para mandar construir uma nova capela — comentou a condessa. — Mas os moradores do vilarejo não querem. Este é o local onde seus pais e avós rezaram por vários séculos, e eles continuarão a rezar aqui até que ela desmorone sobre eles.

— É encantadora — disse Serenity, visto que, de alguma forma, o ar levemente decrépito da capela lhe dava certa dignidade inabalável, um senso de orgulho de ter testemunhado gerações de batizados, casamentos e funerais.

A porta gemeu um pedido de desculpas quando Christophe a abriu, deixando que as duas mulheres entrassem antes dele. O interior estava escuro e tranquilo, com o teto de vigas altas acrescentando uma ilusão de espaço. A condessa dirigiu-se ao primeiro banco, tomando seu lugar nos assentos que tinham sido reservados para o castelo Kergallen por quase três séculos. Espionando Yves e Geneviève do outro lado do estreito corredor, Serenity lançou-lhes um largo sorriso e recebeu um sorriso de retribuição de Geneviève e um piscar de olhos que mal se discernia de Yves.

— Este não é o local adequado para seus flertes, Serenity — sussurrou Christophe no seu ouvido enquanto a ajudava a tirar a capa impermeável úmida.

Ela ficou corada, sentindo-se como uma criança que tivesse sido pega rindo na sacristia, e virou a cabeça para responder quando o padre, que parecia tão velho quanto a capela, aproximou-se do altar e a missa teve início.

Uma sensação de paz cobriu-a como uma colcha suave. A chuva isolava a congregação do exterior, enquanto seu suave murmurar acentuava a tranqüilidade em vez de aviltá-la. O tom monocórdio e baixo do padre falando em bretão, e o leve ruído em sinal de resposta, o choro ocasional de uma criança, uma tosse abafada, o vitral escuro com regatos de chuva descendo pela sua superfície — tudo combinado numa tranqüila atemporalidade. Sentada num banco bem gasto, Serenity sentiu a magia da capela e compreendeu a recusa dos moradores em não querer trocar a construção caindo aos pedaços por um prédio mais adequado, já que aqui havia paz e a serenidade que lhe dera o nome. Uma continuidade com o passado e uma ligação com o futuro.

Quando a missa terminou, a chuva também parou, e um vago raio de luz solar passou pelo vitral, introduzindo um brilho sutil e ilusório. Quando saíram, o ar estava fresco, cintilando com o aroma de limpeza gerado pela chuva. As gotas ainda estavam presas às folhas recém-lavadas, brilhando como lágrimas na superfície verde luminosa.

Yves saudou Serenity com uma reverência cortês e um demorado beijo nos dedos.

— Você fez sair o sol, Serenity.

— *Mais, oui* — concordou ela, sorrindo nos olhos dele.

— Dei ordem para que todos os dias na Bretanha sejam brilhantes e ensolarados.

Ela retirou a mão e sorriu para Geneviève, que parecia uma graciosa primula num vestido amarelo fresco, com um chapéu de abas estreitas. Trocaram-se cumprimentos, e Yves inclinou-se na direção de Serenity como um conspirador.

— Talvez você gostasse de aproveitar o brilho do sol, *chérie*, e dar um passeio de carro comigo. O campo fica primoroso após uma chuva.

— Infelizmente Serenity estará ocupada hoje — respondeu Christophe antes que ela pudesse aceitar ou declinar o convite, e ela olhou furiosa para ele. — Sua segunda lição

— disse ele tranqüilamente, ignorando as luzes de batalha em seus olhos âmbar.

— Lição? — repetiu Yves com um sorriso torto. — O que está ensinando à sua linda prima, Christophe?

— Equitação — respondeu ele com um sorriso semelhante. — No momento.

— Ah, não poderia encontrar melhor professor — observou Geneviève com um leve toque no braço de Christophe. — Christophe me ensinou a cavalgar quando Yves e meu pai haviam perdido as esperanças comigo dizendo que eu não tinha jeito. Você é tão paciente. — Seus olhos de cocker spaniel olharam para o homem esguio, e Serenity abafou uma risada de incredulidade.

Paciente era a última palavra que ela usaria para descrever Christophe. Arrogante, exigente, autocrático, confiante ao extremo — ela começou silenciosamente a listar as qualidades que atribuía ao homem a seu lado. Cínico e despótico também. Sua atenção afastou-se da conversa. Seu olhar iluminou-se ao ver uma garotinha sentada na grama com um cachorrinho preto brincalhão. O cachorro revezava-se entre banhar o rosto da criança com entusiasmas lambidas e correr em frenéticos círculos em volta dela enquanto sua risada alta e meiga flutuava no ar. Era uma imagem tão relaxante e inocente que Serenity levou mais alguns segundos para expressar uma reação quanto ao que aconteceu depois.

O cachorro, repentinamente, atravessou a grama em disparada na direção da estrada, e a criança levantou-se desajeitadamente, correndo atrás dele, chamando o nome do cachorro em tom de dura desaprovação. Então, ela foi tomada por uma fria corrente de medo ao observar a criança correndo em direção à estrada.

Sem pensar, ela saiu em seu encalço, gritando freneticamente em bretão para a criança parar, mas a atenção da garota estava concentrada no animal, e ela passou pela grama e entrou na trajetória do carro que vinha na direção oposta.

Serenity ouviu o guincho dos freios enquanto seus braços envolveram a criança, e ela sentiu o vento e um leve choque do pára-lama contra o lado do seu corpo ao arremessar tanto a si mesma quanto a garota para o outro lado da estrada, aterrissando num monte de mato. Houve silêncio absoluto por uma fração de segundo, e então ocorreu um pandemônio quando o cachorrinho, sobre o qual Serenity estava agora sentada latiu em tom de grosseira e objeção, e os gritos altos da criança em busca de sua mãe uniram-se à indignação do animal.

De repente, vozes alvoroçadas numa mistura de línguas juntaram-se aos gritos e latidos, aumentando o estado de atordoamento e tontura de Serenity. Ela não conseguia encontrar força para retirar o peso de cima do cachorro fujão, e a menina lutou para livrar-se de seu aperto agora sem energia e correu para os braços de sua pálida e chorosa mãe.

Braços fortes e rígidos colocaram Serenity de pé, segurando seus ombros e inclinando sua cabeça para que ela visse os olhos escuros e turbulentos de Christophe.

— Está machucada? — Quando ela balançou a cabeça, ele continuou, numa voz tensa e irada: — *Nom de Dieu!* Você deve estar louca! — Ele a balançou um pouco, aumentando a tontura. — Poderia ter morrido! Como não foi atingida é um milagre.

— Eles estavam brincando tão tranqüilamente — ela lembrou-se, com uma voz vaga. — Então aquele cachorro tolo sai em disparada para a rua. Oh, será que o machuquei? Sentei bem em cima dele. Acho que o pobrezinho do animal não gostou.

— Serenity. — A voz furiosa de Christophe e a sacudida vigorosa trouxeram sua atenção de volta para ele. — *Mon Dieu!* Começo a acreditar que é realmente louca!

— Desculpe — murmurou ela, sentindo-se vazia e tonta. — Que idiotice pensar no cachorro primeiro e na menina depois. Ela está bem?

Ele soltou uma breve sucessão de xingamentos num longo suspiro.

— *Oui*, ela está com a mãe. Você correu como um guepardo; do contrário, vocês duas não estariam tagarelando agora.

— Adrenalina — ela murmurou, e se inclinou. — Passou agora.

O aperto aumentou em seus ombros quando ele examinou seu rosto.

— Vai desmaiar?

A pergunta foi acompanhada por um profundo franzir de sobrancelhas.

— Claro que não — respondeu ela, tentando soar firme e calma, mas adveio um desmentido bastante hesitante.

— Serenity. — Geneviève esticou o braço, segurou sua mão e abandonou a formalidade. — Foi tanta bravura de sua parte.

As lágrimas banhavam seus olhos castanhos, e ela beijou a face pálida de Serenity.

— Está machucada? — Yves repetiu a pergunta de Christophe, mas seus olhos mostravam preocupação em vez de raiva.

— Não, não, estou bem — ela assegurou, encostando inconscientemente em Christophe em busca de apoio. — O cachorrinho saiu perdendo quando aterrissei nele. — *Só quero me sentar*, pensou ela fatigada, *até o mundo parar de girar*.

De repente, a mãe da menina dirigiu-se a ela falando bretão em tom rápido e lamuriento. As palavras eram ininteligíveis por causa da emoção, e o dialeto era tão denso que ela teve dificuldade para compreender o que estava sendo dito. A mulher secava sem parar os olhos cheios de lágrimas com um lenço enrolado em forma de bola; e Serenity deu as respostas que esperava que fossem corretas, sentindo-se extremamente cansada e levemente constrangida quando as mãos da mãe a agarraram e ela a beijou com ardorosa gratidão. Diante de uma ordem dada em tom baixo por Christophe, elas se soltaram, e ela se retirou, pegando a

criança e misturando-se à multidão.

— Venha. — Ele passou o braço em volta da cintura de Serenity, e a massa de pessoas se abriu como o mar Vermelho, enquanto ele a levava de volta em direção à capela. — Acho que você e o vira-lata deveriam ser colocados numa guia curta.

— Que gentileza de sua parte nos colocar juntos — murmurou ela, e avistou a avó sentada num pequeno banco de pedra com uma aparência pálida e repentinamente envelhecida.

— Pensei que estaria morta — declarou a condessa com a voz rouca, e Serenity ajoelhou-se à sua frente.

— Sou quase indestrutível, *Grandmère* — disse ela com um sorriso confiante. — Herdei essa característica dos dois lados da família.

A mão magra e ossuda agarrou firme a de Serenity.

— É muito imprudente e teimosa — declarou a condessa num tom de voz mais firme. — E eu amo muito você.

— Eu amo você também — disse Serenity simplesmente.

Capítulo 7

Serenity insistiu em receber a lição de equitação após o almoço, vetando tanto a prescrição sugerida de fazer um longo repouso quanto a perspectiva de chamar um médico.

— Não preciso de médico, *Grandmère*, nem de descanso. Estou muito bem. — Ela tratou o incidente da manhã como algo que não fosse importante. — Alguns galos e hematomas; eu lhe disse que era indestrutível.

— Você é teimosa — corrigiu a condessa, e Serenity simplesmente sorriu e mais uma vez não deu importância.

— Teve uma experiência apavorante — Christophe intrometeu-se, examinando-a com olhos críticos. — Uma atividade menos vigorosa seria mais adequada.

— Pelo amor de Deus! Você também não! — Impaciente, ela afastou o café. — Não sou uma doente do período vitoriano com ataques de melancolia que precisa ser mimada. Se não quiser me levar para andar a cavalo, vou ligar para Yves e aceitar o convite para o passeio de carro que você recusou por mim. — Seu rosto de olhos delicados estava determinado, e seu queixo ergueu-se. — Não vou para a cama no meio do dia como uma criança.

— Muito bem. — Os olhos de Christophe se entristeceram. — Terá seu passeio, embora talvez sua lição não seja tão estimulante quanto o que pretendia Yves.

Ela o fitou por um momento, perplexa, antes da cor voltar ao rosto.

— Oh, realmente, que coisa ridícula.

— Eu a encontrarei nos estábulos em meia hora.

Ele interrompeu seus protestos, levantou-se da mesa e saiu da sala a passos largos antes que ela pudesse formular uma réplica apropriada. Ao virar para sua avó, seu rosto era a imagem da indignação.

— Por que ele é intoleravelmente grosseiro comigo?

Os ombros esguios da condessa se moveram de forma expressiva, e seu ar era de sabedoria.

— Os homens são criaturas complicadas, *chérie*.

— Um dia... — Serenity previu com um franzir de sobrancelhas ameaçador. — Um dia ele não vai sair andando até que eu tenha expressado minha opinião.

Serenity encontrou-se com Christophe na hora estabelecida, determinada a concentrar cada pinga da sua energia no desenvolvimento da técnica apropriada de equitação. Montou a égua com uma confiança concentrada e seguiu seu professor calado enquanto ele apontava o cavalo na direção oposta da que eles

tinham ido na última vez. Quando ele iniciou um leve meio galope, ela copiou sua ação e sentiu a mesma liberdade intoxicante de antes. Não surgiu, no entanto, nenhum sorriso repentino de excitação em seu semblante, nada de risadas ou palavras provocantes, e ela disse a si mesma que estava melhor assim. Ele dava uma instrução de vez em quando, e ela obedecia imediatamente, precisando provar tanto para ele quanto para si mesma que era capaz. Então, ela se contentou com a tarefa de cavalgar e raramente olhava para seu perfil moreno assemelhado a um falcão.

Que Deus me ajude, ela suspirou com ar de derrota, afastando os olhos dele e olhando para a frente. *Ele vai me assombrar pelo resto da vida. Vou terminar uma solteirona rabugenta, comparando todos os homens que vejo com aquele que não pude ter. Queria, por Deus, nunca ter colocado os olhos sobre ele.*

— *Pardon?*

A voz de Christophe interrompeu suas meditações, e ela se assustou, deduzindo que devia ter murmurado algo em voz alta.

— Nada — gaguejou ela. — Não foi nada. — Respirou fundo e franziu as sobrancelhas. — Podia jurar que sinto o cheiro do mar. — Ele diminuiu a marcha para um leve caminhar, e ela puxou as rédeas da sua montaria quando um leve ruído rompeu o silêncio. — É trovoadas? — Ela olhou para o céu azul limpo, mas o ruído continuou. — É o mar! — exclamou ela, esquecendo qualquer animosidade.

— Estamos perto dele? Poderei vê-lo? — Ele simplesmente parou o cavalo e apeou. — Christophe, pelo amor de Deus!

— Ela observou exasperada enquanto ele amarrava as rédeas da montaria a uma árvore. — Christophe! — repetiu ela, esforçando-se para descer da sela com mais velocidade que graça. Ele segurou seu braço quando ela aterrissou desajeitada e amarrou sua montaria ao lado da dele antes de levá-la mais adiante na trilha. — Escolha a língua que quiser — disse ela de forma magnânima —, mas fale comigo antes que eu enlouqueça!

Ele parou, se virou e puxou-a para perto, cobrindo sua boca com um beijo breve e perturbador. Satisfeito com o silêncio dela, ele continuou a conduzi-la enquanto o ruído distante se aproximava cada vez mais e ficava mais insistente. Quando ele parou de novo, Serenity prendeu a respiração diante da cena abaixo.

O mar se espalhava até onde ela conseguia ver. Os raios de sol dançavam em sua superfície verde. A arrebentação se revolia para acariciar as ondas. Sua espuma parecia a renda de um longo vestido de veludo. De forma provocante, ela afastava-se da margem e voltava, como uma amante coquete.

— É maravilhoso — ela suspirou, divertindo-se com o ar borrifado de sal e a brisa que agitava seu cabelo. — Acho que você já deve estar acostumado com

isso; duvido que eu poderia ficar.

— Sempre gosto de olhar para o mar — respondeu ele, com os olhos concentrados no horizonte distante, onde o céu azul límpido beijava o verde profundo. — Tem muitos humores; talvez seja por isso que os pescadores o chamam de mulher. Hoje ela está calma e gentil, mas quando está com raiva, seu temperamento é algo magnífico de se ver.

A mão dele deslizou pelo braço dela para apertá-la num gesto simples e íntimo que ela não tinha esperado dele, e o coração dela deu uma série de cambalhotas.

— Quando eu era menino, pensava em fugir para o mar, viver minha vida na água e velejar com seus humores.

O polegar dele roçou a pele suave da palma de sua mão, e ela engoliu em seco antes de conseguir falar.

— Por que não fez isso?

Os ombros dele se mexeram, e ela se perguntou por um momento se ele se lembrava que ela estava ali.

— Descobri que a terra tem sua própria magia: grama de cores vividas, solo rico, uvas roxas e gado pastando. Cavalgar pelas longas extensões de terra é tão excitante quanto velejar pelas ondas do mar. A terra é minha obrigação, meu prazer e meu destino...

Ele olhou para os olhos âmbar, arregalados e abertos, fixos no rosto dele, e algo se passou entre eles, tremeluzindo e se expandindo até que Serenity sentiu-se submersa pelo seu poder. Depois, ela foi comprimida contra o corpo dele, com o vento rodopiando à sua volta como fitas para amarrá-los juntos quando a boca de Christophe exigiu uma rendição absoluta. Ela agarrou-se a ele quando o rugido do mar aumentou a um nível ensurdecedor, e, de repente, seu corpo estava se retesando junto ao dele, e exigindo mais.

Se o mar estava com o ânimo calmo e gentil, o dele não. Impotente contra seu próprio desejo, ela teve grande prazer na posse selvagem da boca dele, a insistência premente das mãos que a reivindicavam, como se a tivesse por direito. Tremendo, não de medo, mas com o desejo de se entregar, ela se comprimiu ainda mais, desejando que ele tomasse o que ela oferecia.

A boca de Christophe se levantou uma vez, brevemente, e ela balançou a cabeça contra a liberação, puxando seu rosto de volta para o dela, com os lábios implorando a fusão. Os dedos dela cravaram-se na carne dos ombros dele com a força do novo abraço, enquanto a boca dele buscava a dela com um novo desejo, como se ele tivesse de saboreá-la ou morreria de fome. A mão dele escorregou sob a seda da blusa para apoderar-se de seu seio que ansiava pelo seu toque. O calor dos dedos dele chamuscava como brasas incandescentes contra a pele dela,

e embora sua boca estivesse conquistada, a língua dele exigiu a intimidade da umidade aveludada, sua mente murmurou o nome dele várias vezes até que não houvesse nada mais.

Os braços a envolveram mais uma vez, enquanto as mãos abandonaram suas explorações e a respiração desapareceu, sendo esquecida no novo poder esmagador. Os seios macios se comprimiram em seu peito magro e rígido, coxa esfregando em coxa, coração batendo junto a coração, e Serenity soube que tinha dado o passo em direção ao precipício e jamais retornaria à solidez da terra.

Ele a soltou tão de repente que ela teria tropeçado se a mão dele não a tivesse segurado para equilibrá-la.

— Temos que voltar — declarou ele, como se o momento não tivesse ocorrido. — Está ficando tarde.

As mãos dela se levantaram para retirar os cachos que tinham caído no rosto. Seus olhos se levantaram em direção aos dele, arregalados e cheios de confusa súplica.

— Christophe.

Ela disse seu nome sussurrando, incapaz de formar qualquer outro som, e ele ficou olhando para ela com seu típico olhar crítico e, como sempre, insondável.

— Está ficando tarde, Serenity — repetiu ele, e a raiva subjacente em seu tom trouxe ainda mais perplexidade.

Repentinamente frios, os braços dela envolveram seu corpo a fim de afastar a friagem.

— Christophe, por que está com raiva de mim? Não fiz nada de errado.

— Não fez?

Os olhos dele se estreitaram e escureceram com a irritação familiar, e por causa da rejeição o dela veio à tona para confrontá-lo.

— Não. O que eu poderia fazer? Você é superior de dar raiva, lá em cima no seu troninho de ouro. Uma meia aristocrata como eu mal poderia chegar ao seu nível para causar qualquer dano.

— Sua língua causará problemas para sempre, Serenity, a menos que aprenda a controlá-la.

A voz dele era precisa e controlada demais, mas Serenity encontrou a discrição enterrada embaixo de uma crescente montanha de fúria.

— Bem, até eu decidir fazer isso, talvez a use para lhe dizer exatamente o que acho de sua atitude arrogante, autocrática, dominadora e enfurecedora em relação à vida em geral e a mim em particular.

— A uma mulher — ele começou num tom de voz que ela notou que era inteiramente macio demais e sedoso demais — com o seu temperamento, *ma*

petite cousine, deve-se mostrar continuamente que só existe um senhor. — Ele pegou seu braço num aperto firme e afastou-se do mar. — Eu disse que vamos embora.

— *Você, Monsieur* — respondeu ela, mantendo sua posição e lançando-lhe um olhar âmbar ardendo em fogo lento —, pode ir quando quiser.

A saída dela com um ar de dignidade furioso levou-a a um metro antes de seus ombros serem agarrados num aperto típico de torno de bancada. Então virou-se e viu uma fúria que fez com que seu próprio temperamento parecesse tranqüilo.

— Você me faz pensar de novo sobre a sensatez de bater em uma mulher.

A boca dele tomou a dela rapidamente, de forma rígida e mais punitiva do que um punho, e Serenity sentiu uma rápida onda de dor, saboreando apenas a raiva nos lábios dele e nenhum desejo. Os dedos cravaram-se nos ombros dela, mas ela não lutou nem reagiu, permanecendo passiva nos braços dele enquanto a coragem se tornava desesperança. Liberta, ela olhou para ele, detestando o véu de umidade que anuviavam seus olhos.

— Você tem a vantagem, Christophe, e sempre vencerá uma batalha física.

A voz dela estava calma e cuidadosamente afinada, e ela observou as sobrancelhas dele se juntarem, como se sua reação o deixasse perplexo. A mão dele se levantou para enxugar uma lágrima que tinha fugido e rolado pelo rosto, e ela afastou-se com um movimento brusco, enxugando-a ela mesma e contendo o resto ao piscar os olhos.

— Já tive minha cota de humilhações por um dia, e não me desmancharei numa poça de lágrimas em sua honra. — A voz dela ficou mais firme à medida que retomou o controle, e seus ombros se endireitaram enquanto Christophe assistia a transformação em silêncio. — Como você disse, está ficando tarde. — Ela se virou e tomou de volta a trilha para onde os cavalos esperavam.

Os dias se passaram calmamente, suaves dias de verão cheios de sol e o doce perfume das flores. Serenity dedicou a maior parte das horas diurnas à pintura, reproduzindo em tela as linhas orgulhosas e indomáveis do castelo. Tinha notado, a princípio com desespero e depois com raiva crescente, o ato calculado de Christophe em evitá-la. Desde a tarde em que tinham ficado no penhasco acima do mar ele mal falara com ela, e, quando o fazia, era com amarga polidez. O orgulho logo cobriu seu ferimento como uma atadura sobre a ferida aberta, e a pintura tornou-se um refúgio contra a saudade.

A condessa não mencionava o Raphael, e Serenity ficou satisfeita com o passar do tempo, desejando fortalecer o elo entre elas antes de aprofundar-se mais no seu desaparecimento e na acusação contra seu pai.

Estava imersa em seu trabalho, usando jeans desbotado e um guarda-pó

respingado de tinta, tendo o cabelo sido desarrumado pela própria mão, quando avistou Geneviève se aproximar ao cruzar o suave tapete de grama. Uma linda fada bretã, Serenity imaginou, pequena e encantadora numa jaqueta de montaria camurça e calções marrom-escuros.

— *Bonjour*, Serenity — gritou ela quando Serenity levantou uma de suas mãos finas para cumprimentá-la. — Espero não estar perturbando.

— Claro que não. É bom vê-la.

As palavras saíram com facilidade porque ela estava falando sério, e ela sorriu e largou o pincel.

— Oh, mas eu fiz você parar — disse Geneviève em tom de desculpas.

— Deu-me uma desculpa maravilhosa para parar — corrigiu ela.

— Posso ver? — pediu Geneviève. — Ou não gosta que vejam seu trabalho antes que esteja terminado?

— Claro que pode ver. Diga-me o que acha.

Ela deu a volta para ficar ao lado de Serenity. O fundo de cena estava completo: o céu azul-celeste, as nuvens de lã dos cordeiros, a grama verde viva e as majestosas árvores. O castelo em si estava tomando forma aos poucos: as paredes cinzentas brilhando como pérola à luz do sol, janelas altas e cintilantes, as torres em forma de tambor. Havia muita coisa a completar, mas, mesmo em sua infância, a pintura captava a aura de conto de fadas que Serenity tinha imaginado.

— Sempre amei o castelo — declarou Geneviève, tendo os olhos ainda sobre a tela. — Agora vejo que você também. — Olhos amorosos ergueram-se do quadro pela metade e buscaram os de Serenity. — Você captou seu calor, e sua arrogância. Fico feliz em saber que o vê como eu o vejo.

— Apaixonei-me por ele no primeiro momento em que o vi — admitiu Serenity. — Quanto mais tempo fico, mais desesperadamente perdida fico.

Ela suspirou, sabendo que suas palavras descreviam o homem bem como a casa dele.

— Você tem sorte em ter tamanho dom. Espero que não me leve a mal se confessar uma coisa.

— Não, claro que não — Serenity assegurou-lhe, tanto surpresa quanto intrigada.

— Tenho muita inveja de você — ela deixou escapar rapidamente, como se pudesse lhe faltar coragem.

Serenity ficou olhando incrédula para o rosto encantador.

— Você? Inveja de mim?

— *Oui*. — Geneviève hesitou por um momento e então começou a falar, de repente: — Não apenas de seu talento como artista, mas de sua confiança, sua

independência.

— Serenity continuou a olhar de boca aberta, admirada.

— Há algo em você que atrai as pessoas. Uma certa sinceridade, um calor nos olhos que faz com que alguém queira confidenciar algo, sentindo, de alguma forma, que você compreenderá.

— Que extraordinário — murmurou Serenity, espantada. — Mas, Geneviève — ela começou a dizer num tom mais leve —, você é tão encantadora e afetuosa, como pode invejar alguém, justamente a mim? Faz com que me sinta como uma verdadeira amazona.

— Os homens tratam você como uma mulher — explicou ela com a voz num tom levemente desesperado. — Eles a admiram não pela sua aparência, mas pelo que você é.

— Ela virou de costas e depois ficou de frente novamente, passando a mão no cabelo. — O que faria se amasse um homem, se o tivesse amado a vida toda, amado com o coração de uma mulher, mas ele a visse apenas como uma criança divertida?

Serenity sentiu uma nuvem de desespero envolver seu coração. *Christophe*, ela concluiu. *Meu Deus, ela quer meu conselho sobre Christophe*. Ela reprimiu o impulso de dar uma risada histérica. *Devo dar orientações sobre o homem que amo. Ela viria atrás de mim se soubesse o que ele pensa de mim... do meu pai?* Os olhos dela olharam para os olhos escuros de Geneviève, cheios de esperança e confiança. Ela suspirou.

— Se eu estivesse apaixonada por um homem desses, eu me esforçaria bastante para que ele soubesse que sou uma mulher, e era assim que eu queria que ele me visse.

— Mas como? — A mão de Geneviève se espalhou num gesto impotente. — Sou tão covarde. Talvez perderia até mesmo sua amizade.

— Se realmente o amar, terá que arriscar ou passar o resto da sua vida apenas como sua amiga. Deve dizer... ao seu homem, da próxima vez que ele lhe tratar como criança, que você é uma mulher. Deve lhe dizer isso para que não haja dúvida em sua mente sobre suas intenções. Então, a decisão é dele.

Geneviève respirou fundo e ajeitou os ombros.

— Pensarei sobre o que disse. — Ela virou seus olhos afetuosos na direção dos olhos âmbar de Serenity mais uma vez. — Obrigada por ouvir, por ser amiga.

Serenity observou a pequena e graciosa figura atravessar o gramado em retirada. *Você é uma verdadeira mártir*, Serenity, disse a si mesma. *Achava que o auto-sacrifício deveria fazer uma pessoa encher-se de calor interior; sinto-me apenas fria e triste*. Ela começou a guardar as tintas, não mais encontrando

prazer no brilho do sol. *Acho que vou desistir do martírio e tomar viúvas e órfãos sob proteção; não poderia me fazer sentir pior.*

Deprimida, Serenity subiu até o quarto para guardar a tela e as tintas. Com o que considerou um esforço hercúleo, ela conseguiu dar um sorriso para a criada, que estava ocupada dobrando as roupas íntimas recém-lavadas e colocando-as na gaveta da cômoda.

— *Bonjour, Mademoiselle.*

Bridget cumprimentou Serenity com um sorriso deslumbrante, e os olhos âmbar piscaram diante do poder dele.

— *Bonjour, Bridget.* Você parece estar bem animada.

— Olhando para os feixes de luz solar que fluíam pelas janelas com ar de triunfo, Serenity suspirou e deu de ombro.

— Acho que é um lindo dia.

— *Oui, Mademoiselle. Quel jour!* — Ela fez um gesto na direção do céu com a mão cheia de seda fina. — Acho que nunca vi o sol sorrir de modo mais doce.

Incapaz de livrar-se da depressão diante do ataque de tremendo bom humor, Serenity desabou numa cadeira e sorriu para o rosto brilhante da pequena criada.

— A menos que eu esteja interpretando os sinais de forma incorreta, eu diria que é o amor que está sorrindo de forma doce.

O aumento do rubor apenas deu mais encanto ao jovem rosto quando Bridget interrompeu seus afazeres para exibir outro sorriso para Serenity.

— *Oui, Mademoiselle,* estou muito apaixonada.

— E imagino pela sua aparência — continuou Serenity, lutando com um suave aumento da inveja da confiança da jovem — que é muito amada.

— *Oui, Mademoiselle.* — A luz do sol e a felicidade formavam uma aura em volta dela. — No sábado, eu e Jean-Paul vamos nos casar.

— Casar? — repetiu Serenity, um pouco surpresa enquanto examinava a pequenina forma à sua frente. — Quantos anos tem, Bridget?

— Dezesete — declarou ela, inclinando a cabeça com um ar de sabedoria para sua vasta coleção de anos.

Dezesete, Serenity refletiu com um suspiro inconsciente.

— De repente, sinto-me com 92 anos.

— Vamos nos casar no vilarejo — continuou Bridget, animando-se diante do interesse de Serenity. — Depois todos voltarão para o castelo, e haverá cantoria e dança no jardim. O conde é muito gentil e generoso. Ele diz que teremos champanhe.

Serenity viu quando a alegria se transformou em reverência.

— Gentil — murmurou ela, revirando o adjetivo na cabeça.

A gentileza não é uma qualidade que tenho atribuído a Christophe. Dando um longo suspiro, ela se lembrou da atitude gentil dele em relação a Geneviève. *E claro que não desperto essa qualidade nele.*

— *Mademoiselle* tem tantas coisas bonitas.

Serenity levantou os olhos e viu Bridget acariciando um robe branco e comprido. Tinha um olhar meigo e sonhador.

— Gosta dele? — Ela se levantou e tocou a bainha, lembrando-se da sua textura sedosa junto à pele, deixando-o em seguida cair como neve no chão. — É seu — declarou Serenity de forma impulsiva, e a criada se virou novamente, tendo agora os olhos meigos tão arregaçados quanto um pires.

— *Pardon, Mademoiselle?*

— É seu — repetiu ela, enquanto o sorriso se transformava em admiração. — Presente de aniversário.

— Oh, *mais non*, eu não poderia... É bonito demais. — Sua voz tornou-se um sussurro enquanto olhava para o robe com um desejo melancólico, e depois se virou novamente para Serenity. — *Mademoiselle* não pode se separar dele.

— Claro que posso — corrigiu Serenity. — É um presente, e me deixaria satisfeita saber que você está fazendo bom uso dele. — Examinando a simples seda branca que Bridget agarrava ao seio, ela suspirou com um misto de inveja e desesperança. — Foi feito para uma noiva, e você ficará bonita nele para o seu Jean-Paul.

— Oh, *Mademoiselle!* — Bridget suspirou, contendo lágrimas de gratidão ao piscar. — Sempre cuidarei dele com carinho.

Ela deu sequência a essa declaração com uma série alegre de agradecimentos em bretão. As palavras simples levantaram o ânimo de Serenity. Ela deixou a futura noiva olhando para o espelho, com o robe espalhado sobre o avental enquanto sonhava com a noite do casamento.

O sol mais uma vez sorriu de forma doce no dia do casamento de Bridget. O céu azul-celeste estava com algumas nuvens pequenas e amistosas.

À medida que os dias se passaram, a depressão de Serenity mudou para um frio ressentimento. O comportamento distante de Christophe aticava o fogo da irritação, mas, de forma determinada, ela o enterrou sob um gelo igualmente intenso. Como consequência, suas conversas se limitaram a algumas frases educadas, formais e sem emoção.

Ela estava, tendo ele e a condessa a seu lado, no pequenino gramado da igreja do povoado esperando a procissão nupcial. O conjunto de seda pura que tinha escolhido propositalmente por causa de sua aparência fria e intocável havia sido categoricamente descartado por um aceno da mão régia de sua avó. Em vez disso, foi presenteada com uma roupa de sua mãe. O aroma de lavanda ainda

permanecia na vestimenta, tão fresco como se tivesse sido colocado ontem. Em vez de parecer sofisticada e distante, ela agora parecia uma jovem esperando uma festa.

A saia pregueada apenas roçava as panturrilhas descobertas. Suas listras verticais brilhantes em vermelho e branco eram complementadas por um pequeno avental branco. A blusa de decote côncavo, típico de camponesa, estava enfiada na estreita cintura, com suas curtas mangas bufantes deixando os braços expostos ao sol. Um colete preto sem manga assentava bem sobre a sutil curva do seio, enquanto sua aureóla de cachos claros estava coberta por um chapéu de palha adornado com fitas.

Christophe não tinha feito nenhum comentário sobre sua aparência, simplesmente inclinando a cabeça quando ela desceu a escada, e agora Serenity continuava sua guerra silenciosa dirigindo-se exclusivamente à sua avó.

— Eles virão da casa da noiva — a condessa informou, e embora Serenity estivesse desconfortavelmente ciente do homem moreno ao seu lado, ela dava a impressão de estar prestando atenção de forma educada. — Toda a família dela entrará com ela em seu último percurso como solteira. Depois, ela se encontrará com o noivo e entrará na capela para tornar-se uma esposa.

— Ela é tão jovem — murmurou Serenity com um suspiro —, pouco mais que uma criança.

— *Alors*, ela tem idade suficiente para ser mulher, minha velhinha. — Dando uma risada de leve, a condessa afagou a mão de Serenity. — Eu tinha um pouco mais de idade quando casei com seu avô. Idade tem pouca coisa a ver com amor. Não concorda, Christophe?

Serenity sentiu seus ombros se encolherem.

— Assim parece, *Grandmère*. Antes dos 20 anos, nossa Bridget terá um pequenino puxando seu avental e outro embaixo dele.

— *Hélas!* — A condessa suspirou com suspeita melancolia, e Serenity virou-se para olhar para ela com curiosidade e cautela. — Parece que nenhum dos meus netos se decide a me dar crianças para mimar. — Ela lançou um olhar franco e triste para Serenity. — É difícil ser paciente quando se envelhece.

— Mas fica mais simples ser astuto — comentou Christophe numa voz seca, e Serenity não pôde deixar de olhar para ele. Ele lançou-lhe um breve olhar com a sobrançelha levantada, e ela olhou firme, determinada a não fraquejar diante de seu feitiço.

— Ser sábio, Christophe — a condessa corrigiu, sem se perturbar e ligeiramente presunçosa. — Essa é uma declaração mais fidedigna. *Voilà!* — ela anunciou antes que qualquer comentário pudesse ser feito. — *Aí vêm eles!*

Pétalas de flores frescas e suaves flutuavam e dançavam até o chão

enquanto as crianças pequenas as tiravam de cestas de vime. Elas preparavam um tapete de amor para os pés da noiva. Pétalas inocentes e silvestres vindas do prado e da floresta, e as crianças dançavam em círculos enquanto as projetavam para cima. Cercada por sua família, a noiva caminhava como uma pequena boneca delicada. Seu vestido era tradicional e, obviamente, velho, e Serenity sabia que ela nunca tinha visto uma noiva mais radiante ou um vestido mais perfeito.

Com um branco envelhecido, a saia pregueada descia desde a cintura até dançar dois centímetros acima do caminho coberto de pétalas. O decote era alto e adornado de renda, e o corpete era justo e caía bem, com um leve e delicado bordado. Ela não estava usando véu. Em seu lugar, usava um chapéu branco redondo adornado com uma touca de renda que dava à pequena morena uma beleza exótica sem envelhecê-la.

O noivo uniu-se a ela, e Serenity notou, com um alívio quase maternal, que Jean-Paul parecia tão gentil e quase tão inocente quanto a própria Bridget. Ele também estava vestido de forma tradicional: calções brancos enfiados nas botas macias e um paletó azul-escuro trespessado sobre uma camisa branca bordada. O chapéu bretão de bordas estreitas com suas fitas aveludadas acentuava sua juventude, e Serenity supunha que ele era um pouco mais velho que a noiva.

Havia um amor jovem e brilhante em volta deles, puro e doce como o céu da manhã, e a pontada repentina e inesperada de saudade fez com que Serenity inspirasse e depois apertasse as mãos de modo firme para impedir um tremor convulsivo. *Apenas uma vez*, ela pensou, e engoliu em seco devido à aridez de sua garganta, *apenas uma vez eu faria Christophe olhar para mim assim, e poderia viver da imagem pelo resto da vida.*

Assustando-se quando uma mão tocou seu braço, ela olhou para cima e viu os olhos dele sobre ela, ligeiramente zombeteiros e completamente frios. Inclinou o queixo e deixou que ele a conduzisse para dentro da capela.

O jardim do castelo era um mundo perfeito para comemorar um novo casamento: intenso, fresco e vivo com todos os perfumes e tons. O terraço estava cheio de mesas forradas de branco transbordando de comida e bebida. O castelo fornecera o que tinha de melhor para o casamento do vilarejo, prata e cristal brilhando com o orgulho da idade na glória da luz do sol. E o vilarejo, Serenity observou, aceitou como se fosse o que merecia. Como pertenciam ao castelo, então pertencia a eles. A música encobriu a mistura de vozes e risadas; o ritmo doce e cadenciado dos violinos e o chamado levemente nasal da gaita de foles.

Serenity assistiu do terraço quando a noiva e o noivo executaram a primeira dança como marido e mulher, uma dança folclórica, cheia de charme e movimentos picantes, e Bridget flertou com seu marido agitando a cabeça e pro-

vocando com os olhos, e foi aprovada pela platéia. A dança continuou, ficando mais animada, e Serenity foi puxada para a multidão por Yves, determinado e encantador.

— Mas eu não sei — protestou ela, incapaz de impedir o riso que a persistência dele provocava.

— Eu vou lhe ensinar — respondeu ele simplesmente, tomando suas duas mãos nas dele. — Christophe não é o único com habilidade para dar aulas. — Ele inclinou a cabeça ao perceber sua cara fechada. — Ah-ha! Não diga que é verdade. — Sua cara fechada piorou diante da ambigüidade, mas ele simplesmente sorriu, levou uma das mãos aos próprios lábios brevemente e continuou: — *Maintenant*, primeiro damos um passo para a direita.

Envolvida primeiramente na aula e depois no prazer da música e dos movimentos simples, Serenity viu as tensões dos últimos dias desaparecerem. Yves era atencioso e encantador, conduzindo-a pelos passos dança e trazendo-lhe taças de champanhe. Ao ver Christophe dançando com a pequena e graciosa Geneviève, uma nuvem de desespero ameaçou seu sol, e ela se virou rapidamente, não querendo cair de novo no poço da depressão.

— Viu, *chérie*, está começando a dançar com naturalidade.

Yves sorriu para ela quando a música parou.

— Com certeza, meus genes bretões vieram à tona para me amparar.

— Então — disse ele num arremedo de crítica —, não vai dar crédito ao professor?

— *Mais, oui*. — Ela lançou-lhe um sorriso provocante e fez uma pequena reverência. — Meu professor é encantador e brilhante.

— É verdade — concordou ele, enquanto seus olhos castanhos cintilavam em contraste com o tom circunspecto da voz. — E minha aluna é bonita e fascinante.

— É verdade — concordou ela por sua vez e, rindo, passou seu braço no dele.

— Ah, Christophe. — A risada dela congelou ao ver o olhar de Yves passar acima de sua cabeça. — Usurpei seu papel de professor particular.

— Parece que vocês dois estão gostando da mudança. Ao ouvir o tom frio e educado em sua voz, Serenity

virou-se para ele desconfiada. Ele se parecia demais para o seu gosto com o conde marinheiro na galeria de retratos. A camisa de seda aberta de modo negligente revelava o pescoço forte e moreno. O colete preto e sem manga formava um contraste surpreendente. As calças também pretas combinavam com as botas de couro macio, e Serenity chegou à conclusão que ele parecia mais perigoso que elegante.

— Uma aluna maravilhosa, *mon ami*, como tenho certeza que você está de acordo. — A mão de Yves repousou de leve no ombro de Serenity enquanto ele sorria para o semblante artificial e impassível. — Gostaria de testar a qualidade das minhas instruções?

— *Bien sûr.*

Christophe mostrou seu agradecimento pela oferta com uma leve inclinação da cabeça. Depois, com um gesto gracioso e bastante antiquado, ele estendeu a mão com a palma para cima para o consentimento de Serenity.

Ela hesitou, tanto temendo quanto desejando o contato. Em seguida, vendo o desafio nos olhos escuros, ela colocou a mão na dele com uma graça aristocrática.

Serenity moveu-se com a música. Os passos da velha dança sensual vieram com facilidade. Balançando, dando voltas, unindo-se brevemente, a dança começou como um confronto, uma disputa formalizada entre homem e mulher. Seus olhares se fixaram, o dele corajoso e confiante; o dela, desafiador, enquanto eles se movimentavam em círculos alternados, tocando a palma das mãos. Quando o braço dele deslizou de leve em volta da cintura dela, ela jogou a cabeça para trás a fim de não interromper o olhar, ignorando a repentina excitação causada pelo roçar de seus quadris.

Os passos se aceleraram com a música, a melodia ficou mais exigente, a coreografia antiga tornou-se mais sedutora, o contato dos corpos se prolongou. Ela manteve o queixo inclinado de forma insolente, os olhos desafiadores, mas sentiu o calor começar sua ascensão insistente enquanto o braço dele se tornava mais possessivo de sua cintura, puxando-a mais para perto a cada virada. O que tinha começado como um duelo era agora uma sedução, e ela sentiu o poder silencioso dele assumindo o comando de suas vontades com tanta certeza como se os lábios dele tivessem exigido os dela. Fazendo uso do que restava de controle, ela deu um passo atrás, buscando a segurança da distância. O braço dele puxou-a de encontro ao seu corpo, e, impotentes, os olhos dela buscaram a boca que pairava perigosamente sobre a dela. Os lábios dela se abriram, em parte, como sinal de protesto, em parte, como sinal de convite, e os dele se abaixaram até que ela pudesse saborear a respiração dele em sua língua.

O silêncio quando a música terminou foi como um trovão, e ela assistiu de olhos arregalados quando ele retirou a promessa de sua boca com um sorriso de puro triunfo.

— Seu professor deve ser elogiado, *Mademoiselle*.

As mãos dele soltaram sua cintura, e com uma pequena reverência ele se virou e a abandonou.

Quanto mais distante e taciturno Christophe ficava, mais acessível e

expansiva ficava a condessa, como se sentisse seu estado de ânimo e buscasse provocá-lo.

— Você parece preocupado, Christophe — declarou a condessa de modo natural quando eles jantavam na grande mesa de carvalho. — O gado está lhe causando problema, ou talvez seja um *affaire de coeur*?

De modo determinado, Serenity mantinha os olhos no vinho que ela girava na taça, claramente fascinada com a cor, mexendo-o suavemente.

— Estou apenas apreciando a excelente comida, *Grandmère* — respondeu Christophe, sem morder a isca. — Nem gado nem mulheres me perturbam no momento.

— Ah. — A condessa colocou um sopro de vida na sílaba. — Talvez você coloque os dois no mesmo grupo.

Os ombros largos se moveram num gesto típico.

— Os dois exigem atenção e mão forte, *n'est-ce pas*? Serenity comeu um pouco de *canard à l'orange* antes de engasgar com ele.

— Deixou muitos corações partidos nos Estados Unidos, Serenity?

A condessa falou antes que Serenity pudesse expressar os pensamentos assassinos que se formavam em sua mente.

— Dúzias — respondeu ela, mirando um olhar mortal em Christophe. — Descobri que alguns homens não possuem a inteligência do gado, tendo com mais freqüência os tentáculos, se não o cérebro, de um polvo.

— Talvez esteja lidando com os homens errados — comentou Christophe com a voz fria.

Dessa vez foram os ombros de Serenity que se mexeram.

— Os homens são homens — disse ela sem dar importância, tentando aborrecê-lo com sua própria generalização.

— Eles querem um corpo quente para apalpar nos cantos ou uma peça de porcelana para colocar numa prateleira.

— E como, na sua opinião, uma mulher deseja ser tratada? — perguntou ele enquanto a condessa se recostava e apreciava os frutos de sua instigação.

— Como ser humano, com intelecto, emoções, direitos, necessidades. — As mãos dela se mexeram de modo expressivo. — Não como uma conveniência a ser guardada para o prazer de um homem até que lhe dê vontade, ou uma criança a ser acariciada e entretida.

— Você parece ter os homens em baixa, *ma chérie* — Christophe falou, sem que nenhum dos dois se desse conta de que estavam falando mais nesta conversa do que tinham falado há vários dias.

— Apenas as idéias antiquadas e o preconceito — ela contradisse. — Meu

pai sempre tratou minha mãe como parceira; eles dividiam tudo.

— Busca o seu pai nos homens que conhece, Serenity?

— perguntou ele de repente, e os olhos dela se arregalaram, surpresa e desconcertada.

— Ora, não, pelo menos acho que não — disse ela gaguejando e tentando examinar seus próprios sentimentos.

— Talvez busque sua força e sua generosidade, mas não uma réplica. Acho que busco um homem que possa me amar de forma tão completa quanto ele amou minha mãe, alguém que pudesse me aceitar com todas as minhas falhas e imperfeições e me amar pelo que sou, não pelo que ele pudesse querer que eu fosse.

— E quando encontrar esse homem — perguntou Christophe, lançando um olhar insondável —, o que fará?

— Ficarei feliz — murmurou ela, e fez um esforço para dedicar sua atenção à comida no prato.

Serenity continuou a pintar no dia seguinte. Tinha dormido mal, perturbada pelo fato do que dissera diante da inesperada pergunta de Christophe. Havia falado com espontaneidade. As palavras foram fruto de um sentimento que ela não tinha consciência que possuía. Agora, com o calor do sol nas costas e o pincel e a paleta na mão, se esforçava para se livrar do desconforto no amor à pintura.

Achou difícil se concentrar. Os traços esguios de Christophe invadiam sua mente e embaçavam as nítidas linhas do castelo. Esfregou a testa, finalmente largou o pincel, infeliz, e começou a guardar o equipamento, xingando mentalmente o homem que insistia em interferir em seu trabalho e em sua vida. O som de um carro interrompeu seus palavrões eloqüentes, e ela se virou, com as mãos protegendo os olhos do sol, para ver o veículo que se aproximava fazer a curva na longa pista de entrada de automóveis.

Parou a alguns metros de onde ela estava, e ela ficou boquiaberta quando um homem alto e louro saiu e começou a andar na sua direção.

— Tony! — gritou ela, de surpresa e prazer, correndo pela grama para encontrá-lo.

Os braços dele agarraram sua cintura, e seus lábios cobriram os dela num beijo breve e intenso.

— O que está fazendo aqui?

— Poderia dizer que estava apenas nas redondezas. — Ele sorriu para ela. — Mas acho que você não engoliria isso. — Ele parou e examinou seu rosto. — Você está com uma aparência maravilhosa — disse ele, e curvou-se para beijá-la novamente, mas ela o evitou.

— Tony, você não me respondeu.

— A firma tinha alguns negócios a resolver em Paris — explicou ele. — Então, vim para cá, e quando acertei tudo, peguei o carro para poder vê-la.

— Dois coelhos com uma cajadada só — concluiu ela num tom irônico, sentindo uma vaga decepção. *Teria sido bom, ela refletiu, se ele tivesse largado seus negócios e cruzado o Atlântico porque não conseguia ficar separado de mim.* Mas não Tony! Ela examinou suas feições bonitas e bem delineadas. *Tony é metódico demais para agir sob impulso, e isso é parte do problema.*

Ele deu um breve beijo na testa dela.

— Senti sua falta.

— Sentiu?

Ele parecia ligeiramente surpreso.

— Ora, claro que senti, Serenity. — Ele passou o braço em volta de seus ombros enquanto começou a caminhar em direção ao seu equipamento de pintura. — Espero que retorne comigo.

— Ainda não estou pronta para ir, Tony. Tenho compromissos aqui. Tenho coisas a resolver antes mesmo que possa pensar em voltar.

— Que coisas? — perguntou ele com as sobrancelhas franzidas.

— Não posso explicar, Tony — ela escapuliu, não querendo contar-lhe seus segredos. — Mas mal tive tempo de conhecer minha avó; são tantos anos perdidos a compensar.

— Não pode querer ficar aqui 25 anos para compensar o tempo perdido. — A voz dele estava cheia de exasperação.

— Você tem amigos em Washington, uma casa, uma carreira. — Ele parou e segurou-a pelos ombros. — Sabe que quero me casar com você, Serenity. Você tem me evitado há meses.

— Tony, nunca lhe prometi nada.

— E eu não sei?

Ele a soltou e ficou olhando em volta, distraído. Com uma pontada de culpa, ela esforçou-se mais para fazê-lo compreender.

— Encontrei parte de mim aqui. Minha mãe cresceu aqui; a mãe dela ainda vive aqui. — Ela se virou e ficou de frente para o castelo, fazendo um gesto amplo e majestoso.

— Olhe só para isso, Tony. Já viu algo que se compare a isso?

Ele seguiu seu olhar e examinou a grande estrutura de pedra novamente com as sobrancelhas franzidas.

— Impressionante — declarou ele, sem entusiasmo. — É também enorme, grande demais e, muito provavelmente, frio. Não troco por uma casa na P Street em Washington.

Ela suspirou, ficou murcha, virou-se para o companheiro e sorriu com afeição.

— É, você tem razão. Aqui não é o seu lugar.

— É o seu?

Ele franziu ainda mais as sobrancelhas.

— Não sei — murmurou ela enquanto seus olhos vagaram pelo telhado cônico e desceram até o quintal. — Realmente não sei.

Ele examinou seu perfil por um momento e estrategicamente mudou de assunto.

— O velho Barkley tinha alguns documentos para você.

— Ele se referia ao advogado que cuidara dos negócios de seu pai e para quem ele trabalhava como sócio júnior. — Então, em vez de confiá-los ao correio, eu os estou entregando em pessoa.

— Documentos?

— Sim, muito confidenciais. — Ele sorriu com seu jeito familiar. — Não quis me dar uma dica do que se tratavam; disse apenas que era importante que você os recebesse o mais breve possível.

— Vou examiná-los mais tarde — disse ela, sem dar importância, farta de documentos e formulários técnicos desde a morte de seus pais. — Entre e conheça minha avó.

Se Tony não tinha ficado impressionado com o castelo, ficou maravilhado com a condessa. Serenity escondeu o sorriso ao apresentá-lo à avó, notando seus olhos se arregalarem ao segurar a mão estendida. Ela estava, pensou Serenity com uma satisfação silenciosa, magnífica. A condessa conduziu Tony à sala de estar principal, mandou trazer comes e bebes e continuou a pressionar Tony do jeito mais encantador a fim de obter o máximo de informação sobre sua vida. Serenity recostou-se e observou a manobra, orgulhosa de sua feição impassível.

Ele não tem chance, ela concluiu enquanto servia o chá do elegante bule de prata. Ao passar a pequena e graciosa xícara de chá à avó, seus olhos se encontraram. A travessura inesperada nos olhos azuis quase fez com que uma risada escapasse, então ela ocupou-se servindo mais chá com uma concentração intensa.

A velha estrategista!, pensou ela, surpresa por não se sentir ofendida. *Está decidindo se Tony é um candidato digno para a mão da neta, e o pobre Tony está tão encantado pela sua magnificência que não vê o que está ocorrendo.*

Depois de uma hora de conversa, a condessa tinha descoberto tudo sobre a vida de Tony: sua família, sua educação, seus hobbies, sua carreira, a política, muitos detalhes que a própria Serenity ignorava. O inquérito tinha sido conduzido com habilidade e de forma tão sutil que Serenity reprimiu o impulso

de se levantar e aplaudir ao final.

— Quando tem de voltar? — perguntou ela, sentindo que precisava salvar Tony de revelar seu saldo bancário.

— Tenho de partir de manhã cedinho — ele lhe disse, relaxado e sem se dar conta do interrogatório a que tinha sido submetido. — Gostaria de poder ficar mais, porém...

Ele deu de ombro.

— *Bien sûr*, seu trabalho vem em primeiro lugar — a condessa terminou por ele, demonstrando compreensão.

— Jante conosco esta noite, *Monsieur* Rollins, e fique até de manhã.

— Não poderia abusar de sua hospitalidade, *Madame*

— objetou ele, talvez sem muito entusiasmo.

— Abusar? Besteira! — A objeção dele foi recusada com um régio aceno.

— Um amigo de Serenity de tão longe... Ficaria profundamente ofendida se recusasse ficar conosco.

— É muita gentileza. Fico agradecido.

— O prazer é meu — declarou a condessa ao se levantar. — Você deve mostrar a propriedade ao seu amigo, e eu providenciarei para que preparem um quarto. — Ela virou-se para Tony e estendeu a mão mais uma vez. — Temos coquetéis às sete e meia, *Monsieur* Rollins. Espero vê-lo então.

Capítulo 8

Serenity parou em frente ao grande espelho sem ver a imagem. A mulher alta e esguia usando um vestido ametista com suaves ondas de crepe que fluíam como uma brisa adornada de jóias talvez não tivesse retribuído o olhar no espelho extremamente límpido. A mente de Serenity estava repassando os acontecimentos da tarde. Suas emoções passaram de prazer, irritação e desilusão à diversão.

Depois que a condessa os deixou a sós, Serenity conduziu Tony num breve passeio pela propriedade. Ele fez vagos elogios a respeito do jardim, absorvendo sua beleza superficial. Sua mente lógica e sem imaginação era incapaz de ir além das rosas e dos gerânios até o fascínio de tons e texturas e perfumes. Ele divertiu-se um pouco com a aparência do velho jardineiro e ficou um tanto desconfortável com a amplidão arrebatadora da vista do terraço. Preferia, em suas palavras, algumas casas ou ao menos um sinal luminoso. Serenity balançou a cabeça ao ouvir isso em sinal de afeição e tolerância, mas percebeu o quanto tinha pouca coisa em comum com o homem com quem passara tantos meses.

Ele estava, porém, completamente estupefato com a dona do castelo. Não se parecia em nada com uma avó, ele declarara com grande respeito, que ele já tivesse conhecido. Ela era incrível, ele dissera, fato com o qual Serenity concordou em silêncio, embora talvez por diferentes razões. Parecia que seu lugar era num trono, concedendo audiências de forma indulgente, e ela se mostrara tão afável e tão interessada em tudo que ele tinha dito. *Ah, sim*, Serenity havia concordado em silêncio, tentando e não conseguindo ficar indignada. *Ah, sim, querido e inocente Tony, ela estava muito interessada.* Mas qual era o propósito do jogo que ela estava fazendo?

Quando Tony acomodou-se em seu quarto, localizado estrategicamente na outra extremidade do corredor de onde ficava o quarto dela, como Serenity notou, ela procurou a avó com a desculpa de agradecer por ela ter convidado Tony para ficar.

Sentada em seu quarto à frente da elegante escrivaninha colonial e escrevendo correspondência num papel de carta timbrado, a condessa cumprimentou Serenity com um sorriso inocente que, de alguma forma, se assemelhava ao gato que engoliu o canário.

— *Alors.* — Ela havia largado a caneta e fez um sinal em direção a um divã baixo de brocado. — Espero que seu amigo tenha achado o quarto agradável.

— *Oui, Grandmère,* fico-lhe grata por convidar Tony a passar a noite.

— *Pas de quoi, ma chérie.* — A mão esguia tinha feito um gesto vago. —

Deve ver o castelo como sua casa, tal como é a minha.

— *Merci, Grandmère* — disse Serenity em tom educado, deixando o próximo passo para a senhora.

— Um jovem muito educado.

— *Oui, Madame.*

— Bastante atraente... — Uma pequena pausa — ... de um jeito comum.

— *Oui, Madame* — Serenity concordou de forma coloquial, passando a bola para a avó. A bola foi recebida e lançada de volta.

— Sempre preferi traços mais incomuns num homem, mais força e vitalidade. Talvez — Uma suave curva provocadora nos lábios. — mais do tipo pirata, se entende o que quero dizer.

— Ah, *oui, Grandmère.* — Serenity assentiu com a cabeça, mantendo o olhar sincero sobre a condessa. — Entendo muito bem.

— *Bien.* — Os ombros elegantes se mexeram. — Algumas preferem um homem mais manso.

— Assim parece.

— *Monsieur* Rollins é um homem muito inteligente e de boas maneiras, muito lógico e sério.

E monótono. Serenity tinha acrescentado o comentário não expresso antes de falar aborrecida, em voz alta.

— Ele ajuda velhinhas a atravessar a rua duas vezes por dia.

— Ah, mérito de seus pais, tenho certeza — concluiu a condessa, sem se dar conta ou sem se incomodar com o escárnio de Serenity. — Tenho certeza que Christophe terá imenso prazer em conhecê-lo.

Uma leve inquietação surgiu no cérebro de Serenity.

— Tenho certeza que sim.

— *Mais, oui.* — A condessa sorriu. — Christophe ficará muito interessado em conhecer um amigo tão íntimo seu.

— A ênfase em "íntimo" tinha sido inconfundível, e os sentidos de Serenity se aguçaram à medida que aumentava seu desconforto.

— Não consigo ver por que Christophe deveria ficar tão interessado em Tony, *Grandmère.*

— Ah, *ma chérie*, tenho certeza que Christophe ficará fascinado com o seu *Monsieur* Rollins.

— Tony não é o *meu Monsieur* Rollins — Serenity corrigiu, levantando-se do divã e caminhando na direção da avó. — E realmente não vejo nada que eles tenham em comum.

— Não? — perguntou a condessa com uma inocência tão irritante que Serenity se esforçou para não rir.

— A senhora é uma mulher esperta, *Grandmère*. O que está tramando?

Os olhos azuis encontraram-se com os cor de âmbar com a inocência da doce infância.

— Serenity, *ma chérie*, não tenho idéia do que está falando. — Quando Serenity abriu a boca para responder, a condessa mais uma vez protegeu-se em sua majestade.

— Tenho de terminar minha correspondência. Eu a verei esta noite.

A ordem tinha sido cristalina, e Serenity foi forçada a sair do quarto insatisfeita. Fechar a porta com a força indevida foi sua única concessão ao aumento da raiva.

Os pensamentos de Serenity retornaram ao presente. Lentamente, sua silhueta esguia envolta em ametista entrou em foco no espelho. Ela ajeitou os cachos louros distraidamente e apagou a cara feia do rosto. *Vamos jogar isso de forma muito fria*, ela informou a si mesma enquanto atarraxava os brincos de pérola. *A não ser que eu esteja muito errada, minha aristocrática avó gostaria de soltar alguns fogos de artifício esta noite, mas, ao meu lado, ela não vai dar início a nenhuma faísca.*

Ela bateu na porta do quarto de Tony.

— É Serenity, Tony. Se estiver pronto, vou descer com você.

O grito de Tony pediu que ela entrasse, e ela abriu a porta e viu o homem alto e louro lutando com uma abotoadura.

— Está com dificuldade? — perguntou ela com um largo sorriso.

— Muito engraçado. — Ele levantou os olhos do que estava fazendo com um ar mal-humorado. — Não consigo fazer nada com a mão esquerda.

— Nem meu pai — declarou ela com um sentimento rápido e caloroso de lembrança. — Mas ele soltava uns belos palavrões. Era surpreendente quantos adjetivos ele usava para descrever um pequeno par de abotoaduras. — Ela foi até ele e segurou seu pulso. — O que você teria feito se eu não tivesse chegado, não sei.

Ela balançou a cabeça e curvou-se sobre sua mão.

— Teria passado a noite com a mão enfiada no bolso — respondeu ele tranqüilamente. — Um tipo de postura elegante e européia.

— Oh, Tony. — Ela olhou para cima com um sorriso luminoso e os olhos brilhando. — Às vezes você é tão gracioso.

Um som do lado de fora da porta atraiu a atenção dela, e ela virou a cabeça quando Christophe passou, parou por um momento para ver a imagem íntima da mulher rindo e fechando a abotoadura do homem e as duas cabeças louras juntas. Uma de suas sobrancelhas morenas se levantou um pouco e com uma pequena reverência Christophe seguiu seu caminho, deixando Serenity corada e

desconcertada.

— Quem era? — perguntou Tony com bastante curiosidade, e ela curvou a cabeça sobre seu pulso para esconder o rosto em chamas.

— *Le Comte* de Kergallen — respondeu ela com uma indiferença intencional.

— Não é o marido da sua avó, não é?

A voz dele era de incredulidade, e a pergunta evocou uma risada estrondosa de Serenity, ajudando muito a eliminar a tensão.

— Oh, Tony, você é tão engraçadinho. — Ela afagou seu pulso, tendo finalmente prendido a difícil abotoadura, e olhou para ele com olhos cintilantes. — Christophe é o atual conde, e ele é seu neto.

— Oh! — Tony franziu a testa e ficou pensativo. — Ele é seu primo, então.

— Bem... — Ela disse a palavra devagar. — Não exatamente. — Ela explicou a história familiar bastante complicada e a conseqüente relação entre ela e seu primo bretão. — Então, como está vendo — concluiu ela, segurando o braço de Tony e saindo do quarto —, de forma indireta, poderíamos ser considerados primos.

— Primos que se beijam — observou Tony de cara fechada.

— Não seja tolo — ela apressou-se em protestar, atormentada pelas lembranças dos lábios rígidos e exigentes sobre os dela.

Se Tony notou a negação apressada e o rosto corado, não fez comentários.

Eles entraram na sala de estar de braços dados, e Serenity sentiu aumentar o rubor diante da avaliação breve porém abrangente de Christophe. O rosto dele estava tranqüilo e impenetrável, e ela desejou com um fervor repentino que conseguisse ver os pensamentos por trás da sua fria aparência.

Serenity viu o olhar dele se deslocar para o homem a seu lado, mas o olhar permaneceu impassível e correto.

— Ah, Serenity, *Monsieur* Rollins. — A condessa sentou-se na magnífica cadeira de brocado com encosto alto emoldurada pela enorme lareira de pedra, a imagem de um monarca recebendo seus súditos. Serenity se perguntou se essa disposição tinha sido intencional ou acidental. — Christophe, permita-me apresentar *Monsieur* Anthony Rollins, dos Estados Unidos, convidado de Serenity.

A condessa, Serenity notou com ironia, tinha nitidamente categorizado Tony como sua propriedade particular.

— *Monsieur* Rollins — continuou ela sem interromper o ritmo —, permita-me apresentar seu anfitrião, *Monsieur le Comte* de Kergallen.

O título foi enfatizado delicadamente, e a posição de Christophe como dono do castelo foi estabelecida. Serenity disparou para a avó um olhar de quem sabia

o que ela estava fazendo.

Os dois homens trocaram formalidades, e Serenity foi observadora o suficiente para perceber a velha rotina de avaliar a capacidade, como dois cães medindo o adversário antes de entrar em combate.

Christophe serviu um *apéritif* para a avó e perguntou o que Serenity preferia antes de fazer o mesmo com Tony. Ele copiou o pedido de Serenity por vermute, e ela reprimiu um sorriso, sabendo que a preferência de Tony era por vodca, martini sem gelo e um conhaque de vez em quando.

A conversa fluiu tranqüilamente com a condessa mencionando vários fatos relativos à vida de Tony que ele tinha lhe fornecido de forma tão conveniente naquela tarde.

— É tão reconfortante saber que Serenity está em mãos tão capazes nos Estados Unidos — declarou ela com um sorriso gracioso e continuou, ignorando a cara feia que Serenity fez para ela. — Vocês são amigos há algum tempo, *non*?

A leve hesitação, quase imperceptível, diante da palavra "amigos" fez com que Serenity ficasse com a cara ainda mais feia.

— Somos — concordou Tony, afagando a mão de Serenity com afeição. — Nos conhecemos há cerca de um ano num jantar. Lembra-se, querida?

Ele virou para sorrir para ela, e ela acabou com a cara feia rapidamente.

— É claro. A festa dos Carson.

— Viajou de tão longe apenas para uma breve visita. — A condessa sorriu com afetuosa indulgência. — Não foi prova de consideração, Christophe?

— Bastante.

Ele balançou a cabeça de forma afirmativa e levantou o copo.

Ora, sua mulher ardilosa, pensou Serenity de forma irreverente. *Sabe muito bem que Tony veio a negócios. O que está tramando?*

— Que pena que não possa ficar mais, *Monsieur* Rollins. É agradável para Serenity ter companhia dos Estados Unidos. Anda a cavalo?

— Cavalo? — repetiu ele, desnortado por um momento. — Não, infelizmente não.

— *C'est dommage*. Christophe está dando aulas a Serenity. Como está indo sua aluna, Christophe?

— *Très bien, Grandmère* — respondeu ele tranqüilamente enquanto seu olhar passava de sua avó para Serenity. — Ela tem um talento natural, e agora que a rigidez inicial já passou — um sorriso fugaz surgiu, e seu rubor aumentou diante da lembrança —, estamos progredindo bem, não é, *mignonne*?

— É — concordou ela, confusa com a afeição repentina após dias de tratamento frio e educado. — Fico feliz por ter me convencido a aprender.

— Tem sido um prazer.

O sorriso enigmático dele serviu apenas para aumentar sua confusão.

— Talvez agora ensine *Monsieur* Rollins, Serenity, quando tiver a oportunidade.

A condessa atraiu sua atenção, e os olhos cor de âmbar se estreitaram diante da inocência do tom.

A intrometida!, ela enfureceu-se por dentro. *Está jogando um contra o outro, me colocando no meio como um pedaço de carne.* A irritação se transformou em relutante diversão quando os olhos claros encontraram-se com os dela, enquanto um diabo travesso dançava em suas profundezas.

— Talvez, *Grandmère*, embora eu duvide que consiga passar de aluna a professora em pouco tempo. Duas breves aulas sequer fazem de mim uma especialista.

— Mas você terá outras, *n'est-ce pas?* — Ela desarmou o contragolpe de Serenity e levantou-se com uma graça fluida. — *Monsieur* Rollins, faria a gentileza de me acompanhar para jantar?

Tony sorriu, extremamente lisonjeado, e segurou o braço da condessa, embora quem estava retirando quem da sala estivesse muito claro para a mulher que ficou para trás.

— *Alors, chérie.* — Christophe caminhou na direção de Serenity e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. — Parece que você terá que se contentar comigo.

— Acho que posso suportar — retrucou ela, ignorando a pancada furiosa do seu coração quando a mão dele fechou-se sobre a dela.

— Seu amigo americano deve ser muito lento — ele começou a puxar conversa, segurando firme sua mão e pairando acima dela de forma distraída. — Ele a conhece há quase um ano e ainda não é seu namorado.

O rosto dela ficou corado, e ela olhou furiosa para ele, tentando agarrar-se à sua dignidade.

— Francamente, Christophe, você me surpreende. Que observação extremamente grosseira.

— Mas verdadeira — retrucou ele sem se perturbar.

— Nem todos os homens pensam exclusivamente em sexo. Tony é uma pessoa muito afetuosa e atenciosa, não é autoritário como outros que eu poderia citar.

Ele apenas sorriu com uma confiança de enlouquecer.

— Tony faz sua pulsação acelerar como está acontecendo agora? — O polegar dele acariciou seu pulso. — Ou seu coração sempre bate assim?

A mão dele cobriu o coração que galopava como um cavalo ensandecido, e seus lábios roçaram os dela num beijo suave e demorado tão diferente de

quaisquer outros que ele tinha dado nela que tudo que ela conseguiu fazer foi ficar balançando com a sensação arrepiante.

Os lábios passaram de leve sobre seu rosto, provocando os cantos da boca, suspendendo a promessa com a experiência da sedução. Os dentes mordiscaram o lóbulo da sua orelha, e ela suspirou quando a pequena centelha de dor disparou correntes de prazer pela sua pele, arrastando-a com deleite e um desejo lento e ardente. De leve, os dedos dele traçaram o percurso da sua espinha e se deslocaram com uma lentidão devastadora pelas suas costas desnudas até que ela estivesse mole e solta em seus braços e sua boca procurasse a dele em busca de satisfação. Ele lhe deu apenas uma leve prova de seus lábios antes de retornarem à região da sua garganta, e as mãos dele se deslocaram lentamente de curva em curva com os dedos provocando, segurando o volume dos seus seios até iniciarem uma massagem suave e circular no seu quadril.

Murmurando seu nome, ela ficou sem energia junto ao seu corpo, incapaz de exigir o que desejava, ávida pela boca que ele lhe negava. Querendo apenas ser possuída, necessitando o que apenas ele podia dar, os braços dela o puxaram para perto numa súplica silenciosa.

— Diga-me — murmurou Christophe, e entre névoas de languidez ela ouviu o leve escárnio em sua voz. — Tony já ouviu você sussurrar o nome dele ou sentiu seus ossos derreterem junto ao corpo enquanto a abraçava assim?

Atordoada, ela livrou-se de forma descontrolada do seu abraço. A raiva e a humilhação lutavam contra o desejo.

— É convencido demais, *Monsieur* — disse ela com a voz embargada. — Não é da sua conta como Tony me faz sentir.

— Acha que não? — perguntou ele num tom educado de pergunta. — Devemos discutir isso depois, *ma belle cousine*. Agora acho que é melhor nos unirmos à *Grandmère* e ao nosso convidado. — Ele deu um sorriso cativante e exasperante. — Eles podem se perguntar o que aconteceu conosco.

Eles não deviam ter se preocupado, Serenity notou ao entrar na sala de jantar de braços dados com Christophe. A condessa estava entretendo Tony muito bem, no momento conversando sobre a coleção antiga de caixas Fabergé expostas sobre um grande aparador espelhado.

A comida começou com *vichyssoise*, fria e refrescante, enquanto a conversa continuava em inglês, para o bem de Tony. Falava-se de assuntos gerais e impessoais, e Serenity sentiu, que relaxava, dando ordem para que seus músculos se desenroscassem enquanto a sopa era tirada e o *homard grillé* era servido. A lagosta era a pura perfeição, e ela pensou sem qualquer objetivo específico que, se a cozinheira era realmente um dragão como Christophe dissera em tom de piada no primeiro dia, ela era de fato muito habilidosa.

— Imagino que sua mãe fez a transição do castelo para sua casa em Georgetown com muita facilidade, Serenity

— declarou Tony repentinamente, e ela o olhou de cara fechada e perplexa.

— Não tenho certeza se entendi o que quer dizer.

— Existem tantas semelhanças básicas — observou ele, e como ela continuou a parecer perplexa, deu mais detalhes.

— É claro que tudo está numa escala muito maior aqui, mas existem os tetos altos, as lareiras em cada cômodo, o estilo da mobília. Ora, até mesmo os corrimãos são parecidos. Certamente notou.

— Ora, sim, acho que sim — respondeu ela devagar —, embora só tenha percebido agora. — Talvez, ela deduziu, seu pai tivesse escolhido a casa de Georgetown porque ele também tinha notado as semelhanças, e sua mãe havia escolhido a mobília devido às lembranças de sua infância. O pensamento era, de certa forma, reconfortante. — Sim, até mesmo os corrimãos — continuou ela em voz alta, e deu um sorriso. — Eu escorregava neles constantemente, descia do ateliê no terceiro andar, batia no balaústre, depois escorria para o térreo e batia no seguinte. — O sorriso transformou-se em gargalhada. — Maman dizia que outra parte da minha anatomia deveria ser tão dura quanto minha cabeça para suportar tamanha punição.

— Ela dizia a mesma coisa para mim — declarou Christophe de repente, e os olhos surpresos de Serenity dispararam na direção dele. — *Mais oui, petite.* — Ele retribuiu seu olhar de surpresa com um de seus sorrisos raros e largos.

— Qual é o sentido de andar se você pode escorregar?

A imagem de um garotinho moreno disparando corrimão abaixo e sua mãe, jovem e encantadora, assistindo e rindo, tomou conta de sua mente. Seu olhar assustado transformou-se, aos poucos, em um sorriso igual ao de Christophe.

Ela serviu-se do suflê de passas, tão leve como uma nuvem, acompanhado de champanhe seco e espumante. Sentiu o jantar passar com um brilho quente e de forma satisfatória, feliz em deixar que a conversa fácil fluísse à sua volta.

Quando passaram para a sala de estar após o jantar, ela decidiu recusar a oferta de licor ou conhaque. O brilho persistia, e ela suspeitou que pelo menos parte dele (ela estava determinada a não pensar na outra parte e no abraço rápido e torturante antes do jantar) se devia ao vinho servido com cada prato. Parecia que ninguém tinha notado seu ligeiro desequilíbrio, seu rosto corado e suas respostas quase mecânicas. Descobriu que seus sentidos estavam insuportavelmente aguçados quando ouviu a música das vozes, os tons profundos masculinos misturando-se com o tom mais suave de sua avó. Inalou com prazer sensual o cheiro forte da fumaça do charuto de Christophe indo na sua direção e inspirou fundo a mistura de sutis perfumes femininos sobrepujada pelo doce

aroma das rosas que se derramavam em cada vaso de porcelana. Um equilíbrio agradável, concluiu, enquanto a artista dentro dela reagia e apreciava a harmonia, a continuidade fluida da cena. As luzes fracas, a brisa da noite embalando suavemente as cortinas, o suave tilintar dos copos sendo colocados sobre a mesa — tudo se fundia numa tela impressionista a ser registrada e armazenada na imaginação.

A condessa, magnífica em seu trono de brocado, estava sentada à cabeceira da mesa, bebericando *creme de menthe* em um refinado copo bico-de-jaca. Tony e Christophe estavam sentados de frente um para o outro, como o dia e a noite, o anjo e o diabo. A última comparação fez Serenity parar de repente. *Anjo e diabo?*, ela repetiu em silêncio, examinando os dois.

Tony — o doce, confiável e previsível Tony, que exercia a mais leve pressão. Tony da paciência infinita e dos planos bem arquitetados. O que ela sentia por ele? Afeição, lealdade, gratidão por estar presente quando ela precisava dele. Um amor suave e confortável.

Seus olhos passaram para Christophe. Arrogante, dominador, exasperante, excitante. Exigindo o que queria e recebendo, dando seu sorriso inesperado e roubando seu coração como um ladrão na madrugada. Ele era temperamental, ao passo que Tony era constante; imperioso, enquanto Tony era persuasivo. Mas se os beijos de Tony eram agradáveis e excitantes, os de Christophe eram selvagens e intoxicantes, transformando seu sangue em fogo e elevando-a a um mundo desconhecido de sensação e desejo. E o amor que ela sentia por ele não era suave nem confortável, mas tempestuoso e inevitável.

— Que pena que não toca piano, Serenity.

A voz da condessa a trouxe de volta num movimento brusco e de culpa.

— Oh, Serenity toca, *Madame* — Tony informou-a com um largo sorriso.

— De forma pavorosa, mas toca.

— Traidor!

Serenity deu um sorriso de alegria.

— Não toca bem?

A condessa estava nitidamente incrédula.

— Sinto muito por trazer desgraça para a família mais uma vez, *Grandmère*

— Serenity se desculpou. — Mas eu não só toco mal, toco de forma lastimável. Firo até mesmo os ouvidos de Tony, que não conseguem diferenciar os tons.

— Você feriria até os ouvidos de um cadáver, querida. Ele tirou um cacho de cabelo do seu rosto num gesto de temporária intimidade.

— É bem verdade. — Ela sorriu para ele antes de olhar rapidamente para a avó. — Pobre *Grandmère*, não fique tão arrasada.

O sorriso dela diminuiu um pouco quando viu o olhar de frieza de

Christophe.

— Mas Gaelle tocava muito bem — disse sua avó, fazendo um gesto com a mão.

Serenity atraiu novamente a atenção dela, tentando livrar-se da frieza nos olhos de Christophe.

— Ela também nunca conseguiu entender como eu assassinava a música, mas, mesmo com sua abundante paciência, finalmente cedeu e me deixou com minhas tintas e meu cavalete.

— *Extraordinaire!* — A condessa balançou a cabeça, e Serenity deu de ombros e bebeu um gole de café. — Já que não pode tocar para nós, *ma petite* — ela começou a dizer, numa mudança de tom —, talvez *Monsieur* Rollins queira de dar um passeio pelo jardim. — Ela deu um sorriso perverso. — Serenity gosta do jardim ao luar, *n'est-ce pas?*

— Parece tentador — Tony concordou, antes que Serenity pudesse responder.

Lançando um olhar revelador à avó, Serenity deixou-se conduzir para o lado de fora.

Capítulo 9

Pela segunda vez Serenity passeou pelo jardim ao luar com um homem alto e bonito, e pela segunda vez desejou de forma melancólica que fosse Christophe a seu lado. Eles caminharam de forma amigável e em silêncio, apreciando o ar fresco da noite e o prazer de mãos conhecidas entrelaçadas.

— Está apaixonada por ele, não está?

A pergunta de Tony quebrou a tranqüilidade como uma pedra sendo atirada na vidraça, e Serenity parou e ficou olhando para ele com os olhos arregalados.

— Serenity. — Ele suspirou e passou o dedo pelo seu rosto. — Posso entendê-la como um livro aberto. Está se esforçando ao máximo para esconder, mas é louca por ele.

— Tony, eu... — ela gaguejou, sentindo-se culpada e triste. — Nunca tive a intenção. Na verdade, nem mesmo gosto dele.

— Meu Deus. — Ele deu uma leve risada e fez uma careta. — Queria que não gostasse de mim assim. Mas também — acrescentou ele, envolvendo o queixo dela —, você nunca gostou.

— Oh, Tony.

— Você sempre foi honesta, querida — ele assegurou. — Não tem nada do que se sentir culpada. Achei que com persistência e atenção constante eu a venceria pelo cansaço. — Ele passou o braço em volta dos seus ombros enquanto entravam mais no jardim. — Sabe, Serenity, sua aparência engana. Você parece uma flor delicada, tão frágil que um homem quase tem medo de tocá-la com medo de ferir, mas é, de fato, muito forte. — Ele deu-lhe um breve aperto. — Você nunca cai, querida. Estou esperando há um ano para segurá-la, mas você nunca cai.

— Minha mudança de humor e meu temperamento o teriam enlouquecido, Tony. — Ela suspirou e apoiou-se no ombro dele. — Eu nunca poderia ser o que você precisava, e se tentasse me transformar em algo diferente, não teria dado certo. Teríamos acabado nos odiando.

— Eu sei. Há muito tempo que sei, mas não queria admitir. — Ele deu um longo suspiro. — Quando partiu para a Bretanha, eu sabia que estava terminado. Foi por isso que vim vê-la; precisava vê-la mais uma vez.

As palavras dele soaram tão definitivas que ela levantou os olhos, surpresa.

— Mas nos veremos novamente, Tony; ainda somos amigos. Voltarei logo.

Ele parou mais uma vez e viu seus olhos. O silêncio aumentou entre eles.

— Vai voltar, Serenity?

Ele se virou e levou-a de volta em direção às luzes do castelo.

O sol estava quente nos seus ombros expostos quando Serenity se despediu de Tony na manhã seguinte. Ele já tinha se despedido da condessa e de Christophe, e Serenity havia caminhado com ele da frieza do salão principal para o calor do pátio de lajes. A pequena Renault vermelha esperava por ele. A bagagem já estava no porta-malas. Ele deu uma rápida olhada na bagagem antes de virar-se para ela, segurando suas mãos nas dele.

— Seja feliz, Serenity. — Ele apertou mais e relaxou o aperto em seguida. — Pense em mim, às vezes.

— Claro que pensarei em você, Tony. Escreverei e direi quando vou voltar.

Ele sorriu para ela. Seus olhos vagaram pelo rosto dela como se estivessem gravando cada detalhe na lembrança.

— Pensarei em você exatamente como está hoje, de vestido amarelo com o sol nos cabelos e um castelo ao fundo. A beleza eterna de Serenity Smith dos olhos dourados.

Ele abaixou a boca até a dela, e ela foi inundada por um aumento repentino de emoção, uma premonição forte de que nunca o veria de novo. Ela lançou os braços em volta do seu pescoço e agarrou-se a ele e ao passado. Os lábios dele roçaram seu cabelo antes que ele se afastasse.

— Adeus, querida.

Ele sorriu e afagou seu rosto.

— Adeus, Tony. Cuide-se.

Ela retribuiu o sorriso, lutando de forma determinada contra as lágrimas que ardiam em seus olhos. Ficou olhando quando ele caminhou até o carro, entrou e, com um aceno, desceu pela longa e sinuosa entrada de automóveis. O carro tornou-se um pequeno ponto vermelho ao longe e então, aos poucos, desapareceu de vista, e ela continuou parada, permitindo que as lágrimas silenciosas tivessem sua liberdade. Um braço passou pela sua cintura, e ela virou e viu sua avó parada ao seu lado. A solidariedade e a compreensão estavam estampadas no rosto angular.

— Está triste de vê-lo partir, *ma petite*?

O braço era reconfortante, e Serenity apoiou a cabeça no ombro esguio.

— *Oui, Grandmère*, muito triste.

— Mas não está apaixonada por ele.

Foi uma declaração, não uma pergunta, e Serenity suspirou.

— Ele foi muito especial para mim. — Enxugando uma lágrima do rosto, ela fungou como criança. — Sentirei muita falta dele. Agora irei para o meu quarto e vou chorar bastante.

— *Oui*, sábia decisão. — A condessa afagou seu ombro.

— Pouquíssimas coisas limpam o cérebro e purificam o coração como um

bom choro. — Serenity se virou e envolveu-a num abraço. — *Allez, vita, mon enfant.* — A condessa abraçou-a firme por um instante antes de soltá-la. — Vá derramar suas lágrimas.

Serenity subiu os degraus de pedra correndo, passou pelas pesadas portas de carvalho e entrou no castelo. Correndo em direção à escada principal, ela colidiu com um objeto duro. As mãos agarraram seus ombros.

— Deve prestar atenção aonde vai, *ma chérie* — zombou a voz de Christophe. — Vai dar de cara nas paredes e machucar seu lindo nariz. — Ela tentou se livrar, mas uma das mãos a manteve no lugar sem muito esforço enquanto a outra veio por baixo do queixo para inclinar sua cabeça para trás. Ao ver os olhos se encherem de lágrimas, a zombaria desapareceu, substituída pela surpresa, depois pela preocupação e, finalmente, por uma estranha impotência.

— Serenity? — O nome dela era uma pergunta, o tom suave como ela nunca ouvira antes e a ternura nos olhos escuros rompeu a pouca compostura que ela ainda podia declarar que tinha.

— Oh, por favor — disse ela com um soluço desesperado —, me solte.

Ela lutou para se livrar dele, esforçando-se para não desmoronar por completo, mas querendo receber o abraço desse homem repentinamente gentil.

— Há algo que eu possa fazer?

Ele a deteve colocando uma das mãos sobre seu braço. *Sim, seu idiota!*, seu cérebro gritou. *Me amar!*

— Não — disse ela em voz alta, subindo a escada correndo. — Não, não, não!

Ela subiu a escada como um raio, como uma corça dourada sendo perseguida por caçadores, e ao encontrar a porta do quarto ela a abriu, depois a fechou ruidosamente ao passar e atirou-se na cama.

As lágrimas tinham feito sua mágica. Finalmente, Serenity conseguiu enxaguá-las e enfrentar o mundo e o que o futuro reservasse para ela. Olhou para o envelope de papel manilha que tinha jogado de forma negligente sobre a cômoda.

— Bem, acho que está na hora de ver o que o velho Barkley me enviou.

Levantou-se de modo relutante e foi até a cômoda pegar o envelope. Atirou-se sobre a cama mais uma vez para romper o selo e jogou o que estava dentro sobre a colcha.

Havia apenas uma página com o papel timbrado impressionante da firma e outro envelope selado, o que fez com que sua mente fosse inundada pelos pensamentos em Tony. Um tanto apática, ela pegou a página caprichosamente datilografada, imaginando que formulário novo o advogado da família havia descoberto para ela preencher. Enquanto lia o conteúdo da carta e a mensagem

totalmente inesperada que ela continha, ela sentou-se com as costas retas.

Prezada senhorita Smith,

Encontra-se em anexo um envelope endereçado à sua pessoa contendo uma carta de seu pai. Essa carta foi deixada aos meus cuidados para lhe ser entregue apenas se fizesse contato com a família de sua mãe na Bretanha. Soube por intermédio de Anthony Rollins que agora reside no castelo Kergallen, na companhia de sua avó materna, então estou confiando a referida a Anthony para lhe ser entregue o mais breve possível.

Se tivesse me informado de seus planos, eu teria realizado o desejo de seu pai em data anterior. Eu, é claro, ignoro seu conteúdo, mas tenho certeza que a mensagem de seu pai lhe trará conforto.

M. Barkley

Serenity não leu mais, colocou a carta de lado e pegou a mensagem que seu pai tinha deixado aos cuidados dele. Ela pegou o envelope que havia caído com a parte da frente para baixo sobre a cama e, ao virá-lo, seus olhos ficaram enevoados ao ver a caligrafia familiar. Rompeu o selo.

A carta estava escrita com a caligrafia clara e firme de seu pai:

Minha querida Serenity,

Ao ler esta carta, sua mãe e eu não estaremos mais com você, e rezo para que não fique muito triste, porque o amor que sentimos por você permanece verdadeiro e forte como a própria vida.

Enquanto escrevo isso, você está com 10 anos e já é a imagem de sua mãe, tão incrivelmente encantadora que já me preocupo como os garotos que terei que botar para correr um dia. Eu a observei esta manhã enquanto estava sentada tranqüila (algo muito incomum para você, visto que estou mais acostumado a vê-la patinando pelas calçadas numa velocidade de dar medo ou escorregando pelos corrimãos sem pensar que podia se machucar). Você estava sentada no jardim, com meu caderno de desenhos e um lápis, desenhando com enorme concentração as azaléias que floresciam ali. Vi, naquele momento, tanto para meu orgulho quanto para meu desespero, que você estava crescendo e não seria minha garotinha, protegida na segurança que eu e sua mãe lhe fornecíamos. Soube, então, que era necessário anotar os acontecimentos que talvez um dia você tivesse necessidade de compreender.

Darei ao velho Barkley (um leve sorriso apareceu no rosto de Serenity ao notar que o advogado era conhecido por esse nome tantos anos atrás) instruções para guardar esta carta para você até o momento que sua avó, ou algum membro da família de sua mãe, entre em contato com você. Se isso não ocorrer, não haverá necessidade de revelar o segredo que eu e sua mãe já guardamos há mais de uma década.

Estava pintando nas calçadas de Paris na plena glória da primavera, apaixonado pela cidade e sem precisar de companheira que não fosse a minha arte. Era muito jovem e, infelizmente, muito intenso. Conheci um homem, Jean-Paul le Goff, que ficou impressionado com o meu, como ele expressou, jovem talento em estado natural. Ele me pediu que pintasse um retrato de sua noiva como presente de aniversário para ela e providenciou para que eu viajasse para a Bretanha e residisse no castelo Kergallen. Minha vida começou no momento que entrei naquele enorme salão e vi sua mãe pela primeira vez.

Não era minha intenção me deixar levar pelo amor que senti desde o primeiro momento que a vi, um anjo delicado com o cabelo como a luz do sol. Tentei, com todo o meu ser, colocar minha arte em primeiro lugar. Eu deveria pintá-la; ela pertencia ao meu cliente; ela pertencia ao castelo. Ela era um anjo, uma aristocrata com uma genealogia familiar maior que o tempo. Todas essas coisas eu disse a mim mesmo centenas de vezes. Jonathan Smith, artista itinerante, não tinha direito de possuí-la em sonho, muito menos na realidade. As vezes, quando eu fazia meus esboços preliminares, acreditava que morreria de amor por ela. Dizia a mim mesmo para ir embora, dar uma desculpa e partir, mas não conseguia encontrar coragem. Agradeço a Deus agora por não ter conseguido.

Uma noite, enquanto eu caminhava pelo jardim, eu a vi. Pensei em virar de costas antes de perturbá-la, mas ela ouviu meus passos, e quando se virou, vi em seus olhos o que não ousara sonhar: ela me amava. Poderia ter gritado de alegria, mas havia tantos obstáculos! Ela estava noiva, prometida em casamento a outro homem. Não tínhamos direito ao nosso amor. Uma pessoa precisa de direito para amar, Serenity? Algumas pessoas nos condenariam. Eu rezo para que você não faça isso. Depois de muita conversa e muitas lágrimas, desafiámos o que alguns chamariam de direito e honra e nos casamos. Gaelle me implorou para que mantivéssemos o casamento em segredo até que ela conseguisse encontrar a maneira certa de contar a Jean-Paul e a sua mãe. Queria que o mundo soubesse, mas concordei. Ela havia desistido de tanta coisa por mim que eu não podia lhe negar nada.

Durante esse tempo de espera, um problema mais perturbador veio à luz. A condessa, sua avó, possuía um quadro da Madonna, de Raphael, o qual exibia com destaque na sala de estar principal. Era um quadro, a condessa me informou, que estava com a família há várias gerações. Depois de Gaelle, ela estimava esse quadro acima de todas as coisas. Parecia simbolizar para ela a continuidade da família, um facho luminoso que permaneceu constante após o inferno da guerra e da perda. Eu tinha examinado esse quadro de perto e suspeitei que fosse falsificado. Não disse nada, a princípio, pensando que a

própria condessa tivesse mandado fazer uma cópia para suas necessidades particulares. Os alemães tinham levado tanta coisa dela — marido, casa — que talvez eles tivessem levado o Raphael original também. Quando ela anunciou que havia decidido doar o quadro ao Louvre, com o intuito de compartilhar sua grandeza, eu quase congelei de medo. Tinha me afeiçoado a essa mulher, ao seu orgulho e à sua determinação, graça e dignidade. Não desejava vê-la magoada e percebi que ela acreditava que o quadro fosse autêntico. Sabia que Gaelle ficaria atormentada com o escândalo se ficasse comprovado que o quadro era uma fraude, e a condessa ficaria destruída. Não podia deixar que isso acontecesse. Ofereci-me para limpar o quadro a fim de fazer um exame mais crítico dele e me senti como um traidor.

Levei o quadro para o meu estúdio na torre, e ao fazer um exame de perto não tive dúvida de que era uma cópia muito caprichada. Mesmo então, não sei o que teria feito se não fosse pela carta que encontrei escondida atrás da moldura. A carta era uma confissão do primeiro marido da condessa, um grito de desespero pela traição que ele cometera. Ele confessava que tinha perdido quase todas as posses e as da esposa. Estava profundamente endividado e, tendo decidido que os alemães derrotariam os Aliados, providenciou a venda do Raphael para eles. Mandou fazer uma cópia e substituiu o original sem o conhecimento da condessa, achando que o dinheiro o ajudaria durante o momento difícil da guerra e o acordo com os alemães manteria suas propriedades em segurança. Tarde demais, ele desesperou-se com sua ação, e escondendo sua confissão na moldura da cópia foi enfrentar os homens com quem tinha negociado na esperança de reaver o dinheiro. A mensagem terminava com a revelação de sua intenção e implorando perdão se não obtivesse êxito.

Quando terminei de ler a carta, Gaelle entrou no estúdio; não tive a idéia de passar a tranca na porta. Foi impossível esconder minha reação, ou a carta, que ainda segurava na mão, e então fui forçado a dividir o fardo com a única pessoa que eu mais queria poupar. Descobri nesses momentos, naquele espaço isolado da torre, que a mulher que eu amava era dotada de mais força que a maioria dos homens. Ela impediria que sua mãe soubesse a todo custo. Achava de suma importância que a condessa fosse protegida da humilhação e de saber que o quadro que tanto prezava era uma falsificação. Tramamos um plano para esconder o quadro, para fazer parecer que ele tinha sido roubado. Talvez estivéssemos errados. Até hoje não sei se fizemos a coisa certa; mas, para sua mãe, não havia outra maneira. E assim foi feito.

Os planos de Gaelle de contar a sua mãe sobre o nosso casamento foram logo forçados a se tornarem realidade. Ela descobriu, para nossa eterna alegria, que carregava o nosso bebê, você, o fruto do nosso amor, que se transformaria

no tesouro mais importante de nossas vidas. Quando contou à mãe sobre nosso casamento e sobre sua gravidez, a condessa ficou furiosa. Ela estava em seu direito, Serenity, e a animosidade que sentiu por mim, segundo ela, era bem merecida. Eu tinha tirado sua filha dela sem seu conhecimento e, ao fazê-lo, havia deixado uma marca na honra da família. Em sua raiva, ela renegou Gaelle, exigiu que deixássemos o castelo e nunca mais voltássemos. Acredito que tenha se arrependido com o tempo; ela amava Gaelle acima de tudo. Mas naquele mesmo dia ela descobriu que o Raphael tinha desaparecido. Juntando os pauzinhos, ela me acusou de roubar sua filha e o tesouro da família. Como eu poderia negar? Um crime não era pior que o outro, e a mensagem nos olhos de sua mãe me implorava para ficar calado. Então, levei sua mãe embora do castelo, do país, da família, da herança e a trouxe para os Estados Unidos.

Não falávamos da mãe dela porque só trazia dor, e reconstruímos nossa vida com você para fortalecer nosso elo. E agora você tem a posse da história e, perdoe-me, da responsabilidade. Talvez quando ler isso, seja possível contar toda a verdade. Se não, deixe que permaneça oculta, tal como a falsificação foi escondida, longe do mundo, com algo infinitamente mais precioso para ocultá-la. Faça o que seu coração mandar.

Seu amado pai.

As lágrimas tinham rolado sobre a carta desde o começo e agora, quando Serenity terminou de ler, ela as enxugou e deu um longo suspiro. Levantou-se, foi até a janela e ficou olhando para o jardim onde seus pais revelaram seu amor pela primeira vez.

— O que faço? — murmurou em voz alta, ainda agarrada à carta. *Se eu tivesse lido isso um mês atrás, teria ido direto à condessa com ela, mas agora não sei*, disse a si mesma, em silêncio.

Para limpar o nome de seu pai, ela teria de revelar um segredo guardado há 25 anos. A revelação adiantaria alguma coisa ou desfaria qualquer bem que os sacrifícios de seus pais haviam produzido? Seu pai tinha lhe dito para escutar seu coração, mas ele estava tão cheio do amor e da angústia da carta dele que ela não conseguia ouvir nada, e sua cabeça era uma nuvem de indecisão. Houve um impulso rápido e passageiro de procurar Christophe, mas ela logo descartou. Confiar nele apenas a deixaria mais vulnerável e tornaria mais agonizante a separação com a qual logo teria de lidar.

Ela precisava pensar, decidiu enquanto inspirava várias vezes. Tinha que remover o nevoeiro e pensar de forma clara e cuidadosa, e quando encontrasse uma resposta, precisava ter certeza que era a correta.

Andando de um lado para o outro, ela parou de repente e começou a mudar de roupa numa pressa frenética. Lembrou-se da liberdade que sentira quando

cavalgara pela mata, e era dessa sensação, concluiu, enquanto vestia o jeans e a blusa, que ela precisava para acalmar seu coração e desanuviar o cérebro.

Capítulo 10

O cavaleiro recebeu cheio de dúvidas seu pedido de selar Babette. Ele argumentou, embora respeitosamente, que ela não tinha ordens do conde para sair a cavalo, e dessa vez Serenity fez uso de sua herança aristocrática e informou-o, com desdém, que, como neta da condessa, ela não deveria ser questionada. O cavaleiro sujeitou-se com um leve murmúrio em bretão, e ela logo estava montada na égua que agora era conhecida e seguindo o caminho que Christophe tinha tomado em sua primeira aula.

A mata era tranqüila e reconfortante, e ela esvaziou a cabeça com a esperança de que a resposta encontrasse espaço para surgir. Levou a égua a passeio por um tempo, achando agora fácil manter o controle do animal enquanto ainda se sentia como parte dele. Não se viu mais perto de resolver o problema, no entanto, e fez com que Babette andasse a meio galope.

Deslocaram-se rapidamente, com o vento tirando seu cabelo do rosto e soprando para trás, envolvendo-a mais uma vez com a sensação de liberdade que buscava. A carta de seu pai estava enfiada no bolso de trás, e ela decidiu cavalgar até a montanha de onde vislumbrava o vilarejo e lê-la mais uma vez, esperando, então, encontrar a sabedoria para tomar a decisão correta.

Um grito ecoou atrás dela, e ela se virou na sela e viu Christophe montado no garanhão negro. Ao se virar, seu pé bateu firme na parte lateral da égua, e Babette entendeu isso como um comando e seguiu como um raio num galope rápido. Serenity quase caiu com a surpresa e lutou para se endireitar enquanto o animal acelerava pela trilha, com uma velocidade incomum. A princípio, toda sua atenção estava concentrada no problema de permanecer montada, nem mesmo considerando a mecânica de interromper a disparada da égua. Antes que seu cérebro tivesse a oportunidade de comunicar-se com as mãos e dar-lhes a idéia de puxar as rédeas, Christophe estava lado a lado com ela. Depois, esticando o braço, ele puxou as rédeas para trás, soltando uma série de palavrões em diversos idiomas.

Babette parou suavemente, e os olhos de Serenity se fecharam em sinal de alívio. De repente, ela foi agarrada pela cintura e tirada da sela abruptamente, com os olhos de Christophe queimando nos dela.

— O que espera alcançar fugindo de mim? — perguntou ele, balançando-a como uma boneca de trapo.

— Não estava fazendo nada disso — protestou ela por entre os dentes que estalaram com o movimento. — Devo ter assustado o animal quando me virei. — Sua própria raiva começou a tomar o lugar do alívio. — Não teria acontecido

se não tivesse vindo atrás de mim. — Ela tentou se desvencilhar, mas o aperto dele aumentou com uma intensidade dolorosa. — Está me machucando! — ela enfureceu-se com ele. — Por que sempre tem de me machucar?

— Acharia um pescoço quebrado mais doloroso, *ma petite folie* — declarou ele, arrastando-a para mais adiante na trilha, para longe dos cavalos. — É isso que poderia ter acontecido com você. O que pretende ao sair a cavalo desacompanhada?

— Desacompanhada? — repetiu ela dando uma risada e soltando-se dele com um movimento brusco. — Que curioso. As mulheres não têm permissão de cavalgarem desacompanhadas na Bretanha?

— As mulheres sem cérebro não — retrucou ele, com uma fúria sombria. — Nem as que montaram apenas duas vezes na vida.

— Eu estava indo muito bem antes de você chegar. — Ela atirou a cabeça para trás diante da lógica dele. — Agora vá embora e me deixe em paz. — Ela viu quando seus olhos se estreitaram, e ele deu um passo na direção dela. — Vá embora! — gritou ela, recuando. — Quero minha privacidade. Tenho algumas coisas em que pensar.

— Vou lhe dar mais uma coisa para pensar a respeito. Ele moveu-se rapidamente, agarrando-a pelo pescoço e

roubando seu ar com os lábios. Ela o empurrou, sem sucesso, lutando com ele e com a tontura que invadiu seu cérebro. Ele agarrou seus ombros e afastou-a, enquanto os dedos dele afundavam em sua carne.

— Basta! *C'est entendu!* — Ele sacudiu-a novamente, e ela viu em seu rosto que o aristocrata tinha fugido e só havia ficado o homem. — Quero você. Quero o que nenhum homem já teve e, pelo amor de Deus, *vou tê-la*

Ele tomou-a nos braços, e ela lutou com um medo selvagem e primitivo, batendo contra o peito dele como um pássaro engaiolado se debatendo contra as grades da gaiola, mas seu passo permaneceu constante e confiante, como se ele carregasse uma criança tranqüila e não uma mulher apavorada.

Em seguida, ela estava no chão, com o corpo dele esmagando o dela e a boca dele atacando a dela como um homem possuído. Os protestos dela causaram pouco mais ondulação que uma pedra jogada no oceano. Com um movimento rápido e violento, a blusa dela foi aberta, e ele exigiu sua pele nua com dedos vorazes. Seu ato de amor estava cheio de uma premência desesperada que venceu qualquer pensamento de resistência, qualquer vontade de lutar.

A luta tornou-se exigência, e sua boca tornou-se móvel e buscou a dele; as mãos que anteriormente o tinham afastado estavam agora puxando-o para perto. Afogada no dilúvio da paixão, ela deleitou-se na intimidade da sua rigidez masculina, enquanto seu corpo movia-se sob o dele com o imutável ritmo do

instinto. Insistentes e sem comedimento, as mãos dele traçaram trilhas de calor ao longo da sua pele nua, e sua boca seguiu a fogueira, retornando várias vezes para beber da fonte dela. A cada vez, a sede dele aumentava, e as exigências a levavam a um mundo novo e atemporal, a fronteira entre o céu e o inferno, onde apenas um homem e uma mulher podem existir.

Ele a levou cada vez mais fundo, até que o prazer e a dor se fundiram numa única sensação em espiral, uma única necessidade que a tudo consome. Impotente sob a barragem da paixão fervente, o tremor começou lentamente, ficando mais intenso à medida que a viagem a levou para mais longe do conhecido e para mais perto do não vivenciado. Com um gemido misturado com medo e desejo, os dedos dela agarraram os ombros dele, como se quisessem evitar cair a prumo num eterno vazio.

A boca dele abandonou a dela de repente, e com a respiração descompassada o rosto dele repousou na testa dela por um momento antes que ele levantasse a cabeça e olhasse para ela.

— Estou machucando você de novo, *ma petite*. — Ele suspirou e saiu de cima dela para deitar-se a seu lado.

— Eu joguei você no chão e quase a violencei como um bárbaro. É difícil controlar meus instintos mais básicos com você.

Ela sentou-se rapidamente, remexendo os botões da blusa com dedos vacilantes.

— Está tudo bem. — Ela tentou mas não conseguiu produzir um tom de voz displicente. — Não tem problema. Sempre me disseram que sou forte. Mas deve aprender a temperar sua técnica. — Ela continuou a tagarelar para esconder a extensão da dor. — Geneviève é mais frágil que eu.

— Geneviève? — repetiu ele, apoiando-se no cotovelo para olhar diretamente para ela. — O que Geneviève tem a ver com isso?

— Com isso? — respondeu ela. — Oh, nada. Não pretendo contar nada a ela sobre isso. Gosto muito dela.

— Talvez devêssemos falar em francês, Serenity. Estou tendo dificuldade em compreendê-la.

— Ela está apaixonada por você, seu grande idiota! — ela deixou escapar, ignorando seu pedido para falar francês. — Ela me contou; me procurou para pedir conselhos.

— Ela controlou a breve explosão de risada histérica que escapou de sua boca. — Ela pediu meus conselhos — Serenity acrescentou — sobre como fazer com que você a veja como mulher e não como uma criança. Não contei a ela qual era sua opinião sobre mim; ela não teria entendido.

— Ela lhe contou que estava apaixonada por mim? — perguntou ele,

estreitando os olhos.

— Não citou o nome — disse ela de forma concisa, desejando que a conversa nunca tivesse começado. — Disse que era apaixonada por um homem a vida toda, e ele a considerava uma criança. Eu simplesmente disse a ela para esclarecer as coisas com ele, para lhe dizer que ela era uma mulher e... De que está rindo?

— Achou que ela falava de mim? — Ele deitou-se de costas mais uma vez e ria da forma mais livre que ela já tinha visto. — A pequena Geneviève apaixonada por mim!

— Como ousa rir dela? Como pode ser tão insensível a ponto de fazer troça de alguém que o ama?

Ele agarrou seus pulsos antes que eles entrassem em contato com o peito dele.

— Geneviève não a procurou um busca de conselhos sobre mim, *chérie*. — Ele continuou a mantê-la a distância sem muito esforço. — Ela estava falando de Iann Mas você não conheceu Iann, conheceu, *mon amour*? — Ele ignorou seus esforços furiosos e continuou a falar com um largo sorriso. — Crescemos juntos — eu, Iann e Yves —, com Geneviève nos seguindo como um cachorrinho. Eu e Yves continuamos a ser seus "irmãos" depois que ela se tornou mulher, mas era Iann que ela amava de verdade. Ele estava em Paris a negócios este mês e só retornou ontem. — Um movimento curto e brusco dos pulsos levou-a de encontro ao seu peito. — Geneviève me ligou esta manhã para me falar do noivado deles. Ele também me disse para lhe agradecer em nome dela, e agora sei por quê.

O sorriso dele aumentou enquanto os olhos âmbar dela se arregalaram.

— Ela está noiva? Não era você?

— Sim, está; e não, não era — respondeu ele de modo prestativo. — Digame, *ma belle cousine*, ficou com ciúmes quando achou que Geneviève estava apaixonada por mim?

— Não seja ridículo — ela mentiu, tentando retirar a boca da proximidade da dele. — Não teria nem um pouco mais de ciúme de Geneviève do que você teria de Yves.

— Ah! — Num movimento rápido ele trocou de posição e ficou olhando para ela. — É mesmo? E eu deveria lhe dizer que quase me consumi de ciúme do meu amigo Yves e que quase assassinei seu amigo americano Tony? Você lhes dava sorrisos que deveriam ser meus. Desde o momento que vi você descer do trem, fiquei perdido, enfeitiçado, e lutei como um homem luta contra aquilo que ameaça escravizá-lo. Talvez essa escravidão seja a liberdade. — A mão dele passou pela seda do cabelo dela. — Ah, Serenity, *je t'aime*.

Ela engoliu em seco na busca por sua voz.

— Poderia dizer isso novamente?

Ele sorriu, e a boca dele provocou a dela por um momento.

— Em inglês? Eu amo você. Eu a amei desde o momento em que a vi. Eu a amo infinitamente mais agora, e amarei pelo resto da minha vida. — Os lábios dele desceram sobre os dela, movendo-se com uma delicadeza que ele nunca demonstrara, separando-se apenas quando sentiu a umidade de suas lágrimas. — Por que está chorando? — perguntou ele com a testa formando vincos de exasperação. — O que foi que fiz?

Ela balançou a cabeça.

— É só que eu amo você tanto e achei... — Ela hesitou e deu um longo suspiro. — Christophe, acredita que meu pai era inocente ou acha que sou filha de um ladrão?

A testa dele formou vincos mais uma vez quando ele franziu as sobrancelhas, e ele a examinou em silêncio.

— Vou lhe contar o que sei, Serenity, e vou lhe dizer em que acredito. Sei que a amo, não apenas o anjo que desceu do trem em Lannion, mas a mulher que passei a conhecer. Não faria diferença se seu pai fosse ladrão, trapaceiro ou assassino. Ouvi você falar de seu pai e vi como você fica quando fala dele. Não posso acreditar que um homem que conquistou esse amor e essa devoção possa ter cometido um crime desses. É nisso que acredito, mas não faz diferença; nada que ele fez ou não fez poderia mudar meu amor por você.

— Oh, Christophe — sussurrou ela, puxando o rosto dele até o dela. — Esperei a minha vida toda por alguém como você. Tenho que lhe mostrar uma coisa. — Ela o afastou suavemente, pegou a carta do bolso e entregou-a a ele. — Meu pai me disse para ouvir meu coração, e agora ele pertence a você.

Serenity sentou-se em frente a ele, observando seu rosto enquanto ele lia, e sentiu uma paz profunda, um contentamento que não conhecera desde que seus pais foram tirados dela. O amor por ele a preenchia, junto com uma forte sensação de segurança de que ele a ajudaria a tomar a decisão correta. A mata estava silenciosa, tranqüila, perturbada apenas pelo murmúrio do vento nas folhas e os pássaros que respondiam a ele. Por um momento, era um lugar fora do tempo, habitado apenas pelo homem e pela mulher.

Quando acabou de ler a carta, Christophe levantou os olhos do papel e viu os dela.

— Seu pai amava muito sua mãe.

— Amava.

Ele dobrou a carta, colocou-a novamente no envelope, sem que seus olhos abandonassem os dela.

— Gostaria de tê-lo conhecido. Eu era apenas uma criança quando ele veio ao castelo, e não ficou muito tempo.

Os olhos dela grudaram nos dele.

— O que devemos fazer?

Ele se aproximou e segurou seu rosto nas mãos.

— Devemos pegar a carta e mostrá-la a *Grandmère*.

— Mas eles estão mortos, e ela está viva. Eu a amo; não quero magoá-la.

Ele se curvou e beijou as pálpebras trêmulas.

— Eu amo você, Serenity, por muitos motivos, e você acabou de me dar mais um. — Ele inclinou a cabeça dela para que seus olhos se encontrassem mais uma vez. — Preste atenção agora, *mon amour*, e confie em mim. *Grandmère* precisa ver esta carta para sua própria paz de espírito. Ela acredita que sua filha a traiu, a roubou. Vive com isso há 25 anos. Esta carta a libertará. Ela lerá nas palavras de seu pai o amor que Gaelle tinha por ela e, igualmente importante, verá o amor de seu pai pela filha dela. Ele era um homem honrado, mas conviveu com o fato da mãe de sua esposa pensar que ele era um ladrão. O tempo veio libertar todos eles.

— Tudo bem — concordou ela. — Se diz que é isso que devemos fazer, é o que faremos.

Ele sorriu, pegou suas mãos nas dele e levou-as aos lábios antes de ajudá-la a se levantar.

— Diga-me, *cousine* — o conhecido sorriso zombeteiro no rosto —, sempre fará o que eu disser?

— Não — respondeu ela balançando a cabeça de forma vigorosa. — Claro que não.

— Ah, achei que não. — Ele levou-a até os cavalos. — A vida não será monótona. — Ele segurou as rédeas da égua e ela montou sem precisar de ajuda. Ele franziu as sobrancelhas ao lhe passar as rédeas. — Você é independente, teimosa e impulsiva demais, mas eu amo você.

— E você — comentou ela enquanto ele caminhava para montar no garanhão — é arrogante, dominador e irritantemente confiante, mas eu amo você também.

Eles chegaram aos estábulos. Depois de deixarem os cavalos com um cavaleiro, partiram para o castelo de mãos entrelaçadas. Ao se aproximarem da entrada do jardim, Christophe parou e virou-se **para ela**.

— Você mesma tem de dar isso a *Grandmère*, Serenity. Ele pegou o envelope do bolso e o passou a ela.

— Sim, eu sei. — Ela olhou para ele quando ele o colocou em sua mão. — Mas vai ficar comigo?

— *Oui, ma petite.* — Ele puxou-a para seus braços. — Vou ficar com você. — A boca dele encontrou-se com a dela, e ela lançou seus braços em volta de seu pescoço até o beijo tornar-se profundo e eles só estarem cientes um do outro.

— *Alors, mes enfants.* — As palavras da condessa quebraram o feitiço, e eles se viraram e a viram observando-os da extremidade do jardim. — Decidiram parar de lutar contra o inevitável.

— Você é muito esperta, *Grandmère* — comentou Christophe ao franzir a testa. — Mas acredito que teríamos nos arranjado mesmo sem sua inestimável ajuda.

Os ombros elegantes se mexeram de modo expressivo.

— Mas vocês poderiam ter desperdiçado tempo demais, e o tempo é uma mercadoria muito preciosa.

— Entre, *Grandmère*. Serenity tem algo a lhe mostrar. Eles entraram na sala de estar. A condessa sentou-se na

sua habitual cadeira que parecia um trono.

— O que é que tem para me mostrar, *ma petite*?

— *Grandmère* — disse Serenity quando começou a se movimentar na frente da condessa. — Tony me trouxe alguns documentos enviados pelo meu advogado. Nem mesmo me dei ao trabalho de abri-los antes de ele partir, mas descobri depois que eles eram muito mais importantes do que eu tinha previsto. — Ela estendeu a carta. — Antes de ler isso, quero que saiba que a amo. — A condessa abriu a boca para falar, mas Serenity se apressou. — Amo Christophe, e antes de ele ler o que estou lhe dando, ele disse que me amava também. Não posso lhe dizer o quanto foi maravilhoso saber disso antes de ele ver esta carta. Decidimos compartilhar isso com a senhora porque a amamos.

Ela passou a carta à avó e então se sentou no sofá. Christophe uniu-se a ela e segurou sua mão na dele enquanto esperavam.

Os olhos de Serenity foram atraídos ao retrato da mãe. Os olhos que ela viu estavam cheios de alegria e felicidade, a expressão de uma mulher apaixonada. *Encontrei também, Maman,* disse ela em silêncio, *a alegria transbordante do amor e estou com ela aqui na minha mão.*

Ela abaixou os olhos até as mãos unidas, os fortes dedos bronzeados entrelaçados com os de alabastro, o anel de rubi que tinha sido de sua mãe brilhando em oposição às cores contrastantes. Ela olhou para o anel na sua própria mão, depois olhou para a réplica na de sua mãe e compreendeu. O movimento da condessa ao se levantar da cadeira interrompeu os pensamentos de Serenity.

— Por 25 anos fui injusta com esse homem e com a filha que amava. — As palavras saíram de forma suave enquanto ela se virou para olhar pela janela. —

Meu orgulho me cegou e endureceu meu coração.

— Não deveria saber, *Grandmère* — respondeu Serenity, observando as costas retas. — Eles queriam apenas protegê-la.

— Ao me proteger de saber que meu marido tinha sido um ladrão e da humilhação do escândalo público, seu pai permitiu que fosse rotulado e minha filha abriu mão da herança. — Ela voltou à cadeira e afundou fatigada. — Sinto pelas palavras de seu pai um grande sentimento de amor. Diga-me uma coisa, Serenity, minha filha foi feliz?

— Veja os olhos como meu pai os pintou. — Ela apontou para o retrato. — Ela estava sempre com esta aparência.

— Como posso me perdoar pelo que fiz?

— Oh, não, *Grandmère* — Serenity se levantou e se ajoelhou à sua frente, segurando as mãos frágeis nas suas.

— Não lhe dei a carta para aumentar sua tristeza, mas sim para eliminá-la. A senhora leu a carta; viu que eles não a culpavam de nada; permitiram de propósito que acreditasse que eles a tinham traído. Talvez estivessem errados, mas está feito, e não há como voltar atrás. — Ela apertou mais as mãos estreitas. — Digo-lhe agora que não a culpo por nada e imploro, pelo meu bem, que deixe a culpa morrer.

— Ah, Serenity, *ma chérie enfant*. — A voz da condessa estava tão terna quanto seus olhos. — *C'est bien* — disse ela de repente, endireitando os ombros mais uma vez. — Vamos lembrar apenas dos momentos felizes. Vai me contar mais sobre a vida de Gaelle nessa tal de Georgetown e os trará para perto de mim de novo, *n'est-ce pas?*

— *Oui, Grandmère.*

— Talvez um dia você me leve à casa onde cresceu.

— Nos Estados Unidos? — perguntou Serenity, profundamente chocada. — Não ficaria com medo de viajar para um país tão selvagem?

— Está sendo insolente de novo — declarou a condessa de modo régio ao se levantar da cadeira. — Começo a acreditar que conhecerei seu pai muito bem por seu intermédio, *mignonne*. — Ela balançou a cabeça. — Quando penso no que permiti que aquele quadro me custasse! Fico muito satisfeita por estar livre dele.

— Ainda tem a cópia, *Grandmère* — corrigiu Serenity.

— Sei onde está.

— Como sabe? — perguntou Christophe, falando pela primeira vez desde que entraram na sala.

Ela virou-se para ele e sorriu.

— Estava bem aqui na carta, mas não percebi a princípio. Foi quando

estávamos sentados aqui agorinha, e você segurou minha mão, que me ocorreu. Está vendo isto? — Ela estendeu a mão onde o rubi brilhava. — Era de minha mãe, o mesmo que ela está usando no retrato.

— Tinha notado o anel no quadro — disse a condessa lentamente —, mas Gaelle não tinha um anel desses. Achei que seu pai apenas o tivesse pintado para combinar com os brincos que ela usava.

— Ela possuía o anel, *Grandmère*; era seu anel de noivado. Ela o usava sempre com a aliança de casamento na mão esquerda.

— Mas o que tem isso a ver com a cópia do Raphael?

— perguntou Christophe, franzindo as sobrancelhas.

— No quadro ela está usando o anel na mão direita. Meu pai nunca teria cometido um erro desse com tantos detalhes a menos que o tivesse feito de forma intencional.

— É possível — murmurou a condessa.

— Sei que está ali; diz isso na carta. Ele diz que o escondeu, coberto por algo infinitamente mais precioso. Nada era mais precioso para ele do que *Maman*.

— *Oui* — concordou a condessa, examinando o quadro da filha. — Não poderia haver esconderijo mais seguro.

— Tenho uma solução — disse Serenity. — Poderia descobrir um dos cantos; assim a senhora poderia ter certeza.

— *Non*. — Ela balançou a cabeça. — *Non*, não há necessidade. Não pediria que você danificasse um centímetro do trabalho de seu pai mesmo se o Raphael verdadeiro estivesse embaixo dele. — Ela virou-se para Serenity e levou a mão até seu rosto. — Este quadro, Christophe e você, *mon enfant*, são meus tesouros agora. Deixe-o aí. É o seu lugar.

— Ela se virou para os netos com um sorriso. — Vou deixá-los agora. Os namorados devem ter sua privacidade.

Ela saiu da sala com um ar de rainha, e observou-a com admiração.

— Ela é magnífica, não é?

— *Oui* — Christophe concordou tranqüilamente e segurou Serenity nos braços. — E muito sábia. Não a beijo há mais de uma hora.

Após ter remediado a discrepância para sua mútua satisfação, ele olhou para ela com seu ar de confiança habitual.

— Depois de nos casarmos, *mon amour*, mandarei pintar seu quadro, e acrescentaremos mais um tesouro ao castelo.

— Casar? — repetiu Serenity, franzindo as sobrancelhas. — Nunca concordei em casar com você. — Ela se afastou como se relutasse. — Não pode simplesmente me dar ordens; uma mulher gosta de ser pedida em casamento.

Ele puxou-a para junto de si e beijou-a profundamente com os lábios rígidos e insistentes.

— O que estava dizendo, *cousine*? — perguntou ele quando a libertou.

Ela o olhou com um ar sério, mas deixou que seus braços entrelçassem o pescoço dele.

— Nunca serei uma aristocrata.

— Espero que não — concordou ele com sinceridade.

— Brigaremos com frequência, e vou enfurecê-lo constantemente.

— Esperarei ansioso.

— Muito bem — disse ela, conseguindo manter o sorriso longe dos lábios.

— Vou me casar com você, com uma condição.

— Qual é?

A testa dele ergueu-se em forma de indagação.

— Que passeie pelo jardim comigo esta noite. — Ela o abraçou mais forte.

— Estou cansada de caminhar ao luar com outros homens, desejando que eles fossem você.

FIM